

HISTORIA UNIVERSAL.

TOMO DECIMO.

Historia Testis temporum; Lux veritatis; Vita memoriæ: Magistra vitæ; Nuntia vetustatis.

Cicero.

HISTORIA UNIVERSAL.

SEGUNDA PARTE: HISTORIA MODERNA.

ESCRITA EM FRANCEZ

PELO ABBADE MILLOT;

CONTINUADA

POR M. MILLON,

PROFESSOR DE BELLAS-LETRAS.

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ.

TOMO DECIMO.

LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

ANNO DE 1824.

Vende-se em Casa de Rolland, Rua Nova dos Martyres, N.º 10.



HISTORIA UNIVERSAL.

DECIMA-QUINTA EPOCA.

LIVRO PRIMEIRO.

Desde os Tratados de París, e de Hubersbourg, em 1763, até á Paz concluida em 1783, entre a Graõ-Bretanha, a França, a Hespanha, e os Estados-Unidos da America.

CAPITULO I.

Perturbações da Corsega, e cessaõ desta Ilha á França. — Perturbações da Polonia. — Confederaçaõ de Bar. — Guerra entre os Russos, e os Turcos. — Campanha de 1770 *e* 1771. *— Embaraços em que se acha a Russia. — Congressos de Focszany, e de Bucharest. — Campanha de* 1774, *e Paz de Kainardgi.*

O quadro dos acontecimentos, que vamos traçar, apresenta huma das epocas mais extraordinarias e mais interessantes, de que se faça

mençaõ nos Annaes do mundo. A opiniaõ pública experimenta huma revoluçaõ extraordinaria, que muito influe no estado social; o systema politico soffre espantosas variações. Guerras, perturbações e insurreições agitaõ e dilaceraõ as diversas nações.

Perturbações da Corsega.

A primeira commoçaõ que se sentio foi na Ilha de Corsega, que naõ podendo já supportar a dominaçaõ da Republica de Genova, cujo jugo se lhe tinha feito odioso, se sublevou, para subtrahir-se á oppressaõ que a esmagava. Pascoal Paoli, eleito chefe e general pelos Corsos, seus compatriotas, reanimou logo a sua coragem abatida, e fez a guerra com felicidade aos Genovezes: já lhe naõ faltava, para restituir a liberdade, e a independencia á sua patria, senaõ apoderar-se de Bastia, San-Fiorenzo, Calvi, Algagliola, e Ajaccio, que eraõ as unicas cidades que ainda se conservavaõ em poder da Republica de Genova: e sem dúvida que o alcançaria, se naõ fôra a intervençaõ da França, que se encarregou de mandar tropas em 1764, naõ para obrar hostilmente contra Paoli e os Corsos, mas para occupar e defender, por hum tempo limitado, as praças de que os Genovezes ainda estavaõ de posse: esperavaõ estes, que livres do cuidado de defender estas mesmas praças, poderiaõ facilmente, com as suas proprias tropas, reconquistar todo o resto da Ilha; porém naõ tardáraõ a ver que se tinhaõ lisonjeado de huma vã esperança. Apoderáraõ-se os Corsos, em 1767, da Ilha de Capraria, a pesar dos soccorros que os Genovezes a ella haviaõ mandado. Passado algum

tempo, julgáraõ os Francezes a proposito evacuar algumas das praças que conservavaõ: quando sahíraõ de Ajaccio, quizeraõ entregar esta praça ao commandante das tropas Genovezas; mas como este recusasse tomar posse della, debaixo do pretexto de naõ serem as suas tropas assaz consideraveis, para dellas destacar o numero de homens necessario para a defeza desta cidade, os Francezes entregáraõ a guarda della ao magistrado, que deo entrada ás tropas Corsas. Neste meio tempo, tendo armado alguns navios de guerra, naõ cessavaõ os Corsos de perseguir os navios Genovezes, cujo commercio inquietavaõ. Convencida entaõ de que eraõ baldados todos os esforços que fazia nesta empreza ruinosa, e de que jámais chegaria a subjugar a Corsega, tomou a Republica de Genova o partido, em 1768, de ceder os seus direitos a esta Ilha á Corôa de França. Pelo Tratado de cessaõ reservava-se esta Republica o direito de tornar a entrar na sua soberania da Corsega, embolsando ao Rei de França os gastos da expediçaõ que emprehendia, assim como os da manutençaõ das suas tropas. Deo lugar esta cessaõ a vivas reclamaçóes da parte dos Corsos, que havia já perto de meio seculo que reclamavaõ e defendiaõ a sua independencia: e por tanto dispuzéraõ-se para huma vigorosa resistencia. A primeira campanha foi-lhes favoravel, e custou aos Francezes alguns milhares de homens, além da despeza de huns trinta milhóes de francos. Longe de desanimar com estes revezes, o governo Francez enviou á Corsega reforços consideraveis, que em breve tem-

Cessaõ da Ilha á França.

po se senhoreáraõ de toda a Ilha. As differentes provincias foraõ-se successivamente sujeitando, e a auctoridade do Rei de França foi universalmente reconhecida em toda a Ilha. Paoli e os principaes cabos dos Corsos, tendo-se embarcado para Liorne em hum navio com bandeira Ingleza, dispersáraõ-se pela maior parte nos Estados visinhos; Paoli refugiou-se em Inglaterra. Este o fim qúe tiveraõ as perturbações da Corsega.

Perturbações da Polonia.

Em quanto esta Ilha estava em agitaçaõ, levantavaõ-se tormentas de natureza mais grave, em outro ponto da Europa. Achando-se o Throno de Polonia vago pela morte de Augusto III, Eleitor de Saxonia, a Imperatriz da Russia, Catherina II, occupando pela sua influencia o primeiro lugar no systema politico do Norte, destinava este Throno para Estanisláo Poniatowski, nobre Polaco, que tinha grangeado a sua protecçaõ no tempo que residíra em São Petersbourg, na qualidade de Ministro plenipotenciario do Rei e da Republica de Polonia. Com o designio de dar a Corôa ao seu valído, derramou o ouro com profusaõ para comprar os suffragios da Dieta de eleiçaõ; e ao mesmo tempo ajuntou hum exercito nas fronteiras da Polonia, e restringio a eligibilidade a hum *Piast*, isto he, a hum fidalgo Polaco. Tendo attrahido ao seu partido a Corte de Berlin, mandou esta Princeza entrar varios corpos de tropas neste Reino, e alcançou deste modo que o seu protegido fosse eleito Rei.

Ainda que devesse a sua eleiçaõ a Catherina II, desejava Estanisláo subtrahir a sua

patria ao jugo, que a Russia lhe tinha imposto, e corrigir os defeitos mais notaveis da constituiçaõ; defeitos, que para as Potencias estrangeiras eraõ hum pretexto de intervençaõ nos negocios da Polonia; mas nem o seu caracter, nem os seus talentos podiaõ afiançar a execuçaõ deste taõ util designio. As poucas refórmas que fez, déraõ algum cuidado á Corte de São Petersbourg, e naõ foraõ bem recebidas daquelles fidalgos Polacos, que queriaõ perpetuar a anarquia. As Cortes da Russia e de Berlin excitáraõ os descontentes, e accendêraõ de novo o fogo das disputas Religiosas, declarando-se protectores dos *dissidentes*, a fim de alcançar que fossem reintegrados nos direitos politicos e ecclesiasticos, de que haviaõ sido privados pela intolerancia do partido Catholico.

Dava-se entaõ o nome de *dissidentes*, em Polonia, aos Gregos naõ unidos, e aos Protestantes, tanto Lutheranos como Calvinistas; em huma palavra, a todos os que naõ professavaõ a Religiaõ Catholica. A Polonia, assim como a Lithuania, encerravaõ desde muito tempo hum grande numero de Gregos, que persistiaõ no Scisma, a pesar dos continuos esforços do Clero Polaco para os chamar ao gremio da Igreja Romana. Tinha o Protestantismo feito muitos progressos neste Reino no decurso do decimo-sexto seculo: os nobres que seguiaõ este culto, tinhaõ alcançado gozar, assim como os Gregos, de todas as prerogativas da nobreza, e serem admittidos sem distincçaõ, tanto ás assembléas da Dieta, como aos cargos e dignidades; a li-

berdade do culto, e a paz pública lhes haviaõ sido garantidas da maneira a mais solemne. Com o andar do tempo, os Catholicos, sentindo-se mais fortes, e animados pelo Clero Romano, perseguíraõ aquelles a quem trataváõ de heterodoxos. Cansados deste tratamento, aproveitáraõ-se os *dissidentes* da influencia da Russia para alcançar, pela sua protecçaõ, a reparaçaõ dos seus aggravos. Interpoz Catherina II os seus bons officios em favor dos Gregos, em quanto os gabinetes de Berlin, de Stockolmo, de Londres e de Copenhague, como garantes da paz de Oliva, em 1660, tomáraõ a defeza dos Protestantes. Sem dar a attençaõ devida a huma taõ poderosa intercessaõ, a Dieta de Varsovia do anno de 1766, excitada pelo Clero e pela Corte de Roma, confirmou todas as leis anteriores, cuja revogaçaõ pediaõ as Potencias estrangeiras; sómente determinou algumas modificações dos regulamentos relativos ao exercicio do culto. Descontente com huma tal decisaõ, insistio a Russia em que se concedesse huma inteira igualdade de direitos a favor dos seus protegidos. Convocou-se entaõ huma Dieta extraordinaria em Varsovia, cujas sessões, que principiáraõ em Outubro de 1767, foraõ muito tumultuosas. Sem embargo da presença de hum exercito Russo, o Bispo de Cracovia e os do seu partido entregáraõ-se a toda a impetuosidade do seu zelo, nos discursos que pronunciáraõ nesta circunstancia. Mandou-os Catherina II prender, e conduzir para o interior da Russia. Terminou esta Dieta com a nomeaçaõ de huma junta, cujos membros tinhaõ a seu

cargo regular, de concerto com as Potencias protectoras, tudo quanto dizia respeito ao negocio dos *dissidentes*. Hum acto redigido em Fevereiro de 1768, em fórma de convençaõ entre a Russia e a Polonia, reintegrou-os em todos os seus direitos: as leis, e as constituições anteriores que lhes eraõ contrarias, foraõ anulladas. Foi este acto confirmado por hum tratado de paz e de alliança, assignado no mesmo dia em Varsovia, entre a Russia e a Polonia; tratado pelo qual estas duas Potencias se garantíraõ reciprocamente a totalidade das suas possessões na Europa.

A conducta da Russia e dos que seguiaõ o seu partido, fez muitos descontentes, que formáraõ huma confederaçaõ em Bar, na Podolia, para defeza da Religiaõ e da liberdade. Tinhaõ os confederados seus estandartes, que representavaõ a Virgem Maria e o Menino Jesus: á similhança dos Cruzados da meia idade, tinhaõ Cruzes bordadas nos seus vestidos, com a devisa de *Vencer ou morrer*. Eraõ apoiados pela Austria, que conjunctamente com a França e a Porta-Ottomana, lhes subministrava soccorros tanto de gente, como de armamento e dinheiro, por cujo meio a Confederaçaõ de Bar fez-se formidavel; mas naõ podendo a França empenhar-se em huma guerra longinqua, a Austria receou ter de combater ella só com a Russia e Prussia; e os Confederados, que se naõ achavaõ em estado de lutar com as tropas Russas, foraõ derrotados. Confederaçaõ de Bar.

Em hum dos combates que entaõ se déraõ, tinhaõ os Russos perseguido os Polacos

dentro do territorio Ottomano, e incendiado a pequena Cidade de Bolta; e esta incursaõ foi considerada como hum acto de hostilidade pela Turquia, que declarou a guerra á Russia.

Guerra da Russia com a Turquia.

Mandou Catherina II adiantar differentes exercitos contra os Turcos, que havendo sido completamente derrotados, abandonáraõ o seu campo, assim como a fortaleza de Choczim, de que os Russos se apoderáraõ sem derramar gota de sangue, penetrando depois no interior das provincias da Moldavia e da Valaquia. Tal foi o resultado da campanha de 1769, taõ favoravel aos Russos.

Campanha de 1770.

A do anno seguinte foi das mais brilhantes para elles: hum de seus exercitos alcançou, nas visinhanças do Pruth e do Kagul, duas victorias memoraveis, que os fizeraõ senhores do Danubio, e das praças de Ismail, de Kilia e de Akkerman, situadas na embocadura deste rio. Outro exercito Russo atacou a fortaleza de Bender, defendida por huma guarniçaõ Turca numerosa: foi esta praça tomada por assalto, e a maior parte dos sitiados foraõ passados ao fio da espada.

Naõ se limitou a Imperatriz da Russia a combater os Turcos por terra; inquietou-lhes o seu commercio no Mar Negro, atacando-os ao mesmo tempo nas ilhas do Archipélago, e nas costas da Grecia e da Moréa. A frota Turca foi queimada na bahia de Tchesmé; desastre este que derramou a consternaçaõ em Constantinopla.

Campanha de 1771.

No anno seguinte continuou-se a guerra sobre o Danubio sem vigor; porém de outro

lado, hum exercito Russo, commandado pelo Principe Dolgorouki, forçou as linhas de Pérékop, defendidas por sessenta mil Turcos e Tartaros, que o Khan da Criméa commandava em pessoa. Huma vez franqueada esta barreira formidavel, apoderou-se Dolgorouki, de toda a Criméa, assim como da ilha de Taman, e recebeo de Catherina II, em premio das suas victorias, o nome de Krimski.

Embaraços em que se vê a Russia.

Sem embargo de todas estas vantagens, a Russia esgotava-se: vendo-se obrigada a recrutar os seus exercitos, que os combates e as fadigas enfraqueciaõ, sentio a necessidade da paz. O que ainda augmentava os embaraços de Catherina II, era que tendo-se a Austria conjunctamente com a Prussia, encarregado da mediaçaõ entre a Russia e a Porta, rejeitava as condições de paz propostas pela Corte de São Petersbourg, declarando-se abertamente contra a independencia da Moldavia e da Valaquia, assim como contra a dos Tartaros, exigida por Catherina II. Ainda naõ ficou aqui a Austria, affectou fazer causa commum com a Turquia, a fim de obrigar esta Princeza a restituir todas as suas conquistas, e tornar as cousas entre Russos e Turcos ao mesmo pé, em que estavaõ pelo Tratado de Belgrado, de 1739. Negociou-se huma Convençaõ debaixo deste principio com a Porta, a qual foi assignada em Constantinopla, mas naõ ratificada, por terem mudado as disposições da Austria por occasiaõ de hum projecto de desmembramento da Polonia, que concertára com as Cortes de Berlin e de São Petersbourg. Consentio entaõ a Russia na restituiçaõ

aos Turcos da Moldavia e da Valaquia, quando se concluisse a paz, que a Corte de Vienna de acordo com a de Berlin, promettia diligenciar entre a Russia e a Porta.

Cōgressos de Focszany e de Bucharest.

Por motivo deste incidente, o anno de 1772 passou-se todo em negociações. Tendo-se concluido huma suspensaõ de armas entre as Potencias belligerantes, abrio-se hum Congresso em Focszany, na Moldavia, e depois outro em Bucharest, na Valaquia. Naõ tendo resultado fructo algum destes dois Congressos, interrompêraõ-se as conferencias, e tornáraõ as hostilidades a principiar em 1773. Os Russos, que fizeraõ baldados esforços para passarem á margem direita do Danubio, perdêraõ muita gente nos differentes combates que déraõ aos Turcos.

Campanha de 1774. Paz de Kainardgi.

A campanha do anno seguinte foi-lhes vantajosa, e a Porta vio-se reduzida a pedir a paz debaixo das condições que lhe foraõ impostas; e o Tratado de paz foi assignado no campo Russo de Kainardgi, perto de Silistria, na Bulgaria. Por este Tratado reconheceo a Porta a independencia dos Tartaros da Criméa, do Budziak, e de Kuban: cedeo á Russia, além da cidade e do territorio de Azof, as duas Kabarda, as fortalezas de Jénicalé e de Kertsch na Criméa, a de Kinburn na embocadura do Niéper, com a lingua de terra, que fórma o deserto entre o Bog e o Niéper: neste ultimo terreno he que Catherina II mandou construir a cidade de Kerson, para ser o emporio do commercio Russo do Levante. Alcançou esta Princeza de mais disso a navegaçaõ livre e illimitada para os seus navios

mercantes em todos os mares, que banhaõ as costas do Imperio Ottomano: da sua parte, restituio aos Turcos a Bessarabia, a Moldavia, e a Valaquia, de que ella ainda estava de posse.

CAPITULO II.

Projecto de divisaõ da Polonia. — Convenções a este respeito entre a Russia, a Austria e a Prussia. — Primeira desmembraçaõ da Polonia. — Constituiçaõ viciosa deste Reino garantida. — Revoluçaõ da Suecia. — Extincçaõ dos Jesuitas.

Os revezes que a Porta experimentou nas guerras que acabamos de mencionar, tiveraõ huma pessima influencia na sorte da Polonia, a cuja desmembraçaõ déraõ lugar. Este acontecimento foi devido á mediaçaõ, de que as Cortes de Vienna e de Berlin se tinhaõ encarregado, para restabelecer a paz entre a Russia e a Turquia. As condições desta paz, dictadas por Catherina II, tinhaõ desagradado á Corte de Vienna, que dando mostras das suas intenções hostís contra a Corte de São Petersbourg, mandou marchar tropas para occupar huma parte da Polonia, que reivindicava como hum antigo dominio do Reino de Hungria. O Principe Henrique, irmaõ de Frederico II, Rei de Prussia, achava-se entaõ na Corte de Catherina II, a qual lhe deo a entender, que se a Austria tinha intentos de desmembrar a Polonia, as Potencias visinhas deste Reino

Projecto de divisaõ da Polonia.

bem poderiaõ imitar o seu exemplo. Tendo o Principe Henrique dado parte desta confidencia ao Rei, seu Irmaõ, entendeo este que devia tirar partido della, pela occasiaõ favoravel que se lhe proporcionava de indemnisar a Russia, satisfazer a Austria, e arredondar os séus proprios estados. Para este effeito entrou em negociaçaõ com as Cortes de Vienna e de São Petersbourg, e declarou á primeira, que se a guerra se declarasse entre a Austria e a Russia, elle se veria obrigado a tomar parte nella como alliado desta ultima: representou a Catherina II, que se ella consentisse em restituir á Turquia a Moldavia e a Valaquia, indemnisando-se na Polonia, evitaria huma nova guerra, e se reconciliaria com a Porta. Deste modo he que Frederico fez com que as duas Cortes Imperiaes approvassem o projecto da desmembraçaõ da Polonia, fundado em simples vistas de conveniencia.

Convenções entre a Russia, a Austria, e a Prussia, para a primeira divisaõ da Polonia.

Tendo as tres Potencias convindo nas suas respectivas porções, assignáraõ, em 1772, convenções formaes, nas quaes se determináraõ e garantíraõ entre estas Cortes, os limites dos paizes e districtos da Polonia, que deviaõ tocar em partilha a cada huma. Foraõ em consequencia as suas declarações apresentadas em Varsovia; e tomando posse dos territorios, que ellas se tinhaõ adjudicado, publicáraõ as tres Potencias Memorias, em que pertendiaõ estabelecer a legitimidade dos seus direitos. Baldadas foraõ as reclamações da parte da Polonia; vio-se obrigada a adherir a tudo quanto della exigiaõ. Huma Dieta, reunida em Varsovia, nomeou huma delegaçaõ

tirada do Senado, e da Ordem equestre, a qual foi encarregada de tranzigir com os plenipotenciarios das tres Potencias, relativamente aos projectos dos differentes Tratados, pelos quaes as provincias já occupadas deviaõ ser formalmente entregues.

Primeira desmembraçaõ da Polonia.

Havendo estes projectos sido ratificados pela Dieta, coube em partilha á Austria, além das treze cidades do Condado de Zips, que Sigismundo, Rei de Hungria, tinha hypothecado, em 1412, á Polonia, quasi metade do Palatinado de Cracovia, huma parte do de Sandomir; o Palatinado da Russia Vermelha, a maior parte do de Belz, a Pocucia, e huma parte da Podolia. As cidades do Condado de Zips, foraõ de novo encorporadas á Hungria, de que haviaõ sido desmembradas, e os outros paizes foraõ erectos em hum Estado particular, debaixo do nome de Galicia e de Lodoméria.

A Russia ficou com a Livonia Polaca, a maior parte do Palatinado de Witepsk e do de Polozk, todo o Palatinado de Mscilaw, e as duas extremidades do de Minsk. Formou Catherina II de tudo, dois grandes Governos, o de Polozk, e o de Mohilow.

Frederico II teve em partilha os districtos da Grande-Polonia, situados áquem do Netze, assim como toda a Prussia Polaca, á excepçaõ das cidades de Dantzic, e Thorn, que ficáraõ á Polonia, a qual renunciava, pelo seu Tratado com o Rei de Prussia, os seus direitos de dominio directo e de reversaõ sobre a Prussia Eleitoral, assim como sobre os districtos de Lauenbourg, de Butow e de

Draheim. A porçaõ de Frederico II era a mais importante, considerada politicamente, visto que por este meio combinava este Principe o Reino de Prussia com os seus Estados de Allemanha, e ficando senhor das embocaduras do Vistula, tinha debaixo da sua dependencia o commercio da Polonia, principalmente o dos cereaes, taõ precioso para a Europa.

Desmembrando deste modo a Polonia, obrigáraõ-se as tres Potencias da maneira a mais solemne, a renunciar toda pertençaõ ulterior sobre este paiz.

Constituiçaõ viciosa da Polonia, garantida.

Em ultimo lugar, para consolidar a sua obra, estas mesmas Cortes, por hum acto passado em Varsovia, em 1775, sanccionáraõ o *liberum veto*, e a unanimidade, que precedentemente estavaõ em uso nos negocios de Estado; e excluíraõ os Principes Estrangeiros da Corôa, que elles declaráraõ electiva para sempre. A auctoridade do Rei, já muito fraca, foi ainda coarctada pelo estabelecimento de hum Conselho permanente, e foi resolvido que nenhuma mudança se poderia fazer nesta Constituiçaõ viciosa, garantida pelas tres Potencias, que tinhaõ dividido a Polonia.

Revoluçaõ da Suecia.

Neste meio tempo, teve lugar huma revoluçaõ na Suecia, onde dominava a Aristocracia desde as mudanças introduzidas em 1720 na fórma do Governo. Exercia o Senado a principal auctoridade; o poder do Rei era summamente limitado; e a naçaõ estava agitada por duas facções chamadas dos *Chapéos*, e dos *Barretes*, que tinhaõ principiado

durante a larga Dieta de 1738. A dos *Chapéos* pertendia, que para restabelecer a honra da Suecia, e restaurar a Livonia e a Finlandia, de que os Russos se tinhaõ apoderado, era preciso cultivar a amizade da França e da Turquia, para poder contar com o seu apoio em caso de rompimento com a Russia. A facçaõ dos *Barretes*, pelo contrario, era de parecer que a Suecia, debilitada pelas guerras que tinha sustentado, devia evitar toda desavença com a Russia. Foi durante a Dieta de 1769, que a facçaõ dos *Chapéos*, apoderando-se do governo, despojou os membros do partido opposto de todos os principaes empregos que occupava. Havia razões para crer, que em consequencia das suas relações com a Porta, a França faria todos os seus esforços para que a Suecia se declarasse contra a Russia. Esta da sua parte cousa nenhuma devia desprezar para avigorar o crédito da facçaõ dos *Barretes*, a fim de permanecer em paz com a Suecia. A Corte de São Petersbourg foi apoiada pela de Londres, que fazia diligencias por contrariar a França no seu andamento politico,

A morte de Adolfo Frederico, Rei de Suecia, que teve lugar em 1771, abrio nova carreira á intriga, na Dieta convocada por occasiaõ de ter subido ao Throno Gustavo III, seu filho, que lhe succedia na Corôa. A licença chegou a hum ponto excessivo; por muito que já estivesse limitada a auctoridade Real, ajuntáraõ ainda novas restricções, que fizeraõ assignar ao novo Rei. O resultado do systema seguido pela facçaõ dos *Barretes*, que aca-

bava de usurpar os principaes empregos, devia ser a conclusaõ de alguns Tratados projectados com a Russia e Inglaterra.

Gustavo III, que nestas circunstancias tinha concertado secretamente com o Embaixador de França as medidas convenientes para mudar a fórma do Governo, fazia as precisas disposições para a execuçaõ do seu projecto. Possuindo no mais alto gráo a arte da dissimulaçaõ, fazia com que acreditassem ser elle sinceramente amante da Constituiçaõ estabelecida: e vendo por ultimo que o estado das cousas cada dia era mais critico, apressou-se em dar á execuçaõ o plano que tinha traçado.

A 19 de Agosto de 1772 apresenta-se ás guardas do palacio, e depois de ter convocado os seus officiaes, expõe-lhes que a desgraçada situaçaõ do Reino he o resultado das dissensões, em que está dividida a Dieta desde mais de hum anno que está reunida. Mostra a necessidade de aniquilar a orgulhosa aristocracia, que he causa da ruina do Estado, e de restabelecer a Constituiçaõ tal qual era antes de 1680. Immediatamente ordena a hum regimento das guardas, que invista o Senado, e manda prender os principaes chefes do partido dominante. Foi a auctoridade do Rei reconhecida, e prestáraõ-lhe o juramento de fidelidade. A nova fórma de Governo, que elle tinha concertado, he adoptada sem reclamaçaõ pelo concurso das quatro Ordens do Reino. Effeituou-se esta revoluçaõ sem que se derramasse huma gota de sangue em Stockolmo; e tendo-se as cousas passado do mesmo modo

no interior das provincias, a tranquillidade publica naõ foi perturbada de modo algum.

O anno de 1773 he notavel pela suppressaõ dos Jesuitas, em virtude de hum Breve do Papa Clemente XIV, de 21 de Julho. Extincçaõ dos Jesuitas.

« De todas as partes (diz este Pontifice
» no seu Breve) a doutrina desta Sociedade era
» denunciada como contraria á Religiaõ, e
» aos bons costumes. Víraõ-se fermentar no
» seu seio (accrescenta elle) dissensões, que
» rebentáraõ tanto interior como exteriormen-
» te. As accusações cada vez foraõ a mais
» contra ella, principalmente pela sua avi-
» dez de riquezas. . . . Em diversas partes
» levantáraõ-se sedições, tumultos, discor-
» dias, e escandalos, que depois de haverem
» enfraquecido, e quasi dissolvido o vinculo
» da uniaõ fraterna, precipitáraõ os fiéis no
» espirito de partido, no odio, e na inimi-
» zade. Pareceo tal o perigo, que os Reis
» de França, e Hespanha, de Portugal, e
» das duas Sicilias, víraõ-se obrigados a ex-
» pulsar dos seus Reinos, dominios e provin-
» cias, os membros desta Sociedade, na per-
» suasaõ de que este era o unico remedio a
» tantos males. . . . Estes Principes, julgan-
» do que este meio naõ podia ter hum effeito
» seguro, e que a paz se naõ podia restabe-
» lecer em todo o universo Christaõ, se a
» Sociedade naõ fosse inteiramente extincta e
» supprimida, expuzéraõ a Clemente XIII,
» nosso immediato predecessor, os seus dese-
» jos e intenções; reuníraõ a sua auctorida-
» de, as suas supplicas e os seus votos para
» o decidirem a prover, do modo o mais ef-

„ ficaz, á segurança pessoal de seus subdi-
„ tos, e ao bem da Igreja de Jesu Christo. „
A morte inesperada deste Pontifice naõ lhe permittindo acceder aos votos destes Principes, deo fim Clemente XIV a este negocio, e supprimio esta Sociedade, *depois de haver reconhecido*, diz elle, *que será impossivel, em quanto ella subsista, restituir á Igreja huma paz verdadeira e permanente.* Do que fica dito, claramente se vê que foraõ mui poderosas as razões, que provocáraõ a extincçaõ dos Jesuitas.

Morte de Luiz XV. 1774.

No anno seguinte morreo Luiz XV, que havia quasi meio seculo occupava o Throno da França. Era este Principe dotado de boas qualidades; e a voz pública, que julga os Reis, deo-lhe o nome de *Muito-amado*, quando em 1744 acudindo, á frente do seu exercito, em soccorro da Alsacia inundada de inimigos, as fadigas da guerra o leváraõ ás portas da sepultura: porém desde aquella epoca, a fraqueza do seu caracter, o escandalo dos seus costumes, e as desordens da sua Corte, fizeraõ profundas chagas no Reino. Deo a sua confiança a ministros que della abusáraõ; alentou o vicio com o seu exemplo, e deixou por herança a seu Successor, Luiz XVI, hum germen fatal de perturbações e de destruiçaõ.

CAPITULO III.

Destruiçaõ da Setscha, ou Republica dos Cosacos Zaporogues. — Codigo, Leis de Catherina II.

Destruiçaõ da Setscha ou republica dos Cosacos Zaporogues. 1775.

Em hum canto da Europa existia huma associaçaõ, ou republica guerreira, de hum genero particular, e era a dos Cosacos Zaporogues, assim chamados, porque habitavaõ o paiz visinho ás cataractas do Dniéper ou Borystenes, onde serviaõ de milicia fronteira, primeiro aos Polacos, depois aos Russos. As suas principaes residencias chamavaõ-se *setscha*, palavra que em lingua Russa quer dizer entrincheiramento; era hum aggregado confuso de habitações espalhadas e mal construidas. Estes Cosacos conhecidos na Polonia pelo nome de Haydamaques, e temiveis pelas suas correrias e rapinas, governavaõ-se em fórma de Republica. Dividia-se a sua *setscha* em trinta e oito *kurenes* ou quarteis; cada Cosaco pertencia a huma destas *kurenes*; nella habitava; quando se demorava na setscha, era obrigado a seguir as suas leis; todos aquelles que eraõ da mesma *kurene* compunhaõ huma só e unica familia, e á similhança dos antigos Spartanos, sustentavaõ-se com os mesmos alimentos comendo á mesma meza. Cada *kurene* tinha hum cabo, chamado *ataman*, e o chefe de todas intitulava-se *koschewoi-ataman*. Todos os chefes sem distincçaõ eraõ eleitos de commum acordo, o *ataman* pela

sua *kurene*; o *koschewoi-ataman*, por todas as *kurenes* reunidas. As assembléas da *setscha* eraõ ou ordinarias, ou extraordinarias. Na que se ajuntava regularmente todos os annos no primeiro de Janeiro, fazia-se a repartiçaõ dos campos, dos rios e dos lagos entre as *kurenes;* empregavaõ nesta repartiçaõ a sorte, a fim de que o lote fosse successivamente vantajoso a todas as *kurenes*. Elegiaõ ao mesmo tempo, nesta assembléa, novos chefes, no caso de terem os antigos dado algum motivo de descontentamento. Quanto ás assembléas extraordinarias, tinhaõ lugar quando se tratava de entrar em campanha, fazer alguma excursaõ, e em geral quando o interesse público o parecia exigir. Havia hum juiz, e outros officiaes na *setscha*; o juiz naõ pronunciava senaõ em assumptos de pouca monta; os que eraõ de natureza mais grave exigiaõ a intervençaõ de todos os chefes. Nenhuma mulher era admittida na *setscha*; os que queriaõ casar eraõ obrigados a retirar-se para outra parte. Para completarem o seu numero, os Zaporogues recebiaõ os desertores, e gente de todas as nações; tinhaõ muito particular cuidado em recrutarem o seu corpo com rapazes novos, que roubavaõ nas suas correrias, para os educarem na conformidade dos seus costumes e usos.

Huma tregoa entre a Russia e a Polonia, em 1667, tinha deixado estes Cosacos debaixo da protecçaõ destes dois Estados. Em 1676 déraõ-se á Russia, em cuja dominaçaõ se conserváraõ pela paz de Moscow de 1686. Implicados depois na rebelliaõ de Mazeppa,

puzéraõ-se, depois da batalha de Pultawa, debaixo da protecçaõ dos Tartaros da Criméa, e transferíraõ entaõ a sua *setscha*, para a margem oriental do Dniéper, mais proximo á sua embocadura. Descontentes dos Tartaros, que reprimiaõ as suas correrias, e que muitas vezes commettiaõ exacções na *setscha*, tomáraõ em 1733 o partido de pôr-se novamente debaixo da dominaçaõ da Russia, que lhes confirmou os seus privilegios, e lhes subministrou dinheiro para os ajudar a reedificar a sua *setscha* na margem occidental do Dniéper. Como elles continuassem no seu exercicio de salteadores nas fronteiras, sem poupar amigos nem alliados, resolveo Catherina II aniquilar inteiramente esta singular associaçaõ. Além dos roubos, accusavaõ os Zaporogues de terem successivamente usurpado differentes territorios entre o Dniéper e o Bog, assim como alguns districtos, que em todo tempo tinhaõ pertencido aos Cosacos do Don. Mas o que sobre tudo indispoz a Imperatriz contra elles, era serem taõ amantes da sua constituiçaõ, que se oppunhaõ a todo projecto de refórma, que tivesse por objecto faze-los viver em sociedade regular, e sujeitos aos vinculos do matrimonio, ou arregimentarem-se á imitaçaõ dos outros Cosacos. De mais disso, tendo Catherina II mandado ir a Moscow deputados de todas as partes do seu Imperio, para a formaçaõ de hum novo codigo de leis, tinhaõ-se elles recusado a cooperar para taõ grande obra, e era de recear, que naõ tentassem alguma revolta por occasiaõ das mudanças projectadas na administraçaõ

dos governos da Russia. Á vista destas considerações, tomou a Imperatriz o partido de mandar marchar, em 1775, hum corpo de tropas contra elles, e no momento em que elles menos o esperavaõ, achâraõ-se cercados e atacados por todos os lados, sem poderem fazer a minima resistencia. Foi a sua *setscha* destruida, e todo o corpo dos Zaporogues inteiramente disperso. Mandâraõ para as suas cidades nataes, e para a sua respectiva patria, todos aquelles que naõ quizeraõ abraçar outro genero de vida no paiz onde se achavaõ. Este o fim que teve a associaçaõ dos Cosacos Zaporogues.

Codigo de Leis de Catherina II. 1776.

Mandou Catherina II publicar no anno seguinte o codigo de leis, que tinha projectado para os seus Estados. Já em 1767 tinha ella ordenado a todas as provincias sujeitas ao seu dominio, que mandassem deputados a Moscow para cooperarem para esta grande obra. Teve lugar a abertura desta assembléa, nesta cidade, em huma das salas do antigo palacio dos Czares, em presença da Imperatriz, que mandou distribuir pelos membros desta reuniaõ, instrucções circunstanciadas a respeito destas novas leis. Frederico II, justo avaliador do merecimento, dizia ao Conde de Solm, ácerca destas instrucções: « Li com » admiraçaõ a obra da Imperatriz, mascula, » nervosa, e digna de hum grande homem. » Diz-nos a historia, que Semiramis com» mandou exercitos; a Rainha Isabel passou » por habil politica; a Imperatriz-Rainha » mostrou muita firmeza no principio do seu » reinado; mas nenhuma mulher ainda tinha

„ sido legisladora: estava esta gloria reser-
„ vada á Imperatriz da Russia, que he digna
„ della. „ A ultima guerra entre os Russos e os Turcos, tendo interrompido esta vasta empreza, foi este trabalho continuado depois da paz; e só em 1776 he que appareceo o novo codigo de leis, em virtude do qual: *A justiça deve ser administrada, em cada departamento, por magistrados eleitos entre os nobres, os jurisconsultos, os grandes proprietarios, os negociantes e os lavradores: — O vicio conhecido será só huma exclusaõ para o exercicio da magistratura: — A differença de estado, de Religiaõ, de origem, naõ será contada por cousa alguma na escolha dos juizes: — O uso dos tormentos está abolido, e a pena de morte infligida muito raras vezes: — A perda da honra, da liberdade, e as condemnaçoẽs dos trabalhos públicos, saõ a puniçaõ ordinaria dos crimes: — O juiz deve seguir a lei á letra, he-lhe expressamente prohibido ajuntar-lhe ou cortar-lhe alguma cousa, e se o sentido proprio do texto lhe parece escuro, deve consultar o Conselho de Estado: — No exercicio da justiça criminal, a lei tem sobre tudo em vista a segurança do accusado.* Neste codigo reduz-se a prática aquelle axioma taõ gabado, mas taõ pouco seguido: *que vale mais salvar vinte criminosos, do que sacrificar hum só innocente; finalmente, ninguem póde ser preso sem que o crime, de que he accusado, esteja provado;* o que desterra o abuso das ordens de prisaõ, e ao mesmo tempo estabelece huma grande differença entre a accusaçaõ e a prova.

CAPITULO IV.

Successaõ da Baviera. — Guerra entre a Austria e a Prussia. — Congresso de Teschen. — Morte de Maria Thereza.

Successaõ da Baviera. 1777. Algumas desavenças que se suscitáraõ em Allemanha, por occasiaõ da morte de Maximiliano José, Eleitor de Baviera, que naõ tinha posteridade masculina, estiveraõ a ponto de produzir os mais graves resultados. As Casas de Austria, de Saxonia e de Mecklembourg, se apresentáraõ para disputar a sua successaõ ao herdeiro presumptivo, Carlos Theodoro, Eleitor Palatino. Assim que o Eleitor de Baviera foi atacado da molestia, que poz termo aos seus dias, logo a Corte de Vienna mandou marchar tropas para a fronteira; e como ella tinha da sua parte os ministros Bavaros, fecháraõ-se as portas de Munich logo que este Principe deo o ultimo suspiro, sem que no espaço de cinco dias fosse permittido sahir da cidade, senaõ a hum correio despachado pelo Residente de Austria. Ordenou a Corte de Vienna no mesmo instante ás suas tropas, que entrassem no Eleitorado, as quaes tomáraõ posse dos paizes que ella reclamava. Intimidado com esta determinaçaõ, o Eleitor Palatino entrou em ajustes com a Austria; e por huma convençaõ assignada em Janeiro de 1778, reconheceo a legitimidade dos direitos desta Potencia. Tinhaõ alcançado o seu consentimento com a promessa de que se faria

hum estabelecimento vantajoso a hum filho natural que tinha; e como naõ tivesse posteridade legitima, tinha sacrificado sem escrupulo os interesses do seu herdeiro presumptivo, o Duque de Duas-Pontes, que recusou dar a sua adhesaõ a este concerto. Foi este Principe sustentado na sua opposiçaõ pelo Rei de Prussia, que tratou de quimericas as pertensões da Austria, considerando-as como incompativeis com a constituiçaõ e segurança do Corpo Germanico. Este Monarca intervindo neste negocio na qualidade de garante da paz de Westphalia, e como amigo e parente das partes interessadas, que reclamavaõ a sua intervençaõ, exigio que a Austria retirasse as suas tropas da Baviera, e que restituisse ao Eleitor os paizes, de que o havia despojado. Seguio-se huma guerra de penna, e abríraõ-se negociações entre as Cortes de Berlin e de Vienna: tendo a Austria rejeitado as proposições da Prussia, rompêraõ-se as conferencias, e de ambas as partes naõ se tratou já senaõ de terminar a contenda por via das armas.

Guerra entre a Prussia, e a Austria.

Nos principios de Julho tendo Frederico II entrado na Bohemia pelo Condado de Glatz, estabeleceo o seu campo entre Jaromitz e Kœnisgræts, em frente do do Imperador José II, do qual naõ estava separado senaõ pelo Elbo; outro exercito, composto de Prussianos e Saxonios, ás ordens do Principe Henrique, irmaõ do Rei de Prussia, penetrou na Bohemia pela Lusacia; hum terceiro exercito Prussiano entrou pela Silesia Austriaca, e occupou a maior parte della. José II conservou-se na defensiva, e Frederico II, a pezar de to-

dos os seus esforços, naõ o pôde obrigar a huma acçaõ geral, naõ havendo mais que algumas acções assaz vivas entre destacamentos dos respectivos exercitos. Nos fins de Outubro o Rei de Prussia evacuou a Bohemia, e seu irmaõ, o Principe Henrique, seguio o seu exemplo: e o inverno suspendendo as operações da guerra, deo lugar a negociações entre as Potencias belligerantes.

Congresso de Teschen.

Em quanto duravaõ as negociações, fez José II quanto lhe foi possivel para impedir a conclusaõ dos preliminares de paz: estava-se a ponto de assignar hum armisticio, quando, com o designio de continuar as hostilidades, mandou a hum corpo de dez mil homens, que fosse bombear Neustadt. Mas foi mal succedido no seu projecto, por quanto havendo sido acceita a mediaçaõ da França e da Russia, determinou-se a reuniaõ de hum congresso em Teschen, na Silesia Austriaca, para 10 de Março de 1779. A 13 de Maio seguinte, assignou-se ali a paz, por hum Tratado que anullava a Convençaõ de Janeiro de 1778, feita entre a Corte de Vienna e o Eleitor Palatino. Em virtude deste mesmo Tratado, a Austria era obrigada a restituir os paizes que havia occupado na Baviera, á excepçaõ dos districtos situados entre o Danubio, o Inn, e o Salza: este foi o resultado que tiveraõ as contestações a respeito da successaõ da Baviera.

Morte de Maria Thereza. 1780.

Naõ sobreviveo muito tempo Maria Thereza á conclusaõ da paz de Teschen, morrendo esta Princeza a 29 de Novembro de 1780, aos quarenta e hum annos de reinado,

na idade de sessenta e tres annos e meio, e conservando até ao ultimo instante huma tranquillidade de espirito, que parecia sobrenatural. Sem pertender traçar o todo das qualidades de Maria Thereza, assàz será dizermos, que era de facil accesso para toda a gente; que amava seus filhos com extremosa ternura; cheia de bondade para com as pessoas empregadas no seu serviço, derramava os seus beneficios sem ostentaçaõ; sabía conciliar huma discreta economia com a generosidade de huma Soberana; combinar a condescendencia com a dignidade, e ajuntar as virtudes privadas ás virtudes eminentes, que constituem o ornamento do Throno. Naõ podemos com tudo deixar de confessar, que tinha suas fraquezas; e talvez naõ seja dado á natureza humana deixar de as ter: dando facilmente ouvidos aos espias e delatores, naõ desgostava de penetrar os segredos das familias. Huma devoçaõ excessiva era parte para que fosse minuciosa nos exercicios da Religiaõ; e mais de huma vez o seu zelo indiscreto a inclinou a actos de intolerancia, que desdouraõ a sua memoria. Quanto ao mais, tinha grangeado o affecto de seus subditos, a quem a sua morte causou a maior magoa: em huma palavra, os dias de Maria Thereza saõ a idade de ouro para os povos que estaõ debaixo da dominaçaõ Austriaca.

CAPITULO V.

Revoluçaõ dos Anglo-Americanos. — Origem das perturbações da America. — Insurreiçaõ de Boston. — Congresso de Philadelphia. — Principio das hostilidades. — As Colonias independentes. — Constituiçaõ dos Estados-Unidos. — Capitulaçaõ de Saratoga.

Estamos chegados ao tempo, em que a America Septentrional nos offerece o espectaculo de huma revoluçaõ, que tem muita ligaçaõ com a historia da Europa, porque independentemente da guerra, que accendeo entre a França e a Inglaterra, e na qual se acháraõ implicadas a Hespanha e a Hollanda, deve considerar-se como o principio das revoluções, que depois agitáraõ o nosso continente.

As Colonias Inglezas da America Septentrional naõ estavaõ ligadas com a metropole, senaõ por hum governo puramente civil, pela conformidade dos costumes, e por habitos, que hum largo espaço de tempo tinha consagrado. Podia esta uniaõ ser de larga duraçaõ, se a mãi-patria tivesse tratado os Anglo-Americanos como Inglezes; querendo porém sujeitar o commercio dos Colonos ao monopolio Britannico, a Inglaterra pôz estorvos á sua industria, irritou-os, e despertou nelles o desejo de sacudir o jugo, de que eraõ ameaçados.

Foi em 1765 que rebentárão as primeiras perturbações na America, por occasião dos impostos que ali quiz introduzir o Parlamento da Grão-Bretanha. Tendo a divida nacional de Inglaterra augmentado prodigiosamente, julgou o Parlamento que devia obrigar as Colonias a subministrarem o seu contingente para a liquidação desta divida. Segundo o acto do sello passado no Parlamento a 22 de Março de 1765, todo contrato nas Colonias Americanas, devia ser escrito em papel sellado, e o direito do sello ser regulado segundo os differentes objectos, que davão motivo ao contrato: sublevou esta medida os animos, e deo lugar a se commetterem todo genero de excessos e de violencias contra os officiaes do Rei; os mesmos Tribunaes de justiça fechárão-se. Sustentavão as Colonias que o Parlamento Britannico não tinha o direito de impôr-lhes tributos, pela razão de não serem representadas nelle; e não ficando nisto, suspendêrão todo commercio com a metropole, toda compra de mercadorias importadas de Inglaterra, Escossia e Irlanda. Origem das perturbações da America.

Revogou o Parlamento no anno seguinte de 1766 o acto do sello, publicando ao mesmo tempo hum acto declaratorio, no qual se dizia: « que as Colonias estavão de direi- » to sujeitas, e erão dependentes da Corôa e » do Parlamento da Grão-Bretanha, residindo » nelles a auctoridade e o poder de fazer leis » obrigatorias para as Colonias, em todos os » casos possiveis. » Ordenava-se por este acto ás assembléas provinciaes, que recebessem nas suas cidades as tropas Britannicas, que a me-

tropole entendesse dever mandar para ali, e que lhes assistissem com lenha e cerveja. Este acto foi considerado como tyrannico aos olhos dos Americanos, e pareceo naõ ser outro o seu objecto senaõ destruir os fundamentos da liberdade, e estabelecer huma dominaçaõ absoluta e despotica. Fraqueando novamente, o ministerio Britannico desistio de todo projecto de impostos, que se cobrassem no interior do paiz, para limitar-se a impostos exteriores; substituio por tanto, em 1767, ao acto do sello, outro que estabelecia direitos de entrada no chá, papel pintado, papelaõ, chumbo, côres, vidros, exportados de Inglaterra para as Colonias. Naõ teve este acto melhor resultado que os anteriores: todas as Colonias suspendêraõ o uso dos objectos manufacturados na Graõ-Bretanha, e os negociantes Americanos deraõ contra-ordens para as mercadorias que tinhaõ encommendado em Inglaterra, Escossia e Irlanda. Fazendo o espirito de insurreiçaõ todos os dias novos progressos, o Parlamento Britannico, por hum acto redigido em 1769, resolveo empregar a força para sustentar nas Colonias a supremacia da Graõ-Bretanha. Nesta conjunctura crítica, Lord North, que se achava á frente do gabinete Britannico, fez com que no Parlamento passasse, em 1770, hum acto, que supprimia todos os impostos, á excepçaõ do do chá: era sua intençaõ serenar os animos, e habituar as Colonias, por meio deste leve tributo, a tolerar todo genero de imposto; mas este expediente tambem foi infructuoso, e os Americanos deraõ mostras naõ equivocas do seu descontentamento.

Tendo-se alguns navios Inglezes carregados de chá, apresentado em 1773 no porto de Boston, para nelle desembarcarem as suas cargas, o povo amotinado lançou ao mar todo o chá. Vendo o gabinete de São-Jaimes que as perturbações hiaõ cada vez a mais nas Colonias, julgou dever lançar maõ de medidas rigorosas contra a cidade de Boston, que considerava como o fóco da insurreiçaõ. Longe de intimidar-se, os Bostonezes mostráraõ muita firmeza; e em breve espaço a indignaçaõ foi geral em todas as Colonias, que de commum acordo assentáraõ que deviaõ reunir-se para resistir á tormenta de que estavaõ ameaçadas. Insurreiçaõ de Boston.

Abrio-se em Philadelphia, a 5 de Setembro de 1774, hum Congresso geral composto dos seus representantes; o qual decidio que se naõ mandassem vir mais mercadorias de Inglaterra, e que se apresentasse huma representaçaõ ao Rei, e huma petiçaõ á Camara dos Communs, para a reparaçaõ dos aggravos de que as Colonias tinhaõ a queixar-se. Este passo naõ produzio effeito algum, persistindo o Parlamento nas suas medidas de rigor. Congresso de Philadelphia.

Em consequencia começáraõ as hostilidades em Abril de 1775. Jorge Washington, proprietario rico da Virginia, que se havia distinguido combatendo contra os Francezes no Canadá, foi nomeado Commandante em chefe das tropas pelo Congresso, o qual, para supprir o numerario de que havia falta nas Colonias, decretou a emissaõ de papel-moeda para acudir ás despezas da guerra. Huma Principio das hostilidades.

declaraçaõ expoz os motivos, que tinhaõ tido os Americanos para tomarem as armas, e a intençaõ em que estavaõ de se naõ separarem da Graõ-Bretanha. Mas o gabinete de São-Jaimes tendo feito maiores esforços para a campanha de 1776, e tomado a seu soldo tropas Allemãs, os Americanos rompêraõ abertamente com a Inglaterra.

As Colonias declaradas independentes.

Foi entaõ proclamada formalmente, em virtude de hum acto do Congresso de 4 de Julho do mesmo anno, a independencia das Colonias. Em breve tempo se redigíraõ os artigos de confederaçaõ e de uniaõ perpétua das provincias, que tomáraõ o titulo de *Estados Unidos da America.*

Constituiçaõ dos Estados Unidos.

Em consequencia desta confederaçaõ, cada Estado ficou com a faculdade de legislar, e administrar-se interiormente, e o Congresso composto de deputados de todas as Colônias, foi encarregado de regular os negocios públicos, relativamente á guerra, á paz, ás allianças, ás moedas, aos pesos e medidas, aos correios, e de compôr as desavenças que pudessem suscitar-se entre alguns dos Estados confederados.

Capitulaçaõ de Saratoga.

A primeira vantagem que os Americanos alcançáraõ foi em Trenson, sobre o rio Delaware, onde o general Washington fez prisioneiro, em Dezembro de 1776, hum corpo de Hessezes e de Inglezes. Achavaõ-se com tudo os Estados Unidos em huma situaçaõ perigosa, quando huma perda de summa importancia, que o inimigo experimentou, os salvou do perigo, e completou por assim dizer a sua independencia: o general Inglez Bur-

goine, tendo-se adiantado imprudentemente do Canadá, para apoiar as operações do general Howe, que marchava vencedor sobre Philadelphia, foi obrigado pelas tropas do Congresso, ás ordens do general Gates, a depôr as armas, por huma capitulaçaõ assignada em Saratoga, a 16 de Outubro de 1777. Deste modo terminou, em vantagem dos insurgentes, huma campanha, que parecia ameaçar a sua nascente republica de huma inteira destruiçaõ.

CAPITULO VI.

Alliança da França e dos Estados Unidos. — Neutralidade armada. — Combates maritimos entre os Inglezes e os Francezes. — Conquistas reciprocas. — Derrota de Cornwallis. — Conferencias para a paz. — Tratados de paz de París e de Versalhes.

Alliança da França com os Estados Unidos.

Assim que a noticia dos felizes successos dos Americanos chegou á Europa, logo a França, que se tinha aproveitado das perturbações das Colonias para pôr a sua marinha em hum pé respeitavel, reconheceo publicamente a independencia da America, por hum Tratado de alliança e de commercio, assignado em París a 6 de Fevereiro de 1778. Segundo hum dos artigos a França exigio, como principal condiçaõ, que os Estados Unidos naõ depuzessem as armas, senaõ quando a Inglaterra tivesse reconhecido a sua independencia. Foi este Tratado o signal da guerra entre a Graõ-

Bretanha e a França, que naõ tardou a fazer entrar no seu partido a Hespanha e a Hollanda. Entrou a Hespanha nesta guerra em 1779. Quanto á Hollanda, o gabinete de São-Jaimes foi quem primeiro rompeo com ella, estando irritado contra os Hollandezes, porque em vez de subministrarem os soccorros, que entendia poder reclamar delles, em virtude dos Tratados, favoreciaõ a causa dos seus inimigos. Os Hollandezes, da sua parte, queixando-se das frequentes vexações, que experimentavaõ da parte dos armadores Britannicos, faziaõ diligencia por se livrarem dellas debaixo da protecçaõ da *neutralidade armada*, que a Russia acabava de negociar a favor do commercio dos neutros contra as Potencias belligerantes. Sendo a guerra puramente maritima, tinha dado grande actividade ao commercio dos Estados do Norte, que forneciaõ aos Francezes e aos Hespanhoes madeira de construcçaõ, e munições de todo genero: aproveitando-se da sua grande superioridade no mar, tomava a Graõ-Bretanha indistinctamente todos os navios mercantes com bandeira neutral. Para suspender estas vexações, o gabinete de São-Petersbourg resolvido a proteger com a força a navegaçaõ dos Russos, levou ao conhecimento das Cortes de França e de Inglaterra, por huma declaraçaõ de Fevereiro de 1780, que era sua intençaõ sustentar a liberdade do commercio de todos e quaesquer objectos, naõ exceptuando senaõ as verdadeiras munições de guerra, taes como balas, polvora, artilheria, e em geral tudo quanto se reputava fazenda de contrabando, segundo o ar-

Neutralidade armada.

tigo 10 e 11 do seu Tratado de commercio, concluido em 1776 com a Graõ-Bretanha.

Como a historia desta Liga formada para huma *neutralidade armada*, he digna de saber-se, naõ será fóra de proposito dar algumas circunstancias a respeito della. Depois da paz de 1763 ninguem podia oppôr-se á preponderancia maritima de Inglaterra, que se persuadio entaõ poder deixar-se de allianças continentaes. Mas a revoluçaõ effeituada na America; a uniaõ da França e da Hespanha com os Americanos; a marinha respeitavel destas duas nações, déraõ a conhecer ao gabinete de Londres, que lhe era preciso recorrer ás allianças continentaes que desprezára. Lançou por tanto as suas vistas ás Cortes de São-Petersbourg, e de Vienna: mas para poder ser bem succedido, èra-lhe preciso separar a Austria da França, e a Russia da Prussia. O cavalleiro Harris, que depois foi Lord Malmesbury, partio para São-Petersbourg, com o fim de romper a alliança desta Corte com a de Berlin, alliança que era obra do Conde de Panin, primeiro ministro da Russia. Como este, conhecendo bem quaes eraõ os interesses da sua naçaõ, estava precavido contra toda medida tendente a envolver a sua Corte em huma guerra onerosa, e de que lhe naõ podia resultar vantagem, e naõ se mostrava inclinado a ligar-se com a Inglaterra; o cavalleiro Harris naõ se dirigio a este ministro, mas sim ao Conde Potemkim, que, assim como a Imperatriz, tinha disposições mais favoraveis. Lisonjeou as paixões do Conde, e animando as vistas ambiciosas, que Catheri-

na II tinha sobre Constantinopla; deo-lhe a entender que o gabinete Britannico poderia ajuda-la neste negocio. Seduzida pelas suas promessas, a Imperatriz estava decidida a abraçar as idéas do diplomatico Inglez, se o Conde Panin, a quem foi preciso participar a alliança projectada com Inglaterra, naõ combatesse esta medida com as armas da razaõ e da sã politica. Déraõ a entender ao cavalleiro Harris, que no curso dos acontecimentos, que a guerra traz necessariamente comsigo, poderia apresentar-se alguma circunstancia favoravel ao feliz resultado da sua negociaçaõ: e com effeito, apresentou-se huma, que reanimou as suas esperanças, que foi a tomada de dois navios Russos no Mediterraneo pelos Hespanhoes, que tendo-os conduzido a Cadiz; ali se apropriáraõ das suas cargas. Esta hostilidade contra a bandeira Russa, considerada como hum ataque á liberdade do commercio, irritou tanto mais Catherina II, que considerando-se como a creadora do commercio do seu Imperio, era summamente zelosa de segurar a prosperidade delle. Aproveitou habilmente esta occasiaõ o cavalleiro Harris, para irritar a Imperatriz contra os inimigos da Inglaterra. Vio-se por consequencia o Conde Panin obrigado a dirigir á Corte de Hespanha reclamações para pedir-lhe satisfaçaõ deste acto hostil; passo este que o cavalleiro Harris julgou dever encaminha-lo ao fim que se propunha. Ajudado pelo Principe Potemkim, foi taõ bem succedido junto de Catherina II, que sem consultar o Conde Panin, mandou armar huma esquadra destinada a al-

cançar por via das armas huma satisfaçaõ estrondosa da parte da Hespanha, caso a recusasse dar por via das negociações. Esta medida naõ podia occultar-se por muito tempo ao Conde Panin: muito habil para contrariar abertamente o designio da Imperatriz, fingio tomar parte no seu descontentamento contra a Hespanha; mas empenhando-a com tudo a que désse mostras delle, deo-lhe a entender que sem se limitar a hum interesse particular, devia abraçar a causa de todos os neutros, e proteger os seus direitos, que as Potencias belligerantes naõ respeitavaõ como deviaõ. Formou depois hum plano de neutralidade, que encerrava tudo quanto as convenções existentes e os tratados dos publicistas offereciaõ de essencial neste assumpto. Agradou este projecto á Imperatriz, que approvou huma Declaraçaõ, em que o seu ministro inserira os principios de neutralidade proprios para sustentar a liberdade do commercio, e a navegaçaõ dos neutros durante as guerras maritimas. Como o Conde Panin tinha persuadido a esta Princeza, que naõ désse a saber ao cavalleiro Harris esta Declaraçaõ, foi esta peça mandada a todas as Potencias maritimas, sem que este ultimo tivesse noticia de hum projecto taõ contrario ás vistas da Inglaterra.

A Dinamarca, a Suecia, a Hollanda, a Austria, Portugal e Napoles, accedêraõ successivamente a esta Declaraçaõ, por actos ou Tratados, em que os mesmos principios estaõ enunciados palavra por palavra. Do lado das Potencias belligerantes, esta medida foi favoravelmente recebida pela França e Hes-

panha. Os correios portadores da Declaraçaõ de Catherina II, havia alguns dias que tinhaõ partido, quando chegou ao conhecimento do cavalleiro Harris o conteúdo dos seus despachos; o que lhe causou grande sobresalto. O gabinete Britannico levou muito a mal esta medida, e naõ poupou nos seus discursos a Corte da Russia, cujo successo foi completo. Naõ parando aqui, para impedir que os Hollandezes se aproveitassem desta medida, declarou-lhes a guerra antes que o seu acto de accessaõ á neutralidade pudesse ser ratificado pelas Potencias do Norte.

Combates maritimos entre os Inglezes e Francezes.

Mas para tornar ao nosso objecto, que he a guerra de que a America foi primeiro o theatro, e que d'ali se estendeo até á India e Africa; diremos que a França e a Hespanha tendo reunido as suas marinhas, a Inglaterra, vendo-se obrigada a dividir as suas forças, naõ pôde defender as suas possessões longinquas ameaçadas pelos seus inimigos. Déraõ as Potencias belligerantes alguns vinte combates navaes, em que a Inglaterra, pela experiencia e habilidade dos seus almirantes, naõ perdeo huma unica náo de linha. A primeira acçaõ naval entre os Francezes commandados pelo Conde de Orvilliers, e os Inglezes ás ordens do Almirante Keppel, foi o combate de Ouessant em Julho de 1778. Esta acçaõ, cuja gloria ambas as nações igualmente celebráraõ, foi taõ pouco decisiva como a maior parte das que se lhe seguíraõ, naõ havendo nenhuma que decisiva fosse, senaõ o combate, que o Almirante Rodney deo em 12 de Abril de 1782 ao Conde de Grasse,

que conduzio prisioneiro a Londres depois de haver-lhe tomado cinco náos de linha, entrando neste numero a náo almiranta. Deo-se este combate entre a Dominica e as Santas.

No principio das hostilidades os Inglezes tomáraõ aos Francezes, nas Indias Orientaes, Pondichery, Chandernagor e Mahé; na America, as ilhas de S. Pedro, e de Miquelon, assim como a de Santa Luzia; e a ilha de Goréa, nas costas de Africa. Conquistas reciprocas.

Os Francezes da sua parte tomáraõ aos Inglezes as ilhas Dominica, S. Vicente, a Granada, Tabago, S. Christovaõ, Nevis e Monserrate na America; todos os seus estabelecimentos e fortes no Senegal em Africa; e Gondelor nas Indias Orientaes.

Os Hespanhoes apoderáraõ-se dos fortes que os Inglezes occupavaõ no Mississipi; do de Mobile ou Condé, na antiga Luiziana Franceza; e sujeitáraõ toda a Florida occidental com a cidade de Pensacola. Com o soccorro dos Francezes retomáraõ na Europa a Ilha de Minorca, assim como Porto-Mahon, e o Forte S. Filippe. Mas a Hespanha e a França, sem embargo da reuniaõ de suas forças, naõ pudéraõ tomar Gibraltar. Esta praça valerosamente defendida pelo general Elliot, foi duas vezes bastecida pelas esquadras Inglezas, á vista dos sitiantes, primeiro pela do almirante Rodney em 1780, e depois pela do almirante Howe em 1782. As baterias fluctuantes, de que se esperava o mais feliz resultado, foraõ destruidas por hum chuveiro de balas vermelhas, que lhes lançou o commandante Elliot, mallogrando-se deste modo a empreza dos

Hespanhoes e Francezes contra a rócha de Gibraltar.

Foi esta guerra desastrosa para os Hollandezes, cujas ilhas de Santo Eustaquio, de Sabá, e de S. Martin sendo invadidas pelos Inglezes, fizeraõ nellas consideravel presa, e successivamente foraõ sujeitando os seus Estabelecimentos de Demerary e Esséquebo na Guiana; os que possuiaõ na costa de Malabar e de Coromandel, e principalmente Negapatnam e Trinquemale na costa de Ceilaõ. Os Francezes retomáraõ depois as Antilhas Hollandezas e Trinquemale.

Derrota de Lord Cornwallis.

Na America Septentrional as vantagens foraõ largo tempo compensadas de parte a parte, sem haver acçaõ alguma decisiva. Finalmente, depois de haver-se apoderado das duas Carolinas, Lord Cornwallis se adiantou em 1781 pela Virginia, onde se senhoreou de Yorck-Town e de Glocester; havendo porém penetrado no interior desta provincia, Washington, Rochambeau e Lafayette, dirigíraõ as suas forças contra elle, protegidos por huma esquadra ás ordens do Conde de Grasse. Apertado de todos os lados, e encerrado em Yorck-Town, vio-se Cornwallis obrigado a capitular, e entregar-se prisioneiro com todo o seu exercito a 19 de Outubro de 1781.

Conferencias para a paz.

A nova deste successo decisivo a favor dos Estados Unidos, tanto que chegou a Inglaterra, deo motivo a huma mudança no ministerio. Os novos ministros, depois de terem em vaõ tentado concluir huma paz particular, já com os Americanos, já com os Hollandezes, tomáraõ o partido de reconhecer a inde-

pendencia dos primeiros, e entráraõ logo em negociaçaõ com a França.

Abríraõ-se as conferencias em París, debaixo da mediaçaõ do Imperador José II, e da Imperatriz da Russia; duráraõ desde o mez de Outubro de 1782, até 3 de Setembro de 1783, em que os Tratados de paz definitivos entre a Graõ Bretanha, a França, Hespanha e os Estados Unidos da America foraõ assignados, cada hum separadamente, em París, e em Versalhes; a assignatura do Tratado entre a Inglaterra e a Hollanda, teve lugar em París a 20 de Maio de 1784. Em virtude destes Tratados, foi a independencia dos Estados Unidos reconhecida pela Inglaterra, e se reguláraõ os limites das respectivas possessões na extensaõ da America Septentrional: os Estados Unidos tambem alcançáraõ o direito da pesca nos bancos de Terra Nova, no golfo de S. Lourenço, e em todos os mais lugares, onde até entaõ estavaõ no costume de hir á pesca.

Tratados de paz, de París e Versalhes.

Pelo que diz respeito á pesca dos Francezes em Terra-Nova, foi regulada com muito mais vantagem para elles do que o tinha sido pelos Tratados anteriores. As ilhas de S. Pedro, e de Miquelon lhes foraõ cedidas: nas Antilhas, conserváraõ Santa Luzia, e Tabago, restituindo á Inglaterra a Grenada e as Grenadinas, S. Vicente, a Dominica, S. Christovaõ, Nevis e Monserrate. Na Africa, ficáraõ com os estabelecimentos e fortes do Senegal, com a ilha de Goréa, que lhes foi restituida: nas Indias Orientaes, restituíraõ-lhes Chandernagor, Pondichery e Mahé: as clau-

sulas dos Tratados anteriores relativas a Dunkerque, foraõ annulladas.

No Mediterraneo, a ilha de Minorca, e na America toda a Florida, foraõ cedidas á Hespanha, que restituio aos Inglezes as ilhas da Providencia, e de Bahamá, e lhes concedeo de mais disso a faculdade de cortar páo de tinturaria ou de campeche em alguns districtos da Bahia de Honduras.

Finalmente, os Hollandezes cedêraõ Negapatnam á Inglaterra, assegurando-lhe de mais a mais a livre navegaçaõ nos mares da India, onde até entaõ tinhaõ conservado hum commercio exclusivo.

Este he o resumo dos Tratados de París e de Versalhes, que puzéraõ termo á guerra da America.

LIVRO II.

Desde a cessaõ da Criméa á Russia, em 1784; até á ultima desmembraçaõ da Polonia, em 1795.

CAPITULO I.

Novas desavenças entre a Russia e a Porta. — Contestações entre o Imperador José II e a Republica das Provincias Unidas. — Mediaçaõ da França, e paz de Fontainebleau. — Perturbações internas da Hollanda. — Retirada do Stathouder. — Entrada dos Prussianos na Hollanda. — A França abandona o partido anti-stathouderiano.

Novas desavéças entre a Russia e a Porta.

Tinhaõ-se suscitado novas contestações entre a Russia e a Porta, em consequencia do Tratado de paz de Kainardgi, em virtude do qual esta ultima Potencia tinha reconhecido a independencia dos Tartaros da Criméa; e concedido a livre navegaçaõ aos vasos Russos em todos os mares, que banhaõ as costas do Imperio Ottomano: esta independencia desagradava aos Turcos, que de mais disso naõ podiaõ ver com bons olhos fluctuar a bandeira Russa até debaixo dos mesmos muros de Constantinopla. Daqui resultáraõ contestações, que annunciavaõ hum rompimento entre as duas Potencias, quando para pôr termo a toda contestaçaõ, entendeo a Russia que devia pôr a Criméa no numero das suas provincias:

mandou occupar pelas suas tropas esta peninsula, assim como todo o Kuban, e lançou fóra da ilha de Taman os Turcos, que se haviaõ apoderado della: depois do que alcançou do Khan da Criméa que se demittisse da sua soberania. Assignou-se hum novo Tratado em Constantinopla, a 8 de Janeiro de 1784, no qual se estipulava, que a Imperatriz da Russia teria a soberania da Criméa, da ilha de Taman, e de toda aquella parte do Kuban que está situada na margem direita do rio deste nome, adoptado por fronteira entre os dois Imperios, e que a fortaleza de Oczakow seria cedida á Porta com o seu territorio. Tal foi o fim da dominaçaõ dos Tartaros da Criméa, que em outros tempos tinhaõ feito tremer a Russia. Desta vasta regiaõ Catherina II formou dois novos Governos, debaixo do nome da Taurida e do Caucaso.

Contestações entre o Imperador José II, e a Republica das Provincias Unidas.

Naõ estavaõ de boa intelligencia o Imperador José II, e a Republica das Provincias Unidas, ácerca da execuçaõ do Tratado, chamado de Barriere de 1715, e do da Haya de 1718. Os limites da Flandres Hollandeza naõ haviaõ sido fixados de huma maneira precisa, taes como estes Tratados os tinhaõ regulado; e desde muito tempo a Corte de Vienna tinha cessado de pagar aos Hollandezes o subsidio estipulado a seu favor, pelo Tratado de Barriere; consentia ella em regular definitivamente os limites, e em pagar o subsidio, huma vez que a Inglaterra e a Hollanda se ajustassem com ella relativamente ao restabelecimento das praças de Barriere, cujas fortificações haviaõ sido destruidas durante a guer-

ra pela successaõ da Austria: exigia tambem que estas duas Potencias se ajustassem para a conclusaõ de hum Tratado de commercio, vantajoso aos Paizes-Baixos Austriacos, do modo que a isso se tinhaõ empenhado pelos Tratados anteriores. Tendo-se declarado a guerra, em 1781, entre a Inglaterra e a Hollanda, entendeo José II que devia aproveitar-se deste acontecimento, para libertar os Paizes-Baixos das cadeas, que lhes impunha o Tratado de Barriere. Tendo entaõ ordenado a demoliçaõ de todas as praças destes paizes, comprehendeo nellas as praças de Barriere, e intimou aos Hollandezes que retirassem as tropas que alli mantinhaõ. Naõ podendo estes invocar a garantia da Inglaterra, com a qual estavaõ em guerra, víraõ-se obrigados a estar pelo que a Austria exigia delles, e as suas tropas evacuáraõ todas as praças de Barriere. Levando José II mais longe as suas pertensões, resultáraõ disso novas contestações, e para termina-las consentio em que se abrissem, em 1784, conferencias em Bruxellas, onde elle mandou declarar que desistia de todas as pertensões, que tinha contra a Hollanda, com tanto que esta concedesse, a favor dos Paizes Baixos, a abertura do Escalda, com a faculdade de navegar e de commerciar directamente com a India; e ao mesmo tempo deo a conhecer a firme resoluçaõ em que estava de considerar desde já o Escalda como livre, e a menor opposiçaõ da parte dos Hollandezes, como huma hostilidade aberta e huma declaraçaõ de guerra. Estes sem intimidar-se com semelhante ameaça, declaráraõ a conducta de

José II contraria aos Tratados. Huma esquadra Hollandeza postada na embocadura do Escalda, teve ordem de naõ deixar sahir nenhum navio Austriaco; e dois navios Imperiaes tendo querido forçar a' passagem, atiráraõ-lhes, e obrigáraõ-nos a arrear bandeira. O Imperador, julgando-se entaõ em guerra aberta, rompeo as conferencias de Bruxellas. Lisonjeava-se este Principe de que a Corte de França o sustentaria nesta pertensaõ; mas o gabinete de Versalhes occupado em negociar hum Tratado de alliança com os Hollandezes, conhecia que abandonando-os entaõ, obriga-los-hia a deitar-se nos braços da Inglaterra.

Mediaçaõ da França, e paz de Fontainebleau.

Esta circunstancia, e as difficuldades que a guerra dos Paizes-Baixos offerecia a José II, foraõ parte para que elle buscasse a mediaçaõ da França, que deo principio ás negociações, as quaes foraõ taõ demoradas como espinhosas. Finalmente, por hum Tratado de paz assignado em Fontainebleau a 8 de Novembro de 1785, conveio-se em que o Escalda permaneceria fechado, e aplanáraõ-se todas as difficuldades entre o Imperador e os Hollandezes. Dois dias depois assignou-se hum Tratado de alliança na mesma cidade entre estes ultimos e a França.

Liga Germanica cõtra a Austria.

José II, que naõ pudéra precedentemente apoderar-se da Baviera por meio das armas, quiz alcança-la em 1785 por meio das negociações, isto he, em troca dos Paizes-Baixos. Frederico II, que conhecia quanta preponderancia daria á Austria no Imperio esta concentraçaõ de forças, e este arredondamento de

possessões, resolveo oppôr-se abertamente ao projecto do gabinete de Vienna. Concluio-se em consequencia huma confederaçaõ em Berlin a 3 de Julho, entre a Prussia e vários Principes de Allemanha. Esta liga, cujo motivo apparente era manter a Constituiçaõ do Imperio, oppoz huma forte barreira á ambiçaõ da Casa de Austria. Em vaõ representou José II que esta associaçaõ dos Principes era effeito das vistas interesseiras de Frederico II, a quem elle chamava o anti-Cesar, e que era mais propria para perturbar do que para manter a paz do Corpo Germanico. Até quiz formar huma contra-liga, porém vio-se obrigado a renunciar semelhante projecto.

A liga Germanica fôi o ultimo acto importante, pelo qual o Rei de Prussia assignalou hum reinado glorioso de quarenta e sete annos, morrendo na idade de setenta e cinco (*). Durante a dilatada enfermidade,

---

(*) Tendo nascido a 24 de Janeiro de 1712, e subido ao Throno a 31 de Maio de 1740, Frederico II terminou a 27 de Agosto de 1786 a sua gloriosa carreira, que fez a admiraçaõ dos seus contemporaneos, e será o objecto da admiraçaõ da posteridade a mais remota. Pelas suas proezas e talentos militares, pela sua profunda politica, pela sua administraçaõ admiravel na paz, pela superioridade do seu genio, pela extensaõ dos seus variados conhecimentos, pelos acontecimentos estrondosos e celebres que tiveraõ lugar em sua vida, pelo papel superior que representou entre os principaes Potentados da Europa, por hum reinado glorioso de quasi meio seculo, &c., acha-se Frederico II eminentemente collocado acima dos heróes e dos Soberanos mais illustres. Se teve defeitos, foraõ os dos grandes homens; se teve seus extravios, foraõ daquelles que saõ proprios

a que succumbio, segurava sempre com maõ firme as redeas do Estado, e conservou as faculdades todas do seu espirito até o ultimo momento da sua vida. Teve por successor Frederico Guilherme, seu segundo sobrinho, a quem deixou hum Estado consolidado, hum exercito respeitavel, excellentes generaes, hum thesouro sufficiente para acudir a tres campanhas sem necessidade de recorrer a novos impostos; mas deixou-lhe ao mesmo tempo hum papel muito difficil de representar, o de tomar o lugar de hum Principe, que tinha merecido o nome de Grande.

Perturbações internas da Hollanda.

A Hollanda era entaõ agitada de perturbações internas; os republicanos, animados contra o Stathouder, Principe de Orange, e contra os que seguiaõ o seu partido, estavaõ mais inquietos que nunca. Accusavaõ o Stathouder de promover os interesses da Inglaterra, e de desprezar a marinha, a ponto de naõ poder proteger o commercio, na qualidade de Almirante-General das forças navaes da republica: e passando das palavras ás obras, rompêraõ em excessos.

Retirada do Stathouder.

Hum motim popular excitado na Haya, no mez de Setembro de 1783, servio de pretexto aos Estados da Hollanda para tirar ao Stathouder o commando desta residencia; procedimento este, que decidio o Principe de Orange a retirar-se da Haya para a Provincia

---

do engenho: huns e outros eraõ apagados pelas mais raras e mais brilhantes qualidades; e do mesmo modo que as sombras em hum quadro, faziaõ sobresahir todo o esplendor deste Monarca.

de Gueldres, que lhe era summamente addicta. Esta retirada do Stathouder naõ teve outro resultado, senaõ animar ainda mais os seus adversarios. Formáraõ-se nas principaes cidades associações, debaixo do nome de *corpos-francos*, para exercitar os cidadaõs no manejo das armas. Os anti-Stathouderianos todos diziaõ-se patriotas, e eraõ sustentados pela França, que attrahindo-os aos seus interesses, contava servir-se delles para diminuir a influencia da Inglaterra. Exasperavaõ-se cada vez mais os espiritos em cada hum dos partidos, quando a esposa do Stathouder, irmã do Rei de Prussia, tomou a resoluçaõ de transferir-se para a Haya, com o designio, segundo ella dizia, de ahi trabalhar por alcançar a reconciliaçaõ e o restabelecimento da paz; porém quando já hia de caminho, hum destacamento do corpo-franco de Gouda, a obrigou a parar, em 28 de Junho de 1787.

Entrada dos Prussianos em Hollanda.

Frederico Guilherme II, que tinha succedido a Frederico II, seu tio, julgou dever pedir satisfaçaõ da offensa feita a sua irmã. Naõ a tendo podido alcançar nos termos em que elle a exigia, mandou este Principe entrar na Hollanda, no mez de Setembro seguinte, hum corpo de vinte mil homens ás ordens do Duque de Brunswick, que se apoderou de todo o paiz, e sujeitou a cidade de Amsterdam, onde sempre se tinha manifestado a mais viva opposiçaõ ao Stathouder. Por meio das baionetas Prussianas, todas as resoluções anteriores, que haviaõ sido tomadas contra este Principe pelos republicanos, foraõ anulladas, e elle restabelecido na plenitude das suas prerogativas.

A França abandona o partido anti-Stathouderiano.

Posto que a Corte de França naõ ignorasse, que a duraçaõ da sua alliança com os Hollandezes dependesse do feliz successo do partido republicano, naõ deo o minimo passo, nem para defender os interesses deste mesmo partido, que ella tinha sublevado contra o Stathouder, nem para oppôr-se á invasaõ das tropas Prussianas; e até teve a fraqueza de declarar á Corte de Londres, que ella naõ conservava vistas algumas hostís, relativamente ao que acabava de passar-se na Hollanda. Renunciando entaõ a sua alliança com a França, os Hollandezes abraçáraõ a da Graõ-Bretanha e da Prussia, que, pelos Tratados assignados a 15 de Abril de 1788, se obrigáraõ a garantir o Stathouderato hereditario na Casa de Orange, na conformidade das resoluções de 1747 e 1748.

CAPITULO II.

Perturbações dos Paizes-Baixos Austriacos. — Partidos de Vonk e de Van der Noot. — Expediçaõ dos insurgentes. — Declaraõ estes ter José II perdido a Soberania dos Estados Belgicos. — Divisaõ entre os insurgentes. — Pacificaçaõ das perturbações da Belgica.

Perturbações dos Paizes-Baixos Austriacos.

A revoluçaõ que se havia effeituado em Hollanda, foi logo seguida da dos Paizes-Baixos Austriacos, que se sublevàraõ contra José II. Foraõ differentes Edictos deste Principe, publicados desde o 1.º de Janeiro de 1787, com

o fim de introduzir huma nova ordem de cousas no governo tanto civil como ecclesiastico das Provincias Belgicas, considerados como contrarios á constituiçaõ e aos empenhos contrahidos pelo Soberano, conforme a Carta, denominada *Alegre Entrada*, porque havia sido promulgada na entrada de Filippe o Benigno na cidade de Bruxellas. As perturbações causadas por estas innovações induzíraõ o Imperador a revogar os seus Edictos, e a restituir as cousas ao seu antigo estado. Continuando sempre a agitaçaõ, persistíraõ os Belgas na sua opposiçaõ á Corte de Vienna, e José II lançou entaõ maõ de medidas vigorosas, declarando que elle se julgava desobrigado da execuçaõ das disposições da *Alegre Entrada*.

Partidos de Vonk e de Van der Noot.

Dois partidos oppostos dividiaõ entaõ as Provincias Belgicas, os quaes alimentavaõ o fogo da discordia; hum delles tendo por chefe o advogado Vonk, sustentado pelos Duques de Ursel e de Aremberg, estava nos interesses da Austria, e limitava-se a pedir a refórma dos abusos, e hum melhor systema de representaçaõ nos Estados do paiz; o outro partido dirigido pelo advogado Van der Noot e hum Padre, o Penitenciario Van Eupen, sem mudar as fórmas antigas, queria attribuir aos Estados a independencia, e despojar a Casa de Austria da Soberania. Lisonjeava-se o partido de Vonk de que effeituaria, pelos seus proprios recursos, as refórmas que meditava; o de Van der Noot fundava as suas esperanças nos soccorros estrangeiros, principalmente da Prussia, que julgava interessada

em aproveitar-se desta occasiaõ para enfraquecer o poder da Austria.

Expediçaõ dos insurgentes.

Os dois partidos, que principiáraõ obrando de concerto, tinhaõ por general Van der Mersh, originario de Menin na Flandres, e antigo Coronel no serviço da Austria. Hum corpo de insurgentes commandado por elle, encaminhando-se a 24 de Outubro de 1789 a Turnhout no Brabante, repellio os Austriacos ás ordens do general Schroder. Esta primeira vantagem deo calor á insurreiçaõ, que do Brabante se estendeo pelas outras provincias Belgicas. Abandonando pouco e pouco as cidades e praças principaes, os Austriacos retiráraõ-se para a fortaleza de Luxembourg.

Declaraõ ter José II perdido a Soberania.

Ajuntaõ-se os Estados do Brabante a 18 de Dezembro em Bruxellas, e a 26 do mesmo mez proclamaõ a independencia dos Belgas. Declaraõ que o Imperador perdeo a Soberania, por haver violado os empenhos que tinha contrahido, na conformidade da *Alegre Entrada*. Este exemplo dos Estados do Brabante foi seguido pelos das outras provincias.

Congresso soberano dos Estados Belgicos.

A 11 de Janeiro de 1790, os deputados reunidos em Bruxellas de toda a Belgica, assignáraõ hum Acto de confederaçaõ debaixo do titulo de *Estados-Belgicos-Unidos*. Por este Acto concede-se a hum Congresso composto de deputados das differentes provincias, debaixo da denominaçaõ de *Congresso Soberano dos Estados Belgicos*, todos os direitos da Soberania, relativos á defeza commum; cada huma das provincias conserva a independencia, e o exercicio do poder legislativo; a sua uniaõ he declarada permanente e irrevoga-

vel; naõ se toca nem na Religiaõ, nem na constituiçaõ, e naõ se admittem tambem outros representantes, senaõ os que haviaõ sido nomeados anteriormente.

Divisaõ entre os insurgentes.

Naõ foraõ estas medidas da approvaçaõ do general Van der Mersh, nem dos que seguiaõ o partido de Vonk, que receavaõ tanto a oligarquia dos Estados como o despotismo Austriaco. O credito de Van der Noot, as instigações dos Clerigos e dos Frades, fizeraõ com que prevalecesse o partido dos Estados. Os que eraõ do partido da refórma, foraõ apartados da direcçaõ dos negocios. Van der Mersh foi preso, e substituido pelo general Prussiano Schonfeld. O saque, as delações, as prisões, saõ o resultado da victoria alcançada pela facçaõ aristocratica.

Pacificaçaõ das perturbações da Belgica.

A morte de José II acontecida no meio destas divisões, produzio huma mudança favoravel á causa da Austria. Leopoldo II, que succedeo a seu irmaõ, deo annuncio de disposições pacificas. O Congresso Belgico, da sua parte, naõ podendo contar com os soccorros estrangeiros, estava inclinado a entrar em concerto. A Prussia tinha recusado sustentar os Belgas, e a Inglaterra oppunha-se abertamente á sua independencia. Estas duas Potencias conjuntamente com as Provincias-Unidas, offerecêraõ a sua mediaçaõ para a pacificaçaõ das perturbações. Debaixo desta triplicada garantia, obrigou-se Leopoldo II de hum modo formal a governar de entaõ em diante os Paizes Baixos, conforme as constituições, cartas e privilegios, que estavaõ em viger no reinado de Maria Thereza, e a a-

nullar tudo quanto se tivesse feito contrario a elles no reinado de José II. Em consequencia, por huma Declaraçaõ do mez de Novembro de 1790, Leopoldo II, concedendo huma amnistia a todos os que em certo tempo determinado depuzessem as armas, ordenou aos Belgas que lhe prestassem juramento de fidelidade. Todas as provincias foraõ successivamente fazendo a sua submissaõ, e Bruxellas abrio as suas portas ás tropas Austriacas. Os chefes da revoluçaõ, Van Eupen, Van der Noot, e outros, retiráraõ-se para Hollanda. Em fim a Belgica entrou novamente sob o dominio da Casa de Austria.

Revoluçaõ de Liege.

Em quanto a Belgica se tinha sublevado contra a Casa de Austria, os Liegezes, seus visinhos, tinhaõ arvorado o estandarte da insurreiçaõ contra o seu Principe-Bispo. Elles tinhaõ o direito de reclamar a restituiçaõ dos seus antigos privilegios, de que insensivelmente os tinhaõ despojado. Sustentados pelo Rei de Prussia, sem recorrerem a outro meio legal, arrebatáraõ por violencia o que deviaõ alcançar pela justiça. Mudáraõ os seus magistrados, expulsáraõ o seu Bispo, e apoderáraõ-se do exercicio da Soberania. Em breve tempo hum Decreto da Camera Imperial de Wetzlaer, condemnando semelhante violaçaõ das leis do Imperio, ordenou aos Directores do Circulo, de que dependia o Paiz de Liege, que fizessem entrar os insurgentes no seu dever. O Rei de Prussia, Frederico Guilherme II, encarregado da execuçaõ do Decreto, mandou que entrassem na cidade de Liege algumas tropas, com o destino de proteger antes o par-

tido dos descontentes, do que de reduzi-lo. Estabeleceo-se entre o Monarca Prussiano e o Bispo huma correspondencia, e o resultado da negociaçaõ foi infructuoso. Os Liegezes, por fim, sendo obrigados a sujeitar-se ás decisões da Camera de Wetzlaer, tornáraõ a entrar sob a auctoridade do seu Bispo.

CAPITULO III.

Guerra entre a Porta, a Russia, e a Austria. — Declara-se o Rei de Suecia contra a Russia a favor da Porta. — Declara-se a Dinamarca a favor da Russia. — Faz a Suecia a sua paz com a Russia. — Vantagens dos Russos sobre os Turcos. — A Inglaterra e a Prussia ameaçaõ a Austria e a Russia. — Convençaõ de Reichenbach, e Paz de Szistova. — Prosegue a Russia vigorosamente a guerra. — Paz de Yassy entre a Russia e a Porta.

Guerra entre a Porta, a Russia e a Austria.

Os ciumes, que desde muito tempo existiaõ entre a Russia e a Porta, accendêraõ em 1787 entre estas duas Potencias huma nova guerra, em que a Austria tomou parte como alliada da Russia: a Corte Ottomana considerava como intoleraveis as condições, que o gabinete de S. Petersbourg lhe impuzéra nos ultimos Tratados. A Corte da Russia mostrava muita altivez nas suas communicações com a Porta. Esta ultima, queixando-se de mais disso do Consul Russo na Moldavia, pedia que o substituissem por outro; exigia ella tambem, que

Catherina II retirasse as suas tropas da Georgia, e queria que os vasos Russos, que passassem o Estreito, fossem sujeitos a serem visitados. Apenas se teriaõ communicado estas pertensões á Corte de S. Petersbourg, quando sem esperar pela resposta, a Turquia tomou o partido de proclamar a guerra, mandando encerrar no castello das Sete-Torres o ministro da Russia em Constantinopla.

Declara-se o Rei de Suecia contra a Russia, a favor da Porta.

Gustavo III, Rei de Suecia, cedendo ás insinuações das Cortes de Londres e de Berlin, declarou-se contra a Russia, no momento em que todas as forças desta ultima Potencia se dirigiaõ contra os Turcos. Em consequencia das ordens deste Principe, fôrmou-se hum exercito na Finlandia, ao mesmo tempo que mandou adiantar huma esquadra até Cronstadt, o que derramou o susto e espanto na mesma cidade de Petersbourg. A 30 de Maio de 1787 deo-se, junto da ilha de Hogland, entre as esquadras Russa e Sueca, hum combate em que naõ houve vantagem de parte a parte. Porém as medidas de Gustavo III foraõ transtornadas por hum acontecimento imprevisto: estava tudo disposto para o ataque de Friedrichsham, na Finlandia Russa; recusáraõ marchar alguns officiaes do seu exercito, dando por motivo, que segundo a Constituiçaõ do Reino, naõ podiaõ prestar-se a huma guerra offensiva, em que a naçaõ Sueca naõ tinha consentido. A conducta destes officiaes deo motivo á deserçaõ de huma grande parte das tropas, e foi causa de que se mallograsse a expediçaõ da Finlandia.

Declara-se

Vendo-se atacada pela Suecia, reclamou

a Russia da Dinamarca os soccorros que tinha de obrigaçaõ dar-lhe, em virtude da alliança que subsistia entre as duas Potencias. A Corte de Copenhague, em consequencia, armou huma esquadra, e mandou avançar, em 1788, contra a Suecia, hum corpo de tropas auxiliares, que depois de haver feito a conquista do Governo de Bahus, se adiantou na Westrogothia para pôr sitio a Gothembourg. Acudio Gustavo III em soccorro desta praça importante, que teria succumbido, se naõ fossem as Cortes de Londres e de Berlin, cuja intervençaõ obrigou a Dinamarca a concluir hum armisticio com a Suecia, e a abraçar em 1789 huma inteira neutralidade, com o proprio consentimento da Russia.

a Dinamarca a favor da Russia.

Depois de algumas acções navaes, em que naõ houve vantagem decisiva entre os Suecos e os Russos, experimentou a esquadra de Gustavo III, a 3 de Julho de 1790, no golfo de Wibourg, huma perda, que foi contrapesada a 9 e a 10 do mesmo mez, pela victoria que o Rei de Suecia alcançou em pessoa contra a esquadra Russa commandada pelo Principe de Nassau-Siegen: esta acçaõ, que custou muita gente e muitos vasos á Russia, apressou a paz entre as duas Potencias. Abandonado da Inglaterra e da Prussia, que o tinhaõ empenhado nesta guerra, receando de mais disso que os Russos, aproveitando-se do descontentamento da Nobreza Sueca, naõ penetrassem no interior dos seus Estados, concluio Gustavo III com Catherina II hum Tratado de paz, que se assignou a 14 de Agosto de 1790.

Conclue a Suecia a paz com a Russia.

Quanto á guerra entre a Turquia e a

Vantagẽs

dos Russos contra os Turcos.

Russia, as vantagens foraõ todas da parte da ultima. Hum corpo de Russos reunido com os Austriacos, apoderou-se de Choczim no mez de Setembro de 1788. No mez de Dezembro seguinte, tomou o Principe Potemkim de assalto a importante fortaleza de Oczakow, cuja guarniçaõ foi passada ao fio da espada com huma grande parte dos habitantes. A 21 de Julho de 1789 foraõ os Turcos derrotados por Suwarow, reunido a hum corpo de Austriacos commandados pelo Principe de Cobourg; e o mesmo Suwarow, ajudado do general Austriaco, alcançou, a 22 de Setembro seguinte, junto de Martinestia, nas margens do Rymnik, huma assignalada victoria, que lhe mereceo o nome de Rymnisky, e cuja consequencia immediata foi a tomada de Bender. A Provincia de Oczakow, toda a Moldavia e a Bessarabia, com as praças de Tulcia, de Isaccia, de Kilia, de Ismail, assim como a fortaleza de Sudjoukkalé no Kuban Turco, cahíraõ successivamente em poder dos Russos. A tomada de Ismail por Suwarow, foi das mais mortiferas, pois custou a vida a mais de trinta e tres mil Turcos, sem contar dez mil prisioneiros.

A Inglaterra e a Prussia ameaçaõ a Austria e a Russia.

O gabinete de Londres, que via com ciume e inquietaçaõ os successos da Russia, resolveo fazer huma diversaõ a favor da Turquia. Ordenou em consequencia hum armamento maritimo, e decidio ao mesmo tempo o seu alliado, o Rei de Prussia, a mandar adiantar as suas tropas para as fronteiras da Silesia e da Polonia: naõ se limitando a esta só medida, concluio Frederico Guilherme II,

a 31 de Janeiro de 1790, com a Porta, hum Tratado de alliança, pelo qual se obrigava a declarar, na primavera proxima, a guerra á Austria e á Russia.

Intimidado com esta conducta da Corte de Berlin, ajustou Leopoldo II, a 27 de Julho de 1790, com a Prussia, huma Convençaõ em Reichenbach, pela qual concluio hum armisticio, e consentio em fazer com a Porta huma paz particular, cujo Tratado foi assignado em Szistova, na Bulgaria, a 4 de Agosto de 1791, debaixo da mediaçaõ da Hollanda e da Prussia. Em virtude deste Tratado, restituio Leopoldo II aos Turcos Belgrado, e tudo quanto lhes tinha tomado durante a guerra; consentio em naõ conservar Choczim, senaõ até á conclusaõ da paz entre a Russia e a Turquia. Asseguráraõ-lhe sómente huma fronteira mais vantajosa na esquerda do Unna, assim como do lado da Valaquia, onde alcançou o Velho-Orsova, ficando o rio de Czerna servindo de limite entre os dois Imperios. Convençaõ de Reichenbach; e paz de Szistova.

Catherina II com tudo naõ se assustou com o abandono da Austria: resolvida a naõ ceder, tomou o partido de proseguir só a guerra com vigor; e os generaes continuáraõ a assignalar-se com feitos d'armas illustres. Por fim, vendo o gabinete de Londres que esta Princeza estava decidida a naõ receber a lei, abandonou o *statu quo stricto*, que elle tinha exigido de concerto com a Prussia, como base da paz que se havia de concluir entre a Russia e a Porta. De outro lado o ministerio Britannico esforçava-se por fazer mais intima Prosegue a Russia vigorosaméte a guerra.

a sua uniaõ com o gabinete de S. Petersbourg, no momento em que este ultimo parecia destacar-se da França, renunciando os empenhos que havia contrahido com ella pelo Tratado de commercio de 1787. Consentio a Inglaterra, de concerto com a Prussia, em naõ soccorrer mais os Turcos, no caso destes recusarem acceitar as condições de paz rasoaveis propostas pela Russia.

Paz de Yassy ẽtre a Russia e a Porta.

Abríraõ-se em consequencia as negociações, e os Preliminares da paz entre as duas Potencias belligerantes se assignáraõ a 11 de Agosto de 1791 em Galasch sobre o Danubio; e o Tratado definitivo concluio-se em Yassy na Moldavia, a 9 de Janeiro de 1792. Renováraõ-se nelle as estipulações dos Tratados anteriores depois do de Kainardgi; convieraõ em que o Dniester fosse considerado como limite perpétuo entre os dois Imperios; a fortaleza de Oczakow, com todo o paiz situado entre o Bog e o Dniester, foi cedida á Russia pela Turquia, que lhe confirmou ao mesmo tempo a cessaõ da Criméa, da ilha de Taman, e daquella parte do Kuban situada na margem direita do rio deste nome: obrigou-se a Porta além disso a fazer com que cessassem as piratarias dos corsarios Barbarescos, e até a indemnisar os Russos das perdas, cuja reparaçaõ naõ tivessem alcançado em certo tempo limitado. A Russia da sua parte, restituio todas as outras conquistas que tinha feito, estipulando algumas vantagens a favor dos habitantes da Moldavia e da Valaquia. Tinhaõ os Plenipotenciarios dos dois Imperios convindo em que, para indemnisar a

Russia dos gastos da guerra, a Porta lhe pagaria doze milhões de piastras; mas depois da assignatura do Tratado, declarou Catherina II que renunciava a semelhante indemnisaçaõ.

CAPITULO IV.

Dieta extraordinaria da Polonia. — Constituiçaõ Polaca de 1791. — Confederaçaõ de Targowice em 1792. — Renuncia o Rei de Polonia a Constituiçaõ de 1791. — Segunda desmembraçaõ da Polonia.

Dieta extraordinaria da Polonia.

Em quanto a Russia estava empenhada na guerra de que acabamos de tratar, os Polacos, zelosos de recobrar a sua antiga independencia, julgáraõ dever occupar-se, em 1788, do cuidado de mudar a sua Constituiçaõ viciosa, a fim de dar novo vigor ao seu governo. Deviaõ elles ter antevisto que as mudanças que meditavaõ, naõ seriaõ do agrado de Catherina II. Em vez de pôr a Polonia em estado de defeza, e de prover no melhoramento das finanças, a Dieta perdeo muito tempo a discutir o projecto de huma Constituiçaõ patriotica. Fiando-se no apoio da Prussia, que no anno de 1790 concluio com elles hum Tratado de alliança, os Polacos julgavaõ-se em perfeita segurança.

Constituiçaõ Polaca. 1791.

O Rei Estanisláo-Augusto estando determinado a fazer causa commum com o partido patriotico da Dieta, foi a nova Constituiçaõ decretada por acclamaçaõ a 3 de Maio

de 1791. Esta Constituiçaõ emendava alguns vicios da antiga: o Throno foi declarado hereditario na Casa Eleitoral de Saxonia; a lei da unanimidade, e o *liberum veto* foraõ abolidos; a Dieta foi declarada permanente, e o Corpo Legislativo dividido em duas Cameras; huma cujos deputados deviaõ exercitar as suas funcções dois annos, tinha a seu cargo a discussaõ das leis; e a outra, composta do Senado, e presidida pelo Rei, devia sanccionalas, e exercer o *veto.* O poder executivo era confiado ao Rei e a hum Conselho de vigilancia composto de membros responsaveis. Os habitantes das cidades tinhaõ a faculdade de eleger os seus deputados e os seus juizes: os nobres eraõ conservados em toda a extensaõ dos seus direitos e prerogativas: quanto aos camponezes, longe de serem admittidos a huma perfeita igualdade de direitos, ficavaõ sómente debaixo da protecçaõ da lei e do governo, sendo livre aos proprietarios das terras fazerem com os seus colonos toda e qualquer convençaõ para melhorar a sorte destes.

Confederaçaõ de Targowice. 1792.

Desagradou summamente esta innovaçaõ politica a Catherina II, que tanto que concluio a paz com a Porta, logo induzio os que eraõ do seu partido na Polonia, a formar em 1792 huma Confederaçaõ em Targowice, para tornar a pôr em vigor a antiga Constituiçaõ. Mandou esta Princeza marchar ao mesmo tempo hum exercito contra os auctores e fautores da nova ordem de cousas. Lembrando-se entaõ de tomar medidas vigorosas, decretou a Dieta, que o exercito de linha se puzesse em hum pé respeitavel, e que se con-

cluisse hum emprestimo analogo ás necessidades do Estado: quanto ao apoio da Prussia, com que os Polacos contavaõ, deo o gabinete de Berlin huma resposta evasiva, relativamente ao soccorro que lhes havia promettido pelo Tratado de alliança de 1790. De mais disso, o Rei de Prussia estava irritado contra a Dieta, por se haver esta recusado a ceder-lhe Thorn e Dantzick. Em tal circunstancia, foi muito facil á Imperatriz attrahir ao seu partido este Monarca, com a proposiçaõ que lhe fez de huma nova desmembraçaõ da Polonia.

Renuncia o Rei de Polonia a Constituiçaõ de 1791.

Sem soccorro da parte da Prussia, naõ pudéraõ os patriotas Polacos resistir á Russia, e a campanha de 1792 foi toda infeliz para elles. Á aproximaçaõ dos Russos, que se adiantáraõ sobre Varsovia, o Rei Estanisláo-Augusto tomou o partido de acceder á Confederaçaõ de Targowice, renunciando á nova Constituiçaõ, assim como aos Actos da Dieta revolucionaria de Varsovia: e até se sujeitou ás condições impostas pela Russia. Tendo as tropas Prussianas entrado tambem na Polonia, derramáraõ-se por ella, seguindo o exemplo dos Russos.

Segunda desmembraçaõ da Polonia.

Nos mezes de Março e de Abril de 1793, as Cortes de Berlin e de S. Petersbourg annunciáraõ por meio de proclamações, que encorporavaõ ás suas Monarquias os territorios e districtos da Polonia, de que as suas tropas acabavaõ de tomar posse.

Coube á Prussia em partilha, a melhor parte da Grande-Polonia, com as cidades de Thorn e Dantzick. Alcançou tambem a cidade de Czenstochau, na Pequena-Polonia.

Á Russia coube quasi metade da Lithuania, com os Palatinados de Podolia, de Polock, de Minsk, huma porçaõ do Palatinado de Wilna, e metade dos de Nowogrodek, de Brzesc e de Wolhynia.

Víraõ-se os Polacos obrigados a consentir nesta nova desmembraçaõ do seu paiz, por dois Tratados assignados em Grodno, o primeiro com a Russia na data de 13 de Julho de 1793, e o segundo na data de 26 de Setembro do mesmo anno. Nesta occasiaõ, as Potencias co-divisoras renunciáraõ de novo aos direitos e pertensões, que pudessem ainda ter a cargo da Polonia. Assignou-se de mais disso, a 16 de Outubro seguinte, entre a Russia e a Polonia, hum Tratado de alliança, em que mutuamente se garantiaõ, e promettiaõ soccorros em caso de ataque; nelle reservava a Imperatriz para si a direcçaõ das guerras, com a faculdade de mandar entrar as suas tropas na Polonia, e de ali estabelecer armazens quando o julgasse necessario; e a Polonia obrigava-se da sua parte, a naõ contractar alliança nenhuma com as Potencias estrangeiras, como tambem a naõ fazer innovaçaõ alguma na sua Constituiçaõ sem a approvaçaõ da Russia.

CAPITULO V.

Insurreiçaõ da Polonia em 1794. — Vantagens dos insurgentes. — Fraqueza dos seus meios. — Sitio de Varsovia. — Derrota dos insurgentes. — Tomada de Varsovia. — Terceira e ultima desmembraçaõ da Polonia.

A nova ordem de cousas, junta ás vexações que soffria o partido patriotico, exasperou de tal modo os Polacos, que logo no anno seguinte o resultado foi huma sublevaçaõ geral. Tinhaõ os descontentes por chefe a Kosciusko, general que se havia dado a conhecer na guerra da America, e que depois de haver assignalado o seu valor na desgraçada campanha de 1792 contra a Russia, tinha-se retirado para a Saxonia: tinhaõ hum grande partido no exercito, que em execuçaõ dos ajustes concluidos com o gabinete de S. Petersbourg, devia ser reduzido a menor numero. Tinha-se formado huma associaçaõ secreta em Varsovia: e Madalinski, que tinha recebido ordem de licenciar huma brigada de cavallaria que elle commandava, foi quem deo o signal da insurreiçaõ: sahindo repentinamente do seu quartel, atravessou o Vistula, dissipou os destacamentos Prussianos, que encontrou no caminho que levava, e marchou em direitura sobre Cracovia, cujos habitantes tomando as armas, expulsaõ os Russos que se achavaõ na cidade, e proclamaõ por seu general a Kos-

Insurreiçaõ da Polonia. 1794.

ciusko, a quem o acto de insurreiçaõ datado de 24 de Março de 1794, conferia huma especie de dictadura, que devia durar em quanto a patria se achasse em perigo.

Vantagens dos insurgentes.

Varsovia, onde se achavaõ dez mil Russos ás ordens do general Igielstrom, subleva-se do mesmo modo: tocaõ a rebate na cidade; apoderaõ-se os insurgentes do arsenal; distribuem-se armas ao povo. Teve lugar hum vivo canhoneio entre os Russos e os Polacos; combatêraõ dois dias consecutivos: ahi perdêraõ a vida alguns milhares de Russos, e mais de quatro mil ficáraõ prisioneiros: o general Igielstrom fugio da cidade, levando comsigo huns tres mil homens. Rebentou a mesma insurreiçaõ em Wilna, e lavrou por toda a Lithuania. Alguns regimentos Polacos, que tinhaõ entrado no serviço da Russia, declaráraõ-se a favor dos insurgentes, que principiáraõ por serem victoriosos em toda a parte.

Fraqueza dos seus meios.

A alegria devida a este feliz começo, naõ foi de larga duraçaõ: os seus meios naõ correspondiaõ á importancia da sua empreza. O enthusiasmo pela liberdade naõ era geral; estavaõ as opiniões divididas; o Rei parecendo dar a sua approvaçaõ aos esforços dos patriotas, naõ deixava de favorecer secretamente os interesses dos que seguiaõ o partido da Russia; de outro lado, os nobres pareciaõ pouco dispostos a sustentar huma causa, cujo feliz successo prejudicaria os seus interesses. Finalmente, via-se Kosciusko na impossibilidade de oppôr forças iguaes ás dos Russos e Prussianos, que obravaõ de concerto para comprimir a insurreiçaõ.

Soffreo este general hum revez a 8 de Junho, em consequencia do qual, o Rei de Prussia se apoderou de Cracovia; e dali, com o soccorro de hum corpo Russo, emprehendeo este Principe em pessoa o sitio de Varsovia, o qual se vio obrigado a levantar passados dois mezes, para suspender os progressos de huma sublevaçaõ geral, que da Gran-de-Polonia tinha lavrado pela Prussia occidental.

Sitio de Varsovia.

A Austria, que até entaõ tinha permanecido neutral, mandou marchar hum exercito, encaminhando-se huma das suas columnas a Brzesc, e a outra a Dubnow; e os Russos, ás ordens de Suwarow, adiantáraõ-se pela Lithuania, onde derrotáraõ hum corpo de insurgentes commandado por Sierakowski.

Derrota dos insurgentes.

Finalmente, fazendo Kosciusko o ultimo esforço para impedir a juncçaõ do exercito de Suwarow com o do general Russo Fersen, envolveo este ultimo, a quem combateo perto de Macejowice em 10 de Outubro de 1794. Esta acçaõ, que foi das mais mortiferas, custou a vida á maior parte dos insurgentes, ficando o resto prisioneiro. O mesmo Kosciusko, perigosamente ferido, cahio em poder do vencedor.

Este desastre foi seguido de outro, que decidio da sorte dos insurgentes. Os generaes Dumbrowski e Madalinski, abandonando a Prussia e a Grande-Polonia, onde faziaõ a guerra, marcháraõ com as suas tropas em soccorro de Varsovia. Suwarow da sua parte, encaminhando-se igualmente para esta capital, ajudado de hum corpo de Prussianos, que se

Tomada de Varsovia.

lhe reunio, combinou com elle o bloqueio da cidade. Dérão os Russos, a 4 de Novembro, assalto ao arrabalde de Varsovia chamado Praga, onde havia huma guarnição de dez mil Polacos; que sem embargo de huma defeza valerosa, não pudérão resistir ao ardor impetuoso dos Russos, os quaes levando de viva força os entrincheiramentos de Praga, passárão á espada a maior parte dos insurgentes; em huma palavra, foi a praça saqueada e destruida. Os habitantes de Varsovia consternados, capitulárão, e a 9 de Novembro fez Suwarow a sua entrada nesta cidade. Este o exito que teve a insurreição.

O Rei de Polonia Estanisláo-Augusto, tendo-se retirado a Grodno, resignou a sua Coróa nas mãos da Imperatriz da Russia, por hum acto de abdicação de 25 de Novembro de 1795; e a desmembração final deste desgraçado paiz, teve lugar do modo seguinte, entre a Russia, a Prussia e a Austria.

Terceira e ultima desmēbração da Polonia.

A Russia ficou com tudo quanto ainda pertencia á Polonia da Líthuania até ao Niémen, aos limites dos Palatinados de Brzesc e de Nowogrodek, e dali ao Bug; tocou-lhe tambem a maior parte da Samogicia, com toda a Curlandia, a Semigallia, a parte do paiz de Chelm situada na margem direita do Bug, e o restante da Wolhynia; humas duas mil legoas quadradas entre tudo.

A Prussia alcançou a parte dos Palatinados de Masovia e da Podlaquia, situada na margem direita do Bug; da Lithuania a parte do Palatinado de Troki, e a da Samogicia, que está áquem do Niémen, com hum

pequeno districto da Pequena-Polonia, fazendo parte do Palatinado de Cracovia; tudo calculado em humas mil legoas quadradas.

A Austria alcançou, além de huma grande parte do Palatinado de Cracovia, os Palatinados de Sandomir e de Lublin, com a porçaõ do districto de Chelm e dos Palatinados de Brzesc, de Podlaquia, e de Masovia, na margem esquerda do Bug; em tudo humas oitocentas e trinta e quatro legoas quadradas.

Finalmente, as tres Potencias co-divisoras, tendo convencionado pagar as dividas do Rei e da Republica de Polonia, fizéraõ certa ao Principe demittido huma pensaõ annual de duzentos mil ducados.

Foi deste modo que a destruiçaõ da Polonia mudou inteiramente o systema politico do Norte, derribando a barreira estabelecida entre a Russia, a Prussia, e a Austria, que desde logo foraõ Potencias confinantes.

LIVRO III.

Desde as perturbações da França, em 1789, até ao estabelecimento do Directorio, em 1795.

CAPITULO I.

Revoluçaõ de França. — Estados geraes. — Assembléa Nacional. — Tumultos de París. — Acto Constitucional. — Luiz XVI he conduzido de Versalhes a París. — Constituiçaõ civil do Clèro. — Fugida de Luiz XVI. — Acceita o Acto Constitucional.

Revoluçaõ de França. Em quanto a Polonia, por assim dizer, desapparecia do mappa politico, huma revoluçaõ de natureza extraordinaria agitava a França, na qual toda a Europa tinha fixos os olhos. Os germens desta revoluçaõ se achavaõ já na Monarquia, quando Luiz XVI subio ao Throno. Lamentavaõ todos as depredações e a corrupçaõ dos costumes, que haviaõ assignalado os ultimos annos do reinado de Luiz XV. Declamavaõ contra o gravame dos impostos, venalidade dos empregos, imperfeiçaõ das leis criminaes, injustiça das ordens arbitrarias de prisaõ (*lettres-de-cachet*), estorvos postos ao pensamento pela censura, e contra outros abusos: clamavaõ contra as riquezas do Clero, contra os tributos que se pagavaõ ao Papa, contra a prodigalidade das pensões, e as des-

pezas enormes da Corte: o receio de huma bancarrota assustava os animos: os nobres, effeminados com o luxo, entregavaõ-se aos prazeres da sociedade, na certeza que, sem trabalho e sem instrucçaõ, occupariaõ os cargos mais eminentes, tanto civís como militares.

A ultima classe do povo, ignorante, embrutecida, exasperada pela miseria, estava disposta a favorecer todo movimento, e a commetter todos os excessos. A classe media, que tinha costumes, luzes e capacidade, estava irritada, porque se via desprezada pela classe superior, e fazia diligencias por sacudir hum jugo, que desde tanto tempo a humilhava.

Parecia que tudo conspirava para accelerar o momento crítico, que havia de mudar a face da França. De mais disso, interpretes illustrados davaõ a conhecer as maximas dos sábios da antiguidade; as legislações dos Esparciatas, dos Athenienses e dos Romanos, eraõ elucidadas por habeis politicos; escriptores profundos explicavaõ os principios da liberdade; homens ousados atacavaõ com audacia a auctoridade civil e religiosa; outros mettiaõ a ridiculo as preoccupações de toda especie; e por hum contraste muito notavel, o governo zeloso de sustentar a sua auctoridade absoluta, com a dominaçaõ da Igreja, e as prerogativas dos nobres, consentia que a mocidade recebesse huma educaçaõ liberal e republicana nos collegios, onde lhes apresentavaõ por modelos, Solon, Themistocles, Aristides, Epaminondas, Bruto, Cincinnato,

Scipiaõ, Cataõ. Em huma palavra, todos os elementos de hum transtorno se achavaõ na Monarquia.

Principiou Luiz XVI o seu reinado debaixo dos auspicios da beneficencia; mas em meio dos escolhos que rodeavaõ o Throno, seria preciso hum piloto dotado de firmeza e habilidade para dirigir o leme do Estado: tinha de lutar contra milhares de obstaculos, que a sua fraqueza e bondade naõ podiaõ franquear. Os Parlamentos eraõ oppostos á Corte, a toga á espada, o Clero inferior ao Clero dignitario, os cidadaõs aos nobres. Os homens de letras, os advogados, ousavaõ atacar a Corte e o ministerio.

Estados geraes. 1789.

Ainda que as molas do Estado naõ tivessem já vigor, sustentava-se todavia a Monarquia; mas para derriba-la naõ foi preciso mais que huma commoçaõ, a que deo lugar em 1789 a convocaçaõ dos Estados geraes em Versalhes. O terceiro estado, contra as antigas Instituições, nelles alcançou huma duplicada representaçaõ, e desde aquelle momento foi decidida a revoluçaõ. A Nobreza e o Clero queriaõ fazer illusoria aquella duplicada representaçaõ, fazendo decidir que se deliberaria por Ordem, e naõ por cabeça. Irritou este projecto os animos; declarou-se huma guerra terrivel entre as Ordens superiores e o terceiro estado. Tudo toma huma nova face. Ordena o Rei que se feche o lugar das sessões dos Estados geraes; resiste o terceiro estado ás suas ordens, e vai reunir-se em hum jogo da pella, onde dá juramento de nunca separar-se.

Assembléa Nacional.

Constituem-se os Estados em *Assembléa Na-*

cional. Em vaõ manda o Rei aproximar a força armada: pede Mirabeau ao Monarca que mande retirar as suas tropas, e que naõ viole a liberdade da assembléa. Atravessa o raio as nuvens amontoadas sobre a França: a palavra *liberdade* he o grito geral: tomaõ as armas; e o terror e desordem reinaõ por toda a parte.

Em 14 de Julho, acommette hum immenso povo em París a Bastilha; apoderaõ-se della, e assassinaõ o governador. Commette o povo os mais criminosos excessos: muitas pessoas, a quem as suas dignidades, representaçaõ, e antigos resentimentos expunhaõ ao furor público, saõ assassinadas: fórma-se finalmente huma guarda nacional, cujo commando he conferido ao general La Fayette, já conhecido por haver combatido a favor da independencia dos Americanos. No meio desta agitaçaõ dos animos, voltou o Rei para París, onde recebeo do *Maire* o laço nacional dos revolucionarios. A tranquillidade que se seguio a este passo de Luiz XVI, naõ foi mais que apparente. Lavrou a sublevaçaõ da capital por toda a França, onde a guerra do terceiro estado contra a Corte e as duas Ordens superiores, inflammava todas as paixões. Os soldados naõ obedeciaõ já aos seus chefes; abríraõ-se as prisões; em muitas provincias incendiáraõ os palacios; immoláraõ, em huma palavra, hum grande numero de victimas em nome da justiça e da liberdade. Para pôr-se a salvo dos perigos, alguns Principes, e outras pessoas de alta graduaçaõ da Corte, abandonáraõ a França.

Tumultos de París.

Entre tanto, algumas Cortes da Europa, para quem o poder e a preponderancia da Casa de Bourbon era desde largo tempo objecto de ciume, viaõ com alegria huma nova ordem de cousas, que naõ podia deixar de diminuir, e tambem destruir a sua influencia na balança politica.

Acto Côstitucional.

Naõ deixava por isso a Assembléa Nacional de occupar-se de huma Constituiçaõ: depois de haver proclamado *a declaraçaõ dos direitos*, *e a soberania do povo*, abolido as antigas denominações das provincias, e decidido que o Reino seria dividido em departamentos, decretou que a França seria huma Monarquia hereditaria; que o poder legislativo pertenceria a huma só Camara, composta de deputados nomeados pela naçaõ; que as leis seriaõ sanccionadas pelo Rei, tendo este o *veto* suspensivo; e que além disso o poder executivo seria attribuiçaõ sua; que seria inviolavel a sua pessoa, sendo responsaveis os ministros. Tendo esta Constituiçaõ sido proposta ao Rei para acceita-la, respondeo com huma Memoria em que se continhaõ as modificações que elle desejava. Considerada a sua resposta como huma recusaçaõ de adherir á Constituiçaõ, o resultado della foi a exaltaçaõ dos animos. Nesta critica situaçaõ, a Corte assustada, naõ sabia que partido tomasse, tantas eraõ as contrariedades que ella experimentava, e tanto era o receio que tinha de novas tormentas.

He conduzido Luiz XVI de Versalhes a París.

Finalmente, a 5 de Outubro, tocaõ os sinos a rebate em todo París: huma multidaõ furiosa de homens e mulheres, tendo por no-

me ou grito de reuniaõ; *paõ e Versalhes*, vai atacar a Luiz XVI no seu palacio. O Rei acompanhado da sua familia, he conduzido violentamente á capital no meio das orgias e do delirio de huma plebe desenfreada, precedida na sua marcha de cabeças de guardas-do-corpo, que tinhaõ perecido querendo-o salvar. Se houvermos de dar credito á opiniaõ geral, os auctores desta conspiraçaõ queriaõ a fugida do Rei, e a morte da Rainha.

Logo naquelle momento transferio-se a Assembléa nacional de Versalhes para París, onde decretou a *Constituiçaõ civil do Clero*, a qual naõ servio senaõ de estimular os odios, e augmentar as perturbações, que a politica estrangeira secretamnnte alimentava, lisonjeando-se com a esperança de consummar a ruina da França.

Constituiçaõ civil do Clero.

Os nobres assustados, emigráraõ de tropel: penas e desgostos sem conto atormentavaõ o infeliz Rei, que todos os dias era insultado: naõ póde o Monarca de hum povo livre ir respirar o ar de S. Cloud, a duas legoas da capital. Passado pouco tempo, pondo em prática hum plano de evasaõ mal combinado, foge com o destino de retirar-se para a fronteira. Preso no caminho, conduzem-no novamente para París, e conservaõ-no em duro cativeiro. Hum tropel numeroso de homens sediciosos, querendo exercer os direitos da Soberania, reune-se no campo de Marte, debaixo do pretexto de assignar huma petiçaõ, cujo objecto era fazer o processo ao Rei, e estabelecer o governo republicano. Foi preciso empregar a força contra esta gentalha,

Fugida de Luiz XVI a 21 de Junho. 1791.

fazendo fogo sobre ella. Foraõ os facciosos comprimidos por algum tempo, e a França gozou de hum momento de tranquillidade.

Acceita o ActoConstitucional.

Tendo Luiz XVI acceitado, a 14 de Setembro de 1791, o *Acto Constitucional*, que lhe apresentáraõ, recobrou hum poder e huma liberdade illusorios. Naõ tinha mais que o titulo de Rei, achando-se debaixo da dependencia da naçaõ. Mais penosa ainda foi a situaçaõ deste Principe no tempo da Assembléa legislativa, que no mez de Outubro succedeo á Assembléa nacional.

CAPITULO II.

Decretos da Assembléa Legislativa. — Declaraçaõ de guerra da França contra a Austria. — Assassinio do Rei de Suecia. — Guerra da Austria e da Prussia contra a França. — Dia 10 de Agosto. — Retirada dos Prussianos. — Carniceria de 2, 3 e 4 de Setembro.

Os Soberanos da Europa neste meio tempo tinhaõ toda a sua attençaõ constantemente fixa nos successos da França. O Papa tinha declarado scismaticos todos os que reconheciaõ os decretos da Assembléa nacional; e para o punir, tinhaõ-lhe os Francezes tomado o Condado Venesino, ao qual nunca os Reis de França tinhaõ renunciado os seus direitos.

Agitavaõ as paixões os differentes partidos: os demagogos, conhecidos pelo nome de Jacobinos, fomentavaõ a discordia; a Nu-

breza, a quem cegava o seu interesse, lisonjeava-se que as desordens que reinavaõ, desgostariaõ o povo do seu amor da liberdade; o Clero, que assustava as consciencias, julgava que o estado actual das cousas naõ tardaria a restituir-lhe as suas prerogativas e a sua fortuna; os emigrados, refugiados em Coblentz onde se armavaõ, contando com o apoio desinteressado dos Principes da Europa, viaõ-se já restituidos á sua patria sem a menor resistencia. Quanto á Corte de Luiz XVI, vacillante, assustada, fluctuava alternativamente entre o receio e a esperança.

Decretos da Assẽblea legislativa.

Este estado de cegueira dos animos produzio huma serie de erros, de loucuras e de contradicçõcs. A Assemblea legislativa apartando-se das regras da moderaçaõ e da equidade, recorreo ao systema horroroso das puniçóes em massa: lançou hum decreto contra os Sacerdotes, que naõ tivessem adoptado a Constituiçaõ civil do Clero, aos quaes déraõ o nome de *refractarios*, ainda que a lei lhes tivesse deixado a liberdade de dar, ou naõ dar o juramento. E naõ parando aqui, em despreso da Constituiçaõ, publicou hum decreto contra todos os emigrados, sem distincçaõ de idade, nem de sexo, e até sem lhe importar quaes fossem os motivos da sua ausencia. Fazendo uso da prerogativa constitucional, recusou o Rei sanccionar estes decretos; recusaçaõ esta, que foi considerada pelos demagogos como effeito de huma intençaõ contra-revolucionaria.

Querendo Luiz XVI provar que a sua conducta era dirigida por intençóes puras e

pacificas, escreveo aos Principes Francezes emigrados, convidando-os a largar as armas, e a voltar para o seu lado: este passo, que naõ pareceo sincero aos democratas, nem voluntario aos Principes, naõ produzio resultado algum.

Tudo de dia em dia annunciava que naõ tardaria a alterar-se a paz da Europa. Tinha o Imperador Leopoldo II declarado, que se os Francezes entrassem no Eleitorado de Tréveris para ahi desarmarem os emigrados, consideraria este acto como hostil; e o Rei de Prussia fez outra declaraçaõ semelhante.

Tinha o Corpo legislativo publicado hum Decreto, que despojava de todos os seus direitos os Principes Francezes ausentes da sua patria, e acabava de publicar outro, em que mandava recolher á França todos os emigrados, sobpena, no caso de desobediencia, de serem sequestrados todos os seus bens. Ao mesmo tempo as facções derramavaõ de tal modo o terror, que os proprietarios viaõ se reduzidos á dura necessidade de abandonarem os seus lares. Fóra de França, as Potencias estrangeiras, por meio de huma politica cruel, e de promessas seductoras, excitavaõ os Realistas a vir reunir-se debaixo das suas bandeiras, para reconquistar os direitos da Realeza, e as prerogativas da Nobreza; e aquelles que a isso se recusavaõ, eraõ accusados de faltos de honra.

Cada dia era mais crítica a posiçaõ de Luiz XVI. Os seus ministros, á frente dos quaes estava Dumourier, aconselhavaõ-lhe a

guerra: se elle adoptasse este partido, punha-se no caso, ao minimo revez, de ser accusado de haver chamado os inimigos ao seio da França; por outro lado, se recusasse ceder aos conselhos dos seus ministros, devia esperar que o accusassem de estar de intelligencia com os estrangeiros.

Declaraçao de guerra da França cõtra a Austria.

Em tal perplexidade, foi o Rei, no meio das acclamações da Assembléa legislativa, declarar a guerra ao Rei de Hungria e de Bohemia, Francisco II, que acabava de succeder a Leopoldo II. Este passo de Luiz XVI produzio na Europa hum sobresalto extraordinario, e causou muita alegria aos emigrados, que sabiaõ que Frederico Guilherme, Rei de Prussia, armaria contra a França se atacasse algum Principe do Imperio.

Assassinio do Rei de Suecia.

Gustavo III, Rei de Suecia, que devia pôr-se á frente das Potencias colligadas contra a França, acabava de morrer ás maõs de hum assassino. Tinhaõ alguns Nobres jurado a sua morte, huns com o designio de restabelecer a auctoridade do Senado, a quem este Principe despojára em 1772 dos seus privilegios, outros por motivo de resentimentos pessoaes. No meio de hum baile de mascaras, he que foi ferido mortalmente de hum tiro de pistola.

Viveo Gustavo III ainda alguns dias, mostrando no meio das mais acerbas dores, huma firmeza inalteravel, e conservando até o ultimo momento o uso das suas faculdades intellectuaes. O assassinio do Rei, no momento em que se hia pôr em marcha contra os Francezes, deo motivo a que se suspeitasse que

fosse effeito das suas maquinações; mas em breve se convencêraõ do contrario. Naõ tardou a ser descoberto o assassino, e expiou o seu crime no cadafalso. O resultado da morte de Gustavo III foi, que a Suecia naõ tomou parte na guerra que teve lugar entre a França, a Austria e a Prussia.

Guerra da Austria e da Prussia contra a França.

Tendo o Duque de Brunswick, generalissimo dos exercitos combinados destas duas Potencias, publicado hum Manifesto ameaçador contra os Francezes, esta declaraçaõ foi para elles o signal de hum armamento universal, e da uniaõ de todos os partidos contra o inimigo que ameaçava o seu territorio. Assim que em París se soube deste Manifesto, os Jacobinos enfurecidos exasperáraõ todos os animos. Os clubs, as praças públicas resoáraõ com vociferações incendiarias, e com violentas arguições a Luiz XVI e á sua Familia. Os Nobres, o Clero, os ricos de todas as classes foraõ designados á gentalha como seus inimigos, e como partidistas das Potencias colligadas. A effervescencia da multidaõ chegou ao seu maior auge.

Dia 10 de Agosto.

Foi taõ terrivel a explosaõ, que o Rei foi atacado no seu palacio das Tuilerias por milhares de individuos: foi esta scena das mais horrorosas: naõ se ouvio mais que o estrondo da artilheria dos aggressores. Foi em vaõ que os Suissos, que guardavaõ o palacio, fizeraõ huma vigorosa resistencia: vio-se Luiz XVI obrigado a buscar hum asilo no seio da Assembléa legislativa. Foraõ as Tuilerias forçadas, os Realistas mortos ou dispersos, os Suissos trucidados. Nesta crise sanguinolenta, o

Rei foi suspenso do exercicio das suas funcções, e encerrado no Templo com a sua Familia. Estabeleceo-se hum governo provisorio, e convocou-se huma Convençaõ nacional para pronunciar sobre a sorte do Monarca. Tal foi o triunfo dos chefes da *Commune* de París, que tinhaõ a ousadia de resistir á auctoridade legislativa.

Retirada dos Prussianos.

Tendo-se o Duque de Brunswick apoderado de Longwi, naõ tardou a cidade de Verdun a abrir-lhe as suas portas; e dali, adiantando-se pela Champanha, naõ pôde passar de Valmy, onde se empenhou hum combate, cujo resultado foi a retirada dos Prussianos. Esta retirada effeituada pelo Duque de Brunswick, sem ter dado huma batalha ao exercito Francez commandado por Dumourier, pareceo entaõ hum problema difficil de explicar por meio de raciocinios politicos.

Carnicerias de 2, 3 e 4 de Setembro.

Desde o fatal dia 10 de Agosto tinhaõ amontoado nas prisões, os Sacerdotes, os Nobres, e os ricos indistinctamente, com especialidade aquelles que haviaõ dado mostras de affeiçaõ ao Rei e á Constituiçaõ: accusavaõ-nos de terem formado o projecto de fazer perecer as familias dos patriotas, quando o povo se puzéra em marcha para repellir o inimigo. Com a nova da entrada dos Prussianos em Verdun, os homens que haviaõ usurpado o poder, auctorisáraõ excessos taes, que fazem estremecer a humanidade: por ordem delles, correm ás prisões bandos de monstros, que assassinaõ, durante tres dias consecutivos, as desgraçadas victimas, que os chefes da demagogia ahi haviaõ mandado encerrar. Ne-

nhuma auctoridade constituida se oppôz a esta carniceria; e a mesma *Commune* de París, que dominava a Assembléa legislativa, teve a audacia de dirigir Circulares a todas as municipalidades da França, para convidalas a seguir o seu exemplo.

CAPITULO III.

Confiscaçaõ dos bens dos emigrados, e pena de morte contra os que voltassem. — Convençaõ nacional. — Victorias dos Francezes. — Processo de Luiz XVI, que he sentenciado á morte. — Sua execuçaõ. — Liga contra a França.

Confiscaçaõ dos bẽs dos emigrados, e pena de morte contra os que voltassem.

Em quanto hum grande numero de Francezes fugia da sua patria, onde naõ viaõ reinar senaõ as mais horrorosas desordens, decretou o Corpo legislativo a confiscaçaõ dos bens já sequestrados dos emigrados, assim como a pena de morte contra aquelles que voltassem para França; medida esta, que comprehendeo todas as classes indistinctamente, sem nem se quer exceptuar as proprias crianças.

Convẽçaõ nacional. 1792.

A primeira operaçaõ da Convençaõ nacional, que substituio a Assembléa nacional, foi a aboliçaõ da Realeza, e a proclamaçaõ da Republica Franceza. Taes foraõ os funestos resultados da invasaõ dos Prussianos: era o seu designio restabelecer a Monarquia, e o resultado da sua tentativa foi huma republica.

Victorias dos Francezes.

Naõ he este o unico acontecimento extraordinario que nesta epoca offerece a revolu-

çaõ: no meio das divisões, que agitavaõ o interior, a França triunfava exteriormente. Apodera-se o general Montesquiou da Saboya, que he encorporada na republica; da sua parte o general Custines, adiantando-se na Allemanha, encaminha-se a Spira, que lhe abre as portas, e apodera-se depois de Moguncia e de Francfort; fazia Dumourier no mesmo tempo a conquista dos Paizes Baixos Austriacos. Tanto mais assustavaõ estas victorias as Potencias do continente, quanto hum decreto da Convençaõ declarava, em nome do povo Francez, que promettia o seu auxilio ás nações que se insurgissem para conquistar a sua liberdade. Semelhante decreto era huma declaraçaõ de guerra a todos os Estados Monarquicos. A retirada dos Prussianos, e os felices successos das armas Francezas, faziaõ mais audaces os conspiradores de 10 de Agosto; mas dando-lhes cuidado a existencia de Luiz XVI, resolvêraõ a sua morte, e a perda de todos quantos o quizessem salvar. Teriaõ podido dar-lhe secretamente a morte, mas preferíraõ huma condemnaçaõ publica.

Processo de Luiz XVI, que he condénado á morte.

Compareceo por tanto o infeliz Monarca ante a Convençaõ nacional. Foraõ as suas respostas claras e precisas. Os crimes que lhe imputavaõ naõ tinhaõ fundamento algum, e até o accusavaõ de delictos anteriores a acceitaçaõ da Constituiçaõ; e quando fossem fundados, estavaõ apagados pela amnistia geral publicada naquella epoca. Os principaes artigos da accusaçaõ que lhe faziaõ, eraõ, naõ ter acceitado de boa fé a Constituiçaõ; ter tido correspondencia com os emigrados, e ter

conservado intelligencias com os Governos inimigos da França: nenhum destes artigos era apoiado de provas algumas; e no caso que estivessem provados, a sua pessoa, segundó a letra da Constituiçaõ, era inviolavel, e seus ministros os unicos que eraõ responsaveis. De mais disso, tinha a Convençaõ nacional decretado que Luiz XVI tinha cessado de reinar; a unica pena que podiaõ infligir-lhe, era a expulsaõ do Throno, e esta já a tinhaõ prònunciado, nem elle se achava no caso de ser perseguido por crimes ulteriores, que naõ podia ter commettido, visto achar-se encerrado em huma estreita prisaõ. Teve este Principe por defensores a Desèze, e Tronchet, advogados de distincto merecimento, que lhe inculcára o respeitavel Malesherbes, que tambem tomou a sua defeza.

„ O arrazoado, composto por estes tres „ sábios defensores, diz hum historiador, e „ redigido por Desèze, era nobre, convincen- „ te, e severo; oppunha a verdade ás calum- „ nias, os factos ás supposições, e a razaõ „ ás injúrias. Naõ deixava duvida alguma sem „ esclarecimento, reprehensaõ alguma sem „ refutaçaõ. Este discurso luminoso, dissipa- „ va pela sua clareza, todas as sombras com „ que o espirito de partido queria cegar os „ olhos de huma multidaõ fanatica.

„ Se naõ se tratasse senaõ de conven- „ cer o espirito, teria este discurso alcança- „ do perfeitamente o seu objecto; mas era pre- „ ciso combater paixões; e talvez que as ar- „ mas de huma eloquencia pathetica devessem „ juntar-se aos argumentos convincentes da „ logica.

„ Jámais se havia dado ao talento de hum „ orador assumpto mais nobre, e mais pro„ prio para commover os animos. Hum Mo„ narca poderoso, precipitado do alto do seu „ Throno em huma prisaõ; hum Rei desar„ mado, perseguido por inimigos implacaveis; „ o Legislador hũmano, que tinha abolido a „ tortura; o Protector da America; o Liber„ tador dos servos do Jura; o restaurador vo„ luntario da liberdade Franceza, lançado em „ ferros pelo povo, a quem queria dar a li„ berdade; o homem pacifico e sensivel, per„ seguido por desapiedados proscriptores, cujo „ sangue elle havia poupado, e que queriaõ „ derramar o delle; o combate da bondade „ contra o odio, da virtude contra o crime, „ do valor contra o destino; o quadro de to„ das as desgraças, que a sua morte trazia „ comsigo; as vinganças que deste attentado „ se haviaõ seguir; o medonho quadro dos „ remorsos, que seriaõ o eterno supplicio dos „ seus juizes; estes meios todos proprios pa„ ra reanimar o valor, despertar a sensibili„ dade, aterrar o odio, foraõ interditos por „ Luiz XVI aos seus defensores; e quando „ Desèze lhe apresentou a peroraçaõ patheti„ ca, que devia terminar o seu discurso, quiz „ este Principe que a supprimisse, e disse-lhe: „ *Eu naõ quero enternecer.* (*) „

Debalde os membros da Convençaõ, que se oppunhaõ á condemnaçaõ de Luiz XVI, ponderáraõ os argumentos e as razões de hu-

---

(*) Quadro Historico e Politico da Europa, por P. L. Ségur.

ma sã politica, de huma jurisprudencia illustrada, e de huma humanidade generosa; os que queriaõ a sua morte alcançáraõ-na. Sem embargo do Codigo criminal exigir a maioria dos dois terços para a condemnaçaõ de qualquer individuo, foi o Monarca condemnado pela maioria de cinco votos. Por mais que Malesherbes e seus collegas protestassem contra este juizo illegal, tinha o partido dominante resolvido violar todas as leis; e o audacioso Danton declarou, que *quando a Convençaõ decidia do destino de hum Imperio pela simples pluralidade dos votos, seria cousa absurda demorar-se com vãs formalidades, quando se tratava de julgar hum tyranno.* (*) Os que queriaõ salvar Luiz XVI, tinhaõ inutilmente votado pela appellaçaõ ao povo; fizéraõ sem successo hum novo esforço, pedindo huma dilaçaõ da execuçaõ da sentença até á paz; foi a sua moçaõ rejeitada. Foraõ dar parte ao Rei da fatal sentença, o qual se sujeitou a ella com serenidade e resignaçaõ.

Execuçaõ de Luiz XVI.

Subio elle ao cadafalso com firmeza, em 21 de Janeiro de 1793. Quiz falar ao povo; mas assim que pronunciou algumas palavras, os rufos dos tambores naõ deixáraõ ouvir a sua voz. Collocou-se entaõ debaixo do instrumento da morte, e cahio a sua cabeça. Mostrou este Principe nos seus ultimos momentos hum heroismo, de que poucos exemplos tinha dado na sua vida. Morreo perdoando aos seus inimigos, e rogando ao Ceo, que apartasse as calamidades de que via ameaça-

(*) A mesma Obra.

da a França com a sua morte; e na realidade teve os resultados mais terriveis e mais desastrosos.

O fim tragico de Luiz XVI, e os successos das armas Francezas, produzíraõ huma Liga geral das Cortes da Europa, dispostas a tomar vingança da morte deste Monarca. Unio-se o Rei de Prussia novamente com o Imperador de Allemanha, e ordenou novas levas nos seus Estados; ajuntou o Landgrave de Hesse as suas forças ás do Rei de Prussia; puzéraõ-se em movimento as tropas Hannoverianas; entrou o Rei de Hespanha na Liga geral; e se lhe ajuntou igualmente a Graõ-Bretanha, assim como o Stathouder das Provincias-Unidas, e Portugal. A Russia e os Principes de Italia seguíraõ o impulso geral; finalmente, á excepçaõ da Dinamarca, da Suecia e da Porta Ottomana, a Europa toda se ligou contra a França, que sem finanças, dilacerada pelas facções, opprimida no interior por tyrannos revolucionarios, parecia naõ achar-se em estado de resistir a esta Liga formidavel.

CAPITULO IV.

Campanha de 1793. — Governo Revolucionario. — Operações militares. — Execução de Maria-Antoinette, Rainha de França. — Sitio de Lyon. — Scenas de horror em Toulon. — Guerra da Vendée. — Fim da campanha.

Campanha de 1793. Abrio-se a campanha de 1793 experimentando a França huma serie de revezes. O general Dumourier, que se havia apoderado dos Paizes-Baixos Austriacos, tendo sido derrotado pelo Principe de Cobourg, vio-se obrigado a abandonar as suas conquistas, e a retirar-se para França. Instruida a Convençaõ de que elle tinha intelligencias com os Austriacos, nomeou quatro Commissarios escolhidos no seu seio, para irem, com Beurnonville, ministro da guerra, segurar-se da sua pessoa. Tendo-os mandado prender Dumourier, entregou-os ao Principe de Cobourg, como refens das pessoas da Familia Real, que se achavaõ presas no Templo. Depois desta acçaõ atrevida, pondo-se em fuga este general, foi ter aos postos avançados do inimigo para subtrahir-se á morte de que o ameaçava a Convençaõ. Poz este successo termo á carreira militar de Dumourier, que nunca tornou a entrar em França.

Governo revolucionario. Estava entaõ a Convençaõ dividida em duas facções, cujas disputas naõ tendiaõ senaõ a produzir as mais horriveis convulsões.

Commetteo o governo todo genero de atrocidades imaginaveis: chegou o terror ao seu maior auge: os Nobres, os ricos, os homens de merecimento eraõ mortos indistinctamente; as pessoas virtuosas e moderadas eraõ condemnadas a perecer em hum cadafalso. Foi abolida a Religiaõ; e os seus emblemas, e ornamentos foraõ profanados. Os Ecclesiasticos, que eraõ membros da Convençaõ, abjuráraõ a sua crença, declaráraõ, que até entaõ haviaõ enganado o povo, e que naõ reconheciaõ outra alguma Divindade senaõ a liberdade; foraõ em toda parte saqueadas as Igrejas; os relicarios de prata da SS. Virgem e dos Santos, os Crucifixos, etc., fôraõ offerecidos por alguns Ecclesiasticos, como donativos voluntarios á republica. Para apagar todo vestigio do Christianismo, mudou-se o Calendario, e aos mezes déraõ-se novos nomes. Foi o Clero proscripto. A França inteira naõ offerecia outro espectaculo senaõ prisões e verdugos. O governo revolucionario, o mais tyrannico que jámais se tivesse visto, dispunha impunemente dos bens, do trabalho e da vida de todos os Francezes: apoderou-se de todos os bens e rendas Ecclesiasticas, confiscou as propriedades dos Nobres e dos negociantes ricos, que eraõ designados á naçaõ como traidores e monopolistas. Ordenou huma leva em massa, e mais de hum milhaõ de homens se armáraõ para combater os inimigos interiores e exteriores.

Foraõ tres os theatros da guerra, os Paizes-Baixos, as margens do Rheno, e o meio-dia da França: e sobre estes tres pontos Operações militares.

he que se adiantáraõ os exercitos estrangeiros, que principiáraõ por alcançar algumas vantagens, que naõ foraõ de larga duraçaõ. Depois de hum bloqueio de tres mezes, rendeo-se Condé aos Austriacos; e a praça de Valenciennes cahio igualmente em poder do inimigo, tendo-se entregado por capitulaçaõ aos Inglezes, commandados pelo Duque de Yorck, que sem perda de tempo marchou sobre Dunkerque; mas os Francezes, que debaixo do commando do general Houchard, acudíraõ ẽm soccorro desta praça, derrotáraõ os Inglezes, a quem obrigáraõ a retirar-se, e a abandonar hum numeroso trem de artilheria, com muitas munições, vendo-se o Duque de Yorck nesta derrota em riscos de ficar prisioneiro.

Sem embargo desta victoria, foi o general Houchard posto em juizo pela Convençaõ, e condemnado á morte por se naõ ter, no entender dos seus accusadores, aproveitado das suas vantagens, obrigando o inimigo a depôr as armas.

Da parte do Rheno, o principio da campanha foi, como nas fronteiras do Norte da França, favoravel aos alliados, que acabáraõ soffrendo perdas consideraveis. Os Prussianos expulsáraõ os Francezes da cidade de Francfort, e retomáraõ-lhes Moguncia: reunidos aos Austriacos, com os quaes se tinhaõ ajuntado os emigrados commandados pelo Principe de Condé, forçáraõ as linhas de Weissembourg, bloqueáraõ Landau, e ameaçáraõ Estrabourg. Esta serie de desgraças, que os republicanos experimentáraõ, foi funesta ao

general Custines, que se havia distinguido na campanha precedente. Naõ tendo podido soccorrer Moguncia, concebeo suspeitas delle a Convençaõ, que lhe fez experimentar a mesma sorte do general Houchard.

Igual sorte esperava a infeliz Viuva de Luiz XVI, Maria-Antoinette de Austria, que havia treze mezes se achava presa no Templo. Condemnada, por assim dizer, á morte antes de comparecer ante os seus juizes, mostrou na sua presença a maior serenidade, e a firmeza conveniente á innocencia. Todo o seu crime era pertencer á Casa de Austria, inimiga da republica. Naõ entrando em tristes individuações relativamente ao seu processo, será bastante citar hum unico rasgo, muito digno de memorar-se: repetio huma testemunha certas declarações, que asseverava terem-lhe sido feitas pelo proprio filho daquella Princeza, as quaes davaõ a entender que se teria entregado com aquelle menino, a excessos cuja unica idéa he capaz de horrorizar a natureza. Como ella se dedignasse de responder a semelhante accusaçaõ, disse-lhe hum dos juizes que se explicasse: *Appello para todas as mãis*, respondeo ella, *nenhuma dellas acreditará a possibilidade de semelhante crime.* Tal foi a nobre resposta de Maria-Antoinette, que caminhou para o supplicio com o mesmo valor, que mostrára durante o seu cativeiro e a instrucçaõ do seu processo. Foi a 16 de Outubro de 1793, que conduzíraõ a Filha de Maria Thereza em huma carreta, para soffrer o mesmo supplicio que Luiz XVI.

Execuçaõ de Maria-Antoinette, Rainha de França.

Pouco tempo depois, vinte membros da

Convençaõ, postos em juizo por ordem sua, foraõ, em consequencia de accusações vagas, declarados culpados, e condemnados á morte. Filippe, Duque de Orleans, assim como Bailly, primeiro Maire de París, naõ pudéraõ evitar a mesma sorte.

Sitio de Toulon.

Ao mesmo tempo que o sangue corria de todos os lados, achava se o meio-dia da França em insurreiçaõ. A cidade de Lyon, que se havia opposto ás vexações dos homens atrozes da Convençaõ, vio-se reduzida a defender-se contra o ataque de hum exercito revolucionario, que tinha ordem de a sujeitar, ou antes de a aniquilar. Os pais, as mãis e os filhos alli combatêraõ animosamente; mas vencidos finalmente, ou antes reduzidos á ultima extremidade, os Lyonnezes abríraõ as suas portas aos tres Commissarios da Convençaõ, em cujo numero entrava hum vil histriaõ, Collot-d'Herbois, que se vingou nos infelices habitantes, das pateadas e desprezo, com que tinhaõ acolhido, quatro annos antes, a sua falta de talento, e a corrupçaõ de seus costumes. Milhares de pessoas perecêraõ por sua ordem, para o que naõ sendo bastantes os verdugos, supprio esta falta com peças de artilheria carregadas de metralha. A destruiçaõ das mais formosas casas, a demoliçaõ dos edificios publicos, a pilhagem, a violaçaõ, e todos os generos de crueldades completáraõ esta scena de atrocidades.

Scenas de horror em Toulon.

Depois da tomada de Lyon, a cidade de Marselha assustada com a fatal sorte dessa florecente cidade, abrio as suas portas e sujeitou-se: porém os habitantes de Toulon,

tendo entabolado negociações com o almirante Inglez Hood, que commandava a esquadra do Mediterraneo, entregáraõ-lhe a sua cidade com os vasos que se achavaõ no porto. Tomou Hood posse della em nome de Luiz XVII, mas naõ a conservou muito tempo em seu poder, porque aproximando-se o exercito revolucionario, depois de varios combates sanguinolentos, os Inglezes vencidos fizeraõ disposições para a evacuaçaõ desta praça, que com effeito evacuáraõ, naõ sem deixar vestigios da sua desesperaçaõ; leváraõ comsigo algumas náos, queimando ou mettendo a pique outras, e lançando fogo á cordoaria. Tendo os republicanos entrado nesta praça, nella renováraõ as scenas de horror, que se seguíraõ ao sitio de Lyon.

Guerra da Vendée.

Tinha-se outro ponto da França convertido em theatro de huma guerra desastrosa: tinha rebentado huma insurreiçaõ na Vendée, hum dos departamentos formados da antiga Provincia do Poitou. A aboliçaõ da Religiaõ e da Realeza tinha sublevado os seus habitantes, que arvoráraõ a bandeira branca, e tomáraõ o nome de exercito Catholico e Real. Durante algum tempo, foraõ constantemente vencedores, e pelos seus successos attrahíraõ ao seu partido descontentes de todo genero, Sacerdotes, Nobres, contrabandistas, malfeitores, em huma palavra, muita gente que havia sido perseguida por effeito da revoluçaõ. Cheios de ardor e de coragem, derrotavaõ as novas recrutas de que se compunhaõ os exercitos republicanos. Vendo a Convençaõ que as tropas quasi sempre eraõ vencidas nes-

ta guerra mortifera, mandou para a Vendée differentes corpos de soldados antigos; e como estas forças naõ foraõ sufficientes, recebêraõ os departamentos visinhos ordem de levantar-se em massa para exterminar os insurgentes. Resistíraõ estes algum tempo com firmeza contra os ataques destes exercitos numerosos; mas faltáraõ-lhes em breve tempo os meios necessarios para sustentar a guerra, e a combinaçaõ nas suas operações: naõ tendo elles artilheria grossa, foi-lhes impossivel apoderar-se de algum porto de mar, por onde pudessem ter communicaçaõ com os Inglezes: em consequencia, depois de haverem experimentado perdas consideraveis, víraõ-se obrigados a recorrer ao projecto que tinhaõ formado, de assenhorear-se da Rochella, de Sables, e de Nantes. Suscitáraõ-se dissensões entre elles, as quaes foraõ funestas á sua causa: reinava igualmente a desuniaõ entre os chefes, que ambicionavaõ todos, os postos superiores, e naõ faziaõ caso da subordinaçaõ. Se os Inglezes tivessem entaõ desembarcado na costa as forças auxiliares, e collocado hum Principe Francez á frente dos Vendeenses, teria talvez esta guerra cruel terminado com a destruiçaõ da republica: mas a Inglaterra interessada em naõ obrar, arruinava a causa dos Realistas, ao mesmo tempo que consolidava o poder dos seus adversarios, que ella julgava naõ ser ainda tempo de derribar. Os Realistas naõ podendo contar com o soccorro estrangeiro, dividíraõ-se em differentes exercitos, que naõ obravaõ de concerto. Foi d'Elbée o generalissimo; mas Charette com hum exercito de mais

de cincoenta mil homens, separou-se do corpo principal, e obrava com frouxidaõ. Fez com tudo o exercito Catholico e Real prodigios de valor até ao momento, em que se vio esmagado pelo grande numero de tropas republicanas. Tendo ficado mal em muitas acções mortiferas, foi inteiramente dispersado, depois de ter perdido d'Elbée e outros generaes com mais de cem mil combatentes. Refugiáraõ-se cincoenta mil individuos na Bretanha; os mais recolhêraõ-se aos bosques e pantanos, para escaparem á vingança furiosa dos republicanos, que levavaõ a devastaçaõ a toda a parte. Naõ he possivel fazer idéa das crueldades que commettêraõ: mettêraõ tudo a fogo e sangue, para operarem a destruiçaõ, a que aquelles desgraçados paizes foraõ irrevogavelmente condemnados.

Os negocios das Potencias colligadas tomavaõ huma face, que lhes era muito desfavoravel. Na Flandres, todos os seus postos desde Nieuport até Maubeuge, foraõ atacados. Apoderou-se o Principe de Cobourg de Quesnoy; mas havendo sido derrotado perto de Maubeuge, vio mallogrados os seus projectos contra esta praça. Fim da campanha.

No Rheno, o exercito Austro-Prussiano, commandado pelo general Wurmser, tendo forçado as linhas de Weissembourg, tomou Haguenau e o Forte-Luiz, e obrigou os Francezes a recuar até debaixo dos muros de Strasbourg: forçáraõ porém estes por seu turno o general Wurmser e o Duque de Brunswick a retirar-se, o primeiro sobre Haguenau, e o outro sobre o Lauter, onde o Duque repellio

os republicanos, que soffrêraõ huma perda consideravel: com tudo, pouco fructo recolheo deste successo; por quanto os Francezes, sob o commando de Hoche e de Pichegru, tendo atacado o general Wurmser perto de Haguenau, apoderáraõ-se, depois de hum combate porfiado, de todas as linhas e reductos. Outras duas acções naõ menos sanguinolentas, em que elles ficáraõ vencedores, obrigáraõ os Austriacos a repassar o Rhéno. Aproveitando-se das vantagens que tinhaõ alcançado, os republicanos retomáraõ Weissembourg; e o Principe de Hohenlohe vio-se obrigado a levantar o sitio de Landau, e a retirar-se para Moguncia. Tal foi o fim da campanha de 1793, cujo principio taõ favoravel tinha sido aos colligados.

CAPITULO V.

Campanha de 1794. — A Princeza Elisabeth, Irmã de Luiz XVI, e Malesherbes morrem no cadafalso. — Dia 10 de Thermidor (28 de Julho). — Operações militares.

Campanha de 1794. Abrio-se a campanha do anno seguinte com immensos preparativos. Jámais se haviaõ visto na Europa exercitos mais numerosos, nem mais formidaveis do que aquelles, que entaõ se apresentáraõ no vasto theatro da guerra. Onze exercitos Francezes, postos em pé a hum tempo, cobriaõ todas as fronteiras. Os colligados, em numero de quatrocentos mil homens,

tinhaõ a combater mais de setecentos mil republicanos.

Abríraõ os colligados esta campánha com felicidade como a precedente: foi a sua primeira operaçaõ atacar os Francezes entre Guise e Landrecies, a fim de os repellir para alem do Oise, e apoderar-se desta ultima praça: esta tentativa foi-lhes vantajosa; rendeo-se Landrecies por capitulaçaõ, depois de ter soffrido hum assedio desastroso e mortifero, ficando a guarniçaõ prisioneira de guerra. Naõ fez este contratempo mais que augmentar a ferocidade do governo revolucionario, que ordenou aos exercitos que naõ déssem quartel aos prisioneiros Inglezes e Hannoverianos. Deo o Duque de Yorck nesta circunstancia mostras de muito siso e humanidade, recommendandó que se naõ fizesse mal algum aos prisioneiros Francezes, menos no caso dos seus generaes os obrigarem a usar de represalias. Deve-se tambem dizer, em louvor dos militares Francezes, que naõ déraõ á execuçaõ aquelle barbaro decreto.

A Princeza Elisabeth, Irmã de Luiz XVI, e Malesherbes, morrem no cadafalso.

Estava a França, neste meio tempo, inundada de lagrimas e sangue: todos os dias eraõ immoladas numerosas victimas; e nunca acabariamos se quizessemos dar os nomes de todos os personagens celebres pelos seus talentos, crimes ou virtudes, que foraõ executados. No tropel de innocentes, cujo assassinio deshonra esta desgraçada Epoca, naõ podemos deixar de nomear o integerrimo e respeitabilissimo Malesherbes, defensor de Luiz XVI; e sobre tudo aquelle modelo perfeito de todas as virtudes, a Princeza Elisabeth, Irmã da-

quelle infeliz Monarca, a qual foi condemnada sobre frivolas accusações, naõ tendo outro crime mais que o ser do sangue dos Bourbons. Foi a ultima executada de vinte e seis pessoas, que perecêraõ no mesmo dia que ella, e cujo sangue ainda fumegante corria pelo cadafalso em que ella apresentou a sua augusta cabeça, com aquella doce serenidade que a carecterisava.

Quanto ao virtuoso Malesherbes, naõ podemos fazer melhor pintura delle, do que referindo as palavras de hum escriptor que se exprime nestes termos a seu respeito: « Monsieur de Malesherbes adquirio direitos ao » reconhecimento público, á admiraçaõ do » seu seculo e da posteridade, mostrando-se » zeloso defensor dos direitos do povo, nos » tempos em que semelhante zelo naõ podia » elevar ás primeiras dignidades do Estado; » alcançou-as combatendo com as armas da » eloquencia e da razaõ, o despotismo minis» terial, quando pelas circunstancias em que » se achava, podia aspirar aos favores do » Rei, e ás complacencias dos ministros;

» Designando as ordens de prisaõ (*lettres de cachet*) como o maior abuso do » poder arbitrario;

» Estabelecendo o principio de que os » actos do governo naõ pódem tirar a sua for» ça da unica vontade do Monarca;

» Pedindo ao Rei que ouvisse a propria » naçaõ relativamente aos seus maiores inte» resses;

» Invocando a tolerancia religiosa, a » liberdade da imprensa, a diminuiçaõ dos » impostos;

„ Expondo como cidadaõ, que a jus-
„ tiça he a verdadeira beneficencia dos Reis;
„ e *quando foi Ministro de Estado*, insistin-
„ do com o Rei para que a beneficencia fos-
„ se sujeita ás regras da justiça;

„ Proclamando, no Conselho, que as
„ despezas sanccionadas pela bondade do Rei,
„ sendo pagas pelo producto dos impostos,
„ a naçaõ tinha direito de pedir ao Rei que
„ puzesse limites á sua beneficencia;

„ Sendo dos primeiros a clamar contra
„ a Aristocracia parlamentar, contra a da
„ Nobreza e do Clero; combatendo-as com
„ todas as suas forças e em todas as occa-
„ siões, como devendo ser igualmente funes-
„ tas ao Rei e á naçaõ; e neste combate con-
„ tínuo, conduzindo-se sempre com franque-
„ za, sem enfraquecer os ataques publicos
„ por concessões secretas;

„ Provando em fim por todos os seus
„ discursos e todas as suas acções, que elle
„ tinha a coragem de sacrificar as preoccupa-
„ ções do estado, do nascimento, de paren-
„ tesco, ao interesse público; e que nem os
„ respeitos para com aquelles que eraõ mais
„ poderosos que elle, nem outro motivo al-
„ gum, o podiaõ impedir de oppôr-se com
„ todas as suas forças a actos de auctorida-
„ de, que indispunhaõ a naçaõ.

„ Eis os titulos de Malesherbes ao re-
„ conhecimento público. Tinha passado a sua
„ vida a *advogar a causa do povo no tribu-
„ nal do seu Rei*, conforme as suas proprias
„ expressões, quando teve de advogar a cau-
„ sa do seu Rei no tribunal do seu povo. As-

„ saz provárão depois os acontecimentos, que „ se este magistrado tivesse sido bem succedido advogando pelo povo, nunca teria „ tido de advogar pelo seu Rei (*). „

Dia 10 de Thermidor (28 de Julho). 1794. Finalmente a humanidade hia respirar; estava a pontos de expirar o reinado do terror. A 28 de Julho (10 de Thermidor), vio-se a França livre dos monstros, que naõ punhaõ já limites ao seu furor sanguinario: foraõ todos arrastados ante aquelle mesmo tribunal revolucionario, de que se haviaõ servido para commetter tantas maldades, e perdêraõ as cabeças no mesmo cadafalso, que elles tinhaõ inundado com o sangue de milhares de victimas. Este o modo como perecêraõ aquelles homens atrozes, que depois de haver derribado o Throno da França, tyrannisáraõ com tanta barbaridade vinte e cinco milhões de homens.

Antes de tratarmos dos resultados daquelle dia famoso, naõ será fóra de proposito falar das operações militares da republica contra as Potencias colligadas.

Operações militares. Depois de differentes combates, que naõ eraõ mais que o preludio de acções mais importantes e mais decisivas, os Francezes, com a sua tactica, com as suas marchas atrevidas, e com o seu arrebatado ardor, triunfáraõ da ordem e da disciplina dos seus adversarios Hum exercito Francez, commandado por Pichegru, derrotou os Inglezes na Flandres occidental, apoderou-se de Ypres, e a-

(*) *Ensaio sobre a vida e escritos de Monsieur Malesherbes*, pelo Conde Boissy d'Anglas, Par de França.

meaçou os Paizes-Baixos: outro exercito Francez dirigindo-se ao Ducado de Luxembourg, forçou os Austriacos a retirar-se. Jourdan alcançou huma victoria completa e decisiva, em Fleurus, contra o Principe de Cobourg, que se retirou para Maestricht: e em consequencia apoderáraõ-se os republicanos, durante o resto da campanha, sem obstaculo algum, de todos os Paizes-Baixos, e fizeraõ as suas disposições para a invasaõ da Hollanda, debaixo das ordens de Pichegru.

Apoderou-se o exercito de Italia de Oneglia: e os Hespanhoes foraõ derrotados pelos republicanos em São Joaõ de Luz, em Figueiras e em Irun.

Houve nesta memoravel campanha vinte e tres sitios formaes, e seis batalhas campáes ganhadas pelos Francezes, que se apoderáraõ de cento e vinte e quatro cidades.

As esquadras Britannicas tomáraõ as ilhas de Santa-Luzia, Guadelupe, Martinica, e a Desejada. Deste modo a Graõ-Bretanha foi de todas as Potencias colligadas a unica, que recolheo todos os fructos da guerra que fazia contra a republica. Aniquilar o commercio e a marinha Franceza, estabelecer o seu dominio em todos os mares, tal era o objecto da ambiçaõ dos Inglezes.

CAPITULO VI.

Campanha de 1795. — Prosperidade da Graõ-Bretanha. — Separa-se o Rei de Prussia da Liga. — Os Francezes, ás ordens do general Jourdan, vêm-se obrigados a retirar-se áquem do Rheno. — Expediçaõ de Quiberon — Tumulto em Londres. — Associaçaõ dos Irlandezes-Unidos. — Morte do Filho de Luiz XVI. — Sahe sua Irmã do Templo. — Nova Constituiçaõ. — Directorio.

No interior da França foi o terror cessando insensivelmente, depois da morte dos monstros que tyrannisavaõ a naçaõ. Vio-se hir gradualmente respirando a innocencia, e tornando a apparecer a justiça. Huma grande parte dos juizes e dos jurados, verdugos dos tribunaes revolucionarios, dois Convencionaes, Lebon e Carrier, que haviaõ commettido milhares de atrocidades, e outros malvados, expiáraõ os seus crimes no cadafalso; abríraõ-se as prisões, e as commissões revolucionarias foraõ dissolvidas e perseguidas pela vingança pública.

Campanha de 1795. Entre tanto, os republicanos naõ suspendêraõ o curso das suas victorias. Já no mez de Janeiro de 1795, tinha o general Pichegru atacado os colligados desde o Oceano até o Rheno, derrotado-os em todos os pontos, tentando depois a conquista das Provincias-Unidas, sem embargo da rigorosa estaçaõ

do inverno. Atravessáraõ os republicanos o Wahal que estava gelado, cuja marcha desconcertou os inimigos: apoderáraõ-se os Francezes de Utrecht, de Rotterdam e de Dort. A fortaleza de Grave, depois de huma vigorosa resistencia, tinha-se entregado. Naõ havendo obstaculo que suspendesse os vencedores, fugio o Principe de Orange com a sua familia para Inglaterra. Foi rapida a conquista das Provincias-Unidas; e nellas se operou rapidamente a revoluçaõ. Tendo-se abolido o Stathouderato, estabeleceo-se hum governo provisorio debaixo da protecçaõ da republica Franceza.

Prosperidade da Graõ-Bretanha.

Se os successos militares eraõ desastrosos para as Potencias alliadas, a guerra fazia prosperar o commercio Britannico. Constou pelos registos das Alfandegas, que as exportações do anno de 1794 tinhaõ chegado a vinte e cinco milhões de libras sterlinas. As forças navaes consistiaõ em cem mil marinheiros, e as tropas de terra em cento e cincoenta e oito mil soldados, além de cincoenta e seis mil homens de milicias, dos emigrados Francezes a soldo da Graõ-Bretanha, e de numerosos corpos de voluntarios. As Provincias-Unidas eraõ huma dependencia da republica Franceza, circunstancia esta, que sendo contraria aos interesses dos Inglezes, os obrigava a reduplicar os seus esforços, a fim de augmentar a sua marinha para tomar medidas tanto offensivas como defensivas. Sem recorrer ao expediente desagradavel de prender para a maruja, julgou o gabinete de Londres necessario pôr hum embargo em todos os navios de mais de trinta e cinco toneladas, em

quanto elles naõ fornecessem para a marinha, certo numero de homens determinado; e por este meio alcançou trinta e cinco mil marujos e soldados.

Separa-se o Rei de Prussia da liga.

Em quanto a Inglaterra e a Austria faziaõ préparativos immensos para a continuaçaõ da guerra, que parecia dever proseguir-se vigorosamente, foraõ estas duas Potencias abandonadas pelo Rei de Prussia, que concluio em Basiléa, a 5 de Abril, hum Tratado de paz com os Francezes, pelo qual lhes cedeo tudo quanto possuia na margem esquerda do Rheno, obrigando-se a naõ subministrar á Liga nem soccorros nem contingente de qualquer especie que fosse, quer como Rei de Prussia, quer comó Membro do Imperio. Seguindo o seu exemplo, o Landgrave de Hesse-Cassel, retirando as suas tropas ao soldo da Graõ-Bretanha, assignou, debaixo das mesmas condições, hum Tratado de paz com os Francezes.

Estes, que já se tinhaõ senhoreado de huma grande parte da Catalunha e da Biscaya, ameaçavaõ a capital da Hespanha. Em taõ imminente perigo, a Corte de Madrid concluio tambem hum Tratado de paz, em Basiléa, em virtude do qual a republica Franceza renunciando a todas as suas conquistas em Hespanha, alcançou da Corte de Madrid a cessaõ de toda a parte Hespanhola de S. Domingos.

Os Francezes ás ordens do general Jourdan, vêm-

Com o abandono da Prussia, do Landgrave de Hesse-Cassel, e da Hespanha, o peso da guerra cahio sobre a Inglaterra e a Austria. Á excepçaõ de Luxembourg e de Mogun-

cia, os Francezes estavaõ senhores da margem esquerda do Rheno no fim da campanha precedente; e por consequencia puzeraõ sitio a estas duas praças. Rendeo-se Luxembourg por capitulaçaõ, a 12 de Junho; mas o bloqueio de Moguncia teve as consequencias as mais desastrosas para elles. Jourdan e Pichegru deviaõ obrar de concerto para bloquear esta praça.

se obrigados a retirar-se áquem do Rheno.

Negociações secretas entaboladas naquella epoca por Pichegru com os Principes Francezes e as Potencias estrangeiras, para restabelecer em França o governo Monarquico, frustráraõ todas as operações de Jourdan, e até compromettêraõ a sua posiçaõ. Aproveitando-se destas circunstancias, cahíraõ os Austriacos sobre este general, a quem obrigáraõ a retirar-se para áquem do Rheno. As linhas que os Francezes tinhaõ levantado em torno de Moguncia foraõ logo atacadas e mal defendidas: introduzio-se a confusaõ nas fileiras dos republicanos, que se puzeraõ em fuga. A sua artilheria, as suas bagagens, cahíraõ em poder do inimigo, que se apoderou do Palatinado, e de todo o territorio que se estendia entre o Rheno e o Mosella. Assustado com os progressos dos Austriacos, operou Jourdan, a favor de Pichegru, huma diversaõ, que lhes fez suspender a sua marcha. Tendo a rigorosa estaçaõ do inverno suspendido as operações militares, concluíraõ os generaes Austriacos e Francezes hum armisticio de tres mezes, que foi ratificado pela Convençaõ nacional e pela Corte de Vienna.

Determinou o ministerio Inglez, neste

Expedi-

çaõ de Quiberon. mesmo anno, de concerto com os chefes da Vendée, mandar huma expediçaõ ás costas de França. Charette e outros generaes Vendeenses tinhaõ reunido os restos dos seus exercitos: os emigrados Francezes refugiados em Inglaterra, onde tinhaõ ajuntado hum corpo numeroso dos seus compatriotas, que o governo Britannico tinha tomado a seu soldo, queriaõ resuscitar o partido Realista na Vendée e na Bretanha. Por sollicitaçaõ delles, huma frota Ingleza transportou-os á costa do Morbihan. Ali, reunidos com algumas tropas Inglezas, e formando juntos hum corpo de doze mil homens pouco mais ou menos, fizeraõ hum desembarque na bahia de Quiberon. Tendo-se senhoreado de hum forte defendido pelos republicanos, entrincheiráraõ-se e fortificáraõ-se em huma posiçaõ, que tinhaõ escolhido. O Conde de Hervilly, hum dos emigrados os mais emprendedores, commandava em chefe a expediçaõ. Os republicanos, ás ordens do general Hoche, levantáraõ nas alturas oppostas ao campo entrincheirado dos emigrados, differentes reductos, que lhes cortáraõ toda a communicaçaõ por terra. Foraõ todas estas obras atacadas infructuosamente pelos emigrados, que se víraõ obrigados a retirar-se com perda consideravel. O general Hoche, guiado por alguns transfugas, surprendeo o forte e o campo dos emigrados, e fez prisioneiro todo o seu corpo, que se compunha de perto de dez mil homens. O Conde de Sombreuil, o Bispo de Dôle, assim como alguns outros Ecclesiasticos, que tinhaõ acompanhado a expediçaõ, e os officiaes emigrados, tendo sido julgados por

hum Conselho de guerra, foraõ executados na frente de todo o exercito republicano. Este foi o fim desgraçado daquella tentativa dos Realistas, emprehendida debaixo dos auspicios do gabinete de Londres.

Manifestou-se neste meio tempo huma fermentaçaõ em Inglaterra, que naõ teve consequencias sérias. As sociedades dos amigos da liberdade e da igualdade eraõ cada dia mais numerosas e mais temiveis. Huma carestia extraordinaria de graõs, contribuio a azedar ainda mais os espiritos. Foi nestas circunstancias, que se convocou o Parlamento; e na vespera da sua reuniaõ, houve grandes ajuntamentos de gente nos arredores de Londres. No dia seguinte, no momento em que o Rei se encaminhava á Camara dos Pares, segundo era costume, atacou a gentalha o seu coche, bradando: *Nada de guerra! abaixo Pitt! abaixo Jorge!* Accrescenta-se que huma pedra, ou antes huma bala despedida de huma espingarda de vento, atravessou huma das portinholas do seu coche. Repetíraõ-se os mesmos insultos quando o Rei voltou. Prendêraõ-se algumas pessoas, e hum individuo a quem se provou o seu crime, foi condemnado a ser exposto ao publico, á prisaõ, e a cinco annos de galés. Provocáraõ estes movimentos sediciosos dois bills, que foraõ adoptados pelas Camaras do Parlamento, hum para pôr a pessoa do Rei e o seu governo a coberto de todas as tramas e tentativas criminosas; o outro para prevenir os ajuntamentos e assembléas sediciosas.

Tumulto em Londres.

Na Irlanda tiveraõ lugar acontecimen-

Associa-

çaõ dos Irlãdezes-Unidos. tos, cujas consequencias foraõ mais sérias. Tinhaõ os Catholicos de algum modo recobrado ali os seus direitos civís, pelas concessões que o Governo lhes tinha feito. Havendo sido o Conde Fitz Williams nomeado Lord Tenente de Irlanda, crêraõ que este ministro estava disposto a fazer-lhes novas concessões; e em consequençia disto, apresentáraõ ao Parlamento huma petiçaõ, que tinha por objecto alcançar a abrogaçaõ das leis ainda existentes, que os sujeitavaõ a excepções humilhadoras. Deo Fitz Williams a conhecer ao ministerio quaõ importante era á tranquillidade pública o deferir a esta súpplica; mas naõ succedeo assim, e o Lord Tenente foi chamado. Jámais a ausencia de hum empregado público causou maiores pezares; o dia em que elle sahio de Dublin, foi hum dia de luto geral para a cidade. Foi nomeado para o substituir o Conde de Combden, que naõ lhe era inferior pelas suas qualidades. Tendo-se mudado o systema de administraçaõ, os individuos que influiaõ na plebe, aproveitáraõ-se desta circunstancia para alcançarem o bom exito dos seus projectos. Tinha-se instituido em 1791 huma associaçaõ debaixo do nome de *Irlandezes-Unidos*, cujo objecto, na apparencia, era a refórma Parlamentaria, e a emancipaçaõ dos Catholicos. Os planos reaes dos auctores e dos chefes desta Sociedade, parece que se haviaõ cuidadosamente occultado ao tropel dos outros membros: naõ tinha attrahido sobre si a attençaõ do governo, por causa da extrema circunspecçaõ com que nella se dirigiaõ os negocios. Mas a sua influencia augmentou com

a das discussões, que se seguírao á retirada do Conde Fitz Williams, e algumas pessoas distinctas pelo seu credito e talentos seguírao o seu partido: desde entao tornou-se temivel a Sociedade dos *Irlandezes-Unidos*. Estabelecêrao os seus chefes huma correspondencia seguida com o governo Francez. As sentelhas da rebelliao hiao-se gradualmente inflammando, e passou-se algum tempo antes que ellas produzissem hum incendio.

Morte do Filho de Luiz XVI.

Sahe sua Irmã do Témplo.

O interior da França nao era já tao medonho; mas a capital era sempre agitada pelos ultimos esforços das facções. Tendo a Convençao aniquilado, pelas sevéras medidas que tomou, as esperanças dos anarquistas, e recobrado a sua liberdade, nomeou huma Commissao para trabalhar em huma nova Constituiçao. Neste meio tempo morreo o desgraçado Filho de Luiz XVI nas prisões do Templo. A obscuridade que cobrio os seus ultimos momentos, deo lugar a suspeitas ácerca da causa da sua morte. A Princeza sua Irmã (que depois foi Duqueza d'Angouleme), presa como elle, foi passado pouco tempo trocada pelos deputados, que Dumourier tinha entregado aos Austriacos.

Nova Constituiçao. Directorio.

Sahindo á luz a nova Constituiçao, suspendeo a Convençao Nacional os seus trabalhos, sendo substituida por hum novo Corpo Legislativo, dividido segundo esta Constituiçao, em dois Conselhos, hum de quinhentos membros que deviao ter mais de trinta annos, e o outro de duzentos e cincoenta membros de quarenta annos de idade. Pela nova Carta, o governo estava nas maos de cinco Chefes, com o nome de *Directorio*.

LIVRO IV.

Desde a Campanha de Bonaparte na Italia, em 1796, até á sua coroaçaõ como Imperador dos Francezes, em 1804.

CAPITULO I.

Campanha de Italia sob as ordens de Bonaparte. — Campanha do Rheno. — Retirada do general Moreau. — Negocios da Italia. — Negociações da Inglaterra com o Directorio. — Declara a Hespanha a guerra aos Inglezes — Projecto de hum desembarque em Irlanda. — Morte de Catherina II.

Nos principios de 1796 fizeraõ-se grandes preparativos de guerra no continente. Durante o armisticio antecedentemente concluido em Allemanha, entre os Francezes e os Austriacos, tinhaõ-se feito todas as disposições de ambas as partes, para de novo principiarem as operações militares com todo o vigor.

Com a repressaõ das perturbações da Vendée restabeleceo-se a tranquillidade interior da França. Charette e Stoffiet, dois dos principaes chefes Vendeenses, havendo sido aprisionados, foraõ condemnados a ser arcabuzados; e desde entaõ pareceo como terminada a guerra intestina naquella parte do territorio Francez.

Abrio-se a campanha no meio-dia, em principios de Abril, sob o commando do general Bonaparte, cujo nome, pouco conhecido até entaõ, taõ grande celebridade alcançou depois. Este homem, que representou hum papel taõ extraordinario, nasceo em Ajaccio na Corsega. Tinha seu pai servido como voluntario, debaixo das ordens do famoso general Pascoal Paoli, que depois da revoluçaõ da Corsega se tinha retirado para Inglaterra. Estendia-se o exercito Francez desde Ormea até Voltri; o exercito Austriaco, commandado pelo general Beaulieu, desde o Col de Tende até Valtagio. Tendo este expulsado, a 10 de Abril, os Francezes da sua posiçaõ de Voltri, chegou a apoderar-se de todos os entrincheiramentos da sua linha de postos avançados, á excepçaõ de hum unico, que era o reducto de Mondovi. Bonaparte, por hum movimento occulto, cahindo sobre a retaguarda e os flancos dos Austriacos, derrotou-os completamente, em quanto o general Massena atacou e derrotou os Piemontezes, que acudiaõ em soccorro de Beaulieu. Teve lugar este combate perto da aldêa de Montenotte.

Campanha de Italia, sob as ordens de Bonaparte.

Dali Bonaparte se adiantou pelo Monferrato. Foraõ os Austriacos batidos e perseguidos; mas por hum movimento imprevisto, tendo huma columna Austriaca marchado sobre Dego, alcançou apoderar-se della. Empenhado Bonaparte em retomar este posto, mandou formar hum regimento em columna, encaminhando-se de frente ao inimigo, em quanto outro corpo atacava a sua esquerda em Dego, onde se deo huma batalha, cujo resul-

tado foi favoravel aos Francezes, e obrigou os Austriacos a pôr-se em retirada.

Os Piemontezes, que desde os primeiros combates, se achavaõ separados do exercito de Beaulieu, foraõ perseguidos até Ceva, que tiveraõ de evacuar. Depois de differentes movimentos retrogrados da sua parte, houve huma acçaõ geral em Mondovi, onde foraõ derrotados. Acossados vivamente pelos Francezes, que em toda parte eraõ vencedores, dirigíraõ-se a Carignan A Corte de Turin, assustada com os progressos dos republicanos, julgou dever acceder a hum armisticio, cujas clausulas diziaõ em substancia, que as fortalezas de Coni e de Alexandria seriaõ immediatamente entregues aos Francezes, assim como Tortona no mais breve prazo.

Aproveitando-se das vantagens, que este armisticio lhe dava, poz Bonaparte o seu exercito em movimento para passar o Pó. Suspeitando Beaulieu que o intento dos Francezes era atravessar este rio, deo-se pressa a preveni-los; porém achavaõ-se elles já, naõ só na margem esquerda, mas tambem em marcha ao seu encontro. Decidio-se entaõ a mandar postar hum corpo entre o Lambre e o Adda, para cobrir a communicaçaõ entre Pizzighittone e Mantua. Porém os Francezes atacáraõ este corpo, que se vio na necessidade de retirar-se. Instruido Beaulieu deste contratempo, marchou sobre Codagna, onde surprendeo os Francezes, que foraõ vivamente repellidos; mas tendo-se estes reunido promptamente, derrotáraõ os Austriacos por seu turno, e obrigáraõ-nos a recuar sobre Lodi.

Abríraõ estas victorias a Bonaparte a estrada de Milaõ, cuja tomada devia faze-lo em breve tempo senhor da Lombardia, e ser causa da inteira expulsaõ dos Austriacos da Italia. Occupavaõ estes huma posiçaõ por detraz do Adda, defronte de Lodi. Chegaõ os Francezes á frente da ponte, e empenha-se a acçaõ. Mandou Bonaparte levantar huma bateria para responder á dos Austriacos; e ao mesmo tempo ordenou a Massena, que formasse todos os batalhões de grenadeiros em columna cerrada, e que os guiasse ao ataque da ponte. Adianta-se a columna, franquea a ponte debaixo de descargas de metralha, apodera-se da artilheria, e derrota os Austriacos.

Marcha Bonaparte dali sobre Milaõ, onde faz a sua entrada triunfante; receando porém, que Beaulieu, que se tinha retirado buscando o abrigo dos muros de Mantua, naõ recebesse reforços, e naõ tornasse a obrar offensivamente, resolveo preveni-lo; e em consequencia dirigio-se sobre Lodi.

Tocavaõ neste meio tempo a rebate em toda a Lombardia, e tudo dava indicios de huma insurreiçaõ geral. Em Milaõ o laço tricolor era pisado aos pés, e os Francezes insultados: em Pavia, os habitantes sustentados por alguns milhares de camponezes, desarmáraõ e fizeraõ prisioneira a guarniçaõ Franceza. Ao ouvir tal noticia, volta Bonaparte sobre os seus passos, e com a sua presença restabelece-se a ordem em Milaõ: marcha depois sobre Pavia, cujas portas manda arrombar a golpes de machados: fogem os rebeldes, e os

membros da camara saõ arcabuzados, e prendem-se duzentos dos principaes habitantes, e saõ mandados para França como refens. Esta medida, que derramou o espanto na Italia, destruio a insurreiçaõ na sua origem.

Bonaparte, que naõ perdia de vista a Beaulieu, passa o Mincio, e apoderaõ-se logo os republicanos de Valegio, quartel general dos Austriacos, que se víraõ obrigados a recuar. Depois de haver-se retirado sobre Mantua, Beaulieu receando que lhe cortassem a estrada de Trento, deixa Mantua ás suas proprias forças, passa o Adige, atravessa os Estados de Veneza, e chega ao Tirol, abandonando toda a Lombardia com immensos armazens.

Logo depois da retirada do exercito Austriaco, entra Bonaparte nos Estados do Papa, e toma posse das cidades de Bolonha e de Ferrara. Acháraõ os Francezes nestas duas praças e no Forte Urbino duzentas peças de artilheria grossa, e tudo quanto era necessario para o sitio de Mantua. Receando ver occupádos os seus Estados pelos Francezes, offereceo o Papa acceitar as condições que se lhe propuzessem. Concluio-se por tanto hum armisticio, segundo o qual o Santo Padre obrigava-se a pagar á republica vinte e hum milhões de francos, a entregar-lhe cem quadros, e duzentos manuscriptos preciosos, e a deixar occupar pelas tropas Francezas, Bolonha, Ferrara, e o Forte Urbino.

Poucos dias depois assignou-se outro armisticio entre o Rei de Napoles e os Francezes, debaixo de condições igualmente van-

tajosas para os ultimos. Tendo-se Bonaparte encaminhado a Liorne, onde os Inglezes, depois de se haverem apoderado do porto, tinhaõ estabelecido o deposito do seu commercio no Mediterraneo, mandou sequestrar todos os armazens que lhes pertenciaõ. Antes porém da chegada dos republicanos, tinhaõ elles tido o cuidado de embarcar a maior parte das suas fazendas.

A tomada de Liorne foi seguida da entrega do castello de Milaõ, cuja guarniçaõ cahio em poder dos Francezes, com cento e cincoenta peças de artilheria e armazens consideraveis.

Campanha do Rheno.

Em quanto Bonaparte sujeitava quasi toda a Italia, os republicanos e os Austriacos combatiaõ sobre o Rheno.

Ainda que a campanha de Italia foi das mais brilhantes, a de Allemanha, menos feliz na realidade, em nada lhe cedia quanto á gloria das armas Francezas.

Jourdan, e Moreau que havia succedido a Pichegru, tinhaõ cada qual hum exercito sob o seu commando. Tornáraõ em breve tempo a passar o Rheno victoriosamente; e os Austriacos, forçados successivamente em todas as posições que tinhaõ tomado, combatiaõ em retirada. Em quanto o exercito de Jourdan penetrava na Franconia e se aproximava á Bohemia, as divisões de Moreau tinhaõ-se derramado pela Floresta-Negra, lago de Constança, e falda das montanhas do Tyrol. Este general, que communicava com Jourdan pelo Danubio, esteve a ponto de apoderar-se das nascentes do Adige. Os felices successos das

armas republicanas faziaõ muito critica a posiçaõ do Archiduque Carlos; e nesta campanha he que este Principe deo provas reaes daquelles talentos militares, que a Europa inteira reconhece nelle. Naõ cedendo o terreno ao inimigo senaõ palmo a palmo, evitando empenhar acções decisivas, naõ buscava, pelas suas sábias manobras, senaõ resguardar-se de huma derrota, que teria conduzido os Francezes até ás portas de Vienna. No dia em que a sua retaguarda continha a vanguarda dos republicanos por meio de entrincheiramentos hàbilmente dispostos, mandava levantar outros a alguma distancia mais, para defender-se no dia seguinte. Tiveraõ lugar estas medidas defensivas até o momento em que elle recebeo reforços. Entaõ, tomando a offensiva, cahio sobre Jourdan, que em hum momento esmagou, antes que Moreau, occupado da sua posiçaõ, e do cuidado de apoiar a hum dos seus generaes, que fazia diligencia por penetrar no Tyrol, pudesse perceber-se desta manobra, e oppôr-se a ella. O successo do Principe Carlos foi taõ completo em duas batalhas consecutivas, que o exercito de Jourdan vio se obrigado a fugir até ás fronteiras da França, em tal desordem, que naõ havia recurso algum.

Retirada do general Moreau.

Em consequencia desta derrota, o exercito de Moreau devia ser destruido ou feito prisioneiro, a naõ ser a habilidade deste general; achava-se desguarnecido e sem defeza na sua esquerda, com a desappariçaõ de Jourdan. Os corpos Austriacos espalhados pelo Tyrol, hiaõ investi-lo pela sua direita; na sua

frente achavaõ-se corpos consideraveis, sobre os quaes, no curso mesmo das suas conquistas, naõ tinha alcançado vantagem alguma decisiva; por detraz, os Austriacos tinhaõ-lhe cortado a communicaçaõ com os corpos, que tinha deixado na margem direita do Rheno para defender Kehl, e conter Philisbourg. Sem embargo de tudo isto, effeituou este exercito a sua retirada em boa órdem; depois de haver aberto á força d'armas huma passagem pelo Valle-do-Inferno, conservou-se sempre na posse da estrada de Huningue, que o Principe Carlos em pessoa tentou cortar-lhe. Foi ali que, sem precipitaçaõ, elle passou o Rheno á vista dos Austriacos. Esta retirada, que he citada como hum dos feitos de armas os mais gloriosos para os Francezes, durou vinte e sete dias.

Negocios da Italia.

Déraõ-se nesta Epoca novos combates em Italia entre os Austriacos e Francezes. Entre o grande numero de acções que se déraõ sem vantagem alguma decisiva, e em que a perda foi quasi igual de parte a parte, a mais memoravel he a batalha de Arcole, em que os republicanos ficáraõ vencedores; tambem foi a que durou mais tempo, pois tres dias consecutivos combatêraõ no mesmo terreno, e valerosamente de ambas as partes. Nella desenvolveo Bonaparte de hum modo naõ equivoco a sua habilidade militar, e os generaes que serviaõ debaixo das suas ordens déraõ ás suas tropas o exemplo do valor.

Negociações da Inglaterra cõ o Directorio.

Em meio todavia dos horrores da guerra, o ministerio Britannico, quer tivesse realmente o desejo de lhes pôr termo, quer

cedesse aos votos da naçaõ inteira, fez junto do governo Francez, o Directorio, aberturas para o restabelecimento da paz. Foi encarregado Lord Malmesbury de dar principio ás negociações para este effeito. Propoz logo o gabinete de Londres, como base do Tratado, que a França restituiria os Paizes-Baixos á Austria, e evacuaria ao mesmo tempo a Italia. Debaixo destas condições, consentia a Inglaterra em restituir todas as conquistas que tinha feito havia alguns annos, nas Indias Orientaes e Occidentaes. Rompêraõ-se porém as negociações, por se naõ poderem entender ácerca de differentes artigos.

Declara a Hespanha a guerra aos Inglezes.

Acabavaõ ao mesmo tempo de concluir o Rei de Hespanha e a republica Franceza, hum Tratado de alliança offensiva e defensiva; Tratado que foi logo seguido da declaraçaõ da guerra do gabinete de Madrid contra Inglaterra, que por causa desta circunstancia, tinha hum inimigo de mais a combater.

Projecto de hũ desembarque em Irlanda, da parte dos Frãcezes.

Occupáraõ-se os *Irlandezes-Unidos*, no decurso deste anno, dos preparativos da insurreiçaõ que tinhaõ projectado. Hum dos seus chefes, Lord Eduardo Fitzgerald, transferio-se á Suissa, onde teve huma conferencia com o general Francez Hoche, na qual se suppõe que se projectou o plano de hum desembarque na Irlanda. Nos fins deste anno, tentou o Directorio dar este projecto á execuçaõ. A esquadra de Brest, bloqueada havia alguns mezes no porto por hum almirante Inglez, aproveitando-se de hum nevoeiro denso para escapar á vigilancia deste, fez-se á vela para Irlanda; naõ tardou porém a ser dis-

persada por hum violento temporal. Com tudo, oito náos de duas pontes, e outros nove vasos de diversos portes, que faziaõ parte della, pudéraõ chegar á costa de Irlanda, e deitáraõ ferro na bahia de Bantry; mas tendo o máo tempo impedido de effeituar o desembarque fizeraõ-se ao largo.

Morte de Catherina II.

Foi notavel o fim do anno de 1796 por hum acontecimento, que teve grande influencia nos negocios politicos. A Imperatriz da Russia, a célebre Catherina II, expirou a 7 de Novembro, depois de hum reinado de trinta e quatro annos. Sem entrar em individuações ácerca do modo como ella subio ao Throno, bastará dizer aqui, que as eminentes qualidades desta Princeza lhe assignaõ hum lugar distincto entre os maiores Monarcas. Desde a sua exaltaçaõ ao Throno, deo todos os seus cuidados á prosperidade do seu Imperio. Dotada de hum espirito superior e muito cultivado, redigia com o seu proprio punho os seus Manifestos e os despachos do seu gabinete. Protectora das sciencias, da litteratura e das artes, naõ cessou de recompensar com munificencia todos os generos de merecimento. Alargou os limites do seu Imperio. Legisladora, foi ella quem ordenou as instrucções que deo para formar o codigo de leis, que rege a Russia. Durante a guerra da revoluçaõ Franceza, conduzio-se esta Princeza segundo os principios de huma sábia politica: naõ contribuio nem com os seus thesouros, nem com as suas tropas, para as emprezas das Potencias colligadas: em quanto estas faziaõ todos os seus esforços para combater o systema re-

volucionario, ella se engrandecia do lado da Polonia, da Turquia e da Persia. Quando morreo, deixou o seu Imperio florecente no interior, e respeitavel no exterior.

CAPITULO II.

Suspensaõ dos pagamentos da Banca de Londres. — Revolta em Spithead, na esquadra Ingleza. — Tomada de Mantua pelos Francezes. — Expediçaõ contra Roma. — Preliminares de paz de 1797, assignados em Léoben. — Apoderaõ-se os Francezes de Veneza. — Paz de Campo-Formio. — Revoluçaõ no governo Francez. — Invasaõ na Irlanda projectada pelo Directorio.

Suspensaõ dos pagamentos da Banca de Londres.

Achou-se a Graõ-Bretanha no anno de 1797, n'huma posiçaõ muito crítica. Tendo a Banca de Londres suspendido os seus pagamentos em dinheiro, agitáraõ-se summamente os espiritos com esta medida extraordinaria, cuja causa naõ podia adivinhar-se; porém naõ se passou muito tempo sem que se conhecesse. Tendo-se apresentado nas provincias muitas pessoas para retirarem os seus fundos das differentes bancas, seguíraõ-se a isto grandes pedidos de fundos á Banca de Londres; e os directores fazendo a este respeito o seu relatorio ao ministerio, huma ordem do Conselho prohibio toda a sahida de dinheiro da Banca. Foi esta ordem sanccionada depois por hum acto do Parlamento, que estendeo esta medi-

da provisoria até ao fim dos seis primeiros mezes do anno; e pouco depois, outro acto a propoz até ao fim da guerra.

Revolta em Spithead, na esquadra Ingleza.

Outro acontecimento de huma natureza muito mais séria, acontecimento, de que os annaes Britannicos naõ offerecem outro exemplo, occupou a attençaõ pública. Huma revolta temivel rebentou na esquadra da Mancha em Spithead. Pediaõ os marinheiros que lhes adiantassem o seu soldo, e que se tomassem novas medidas relativamente á distribuiçaõ dos viveres. Nomeáraõ em cada náo dois chefes, que durante alguns dias exercêraõ o commando absoluto na esquadra. Nesta crítica circunstancia, entendeo o governo que devia subscrever ás suas súpplicas: depois do que tornáraõ a entrar na obediencia. Naõ se limitou a insurreiçaõ á frota de Spithead: algumas náos que se achavaõ em Sheerness sublleváraõ-se do mesmo modo, assim como todos os vasos da esquadra que estava fundeada na altura de Yarmouth, os quaes se fizeraõ á vela para ajuntar-se aos amotinados de Sheerness. Tomou o governo medidas para reduzir os rebeldes á obediencia; interceptou-se toda communicaçaõ entre elles e a costa; o que em breve os privou de agua e de viveres: para alcançar huma e outra cousa, lançavaõ maõ de todos os navios que subiaõ o Tamisa. Sem embargo dos soccorros que alcançavaõ por este modo, víraõ-se os rebeldes reduzidos em breve tempo á maior penuria. A desconfiança e a dissensaõ levantáraõ-se entre elles, que acabáraõ por sujeitar-se, entregando os chefes da insurreiçaõ, que havendo sido julgados por

huma Corte marcial, foraõ huns executados, outros condemnados a diversos castigos, e muitos absolvidos. Pouco tempo depois, as equipagens rebelladas apagáraõ esta nodoa de insubordinaçaõ: a esquadra de Yarmouth composta pela maior parte das náos, que tinhaõ tomado parte na insurreiçaõ, fez-se á vela para o Texel, onde bloqueou a esquadra Hollandeza, a qual tendo sahido do porto, empenhou-se hum combate, em que os Hollandezes completamente derrotados, perdêraõ nove náos.

Tomada de Mantua pelos Francezes.

Em outro ponto da Europa, na Italia, continuava a guerra entre os Austriacos e Francezes. O gabinete de Vienna mandou a ella reforços pára reparar os revezes, que as suas tropas ali tinhaõ experimentado. Lisonjeava-se de que faria mudar a fortuna, que até entaõ havia sido taõ contraria ás suas armas, e obrigaria os republicanos a levantar o sitio de Mantua, onde se achava encerrado Wurmser. Empenháraõ estas medidas da Austria o Papa a romper o Tratado, que tinha concluido com os Francezes: em consequencia do que mandou adiantar as suas tropas pela Romania até ás visinhanças de Reggio, de Modena, de Ferrara e de Bolonha. Tendo os Austriacos experimentado huma derrota completa na batalha da Favorita, acháraõ-se de novo em hum estado de fraqueza e de dispersaõ total. Huma das consequencias desta batalha foi a tomada de Mantua, por cuja causa tantos combates se tinhaõ dado. A entrega desta praça, que taõ importante era para os vencedores da Italia, effeituou-se a 3 de Fevereiro de 1797.

Foi a guarniçaõ declarada prisioneira de guerra até ser trocada, á excepçaõ do Marechal Wurmser, que teve a faculdade de retirar-se com alguns generaes e officiaes do seu estado maior, e hum numero determinado de pessoas á sua eleiçaõ.

Expediçaõ contra Roma.

Bonaparte, que queria vingar-se do Papa, por causa do armisticio que tinha rompido, projectou huma expediçaõ contra Roma. Em breve tempo se apoderáraõ os Francezes de toda a Romania, do Ducado de Urbino, da Marcha de Ancona, da Ombria, e das pequenas provincias de Perugia e do Camerino. Em tal extremidade, Pio VI, para salvar o resto dos seus Estados, tomou a resoluçaõ de fazer todos os sacrificios; e por tanto vio-se obrigado a subscrever ás condiçóes que lhe dictáraõ, segundo o teor das quaes, elle se obrigava a renunciar toda alliança com as Potencias, que estavaõ em guerra contra a França, e cedia Avignon assim como o Condado Venaissin, renunciando de mais disso a outras porçóes de territorio, e obrigando-se a pagar trinta milhóes de francos em vez dos dezasseis que ainda restava.

Preliminares de paz assignados em Léoben.

Depois da tomada de Mantua, e da expediçaõ contra Roma, adiantou-se Bonaparte para o Tyrol, com o fim de dirigir-se á capital da Austria. O Archiduque Carlos, encarregado de suspender a marcha do conquistador da Italia, tinha tomado posiçóes para defender a entrada do Tyrol. Os Francezes depois de passarem o Piave e o Tagliamento, apoderáraõ-se de algumas praças; e victoriosos em toda parte, em breve se senhoreáraõ das

gargantas do Tyrol, da Carniola e da Carinthia. O Archiduque Carlos, que nesta campanha, como já precedentemente o fizera na Allemanha, despregou todos os talentos de hum habil militar, naõ estando em estado de suspender a marcha dos vencedores, deo-se pressa a tomar a estrada de Vienna, a fim de ter tempo de reunir as suas forças, para dar huma batalha debaixo dos muros desta capital, onde reinava a maior consternaçaõ. Nesta crítica situaçaõ, julgou o Imperador que devia entabolar negociações com Bonaparte, cujo resultado foi hum armisticio, e pouco depois se assignaraõ em Léoben os preliminares da paz.

Apoderaõ-se os Francezes de Veneza.

Durante estas negociações, era Veneza o theatro de huma horrorosa scena. Os Francezes, que ahi haviaõ sido recebidos como amigos e alliados, tinhaõ deixado nos hospitaes desta cidade hum grande numero de doentes e feridos. Em quanto o seu exercito se achava distante, foraõ assassinados em hum tumulto popular, cuja causa nunca se pôde conhecer perfeitamente. Para vingar-se desta crueldade, apoderáraõ-se os Francezes de Veneza, abolíraõ o governo existente, e plantáraõ a arvore da liberdade na praça de São-Marcos.

Paz de Cãpo-Formio.

Tendo-se concluido em Campo-Formio hum Tratado de paz definitivo entre a França e a Austria, a cidade de Veneza, a Istria, a Dalmacia e as Ilhas Venezianas foraõ cedidas ao Imperador, que da sua parte garantia á França a posse da Belgica, e reconhecia a republica Cisalpina, a qual se tinha

formado da desmembraçaõ dos differentes Estados que a Austria possuia na Italia, e daquella parte do territorio Veneziano que se lhe naõ havia cedido.

Revoluçaõ no governo Francez.

Em quanto os exercitos republicanos eraõ triunfantes, hum rompimento entre o Directorio e os dois Conselhos que haviaõ succedido á Convençaõ, produzio huma revoluçaõ no governo Francez. Foi o Directorio quem venceo nesta luta, por ter á sua disposiçaõ a força armada; os membros dos dois Conselhos que lhe eraõ oppostos, foraõ presos e deportados para Cayenna, assim como Barthelemy, hum dos cinco Directores: Carnot, collega deste, devia experimentar a mesma sorte; porém achou meios de fugir. Esta medida violenta do Directorio, ou para melhor dizer de tres dos seus membros, contra dois dos seus collegas e huma parte dos membros dos dois Conselhos, além de alguns administradores e homens de letras, foi considerada por alguns, como huma violaçaõ manifesta das leis, em quanto outros naõ viaõ nisso senaõ hum daquelles golpes atrevidos, que a força das circunstancias exige.

Invasaõ em Irlanda projectada pelo Directorio.

Em Inglaterra, o governo tinha os olhos fixos nos *Irlandezes-Unidos*, cuja associaçaõ se estendia e consolidava sem embargo dos contratempos, que recentemente tinhaõ experimentado. Longe de desanimarem com o máo successo da expediçaõ de Hoche a seu favor, trabalháraõ mais que nunca em apertar os vinculos da sua alliança com os Francezes, e em estabelecer huma correspondencia regular com o Directorio, a quem elles dirigíraõ

huma Memoria, em que expunhaõ, que cento e cincoenta mil Irlandezes-Unidos estavaõ alistados e organisados na Provincia de Ulster. Talvez que este numero fosse exaggerado; mas naõ ha dúvida que era mui consideravel. O Directorio tomou novas medidas relativamente a huma invasaõ na Irlanda; e tanto em Brest como no Texel, as republicas Franceza e Batava fizeraõ grandes preparativos para levar a effeito este plano; mas a victoria alcançada contra a esquadra Hollandeza pelas náos Inglezas de Yarmouth, foi causa de falhar este projecto. Tal era, nos fins de 1797, o estado da Irlanda, cujo destino era ser mais tarde o theatro de acontecimentos mais importantes.

CAPITULO III.

Revoluçaõ em Roma. — Projecta o Directorio hum desembarque em Inglaterra. — Expediçaõ do Egypto. — Tomada de Alexandria, de Rosetta e do Cairo. — Combate de Aboukir. — Insurreiçaõ dos Irlandezes-Unidos. — Expediçaõ dos Francezes para a Irlanda.

Revoluçaõ em Roma.

O principio do anno de 1798 foi assignalado por huma nova revoluçaõ na Italia. O general Francez Duphot tendo sido assassinado em Roma em hum motim popular, o exercito republicano ás ordens do general Berthier, recebeo ordem de marchar sobre esta capital: chegando debaixo dos seus muros, esperou o

resultado da revoluçaõ concertada, que devia operar-se na cidade. Teve lugar em 15 de Fevereiro; e Berthier entrou logo nella acompanhado de tropas. Tendo atravessado Roma, subio ao capitolio, onde proclamou em nome do povo Francez, a nova republica Romana, que elle ao mesmo tempo declarou livre e independente. O Papa, despojado do seu poder temporal, alcançou a faculdade de retirar-se á Toscana, d'onde, de cidade em cidade, foi conduzido a Valence, em França, para ahi morrer victima de huma politica tortuosa.

Projecta o Directorio hum desembarque em Inglaterra.

Desembaraçado dos seus inimigos do continente, projectou o Directorio hum desembarque em Inglaterra, para cujo effeito tinha reunido hum exercito nas costas. Ao mesmo tempo inflammava os animos contra o governo Inglez; e o gabinete de Londres, da sua parte, tomava medidas para a defeza do Reino. Grande numero de navios de transporte, esquipados em Flessinga, e em outros portos Batavos, deviaõ cooperar para esta tentativa dos Francezes. Para obstar a esta operaçaõ hostil, mandou o governo Britannico para estas alturas huma frota, que tendo lançado ferro em Ostende, desembarcou dois mil homens, que se encaminháraõ á eclusa de Flyekens, que destruíraõ. Fez esta mesma frota fogo sobre a cidade, que foi incendiada em differentes partes, e abrazou alguns navios e embarcaçóes: víraõ-se porém obrigados a depor as armas, depois de haverem sustentado tres horas de combate, por lhes naõ ter permittido tornar a embarcar-se a grande agitaçaõ do mar. O Directorio, com tudo, convencido

da impossibilidade de realisar com bom successo o seu projecto de desembarque, renunciou a elle para voltar as suas vistas para outra parte.

Expediçaõ do Egypto.

Para a conquista do Egypto he que dirigio a sua attençaõ, empreza que entaõ abrio vasto campo ás conjecturas politicas. Bonaparte, chefe desta expediçaõ, embarcou na esquadra commandada pelo almirante Brueys, e fez-se á vela de Toulon a 13 de Maio.

Tomada de Malta.

Chegado á altura de Malta, a 12 de Junho, pedio licença para fazer aguada: e recusando-lha o Graõ-Mestre, desembarcou hum corpo de tropas; a parte meridional da ilha naõ tardou a sujeitar-se, e o forte la Valette, que estava em estado de resistir, naõ fez senaõ huma fraca defeza. Depois de hum sitio de dois dias, assignou o Graõ-Mestre huma capitulaçaõ, em virtude da qual entregava a ilha de Malta e as suas dependencias em poder dos Francezes. Esta entrega taõ prompta surprendeo os politicos; mas parece que esta ilha foi entregue pelos Cavalleiros, e que a recusaçaõ de permittir aos Francezes de fazer aguada, estava ligada a hum plano concertado para dar-lhes hum pretexto de obrarem como inimigos. A conquista de Malta tinha sido concertada em París.

Tomada de Alexandria, de Rosetta e do Cairo.

Depois de haver deixado algumas tropas no forte la Valette, e na ilha de Gozo, Bonaparte navegou para o Egypto, e no espaço de huns onze dias, apresentou-se diante de Alexandria, que tomou de assalto, na noite de 5 de Julho. Por huma convençaõ que concluio com os Muftis e os principaes chefes,

garantia aos habitantes as suas propriedades e o exercicio da sua religiaõ. Passados quatro dias, marchou sobre o Cairo, ordenando a huma das suas divisões que se apoderasse de Rosetta, e subisse pela margem esquerda do Nilo. Chegando a seis legoas do Cairo, soube que alguns Beys se tinhaõ reunido nas alturas de Embabeh, resolvidos a fazer os maiores esforços para o repellir: á vista do que determinando-se a ataca-los, ordenou immediatamente as suas tropas: cobrio-se logo a planicie de Mamelucos, que rodeáraõ as alas do seu exercito. Deixáraõ-nos os Francezes aproximar-se até á distancia de cincoenta passos, e no mesmo instante hum duplicado fogo de artilheria e de mosquetaria poz em desordem aquella temivel cavallaria; os entrincheiramentos de Embabeh saõ logo tomados, e o inimigo derrotado em toda a parte, vê-se obrigado a pôr-se em retirada com tal precipitaçaõ, que hum grande numero de Mamelukos se afogou no Nilo. Este combate abrio aos Francezes as portas do Cairo, e lhes segurou a posse do Baixo-Egypto.

Depois da tomada do Cairo, os dois principaes chefes dos Mamelukos, Mourad-Bey e Ibrahim-Bey, tendo-se separado, perseguio Desaix o primeiro no Saíde, em quanto Bonaparte tomou á sua conta repellir o outro para além do deserto, que separa a Syria do Egypto.

Neste meio tempo o almirante Inglez Nelson, que andava no alcance da esquadra, em que Bonaparte se tinha embarcado, alcançou-a a dez legoas pouco mais ou menos de Cóbate de Aboukir.

Alexandria, onde estava ancorada na bahia de Aboukir, apresentando huma linha respeitavel. Foi bem succedido o almirante Inglez no seu projecto, que era cortar a linha dos Francezes. Empenhou-se o combate no primeiro de Agosto, quasi ao pôr do sol. Por fim duas náos Francezas arreáraõ bandeira; pouco depois outra náo seguio o seu exemplo, e em breve toda a vanguarda estava em poder dos Inglezes, que alcançáraõ, naõ sem custo, huma vantagem decisiva. Nove náos Francezas foraõ tomadas, e outra foi queimada pelo que a commandava, assim como quinze fragatas, sem contar a náo *Oriente*, que saltou pelos ares. Esta victoria deo á bandeira Britannica huma superioridade absoluta no Mediterraneo.

Insurreiçaõ dos Irlãdezes-Unidos.

Os *Irlandezes-Unidos*, que durante o anno precedente, se haviaõ occupado em organisar os seus planos de rebelliaõ, resolvêraõ da los á execuçaõ; em consequencia, a sua junta militar decidio que se effeituasse sem demora huma insurreiçaõ geral, cujo dia se aprazou. O governo, que tinha conhecimento das suas tramas, tinha já mandado prender hum grande numero dos principaes delles. Resolvêraõ-se com tudo a fazer os ultimos esforços, do que havendo sido informado o governador, deo ordem para novas prisões. O Lord Tenente da Irlanda declarou a cidade e o condado de Dublin em estado de insurreiçaõ: triplicou-se a guarda do castello e a de todos os pontos, que deviaõ ser atacados. Sem embargo disso, teve a sublevaçaõ lugar no dia aprazado: apresentáraõ-se os insurgentes em nu-

mero de quinze mil pouco mais ou menos nas visinhanças de Wexford e de Enniscorthy, onde atacáraõ e destruíraõ hum corpo inteiro de milicia, escapando unicamente hum coronel e dois soldados; depois do que tomáraõ os rebeldes de assalto a cidade de Enniscorthy, e se apoderáraõ de Wexford. Tendo atacado a cidade de Newgross, foraõ repellidos com grande perda. Com tudo as tropas Reaes experimentáraõ por seu turno hum revez consideravel: tendo atacado hum corpo numeroso de insurgentes, víraõ-se obrigadas a retirar-se sobre Arklom, onde os seus adversarios se apresentáraõ. Empenhou-se huma acçaõ, em que os rebeldes foraõ derrotados; mas o combate de Wingar-Hill, decidio do exito desta guerra: depois de se haverem defendido muito pertinazmente, foraõ desbaratados, deixando em poder dos vencedores hum grande numero de mortos e de feridos, com algumas peças de artilheria de differentes calibres. Depois desta victoria, entráraõ as tropas Reaes na cidade de Wexford, evacuada pelos rebeldes, cujo chefe tendo sido aprisionado, foi conduzido perante huma commissaõ militar, condemnado á morte e executado. Em outro ponto, foi huma partida de insurgentes derrotada em Ballynahineh, e o seu chefe ficando prisioneiro, foi igualmente executado. Estando por assim dizer suffocada a rebelliaõ, dirigio o Lord Tenente huma messagem á Camara dos Communs, na qual lhes annunciava que o Rei o tinha auctorisado a offerecer hum perdaõ geral por todos os delictos de rebelliaõ commettidos até entaõ, debaixo de certas con-

dições e restricções compativeis com a tranquillidade pública; declarava ao mesmo tempo, que perseguiria vigorosamente todos aquelles que persistissem em naõ sujeitar-se..

Expediçaõ dos Francezes para a Irlanda.

Causou espanto ver que a França, entaõ em guerra com a Inglaterra, naõ désse soccorro algum aos insurgentes Irlandezes. O governo Francez mandou unicamente, debaixo das ordens do general Humbert, algumas fragatas e embarcações de transporte, que entráraõ na bahia de Killala, e desembarcáraõ mil homens pouco mais ou menos de tropa, com muitas armas e munições. Mas estas forças, além de serem insufficientes, chegáraõ muito tarde, e o numero dos insurgentes que se ajuntáraõ aos auxiliares Francezes, naõ foi consideravel. Depois de alguns combates parciaes, em que soffreo perdas, vio-se o general Humbert obrigado a recuar, e o seu pequeno corpo, reduzido a quatrocentos homens, foi obrigado a depôr as armas.

Fizeraõ os Francezes logo depois huma nova tentativa para a Irlanda. Partio huma esquadra, com tropas e munições, de Brest para este destino; mas foi completamente derrotada, e os vasos quasi todos cahíraõ em poder dos Inglezes. O máo successo desta expediçaõ foi motivo de que os insurgentes perdessem toda esperança, e os restos espalhados das suas tropas depuzéraõ as armas.

Este o fim que teve a rebelliaõ da Irlánda. Fazem subir a trinta mil o numero de homens, que perecêraõ nesta guerra deploravel.

Foraõ coroadas de feliz successo todas as operações do ministerio Britannico durante

o curso desta campanha; a destruiçaõ da esquadra Franceza nas costas do Egypto, e a sujeiçaõ dos insurgentes Irlandezes, completáraõ os seus votos. De mais disso, a ilha de Minorca rendeo-se ás tropas Inglezas sob o commando do general Stuart e do Commodoro Dunckworth, que fizeraõ esta acquisiçaõ importante sem perder hum só homem.

CAPITULO IV.

Renovaçaõ das hostilidades em Italia, entre os Francezes e o Rei de Napoles. — Revoluçaõ em Napoles. — A Austria, ajudada da Russia, principia novamente a guerra. — Evacuaõ os Francezes a Italia.— Assassinio dos Plenipotenciarios Francezes. — Abandona o Imperador da Russia a Austria. — Desembarcaõ os Inglezes em Hollanda.

Acabavaõ as hostilidades de principiar novamente entre a França e o Rei de Napoles, Fernando IV, que tinha rompido o Tratado concluido com o Directorio, logo que vio apartar-se da Italia Bonaparte com o seu exercito. Tendo o Monarca Napolitano posto em pé hum exercito numeroso, confiou o commando delle ao general Austriaco Mack, adiantou-se sobre Roma, que os Francezes evacuáraõ, naõ deixando mais que huma fraca guarniçaõ no castello Sant-Angelo. Os Francezes commandados pelo general Championnet, marcháraõ ao encontro do exercito Napolita-

Renovaçaõ das hostilidades em Italia, étre os Francezes e o Rei de Napoles.

no, que foi inteiramente derrotado; depois do que tornáraõ a entrar victoriosos em Roma.

Naquelle mesmo tempo, o Rei de Sardenha, que estava de intelligencia sem dúvida com Fernando IV, vio-se obrigado pelos Francezes, que occupavaõ a cidadella de Turin, a abandonar o Piemonte, assignando a 16 de Dezembro a sua renuncia á posse deste paiz, e retirando-se para a Ilha de Sardenha.

Em quanto Championnet expulsava do territorio Romano o exercito Napolitano, o almirante Inglez Nelson, tendo desembarcado em Liorne hum Corpo de tropas da sua naçaõ, apoderou se desta cidade. Estas forças, cujo destino era fazer com que a Toscana se insurgisse, e cortar a communicaçaõ dos Francezes com o norte da Italia, punhaõ em grande embaraço o general Championnet, que com tudo perseguio o exercito inimigo até ao ponto de o obrigar a encerrar-se em Capua.

Neste meio tempo Fernando IV, inquieto por causa dos movimentos populares que tinhaõ lugar em Napoles, embarcando-se na esquadra Ingleza com a sua familia, fez se á vela para a Sicilia: e os Inglezes nesta mesma occasiaõ leváraõ comsigo ou lançáraõ fogo aos vasos, que se achavaõ no porto de Napoles.

Revoluçaõ em Napoles.

Chegando o exercito Francez a Capua, foi rodeado de huma multidaõ de paizanos armados e levantados em massa por ordem do seu Soberano. Tendo entaõ proposto o Vice-Rei Pignatelli hum armisticio ao general Championnet, se promettesse de naõ marchar sobre Napoles, este o acceitou, visto achar-

se cada vez mais inquietado de todas as partes, e em vesperas de lhe faltarem os viveres. Com tudo, como em Napoles reinava huma grande animosidade entre os Realistas e os que queriaõ huma république, em breve tempo rebentou ali huma revoluçaõ, fomentada pelo general Francez: naõ tinha esta cidade por defensores senaõ os Lazzaronis: Championnet propoz entrar em ajuste com elles, e como se recusassem a isso, determinou ataca-los. Os Napolitanos, que eraõ do partido Francez, já senhores do Castello Santelmo, naõ esperavaõ senaõ o momento favoravel para fazer fogo sobre a cidade. Precipitáraõ-se os Francezes nella de todos os lados. Ajudados os Lazzaronis de huma artilheria formidavel, defendem-se com coragem e encarniçamento; saõ alternativamente victoriosos e repellidos. Todavia os Francezes ajudados da artilheria e da guarniçaõ do Forto Santelmo, derrotaõ-nos, tòmaõ o Castello Novo á baioneta, escalaõ o forte del Carmine, e penetraõ no bairro dos Lazzaronis, a que lançaõ fogo. Havia sessenta horas que durava o combate, e as ruas todas estavaõ juncadas de mortos, de moribundos, de feridos, quando o general, para melhor dividir os Lazzaronis, crêo dever entregar ao seu furor o Palacio Real, e abandonar-lhes o saque delle. Serenando-se algum tanto os espiritos, aquelles que tomavaõ o nome de patriotas, reunindo-se aos Francezes, organizaõ hum novo governo, e proclamaõ a républica Parthenopeana.

Em quanto a paz entre a França e a A Austria

ajudada da Russia, torna a principiar a guerra.

Austria se negociava em Rastadt, onde se tinha aberto hum Congresso para este fim, Paulo I, Imperador da Russia, fazia preparativos de guerra contra os republicanos. A Corte de Vienna, certa entaõ do apoio deste novo alliado, quiz tentar de novo a sorte das armas. Mandou o Directorio nesta circunstancia entrar as suas tropas em campanha. Mas na luta terrivel, que se empenhou em Allemanha, em Italia, e até na Suissa, cujos habitantes tinhaõ chamado os Austriacos em seu soccorro, a victoria naõ se declarou a favor do exercito Francez, que estava muito dividido, tendo a cobrir huma superficie immensa de terreno. Tinha Massena feito prodigios de valor no paiz dos Grisões; mas naõ pôde impedir que o general Jourdan naõ fosse repellido na Suabia, onde entrára ao principio como vencedor. Estava-se entaõ em fins de Março do anno de 1799.

Evacuaõ os Francezes a Italia

Naõ tardou o exercito Francez da Italia a experimentar tambem revezes. Os Russos commandados por Suwarow, tinhaõ operado ali a sua juncçaõ com os Austriacos, que tinhaõ alcançado differentes vantagens contra os republicanos: em breve tempo foraõ estes completamente derrotados em Cassano, pelos dois exercitos combinados, cujas operações naõ foraõ desde entaõ senaõ huma serie naõ interrompida de successos gloriosos, que obrigáraõ os Francezes a huma prompta retirada; e cujo resultado foi, que no mez de Junho de 1799, de todas as conquistas de Bonaparte em Italia naõ restava já á França senaõ o Estado de Genova, a que tinhaõ da-

do o nome de republica Liguriana. As cidadellas de Milaõ e de Turin tinhaõ capitulado. Ainda que aprovisionada para seis mezes, e defendida por huma guarniçaõ numerosa, tinha-se Mantua rendido. Algumas das passagens da Saboia estavaõ abertas a Suwarow; o Archiduque Carlos, da sua parte, hia penetrando no paiz dos Grisões, e Massena acabava de ver-se obrigado a abandonar Zurich.

Assassinio dos plenipotenciarios Francezes.

Apenas as hostilidades tinhaõ novamente começado, quando hum acontecimento extraordinario attrahio a attençaõ pública: as Sessões do Congresso de Rastadt, que desde tanto tempo se achava reunido sem nada concluir, foraõ subitamente interrompidas. Tendo os plenipotenciarios Francezes sido obrigados a partir, dois delles foraõ indignamente assassinados, ao sahirem da cidade, por alguns husares Austriacos, ou por individuos, que se haviaõ disfarçado com a sua farda. Imputou o governo Francez este attentado á Austria, que protestou naõ ter conhecimento algum desta violaçaõ do direito das gentes; e até naquella mesma época, espalhou-se o boato, que os assassinos naõ eraõ Austriacos, mas sim Francezes. Seja porém o que fôr, o certo he que nunca se pudéraõ descobrir nem os auctores do assassinio, nem os motivos que houve para semelhante attentado; ficando este negocio envolto no mais profundo mysterio.

Abandona o Imperador da Russia a Austria.

No momento em que os exercitos Russos e Austriacos, que ameaçavaõ a França de huma invasaõ, consternavaõ os republicanos, rompeo-se a nova liga. Tinha Suwarow alcançado huma victoria decisiva em Novi

contra os Francezes, que tinhaõ perdido na batalha o seu general Joubert, quando por effeito de hum novo plano de operações, o general Russo vio-se obrigado a abandonar a Italia, theatro das suas victorias, para encaminhar-se á Suissa, onde se achava hum exercito Francez, o qual deveriaõ ter posto no caso de nada obrar ou emprehender, em quanto os Russos tentassem penetrar na França pela Italia, o que teria reduzido este exercito a grande apuro. Suwarow, que via arrebatarem-lhe o fructo dos seus gloriosos successos, muito a seu pezar fez o movimento que exigiaõ delle. Tanto maior razaõ de queixa tinha este general, quanto na sua chegada á Suissa, onde devia achar o Archiduque Carlos com a flôr do exercito Austriaco, só encontrou os restos dos corpos Russos, que acabavaõ de ser derrotados por Massena, por culpa do mesmo Archiduque, que os havia inopinadamente abandonado, para encaminhar-se a Philisbourg, onde o inimigo o tinha attrahido com hum ataque falso. Tendo alcançado á força de sacrificios e de habilidade, naõ cahir nas mãos dos inimigos, Suwarow voltou para a Italia, e informou o seu Soberano dos perigos, a que a Austria acabava de expôr os exercitos Russos. Paulo I suspeitando que o gabinete de Vienna naõ queria empregar o seu exercito, senaõ em beneficio seu particular, mandou-o recolher no mesmo instante.

Desembarcaõ os Inglezes em Hollanda.

Naquella mesma época, o ministerio Britannico, desejando subtrahir as Provincias-Unidas á influencia dos Francezes, empre-

hendeo com este fim huma expediçaõ, cujo commando se deo ao Duque de Yorck; que teve debaixo das suas ordens trinta mil homens de tropas Inglezas, aos quaes vieraõ juntar-se dezasete mil Russos a soldo de Inglaterra. A primeira divisaõ ás ordens do general Abercomby, desembarcou na costa de Hollanda, depois de huma acçaõ assaz renhida. Obrigados a ceder, os Hollandezes evacuáraõ o forte do Helder e se retiráraõ. Neste meio tempo a sua esquadra cahio em poder dos Inglezes, tendo se as tripulações das náos, excitadas pelos emissarios destes, revoltado e lançado ao mar as balas e munições. O general Brune, que commandava o exercito Gallo-Batavo, atacou o general Abercomby na sua forte posiçaõ do Zype, do que se seguio huma acçaõ muito viva em vantagem deste ultimo. Tendo o Duque de Yorck chegado pouco depois com a segunda divisaõ do exercito Inglez, e havendo sido em breve seguido de dezasete mil Russos vindos de Revel, entrou logo a obrar offensivamente. Principiou o ataque em todos os pontos do exercito Gallo-Batavo, que foi repellido: o general Brune, reunindo todas as suas forças, empenhou huma acçaõ muito viva em Berghen, onde o Duque de Yorck foi completamente derrotado. Teve lugar outra acçaõ em Castricum tambem em vantagem dos Francezes e dos Hollandezes, de que resultou huma convençaõ, cuja substancia era, que o exercito Anglo-Russo evacuaria o territorio da républiica Batava, e que os fortes do Helder e outros, seriaõ restabelecidos no mesmo estado em que

estavaõ antes da invasaõ. Este o fim que teve huma expediçaõ preparada com taõ grandes despezas: a Inglaterra com tudo tirou huma vantagem importante desta dispendiosa empreza, visto que com a tomada da esquadra do Helder, o poder maritimo dos Hollandezes ficava aniquilado.

CAPITULO V.

Destroem os Inglezes o Imperio de Tippoo-Saib. — Operações dos Francezes no Egypto. — Deixa Bonaparte o Egypto, e volta para França. — Revoluçaõ no governo Francez. — Nova Constituiçaõ. — Propõe Bonaparte a paz á Inglaterra. — Tomada de Malthá pelos Inglezes.

Destroem os Inglezes o Imperio de Tippoo-Saib.

Naõ eraõ os Inglezes menos felices na Asia do que na Europa. Tippoo-Saib, que tinha concluido huma alliança offensiva e defensiva com a republica Franceza, e se havia obrigado a tomar a seu soldo todas as tropas, de que ella pudesse dispôr, para proseguir a guerra na India, dava alguma inquietaçaõ aos Inglezes. Em consequencia, Lord Mornington, governador general de Bengala, entendeo dever testemunhar a Tippoo-Saib alguns receios quanto á alliança que contratára com a França, e propoz mandar hum embaixador a Mysore para restabelecer, sobre as bases mais sólidas e mais estaveis, a paz e a boa intelligencia entre os dois governos. Lord Mornington, que naõ esperava desta negociaçaõ hum

resultado satisfactorio, reunio sem demora as tropas nas costas de Malabar e Coromandel, concertando-se com o Nizam do Decan e os Marattas. Tippoo-Saib naõ tendo dado senaõ respostas evasivas, principiou Mornington as hostilidades. Tendo o exercito Inglez penetrado no territorio de Mysore, começou por apoderar-se dos differentes fortes situados na fronteira: e Tippoo-Saib, havendo-se adiantado, foi derrotado e obrigado a recolher-se á sua capital, que foi tomada de assalto. Este desgraçado Principe, que tinha succumbido combatendo, foi achado morto sobre hum montaõ de cadaveres. Os seus dois filhos foraõ conduzidos ao campo dos Inglezes, que com a destruiçaõ do Imperio de Tippoo-Saib, asseguráraõ a tranquillidade das suas possessões na India: elles ficáraõ com a maior parte dos seus Estados; a importante fortaleza, a cidade e a ilha de Seringapatnam foraõ encorporadas ao territorio Britannico. Taes foraõ as vantagens que os Inglezes alcançáraõ na Asia.

Na America meridional, tomáraõ aos Hollandezes o forte da nova Amsterdam e a cidade de Paramaribo, capital do estabelecimento de Surinam.

Operações dos Francezes no Egypto.

Os successos nos conduzem novamente ao Egypto, onde Bonaparte, senhor do Baixo-Egypto, sendo informado que o Pachá da Syria se puzera em estado de hostilidade, deo as suas ordens para marchar contra elle. A tomada do forte d'El-Arisch pelo exercito Francez, assignalou o principio desta campanha, e abrio caminho para a entrega de Ga-

za. Jaffa, que tinha opposto huma vigorosa resistencia, foi tomada de assalto, e a guarniçaõ passada ao fio da espada. Quiz o inimigo fazer hum esforço para suspender a marcha dos Francezes: mas foi repellido em todas as partes, e estes chegáraõ até junto de S. Joaõ de Acre. Os Inglezes com tudo tendo-se apoderado de huma flotilha, que conduzia a Bonaparte as munições e a artilheria necessarias para o sitio desta praça, que hia emprehender, contrariou muito este successo o seu plano de operações na Syria. Mas nem por isso desistio do seu designio de sitiar Saõ Joaõ d'Acre, defendida por huma numerosa guarniçaõ, protegida por huma esquadra Ingleza. Já differentes ataques obstinados tinhaõ tido lugar contra esta cidade, quando Bonaparte recebendo informaçaõ de que se adiantavaõ forças consideraveis em soccorro dos sitiados, entendeo que os devia prevenir: deixando por tanto duas divisões diante da praça, encaminhou-se para o Jordaõ, onde derrotou completamente os inimigos em differentes batalhas. Depois desta expediçaõ continuou-se o cerco de S. Joaõ d'Acre com summo vigor: mas a guarniçaõ tendo recebido novos reforços, e o exercito Francez achando-se enfraquecido com as perdas multiplicadas que experimentava, resolveo Bonaparte abandonar esta empreza e voltar para o Egypto. Tendo-se effeituado a retirada em boa ordem, chegou o exercito ao Cairo a 15 de Junho.

Deixa Bonaparte o

Foi entaõ quando tomou a resoluçaõ secreta de voltar furtivamente para França, vis-

to que se o exercito fosse sabedor de semelhante determinaçaõ, que elle naõ tinha o direito de tomar, ter-se-hia revoltado: motivo por que occultou cuidadosamente o designio em que estava. Os officiaes, a quem deixou o commando, naõ o souberaõ senaõ pelos despachos, que abríraõ algumas horas depois da sua partida, à qual sem dúvida èra devida a maquinações, que faziaõ a sua presença necessaria em Paris: aquelles mesmos que o deviaõ acompanhar nesta especie de deserçaõ, naõ souberaõ o seu projecto de voltar para França, senaõ no momento do embarque: os navios em que embarcáraõ, chegáraõ a Saint-Rapheau, sem terem experimentado obstaculo da parte dos navios Inglezes que cruzavaõ no Mediterraneo, que naõ ignoravaõ que elle vinha prolongar os males da revoluçaõ, e aggravar os flagellos com que ella affligíra a Europa.

Egypto, e volta para França.

Parece que o papel que Bonaparte hia representar, já estava concertado antes da sua partida do Egypto. Tratava-sê de effeituar hũma revoluçaõ no governo Francez. Propuzéraõ-lhe se queria encarregar-se da auctoridade, proposiçaõ que já se havia feito ao general Moreau e a outros, que tinhaõ tido a prudencia de a rejeitar; porém Bonaparte acceitou. O primeiro passo para esta revoluçaõ, foi dado pelo Conselho dos Anciaõs, que decretou a 9 de Novembro, que se transferiria o Corpo Legislativo para S. Cloud; que o general Bonaparte se encarregaria de tomar todas as medidas necessarias para a representaçaõ nacional, e que para este fim teria debaixo das

Revoluçaõ no governo Francez.

K 2

suas ordens a guarda do Corpo Legislativo, a guarda nacional e as tropas de todas as armas, que se achavaõ em París e nas visinhanças. No dia seguinte, o Conselho dos Quinhentos havendo-se reunido em S. Cloud, a sessaõ, que era presidida por Luciano Bonaparte, foi muito tempestuosa. Fizeraõ-se hum grande numero de moções; mas nada se resolveo. No meio dos debates, o general Bonaparte entrou na sala; no mesmo instante se ouvíraõ os gritos *abaixo o tyranno! fóra da lei o dictador!* Bonaparte parecia irresoluto e perturbado. O tumulto hia cada vez a mais. A força militar adiantou-se, e penetrou na sala, que se despejou, e dissolveo-se a assembléa.

Alguns momentos depois formou-se huma nova assemblea, sempre debaixo da presidencia de Luciano Bonaparte; aquelles membros que se haviaõ declarado contra seu irmaõ, naõ assistíraõ a ella. Entaõ os dois Conselhos encarregáraõ a duas commissões, tiradas do seu seio, a redacçaõ de huma nova Constituiçaõ, depositando a auctoridade, que o Directorio exercêra até entaõ, em hum Consulado provisorio, composto de Bonaparte, Sieyes e Roger-Ducos.

Nova Constituiçaõ. 1800.

A nova Constituiçaõ, que naõ tardou a apparecer, confiava o exercicio do poder a tres Consules, Bonaparte, Cambaceres e Lebrun. Mas o primeiro delles, Bonaparte, encarregado de attribuições particulares, estava só investido de hum poder verdadeiro, naõ tendo ambos os seus collegas senaõ voto consultivo nos negocios. O poder legislativo era

confiado a tres Camaras, huma com o nome de *Tribunato*, outra com o de *Corpo Legislativo*, e a terceira, superior ás outras duas, com o nome de *Senado*. O Tribunato devia discutir as questões que lhe apresentasse o governo, e fazer dellas projectos de leis; depois disso, o Corpo Legislativo podia rejeitar estes projectos de leis, ou converte-los em decretos, que para serem verdadeiras leis, era mister fossem approvados pelo Senado, debaixo do nome de Senatus-Consultos.

Propõe Bonaparte a paz á Inglaterra.

Assim que Bonaparte foi proclamado Primeiro Consul, prometteo tomar todas as medidas efficazes para reparar os males da França, e pôr hum termo á guerra. Com este fim, dirigio huma carta ao Rei de Inglaterra, para testemunhar-lhe o desejo que tinha de ver restabelecida a paz entre as duas nações. O ministerio Inglez porém naõ pareceo disposto a tratar, porque os principios do governo Francez naõ lhe pareciaõ bastante mudados, nem a sua auctoridade assaz consolidada para offerecer huma garantia sufficiente aos Tratados que pudessem concluir-se com elle. Em consequencia continuáraõ as hostilidades entre a França e a Inglaterra, mas nada offerecêraõ de importante no decurso deste anno, a naõ ser a conquista da ilha de Maltha. A 5 de Setembro, a cidade de la Valette, capital desta ilha, depois de haver sustentado hum bloqueio de dois annos, rendeo-se aos Inglezes por capitulaçaõ, ficando a guarniçaõ Franceza prisioneira de guerra, e sendo declarados de boa presa os vasos que se acháraõ no porto.

Tomada de Maltha pelos Inglezes.

No mesmo tempo, a ilha Hollandeza de Curaçáo sujeitou-se ás armas Britannicas, depois de huma fraca resistencia.

CAPITULO VI.

Renovaçaõ das hostilidades em Allemanha e em Italia. — Armisticio concluido entre os Francezes e os Austriacos. — Torna a começar a guerra. — Insurreiçaõ na Toscana. — Entregaõ os Austriacos aos Francezes Mantua e outras praças. — Operações militares no Egypto.

Renovaçaõ das hostilidades em Allemanha e em Italia.

O Imperador da Russia, que depois da retirada de Suwarow, tinha mandado recolher as suas tropas, deixou a Austria só, carregando sobre ella todo o peso da guerra, que hia principiar de novo em Allemanha e em Italia. Tendo o general Moreau mandado passar o Rheno em tres pontos differentes ao seu exercito, principiou a campanha debaixo de felices auspicios. Conduzindo as suas tropas á Baviera, apoderou-se de Landshut, e de Munich, mandou tomar a posiçaõ de Feldkirk, e alcançou por toda a parte successos brilhantes. Em tal estado estavaõ as cousas em Allemanha, quando hum armisticio veio pôr termo aos horrores da guerra.

Naõ foraõ menos felices as armas Francezas em Italia, onde, depois de haver ganhado a batalha de Marengo, Bonaparte obrigou os Austriacos a repassar o Bormida: no dia seguinte, o general Melas mandou propôr hum

armisticio ao Primeiro Consul, no que consentindo este ultimo, assignou-se huma convençaõ, em virtude da qual os Francezes tomavaõ posse de Tortona, de Alexandria, de Milaõ, de Turin, de Arona, de Pizzighettone, de Plasencia, de Ceva, de Savona, de Genova, e do forte Urbino; e os Austriacos ficavaõ occupando Peschiera, Mantua, Borgo-forte, a Toscana, e Ancona; occupando os Francezes todo o paiz comprehendido entre o Chiesa, o Oglio e o Pó.

Bonaparte, vencedor e pacificador ao mesmo tempo da Italia, apressou-se a voltar para París, onde poucos dias depois da sua chegada, se assignáraõ os preliminares da paz entre a Austria e a republica Franceza, os quaes se deviaõ mandar à Vienna para serem ratificados. Mas sem embargo do perigo que ameaçava os Estados Austriacos, a influencia do partido que queria a guerra, naõ deixou dar ouvidos no gabinete de Vienna aos conselhos da prudencia. Havendo o Imperador recusado ratificar os preliminares, mandou o general Moreau hum official ao campo Austriaco para declarar que as hostilidades hiaõ principiar de novo. Com tudo, o parlamentario hia encarregado de propôr a condiçaõ de hum novo armisticio. Sendo acceita esta proposiçaõ, concluio-se em Hohenlinden outro armisticio de quarenta e cinco dias, pelo qual Ulm, Ingolstadt e Philisbourg deviaõ ser entregues aos Francezes. Este armisticio comprehendia os exercitos belligerantes da Italia. Entaboláraõ-se tambem negociações de paz em Londres naquella mesma epoca; mas o governo

Armisticio cõcluido cõtre os Francezes e os Austriacos.

tendo exigido que a suspensaõ de armas, que acabava de concluir-se, se estendesse ás esquadras, o ministerio Inglez rejeitou esta proposiçaõ. O rompimento destas negociações foi immediatamente seguido do do armisticio de Hohenlinden, havendo-se recusado o Imperador a tratar definitivamente sem que a Corte de Londres tomasse parte no Tratado.

Principia novamẽte a guerra.

Tendo os Imperiaes aberto a campanha, atacáraõ os Francezes, que commandados pelo general Moreau, os derrotáraõ a 3 de Dezembro em Hohenlinden, depois de huma acçaõ sanguinolenta e de esforços porfiados de parte a parte. Deixáraõ os vencidos em poder dos vencedores huma artilheria consideravel, com hum grande numero de prisioneiros. Com esta victoria, decidio-se o exito da campanha a favor dos Francezes. Moreau, sem perder tempo, perseguio com rapidez os restos do exercito Austriaco, o qual succumbio sempre nos differentes combates que tiveraõ lugar. Huma serie tal de desastres, derramou a consternaçaõ em Vienna, que esperava a cada instante ver os inimigos junto dos seus muros; e o gabinete Austriaco vio-se obrigado a concluir hum armisticio, que afiançava a paz.

Insurreiçaõ na Toscana.

A Toscana entre tanto era o theatro de huma insurreiçaõ, causada por milhares de camponezes, que se haviaõ reunido debaixo das ordens do general Austriaco Sommariva. Tendo o general Brune, que commandava os Francezes em Italia, convidado debalde o general Austriaco a dissolver este ajuntamento, como sendo contrario ao armisticio concluido

depois da batalha de Marengo, mandou entrar em Florença e em Liorne hum corpo de tropas. Foraõ os insurgentes dispersados, e os Francezes confiscáraõ todas as fazendas Inglezas que encontráraõ na Toscana. Tendo tomado Arezzo de assalto, passáraõ á espada grande numero dos seus habitantes, conhecidos pelo odio que os animava contra os Francezes.

Entregaõ os Austriacos aos Frãcezes, Mantua e outras praças.

Animado pelos successos que o general Moreau acabava de alcançar em Allemanha, tomou Brune a resoluçaõ de atacar o inimigo, que occupava a margem direita do Mincio. Tendo passado este rio, veio ás maõs com os Austriacos, que depois de huma resistencia porfiada, effeituáraõ huma prompta retirada. No dia seguinte fizeraõ os Francezes prisioneiras as tropas que occupavaõ os reductos de Salionza. Huma acçaõ geral, que devia decidir da sorte do territorio Veneziano, estava para empenhar-se entre os dois exercitos, quando a nova do armisticio concluido em Allemanha suspendeo as hostilidades. Em consequencia, os generaes Brune e Bellegarde assignáraõ huma Convençaõ, em virtude da qual os Austriacos se retiráraõ além do Tagliamento, e entregáraõ aos Francezes Mantua, com mais algumas praças fortes.

Operações militares no Egypto.

Bonaparte, que abandonára furtivamente o Egypto, onde o general Kleber lhe tinha succedido no commando em chefe do exercito, tinha deixado ali os Francezes em huma muito critica situaçaõ. Continuava a guerra no Alto-Egypto, onde os Beys se dispunhaõ a reunir todas as suas forças contra o inimigo

commum. Em outro ponto tinha-se a peste manifestado entre as tropas Francezas, tanto em Alexandria como em alguns outros sitios. O Graõ-Visir, á frente do exercito Ottomano, tinha marchado de Damasco, por Jaffa e Gaza, sobre El-Arisch, forte de que se havia apoderado a 3 de Dezembro de 1799. Kleber, que se naõ achava em estado de fazer frente ao inimigo, julgou dever recorrer a huma negociaçaõ; e por via de Sidney Smith, que commandava huma esquadra Ingleza naquelles mares, concluio a 24 de Janeiro de 1800, a Convençaõ de El-Arisch, em virtude da qual os Francezes deviaõ evacuar o Egypto com armas, bagagens, e tudo quanto lhes pertencesse. Com tudo, como esta evacuaçaõ naõ pudesse effeituar-se com segurança para os Francezes, sem a cooperaçaõ do gabinete Britannico, este, sob pretexto que a Convençaõ era prejudicial aos seus alliados, tendo-se recusado a ratifica-la, principiáraõ novamente as hostilidades. Atacou o general Kleber a 20 de Março a vanguarda dos Turcos em Mataric, a antiga Heliopolis, a cinco legoas do Cairo. Depois de hum sanguinolento combate, soffreo o exercito Ottomano huma derrota completa, e retirou-se precipitadamente para Jaffa. Esta victoria mudou a face dos negocios para os Francezes: o Cairo, que se havia sublevado na sua ausencia, tornou a entrar na obediencia. Mas neste meio tempo, hum acontecimento desgraçado poz termo, no meio da victoria, á vida de Kleber, que foi assassinado no Cairo. Depois da sua morte, passou o commando em chefe ao

general Menou, e os Francezes conserváraõ-se na posse do Egypto até o anno seguinte, d'onde foraõ expulsos pelos Inglezes.

CAPITULO VII.

Tratado de paz de Luneville. — Destruiçaõ da esquadra Dinamarqueza em Copenhague. — Dissoluçaõ da Confederaçaõ do Norte. — Expediçaõ dos Inglezes para o Egypto. — Derrota da esquadra Hespanhola. — Preliminares de paz assignados entre a França e a Inglaterra. — Bonaparte Presidente da republica Italiana. — Restabelece a Religiaõ Catholica em França. — He nomeado Consul vitalicio. — Expediçaõ de S. Domingos.

Na Europa os exercitos Francezes postados a menos de trinta legoas de Vienna, e occupando toda a Italia, permittiaõ ao gabinete das Tuilerias que dictasse as condições da paz: em consequencia do que, assignou-se em Luneville, em 1801, entre a França, o Imperador e o Imperio Germanico, hum Tratado, em virtude do qual as Provincias Belgicas foraõ cedidas á republica Franceza, assim como todo o paiz situado na margem esquerda do Rheno; servindo este rio desde a Suissa até á Hollanda, de limite entre a França e o Imperio Germanico: a republica Cisalpina foi reconhecida, e o seu territorio se esteudeo até o Adige, comprehendendo nelle Verona. O Graõ-Duque de Toscana cedeo o

Tratado de paz de Luneville.

seu Ducado ao Infante Duque de Parma. A Istria, a Dalmacia, Veneza e as suas Ilhas foraõ cedidas á Austria. Quanto aos Principes, que tinhaõ perdido os seus Estados em Allemanha, conveio-se em que o Imperio Germanico supportaria conjunctamente esta perda, e os indemnisaria á custa do seu proprio territorio. O Tratado era commum ás republicas Helvetica, Batava, Cisalpina, e Liguriana.

Destruiçaõ da esquadra Dinamarqueza, em Copenhague.

A Graõ-Bretanha, ameaçada ao mesmo tempo pela França e Hespanha, assim como pela Russia, Suecia, Dinamarca e Prussia, que tinhaõ formado huma neutralidade armada, achava-se em huma critica situaçaõ; pois tinha de combater nas margens do Baltico e nas planicies do Egypto. Dirigindo as suas hostilidades contra Dinamarca, mandou Inglaterra, ás ordens do almirante Nelson, huma esquadra, que depois de haver forçado a passagem do Sund, se apresentou defronte de Copenhague, onde de parte a parte se combateo valerosamente. Os Dinamarquezes, depois de haverem dado provas da maior intrepidez, perdêraõ dezoito vasos, entre os quaes se achavaõ sete náos de linha, e mil e oitocentos marinheiros pouco mais ou menos. Mas como o objecto que os Inglezes se propunhaõ, era fazer sentir o seu poder á Dinamarca, propoz o almirante Nelson hum armisticio, que havendo sido acceito pelo gabinete Dinamarquez, fez desnecessario o ataque de Copenhague. Depois do que, fazendo-se a esquadra Ingleza á vela para a Suecia, apresentou-se em breve tempo á entrada

do porto de Calscrona. Tendo o almirante Nelson dado parte ao Governo do armisticio concluido com a Dinamarca, exigio do Rei de Suecia que désse a conhecer as suas intenções de huma maneira positiva. O resultado deste passo foi suspenderem-se as hostilidades; e as desavenças entre a Inglaterra e a Suecia terminárão-se á vontade das duas Potencias.

Dissoluçaõ da Confederaçaõ do Norte.

Os successos da esquadra Ingleza pareciaõ annunciar huma prompta dissoluçaõ da confederaçaõ das quatro Potencias do Norte: mas á morte repentina de Paulo I, Imperador da Russia, he que particularmente se deve attribuir. Tendo este Principe cessado de viver, a 23 de Março, operou-se huma mudança na politica da maior parte dos gabinetes da Europa. Suspendeo-se a partida da esquadra Russa, mudou o Rei de Suecia de determinaçaõ, e a Dinamarca vio-se abandonada ás suas proprias forças. He constante, que se a Corte de Copenhague naõ tivesse contado com a assistencia da Russia, naõ teria provocado a Inglaterra; de mais disso, se tivesse sabido alguns dias mais cedo a morte de Paulo I, he provavel que tivesse poupado o sangue que se derramou na batalha de Copenhague.

O novo Imperador da Russia, Alexandre, começou o seu reinado de hum modo inteiramente opposto á conducta de seu Pai, a quem succedia. Renunciou as pertensões que seu pai tinha á ilha de Maltha, e mandou levantar o embargo posto nos navios Inglezes, que se achavaõ nos portos dos seus Estados:

seguio-se a isto hum tratado de accommodaçaõ, entre a Russia e a Inglaterra, relativamente ás desavenças originadas pela neutralidade armada; e a dissoluçaõ da confederaçaõ do Norte aplanou hum dos grandes obstaculos á pacificaçaõ geral.

Expediçaõ dos Inglezes para o Egypto.

De outro lado, a Inglaterra, que havia recusado ratificar o tratado de El-Arisch, estava occupada no Egypto, para onde tinha mandado forças consideraveis, com o fim de expulsar delle os Francezes. Depois de haverem alcançado algumas vantagens, apparecêraõ os Inglezes nas visinhanças do Cairo, tendo-se-lhes reunido hum exercito Ottomano. Os Francezes, que se haviaõ retirado para esta praça, vendo-se investidos por todos os lados, mandáraõ hum parlamentario ao campo dos Inglezes; entrou-se em negociaçaõ, e depois de alguns dias de conferencias assignou-se huma convençaõ entre o general Francez Belliard, e o general Inglez Hutchinson. Estipulou-se nesta capitulaçaõ, que a guarniçaõ do Cairo, e tudo quanto pertencia aos officiaes e soldados, seria transportado para França nos portos do Meditarraneo; e que o general Menou, que commandava em Alexandria, seria admittido a gozar das mesmas vantagens, se assim o julgasse conveniente.

Naõ tendo o general Menou accedido á convençaõ do Cairo, os exercitos Inglez e Ottomano combinados, se encaminháraõ a Alexandria para sitia-la. Achava-se esta praça a ponto de lhe faltar agua e viveres. Estava a raçaõ do soldado reduzida a algumas onças de paõ e a huma pouca de carne de

cavallo. Vendo o general Menou que naõ podia fazer huma resistencia efficaz, entendeõ que expôr as suas tropas ás consequencias de hum largo assedio e aos horrores de hum assalto, seria sacrificar a vida de bravos militares que tanto tinhaõ soffrido; capitulou portanto debaixo das mesmas condições do general Belliard. Deste modo terminou a expediçaõ do Egypto.

Derrota da esquadra Hespanhola.

A pouca cousa se limitaõ as operações maritimas entre a França e a Inglaterra. Nada houve de importante senaõ huma acçaõ nas costas de Hespanha, entre o almirante Inglez Saumarez, e huma esquadra composta de vasos Francezes e Hespanhoes. Empenhou-se o combate durante a noite, e a confusaõ e escuridaõ foraõ causa de fazerem fogo as náos Hespanholas humas contra as outras. Tendo-se ateado o fogo no *Real Carlos*, saltou pelos ares; o *Hermenegildo* tomando-o por inimigo, abordou-o, e abrazou-se igualmente, em quanto o *Santo Antonio* de setenta e quatro peças, e setecentos e trinta homens de guarniçaõ, abandonado ás suas proprias forças, vio-se obrigado a arrear bandeira. Tendo-se os vasos Francezss retirado immediatamente, acháraõ-se pela manhã fóra do alcance do inimigo.

Preliminares de paz assignados entre a Frãça e a Inglaterra.

Tendo-se assignado os preliminares da paz entre a França e a Inglaterra em Londres, julgou-se ver terminada a luta mais terrivel, de que a Europa fosse o theatro desde a destruiçaõ do Imperio Romano. Por estes artigos consentia a Graõ-Bretanha em restituir todas as saas conquistas, á excepçaõ da ilha

da Trindade e dos estabelecimentos Hollandezes de Ceilaõ. O Cabo da Boa Esperança devia continuar a ser franco para o commercio de todas as partes contractantes. A ilha de Maltha devia ser restituida á Ordem de S. Joaõ de Jerusalem, o Egypto á Porta Ottomana; Portugal era conservado na sua integridade; Roma e Napoles deviaõ ser evacuadas pelos Francezes; a pesca de Terra Nova devia restabelecer-se no antigo pé em que estava. Finalmente, deviaõ ajuntar-se em Amiens os plenipotenciarios nomeados pelas partes contractantes, para concluir hum Tratado definitivo.

Bonaparte Presidente da Republica Italiana.

Com tudo, a conducta de Bonaparte deo lugar de presumir que a paz naõ seria de larga duraçaõ. Pouco depois da assignatura dos preliminares, fez com que o nomeassem, em 1802, Presidente da republica Italiana (precedentemente Cisalpina), sem embargo de ser a independencia desta republica huma das estipulações do Tratado de Luneville: o que naõ podia ser olhado com indifferença pelo gabinete Austriaco. No mesmo tempo, o Piemonte e o Ducado de Parma foraõ reunidos á França. A pezar destas usurpações, foi o Tratado definitivo assignado em Amiens entre a França e a Inglaterra com muitas difficuldades, e a paz foi geralmente celebrada com grandes demonstrações de alegria.

Organiza a republica Liguriana.

Occupando-se Bonaparte depois disto da organizaçaõ da republica Liguriana (Genova), deo-lhe huma constituiçaõ, que parecia formada para dispôr a encorporaçaõ do seu territorio á França. Fez tambem com que

a Suissa experimentasse huma reforma politica, e mandou a ella trinta mil homens para apoiar os seus ambiciosos projectos.

Hum dos objectos importantes que occupou o Primeiro Consul, foi o restabelecimento da Religiaõ Catholica em França. Já no anno antecedente (1801) tinha concluido com o Papa huma Convençaõ, conhecida debaixo do nome de Concordata, que estabelecia em novas bases o que dizia respeito á Igreja Gallicana. Mas para que se désse á execuçaõ esta Concordata, era necessario que todos os Bispos Francezes constitucionaes e os outros renunciassem as suas Sés. Tinha o Santo Padre dado parte desta medida aos Bispos emigrados, cuja maior parte accedeo aos seus desejos: outros porém entendêraõ naõ dever conformar-se a ella. Tendo-se assignado e ratificado a Concordata, foi apresentada ao Corpo Legislativo. Compunha-se a hierarchia da Igreja Catholica constitucional de França de dez Arcebispos e cincoenta Bispos. Os Curas das Paroquias dividiaõ-se em duas classes para as Paroquias grandes e pequenas. Os Arcebispos e Bispos eraõ nomeados pelo Primeiro Consul e confirmados pelo Papa. A' Igreja renunciava irrevogavelmente os seus bens confiscados. As differentes Igrejas reformadas eraõ estabelecidas no mesmo pé. As funcçóes Ecclesiasticas das Igrejas tanto Catholicas como reformadas, naõ podiaõ ser exercidas senaõ por Francezes; em humas e outras devia-se recitar a mesma formula de oraçóes pela prosperidade da Républica e dos Consules. A Concordata, que nenhuma mu-

Restabelece a Religiaõ Catholica em França.

dança fazia nas Doutrinas Religiosas, nem nas formas exteriores do Culto, foi abraçada com tanto maior empenho, quanta era a esperança que tinhaõ de que poria termo ás disputas e aos odios, que dividiaõ o Clero. Mas o fim principal que Bonaparte se propunha, o qual já caminhava a passos largos para o despotismo, era arrogar-se, em assumptos Ecclesiasticos, a mesma influencia que entaõ já exercia nos negocios politicos.

He nomeado Consul vitalicio.

As auctoridades constituidas adoptavaõ com toda a complacencia qualquer medida, que tendesse a dar-lhe hum poder absoluto. Fez em breve tempo com que o proclamassem Consul vitalicio, e instituio, debaixo do nome de *Legiaõ de honra*, huma Ordem de Cavallaria, cujos membros foraõ escolhidos entre os militares, os magistrados, os litteratos e pessoas distinctas em todo o genero de merecimento.

Expediçaõ de S. Domingos.

Em quanto Bonaparte consolidava o seu poder, S. Domingos, a mais formosa e a mais consideravel das Colonias Francezas, achava-se em hum estado horroroso de insurreiçaõ. Toussaint-Louverture, á frente dos negros, ahi tinha estabelecido o seu poder. Para sujeitar esta ilha, ordenou o Primeiro Consul que partisse huma esquadra com tropas commandadas por seu cunhado, o general Leclerc. Tinha dado Toussaint-Louverture ordem para metter a pique todos os navios que se apresentassem. Os Francezes com tudo desembarcáraõ em dois portos. Os negros, havendo lançado fogo á cidade do Cabo, evacuáraõ esta praça; mas o general Leclerc

chegou a tempo de suspender o incendio. Foraõ os negros derrotados em differentes combates; e alguns dos seus chefes, alliciados pelos Francezes, fizeraõ successivamente a sua submissaõ. O mesmo Toussaint-Louverture acabou por entregar-se em consequencia de huma negociaçaõ. Mas sendo pouco tempo depois accusado de conspiraçaõ, foi embarcado com a sua familia, e transportado para França, onde morreo preso. O que excitou a indignaçaõ pública, foi que á excepçaõ da accusaçaõ feita contra elle pelo general Leclerc, nunca houve prova alguma da sua culpabilidade: tudo o que se sabe, he que os thesouros que elle possuia desapparecêraõ com elle.

Naquella mesma época, o governo Francez alcançou sujeitar á sua obediencia a ilha de Guadelupe, cujos negros se tinhaõ revoltado.

Porém estes acontecimentos foraõ logo seguidos de novas perturbações e novas calamidades, por motivo de hum decreto, que deo causa á perda de S. Domingos. Restabeleceo este decreto nas Colonias Francezas a escravidaõ no mesmo pé em que estava em 1789, e o resgate dos negros com todas as vantagens de que gozava este trafico antes da revoluçaõ. Os negros de S. Domingos, a quem se tinha promettido a liberdade, víraõ que os tinhaõ atraiçado e enganado. Os seus chefes Christovaõ e Dessalines, receando terem a mesma sorte de Toussaint-Louverture, sublevâraõ os negros, que assassinâraõ os brancos. Em huma palavra,

depois de terem perdido muita gente, tanto pelas doenças da terra, como pelos successos da guerra, víraõ-se os Francezes obrigados a abandonar a ilha de S. Domingos, e fundou-se hum novo estado negro nas Indias Occidentaes.

CAPITULO VIII.

Rompimento da paz entre a França e a Inglaterra. — Apoderaõ-se os Francezes do Hannover, e occupaõ as embocaduras do Elbo e do Veser. — Projecto de desembarque em Inglaterra. — Insurreiçaõ em Irlanda. — Conspiraçaõ contra Bonaparte. — Morte do Duque de Enghien. — Bonaparte nomeado Imperador. — Execuçaõ dos conspiradores. — Declara a Hespanha guerra á Inglaterra. — Sagraçaõ de Bonaparte debaixo do nome de Napoleaõ.

Rompimento da paz entre a França e a Inglaterra.

A paz concluida em Amiens, naõ parecia dever ser de larga duraçaõ. Manifestava-se de parte a parte huma grande animosidade entre os gabinetes de Paris e Londres, nos artigos violentos publicados nos Jornaes. Os obstaculos que se punhaõ ao commercio Inglez, e as usurpaçóes da França no continente, eraõ os principaes motivos de queixa dos Inglezas contra Bonaparte. Este, na conformidade do Tratado de Amiens, exigia delles a restituiçaõ da ilha de Maltha, occupada pelas suas tropas; e como elles se recu-

sassem a isso, depois de largas negociações, rompeo-se a paz em 1803 entre as duas Potencias. Jámais antes daquella epoca, huma ilha de taõ pouca extensaõ tinha dado lugar a discussões taõ importantes, como as que houve naquellas circunstancias. Mas ainda que de pouco valor em si mesma, a sorte desta ilha estava ligada a interesses da maior monta, e a guerra a que a ilha de Maltha servio de pretexto, teve resultados de que naõ havia exemplo nos Annaes da Europa. A conservaçaõ de Maltha estabelecia a dominaçaõ Britannica no Mediterraneo, e sujeitava á sua influencia as Potencias Barberescas, o Egypto, a Syria, a todo o Archipelago.

Apoderaõ-se os Francezes do Hãnover, e occupaõ as embocaduras do Elbo e do Veser.

Tendo-se accendido a guerra, todos os Inglezes que se achavaõ em França, foraõ considerados como prisioneiros; o general Mortier marchou ao mesmo tempo sobre o Hannover, de que se apoderou sem encontrar resistencia; e o Primeiro Consul logo mandou occupar as boccas do Elbo e do Veser, para cortar aos Inglezes a navegaçaõ destes dois rios, que saõ os dois principaes canaes do commercio de huma grande parte do interior da Allemanha.

Projecto de desembarque em Inglaterra.

Assim que as hostilidades começáraõ, logo Bonaparte, manifestando o projecto de effeituar hum desembarque em Inglaterra, deo ordem aos preparativos para este fim nos portos da França e da Hollanda; e huma numerosa frota se reunio em Bolonha, ponto geral de reuniaõ do exercito invasor.

Esta medida do Primeiro Consul favoreceo as vistas e os interesses do governo In-

glez, que tinha precisaõ de homens e de dinheiro. Com effeito, ás imposições de guerra, propostas pelo Chancéller do Echiquier, estabelécêraõ-se sem opposiçaõ sobre os proprietarios, sobre os rendeiros, sobre todo o genero de rendas. Passou ao mesmo tempo hum bill no Parlamento, em virtude do qual todos os homens em estado de pegar em armas desde 17 até 55 annos, deviaõ alistar-se nas suas freguezias, e aprender o manejo das armas. Augmentáraõ-se as forças militares de todo o genero; em huma palavra, o ministerio Inglez muito descansado quanto á ameaça de huma invasaõ, naõ deixou com tudo de pôr o reino em estado de defeza. A marinha Britannica foi levada a tal grão de força, que podia naõ só proteger as suas costas, mas tambem bloquear os portos do inimigo, e atacar as suas colonias. As ilhas de Santa Luzia e de Tabago cahíraõ em poder dos Inglezes, assim como as de S. Pedro e de Miquelon no golfo de S. Lourenço.

Insurreiçaõ em Irlanda.

Se em Inglaterra se manifestavaõ sentimentos de patriotismo contra os Francezes, naõ succedia outro tanto na Irlanda, onde rebentou, na cidade de Dublin, huma insureiçaõ séria, em consequencia da qual os seus principaes chefes, e outros individuos de huma classe inferior, soffrêraõ a pena de morte.

Conspiraçaõ contra Bonaparte.

Em quanto a Europa esperava com impaciencia a execuçaõ do desembarque projectado contra a Inglaterra, tinhaõ tido lugar, no decurso do anno de 1804, acontecimentos extraordinarios em França, onde se descobrio huma conspiraçaõ tramada contra Bonaparte,

á frente da qual figuravaõ o general Pichegru, taõ conhecido pela conquista que effeituára da Hollanda, Jorge Cadoudal, antigo chefe dos Chouans, e outras pessoas, em cujo numero entrava o general Moreau. Parece que esta conspiraçaõ foi denunciada por alguns daquelles que tomavaõ parte nella, visto que o governo estava desde muito tempo instruido do que se passava. Foraõ presos os conspiradores em Paris, antes de poderem dar o seu projecto á execuçaõ. Pichegru foi estrangulado na prisaõ. Huma circunstancia provou que havia sido assassinado, evitando-se deste modo as revelações que poderia fazer: foraõ os juizes convocados para hum dia aprazado, a fim de fazer a inspecçaõ do cadaver, e ouvir o relatorio dos cirurgiões; mas naõ estando ainda naquelle dia consummado o crime, naõ appareceo o cadaver no lugar designado. Espantados de naõ verem cousa alguma, foraõ os juizes despedidos debaixo de hum pretexto, e convocados para o seguinte dia.

Morte do Duque de Enghien.

O processo dos conspiradores hia-se instruindo, quando hum successo tragico derramou a consternaçaõ naõ só na França, mas fóra della. Foi o Duque de Enghien, unico herdeiro dos Condés, preso a 15 de Março em Ettenheim, no Eleitorado de Bade, onde, sem embargo da visinhança da França, elle se julgava em segurança, pela razaõ de acharse em territorio neutro. Mas o direito de neutralidade era de muito leve peso na balança politica de Bonaparte. Conduzido a França, chegou o Duque de Enghien a 20 ao castello de Vincennes, proximo a Paris, on-

de foi condemnado á morte por huma Commissaõ militar especial, sobre huma accusaçaõ vaga de ter tido correspondencia com os inimigos da republica, e de haver attentado á segurança exterior e interior do Estado. Este juizo naõ foi mais que huma méra formalidade, naõ se havendo produzido prova alguma contra este Principe, que a 21 foi executado de noite nos fossos do Castello de Vincennes. Este assassinio excitou a indignaçaõ geral. O Imperador da Russia e o Rei de Suecia, deraõ testemunho do vivo interesse, que tomavaõ na sorte do Duque de Enghien; e a Corte da Russia dirigio, a este respeito, energicas representações ao Ministro dos negocios estrangeiros de França. O Residente Russo tambem apresentou á Dieta de Ratisbona huma nota, pela qual os Principes do Imperio Germanico eraõ convidados a pedir satisfaçaõ desta violaçaõ do direito das gentes. Estes Principes, com tudo, naõ julgáraõ dever provocar hum rompimento com Bonaparte, e limitou-se este negocio a huma simples altercaçaõ entre a Russia e a França.

Bonaparte nomeado Imperador.

Entre tanto o Primeiro Consul hia preparando huma nova ordem de cousas: segundo as suas vistas, a republica, que outrora fora o idolo dos Francezes, devia transformar-se em Monarquia militar. Para este effeito, o Tribunato enviou a 3 de Maio ao Senado Conservador hum assento, em que se exprimia o desejo de que Napoleaõ Bonaparte fosse declarado *Imperador dos Francezes*. Em consequencia, hum Senatus-consulto organico conferio ao Primeiro Consul o titulo de Im-

perador, e declarou que a dignidade Imperial era hereditaria na sua familia, de varaõ em varaõ, por ordem de primogenitura.

A exaltaçaõ de Bonaparte ao Throno Imperial, foi seguida da sentença de Jorge Cadoudal e de alguns outros, que foraõ condemnados á morte. O general Moreau, Julio Polignac, Leridan, Rolland e huma mulher foraõ condemnados a dois annos de reclusaõ; outros dezoito accusados foraõ absolvidos. Jorge Cadoudal com alguns dos seus complices foraõ executados: a maior parte dos outros conspiradores foraõ perdoados: quanto ao general Moreau permittio-se-lhe que se retirasse para a America.

Execuçaõ dos conspiradores.

Nos fins deste anno, que foi esteril em acontecimentos militares, a Hespanha, que se tinha obrigado por hum Tratado a dar á França quinze náos de linha, e vinte e quatro mil homens, achou-se em huma posiçaõ critica a respeito da Inglaterra. Naõ querendo romper abertamente com o gabinete de Londres, antes da chegada dos galeões que esperava da America, fazia diligencias por contemporizar. Mas o governo Britannico, sem preceder declaraçaõ de guerra, deo principio ás hostilidades. Tendo huma esquadra Ingleza encontrado nas alturas de Cadiz, quatro fragatas Hespanholas, cuja principal carga eraõ pesos duros, atacou-as, e tomou tres: esta captura teve lugar no momento em que o ministro Inglez negociava com a Corte de Madrid, e em que o Embaixador de Hespanha recebia em Londres seguranças positivas de amizade. Esta conducta da Inglaterra excitou

Declara a Hespanha guerra á Inglaterra.

o descontentamento do gabinete de Madrid, que declarou a guerra á Graõ-Bretanha, e se achou deste modo implicada na grande contestaçaõ, que devia agitar e transtornar a Europa.

Sagraçaõ de Bonaparte debaixo do nome de Napoleaõ.

Terminou-se este mesmo anno com hum successo extraordinario, que causou summa admiraçaõ a toda a gente. Trasladou-se o Papa Pio VII de Roma a París, para ahi sagrar e coroar a 2 de Dezembro, na Cathedral de Notre-Dame, o novo Imperador dos Francezes, debaixo do nome de Napoleaõ I. Sua esposa, Josephina Beauharnais, foi ao mesmo tempo inaugurada Imperatriz. Deste modo se vio desapparecer em França até a mesma sombra da republica, cujo estabelecimento tinha custado a vida a tantos milhares de individuos.

LIVRO V.

Desde a liga formada contra a França, em 1805, até á publicação da Constituição de Hespanha pelas Cortes, em 1812.

CAPITULO I.

Liga de 1805 contra a França. — Forças desta Potencia. — Felices successos de Napoleaõ. — Tomada de Ulm. — Entrada dos Francezes em Vienna. — Retirada do Archiduque Carlos. — Batalha de Austerlitz. — Armisticio. — Paz de Presbourg. — Resultado da campanha. — Derrota da esquadra Franceza.

O theatro da guerra, que havia quasi dois annos nada offerecia de interessante, vai, no anno de 1805, principiar a dilatar-se, e a presentar huma serie de acontecimentos para sempre memoraveis. Desde algum tempo a Inglaterra fazia diligencias por formar huma alliança offensiva com a Austria, Russia, e outras Potencias da Europa. As negociações entaboladas por este motivo, naõ tinhaõ até entaõ produzido resultado algum. Era a Austria a mais interessada em oppôr-se ao engrandecimento ulterior da França, cujo Imperador acabava de ser nomeado, a 18 de Março, Rei de Italia. Mas além de ser ella a que mais exposta estava aos desastres, que a

Liga de 1805 cõtra a França.

liga poderia experimentar, as suas finanças estavaõ esgotadas. A Russia, que pela sua posiçaõ longinqua se achava fóra do alcance dos ataques da França, via com indifferença a sorte das Potencias da Europa, ou pelo menos naõ tinha julgado conveniente fazer grandes esforços a favor dellas. Finalmente, foraõ as proposições da Inglaterra acceitas, e em consequencia concluio-se hum Tratado, a 11 de Abril, em Petersbourg, entre o Rei da Graõ-Bretanha e o Imperador da Russia, a que em breve accedêraõ a Austria e a Suecia. Por este Tratado, as Potencias contratantes se obrigáraõ a reunir todos os seus meios, para formar huma liga de todos os Estados da Europa contra a França. O objecto desta nova liga era alcançar a evacuaçaõ do Hánnover e do Norte da Allemanha, pelas tropas Francezas, a independencia das republicas Batava e Suissa; o restabelecimento do Rei de Sardenha no Piemonte, com hum augmento de territorio, segundo as circunstancias; a independencia futura do Reino de Napoles; a evacuaçaõ completa da Italia; finalmente, o estabelecimento na Europa de huma ordem de cousas, que pudesse segurar a sua tranquillidade. Estipulava-se de mais disso no mesmo Tratado, que as Potencias alliadas do continente poriaõ em campo quinhentos mil homens, e que a Inglaterra, da sua parte, empregaria as suas forças de mar e terra, segundo o plano geral de operações em que se assentasse. Devia a Graõ-Bretanha, além disso, dar ás Potencias alliadas subsidios proporcionados aos esforços que fizessem, a ra-

zaõ de hum milhaõ duzentas e cincoenta mil libras esterlinas por cada cem mil homens, ou de doze libras dez soldos esterlinos por cabeça; tudo em pagamentos mensaes. A Austria devia pôr em campo duzentos e cincoenta mil homens, e a Russia cento e quinze mil, além das levas feitas na Albania, na Grecia, etc.; e o numero que faltava para os quinhentos mil, devia ser fornecido pelo Rei de Napoles, pelo Hannover, pela Suecia, e outros Estados. Estipulou-se ao mesmo tempo, que se naõ concluiria a paz com a França, senaõ de commum acordo com todas as partes contractantes; e que as Potencias continentaes naõ poderiaõ mandar retirar as suas tropas, nem a Graõ-Bretanha deixar de pagar os subsidios, antes da conclusaõ de huma paz geral.

Forças da França.

As forças da Liga eraõ assaz consideraveis, para dellas esperar felices resultados; porém Napoleaõ, da sua parte, podia oppôr-lhes tropas naõ menos formidaveis. O estado militar da França era de quinhentos noventa e oito mil homens, que juntos ás tropas da Corsega e outras ilhas, a quinze mil homens da guarda Imperial, a vinte e hum regimentos de Hollandezes, onze de Suissos e dezoito de Italianos, formavaõ hum total de seiscentos e cincoenta mil homens, dos quaes perto de quinhentos mil podiaõ considerar-se como disponiveis.

A guerra, segundo o costume, foi precedida de Declarações e Manifestos, que exprimiaõ sentimentos de paz e de moderaçaõ; cada parte nelles se desculpava, e imputava ao seu inimigo as consequencias funestas, que

esta nova luta causaria. Estas peças diplomaticas, geralmente destinadas a convencer o público da justiça da causa, que as Potencias belligerantes defendem, naõ saõ pela maior parte senaõ vãs formalidades, que naõ enganaõ os politicos. A França e a Austria, ao mesmo tempo que professavaõ sentimentos de paz, faziaõ os maiores preparativos de guerra. Tendo Napoleaõ pedido algumas explicações ao Imperador de Allemanha, este, por toda resposta, mandou marchar o seu exercito para além do Inn, e occupou a Baviera. Napoleaõ, da sua parte, abandonando o seu projecto de desembarque em Inglaterra, manda avançar as suas tropas para o Rheno com incrivel celeridade. Tendo passado este rio, encaminhaõ-se para o Danubio, e se apresentaõ logo ao inimigo, que fica perturbado com a rapidez de semelhante movimento. A 8 de Outubro alcançaõ huma victoria completa em Wartingen, onde depois de duas horas de combate, tomaõ aos Austriacos bandeiras e artilheria, e lhes fazem quatro mil prisioneiros.

Felices successos de Napoleaõ.

Tomada de Ulm.

Esta acçaõ foi no outro dia seguida do combate de Gunzbourg, onde tambem os Francezes alcançáraõ a victoria. Cahio logo Memmingen em seu poder; e por fim tomáraõ de viva força a posiçaõ de Elchingen. Com estes diversos movimentos, executados com tanto successo como presteza, tinha Napoleaõ cortado a communicaçaõ dos Austriacos com Vienna: preparava-se para dar assalto a Ulm, onde o general Mack estava encerrado com huns trinta mil homens. Este, em vez de sustentar hum sitio, assignou a 17 de Outubro

huma capitulaçaõ, em virtude da qual devia Ulm abrir as suas portas, e a guarniçaõ depôr as armas, se no espaço de oito dias se naõ apresentasse algum corpo de tropas diante da praça para levantar o bloqueio. Todavia, com grande espanto do público, naõ esperou o general Austriaco que expirassem os oito dias, em que se havia convindo. A 19 teve huma conferencia com Napoleaõ, á sahida da qual se assignou huma capitulaçaõ addicional, cujo teor era, que no dia seguinte a guarniçaõ sahiria de Ulm, e deporia as armas. A entrega desta praça decidio da sorte da Baviera, que os Austriacos se apressáraõ a evacuar.

A conducta de Mack tanto mais excitou a indignaçaõ pública nos Estados Austriacos, quanto, pelas suas fortificações, estava em estado de sustentar hum sitio, e com a sua numerosa guarniçaõ teria aquelle general podido suspender, ao menos por algum tempo, os progressos do inimigo. Se aquelle general tivesse defendido aquella praça até á chegada dos Russos, que se vinhaõ adiantando, talvez que os negocios tivessem tomado hum rumo muito differente. Só no caso em que aquella praça naõ fosse defensavel, he que se poderia desculpar a primeira capitulaçaõ; mas a segunda, em virtude da qual entregou Ulm, cinco dias antes do prazo convindo, parece muito extraordinaria, e até se naõ póde desculpar, porque fazia ganhar tempo a Napoleaõ, cujos progressos ulteriores dependiaõ inteiramente da celeridade das suas operações.

Entrada dos Francezes em Vienna.

Proseguindo nos seus felices successos, Napoleaõ sem intimidar-se, nem com a aproximaçaõ dos Russos, nem com os esforços que fazia a Austria para suspender a sua marcha, hia-se sempre adiantando. Depois de haver forçado o inimigo a huma retirada precipitada, os Francezes vencedores em todos os encontros, entráraõ a 13 de Novembro em Vienna, e dali marcháraõ sobre a Moravia.

Retirada do Archiduque Carlos.

Em meio destes acontecimentos, naõ era a sorte das armas menos desfavoravel aos Austriacos na Italia, onde depois de os haver completamente derrotado em todos os pontos, Massena obrigou o Archiduque Carlos, que os commandava, a effeituar a sua retirada para a Hungria.

Batalha de Austerlitz.

Com tudo, o exercito Russo, tendo á sua frente o Imperador Alexandre, chegou finalmente á Moravia. A Austria, ainda que opprimida pelas forças consideraveis de hum inimigo victorioso em toda a parte, naõ tinha perdido todas as esperanças. A Italia, o Tyrol e Vienna estavaõ em poder do inimigo; mas huma victoria decisiva podia mudar o estado das cousas. Nesta circunstancia, a Bohemia, a Hungria e a Moravia, até entaõ intactas, apresentavaõ grandes recursos, e de mais disso, as forças respeitaveis da Russia eraõ capazes de restituir á Monarquia Austriaca o seu antigo esplendor, expulsando os Francezes da Allemanha. Tendo-se o exercito combinado dos Austriacos e dos Russos adiantado para Wischau, tomou posiçaõ nas planicies de Austerlitz, onde devia terminar-se esta grande contestaçaõ. Foi ali, que a 2 de Dezem-

bro, os dois exercitos viéraõ ás maõs. Depois de huma acçaõ muito viva e sanguinolenta, decidio-se a victoria a favor dos Francezes. Neste dia memoravel, experimentáraõ os Russos huma catastrofe horrorosa. Acompanhavaõ alguns dos seus batalhões cincoenta peças de artilheria, que naõ tinhaõ podido passar por huma aldêa, que estava occupada pelos Francezes: os que as conduziaõ, tendo tomado outro caminho, atravessáraõ hum pantano, cujo gelo lhes pareceo assaz consistente para poder com hum peso taõ consideravel; porém quando se acháraõ no meio deste pantano, arrebentou o gelo: homens, cavallos, carros, artilheria, tudo foi submergido nas aguas. Huma hora depois, teve lugar o mesmo accidente em outro pantano, onde a infanteria Russa, perseguida pelos Francezes, se afogou quasi toda. Os movimentos que se executáraõ neste dia foraõ taõ variados, taõ multiplicados, que seria muito largo o querer descrever as marchas, contra-marchas, e as differentes posições dos dois exercitos. De parte a parte, as forças eraõ quasi iguaes em numero.

Depois de haverem posto os alliados em completa derrota, preparavaõ-se os Francezes para marchar ávante, quando o Imperador de Allemanha tendo tido huma conferencia com Napoleaõ, conviéraõ os dois Soberanos em hum armisticio, em que foi comprehendido o Imperador da Russia, debaixo da condiçaõ, que os restos do seu exercito evacuariaõ a Allemanha e a Polonia Austriaca. Foi este armisticio seguido em breve tempo de hum Tratado de paz entre a França e a Austria, o Armisticio.

qual se assignou em Presbourg, a 26 de Dezembro. Nelle se estipulava que o Imperador de Allemanha reconhecia o Imperador dos Francezes como Rei de Italia; convindo-se ao mesmo tempo, na conformidade da declaraçaõ, que Napoleaõ havia feito quando acceitou a Corôa de Italia, em que taõ depressa as Potencias nomeadas nesta declaraçaõ, tivessem preenchido as condiçóes nella expressas, as Corôas de França e Italia se separariaõ para sempre, sem poderem por caso algum reunir-se na mesma cabeça. Debaixo desta condiçaõ, obrigava-se o Imperador de Allemanha a reconhecer, quando tal separaçaõ se effeituasse, o Successor que Napoleaõ designasse como Rei de Italia: cedia-lhe ao mesmo tempo Veneza e todo o territorio Veneziano na Istria e na Dalmacia, com as Ilhas do mar Adriatico, para serem reunidas para sempre ao Reino de Italia: reconhecia igualmente como Reis, os Eleitores de Baviera e de Wurtemberg, que acabavaõ de tomar este titulo, e cedia-lhes, assim como ao Eleitor de Bade, em toda Soberania, alguns Principados, dominios e territorios. Garantia Napoleaõ a integridade dos Estados da Austria, no estado em que ficavaõ em consequencia do Tratado de paz. Reconheciaõ de mais disso os dois Soberanos contractantes a independencia da republica Helvetica.

Resultado da campanha.

Dava este Tratado hum golpe mortal á grandeza e poder da Austria, que perdia a influencia que exercia em grande parte da Allemanha. Tal foi o resultado desta luta memoravel, que offerece acontecimentos taõ extraor-

dinarios pela sua natureza, taõ rapidos na sua execuçaõ, e taõ importantes nas suas consequencias, que a historia poucas apresenta que se lhe possaõ comparar. Vê-se a braços com as principaes Potencias da Europa, hum homem, que pelos seus talentos militares se levanta da obscuridade á Purpura Imperial. Pouco mais de tres mezes se tinhaõ passado, desde que contra elle se formára huma Liga, que abraçava a vasta extensaõ comprehendida desde o Baltico até o Adriatico, e desde o Rheno até o Dnieper. Vê-se este mesmo homem, á frente de hum exercito, a mais de trezentas legoas de París, tirar a sua subsistencia do paiz inimigo, no meio do inverno, sob hum clima rigoroso; combater tropas aguerridas, mais numerosas que as suas, e acostumadas a resistir ás neves e aos gelos do Norte. Nesta posiçaõ taõ crítica he que Napoleaõ, depois de haver desfeito em hum só dia, os exercitos combinados da Austria e da Russia, dicta a lei a dois poderosos Soberanos, e se constitue arbitro do continente. Dissolvida deste modo a terceira Liga, ficou Napoleaõ em guerra com a Inglaterra, a Russia e a Suecia.

Derrota da esquadra Franceza.

Neste meio tempo tinhaõ os Francezes experimentado huma perda consideravel no mar. A sua esquadra de Toulon, commandada por Villeneuve, reunida á de Cadiz ás ordens de Gravina, foi inteiramente derrotada junto de Trafalgar, a 21 de Outubro, pelo almirante Nelson, que perdeo a vida em huma das acções mais importantes e gloriosas, de que se faça mençaõ nos Annaes da marinha Britannica.

CAPITULO II.

Tomada do Cabo da Boa Esperança pelos Inglezes. — Morte de Pitt. — Guerra entre a Inglaterra e a Prussia. — Expediçaõ dos Inglezes para a America Meridional. — Morte de Fox. — Depõe Napoleaõ o Rei de Napoles, e confere a Coróa a José Bonaparte. — A Republica Batava convertida em Monarquia. — Renuncía Francisco II o seu titulo de Imperador de Allemanha. — Dissoluçaõ do Imperio Germanico.

Tomada do Cabo da Boa Esperança pelos Inglezes.

A Inglaterra, que conservava a sua superioridade no Oceano, bloqueava os portos da Europa, desde o Texel até Cadiz, e desde Cadiz até Veneza. Punha estorvos ao commercio, e tomava aos Hollandezes o Cabo da Boa Esperança, que considerado debaixo de vistas commerciaes, he hum dos pontos mais favoraveis do globo.

Esta importante conquista, que teve lugar no principio de 1806, foi em breve seguida, para os Inglezes, de huma vantagem consideravel, que alcançáraõ nas Indias Occidentaes. O almirante Duckworth, que commandava huma esquadra de sete náos de linha e duas fragatas, tendo encontrado huma esquadra Franceza de cinco náos de linha, duas fragatas e huma corveta, seguio-se hum combate que durou duas horas, com o mais porfiado encarniçamento de parte a parte. Das

cinco náos Francezas, tres foraõ tomad s, e as outras duas foraõ varadas em terra, e queimadas depois.

Nesta epoca, a morte de Pitt, primeiro Lord da Thesouraria e Chanceller do Echiquier, produzio huma mudança total no ministerio Britannico. A conducta deste homem de Estado, que morreo a 23 de Janeiro de 1806, nos seus quarenta e sete annos de idade, foi julgada de huma maneira differente pelos seus partidistas, e por aquelles que condemnavaõ os principios pelos quaes se dirigia. O observador philosopho, que via nelle o instigador secreto da revoluçaõ Franceza, considerou-o como o auctor dos males horrorosos, que esta revoluçaõ causou á França, assim como da continuada guerra em que empenhou successivamente a Europa inteira. De outro lado, considerárão-no os seus partidistas como hum ministro, que tinha interesse em semear a discordia e transtornar a Europa, que elle via com indifferença assolada pelas armas Francezas, em quanto se occupava do augmento das forças navaes da Graõ-Bretanha, de estender as suas possessões na India, e de elevar o seu poder colossal sobre a ruina do commercio dos outros Estados. Elle tomou a direcçaõ a mais vantajosa para a sua patria; as medidas que adoptou foraõ de summa vantagem para a Inglaterra. Os acontecimentos ulteriores provaõ evidentemente, que elle tinha calculado bem o resultado das suas operações, cujo fim era a restauraçaõ tardia dos Bourbons, mas só depois de elle ter completamente executado os seus projectos ambiciosos.

Morte de Pitt.

Guerra entre a Inglaterra e a Prussia.

Teve com tudo a Inglaterra hum novo inimigo a combater, o Rei de Prussia, cuja conducta até entaõ incerta se mostrou decididamente hostil. Deo Frederico-Guilherme a conhecer por huma declaraçaõ, a intençaõ em que estava de occupar o Hannover, na conformidade de huma Convençaõ concluida entre elle e o Imperador dos Francezes. Foi esta declaraçaõ seguida logo de outra, com a data de 21 de Abril, pela qual ordenava que se fechassem os portos Prussianos aos vasos e ao commercio da Graõ-Bretanha. O gabinete de Londres usou logo de represalias para com a Prussia, dando ordens para bloquear o Elbo, o Weser e o Ems, assim como para capturar todos os navios Prussianos, grande numero dos quaes foraõ tomados e conduzidos aos portos de Inglaterra.

Expediçaõ dos Inglezes para a America Meridional.

Os Inglezes por este tempo tentáraõ hum ataque contra os Hespanhoes na America Meridional. Depois da tomada do Cabo da Boa Esperança, Sir Home Popham e o general Beresford, tendo julgado a proposito atacar os estabelecimentos Hespanhoes, embarcáraõ huma parte das tropas de terra, e se dirigíraõ para Buenos-Ayres, de que se apoderáraõ, mas onde se naõ conserváraõ muito tempo. Apenas se tinha passado hum mez, quando se víraõ obrigados a evacuar esta praça. Nos fins deste anno fez tambem o general Miranda huma tentativa, para subtrahir as Provincias da America Meridional á dominaçaõ Hespanhola, porém esta empreza naõ teve outro resultado mais que a derrota dos Americanos e dos insurgentes Hespanhoes, que

se haviaõ arriscado a ella. O general Miranda alcançou com tudo salvar-se por meio da fuga.

Em quanto tudo no continente respirava guerra, concebeo-se alguma esperança de ver renascer a paz, á vista das negociações entaboladas para este fim entre a França e a Inglaterra; rompêraõ-se porém com a morte de Fox, ministro dos negocios estrangeiros do gabinete Inglez, e tornáraõ a renovar-se todas as intrigas proprias para fomentar a guerra, e formar, se fosse possivel, huma nova liga contra a França. Este homem de Estado, que morreo a 13 de Setembro, era diametralmente opposto a Pitt, quanto aos principios politicos. Como elle considerava a revoluçaõ Franceza debaixo de outro ponto de vista muito differente, desapprovava altamente a guerra que se ateára por causa della. Decidir qual delles se enganava a este respeito, relativamente aos interesses da Graõ-Bretanha, he hum problema que será sempre muito difficil resolver. Quanto aos seus talentos oratorios, naõ houve quem lhos disputasse. Os seus discursos desembaraçados dos pomposos ornamentos da rhetorica, devem ser considerados como modelos de raciocinio: regulava os seus argumentos segundo os dos seus antagonistas, e á exactidaõ dos principios reunia a energia e a audacia de hum espirito rápido em todas as suas combinações. O seu estilo correspondia á riqueza da sua imaginaçaõ, e aos seus variados conhecimentos. Era tal a superioridade com que aprofundava todas as materias, que podia argumentar de hum modo vantajoso

Morte de Fox.

com os homens mais instruidos, sobre as sciencias que faziaõ o objecto dos seus estudos particulares. O seu patriotismo e a sua philantropia fazem a sua memoria saudosa naõ só á sua patria, mas tambem ao genero humano. Se se concedem honras insignes ao conquistador, cujos feitos tantas lagrimas e sangue custáraõ, que elogios naõ saõ devidos ao homem, que sempre se esforçou por poupar a vida e a fortuna dos seus concidadaõs? Emprehendeo destruir a desigualdade com que eraõ tratados os que seguiaõ outra Religiaõ, estabelecer sobre huma base mais extensa a liberdade de consciencia, e unir os interesses da Irlanda com os de Inglaterra, admittindo toda a gente á fruiçaõ dos mesmos direitos; alcançou de mais disso das duas Camaras do Parlamento, huma resoluçaõ tendente á aboliçaõ da escravidaõ dos negros. Em huma palavra, o nome de Fox será collocado entre os dos homens de Estado mais illustres.

Depõe Napoleaõ o Rei de Napoles, e dá a Corôa a José Bonaparte.

Depois da batalha de Austerlitz, operava-se na Europa huma nova ordem de cousas. Tinha-se o Imperador de Allemanha visto na necessidade de sujeitar-se ás condições impostas por Napoleaõ, e huma parte dos seus Estados tinha-se dividido entre alguns Principes Allemães e os Eleitores de Baviera e Wurtemberg, recentemente elevados á dignidade Real. Se de hum lado o Imperador dos Francezes fazia Reis, de outro lado derribava-os. Annunciou a 30 de Março, por meio de huma Proclamaçaõ, que a Dynastia que occupava o Throno de Napoles, havia cessado de reinar, porque a sua existencia era incom-

pativel com a tranquillidade da Europa, e com a honra da sua propria Corôa; que por consequencia dava o Throno de Napoles a seu irmaõ José Bonaparte, que á frente de hum exercito entrou logo no seu novo Reino sem encontrar obstaculo algum.

Depois de haver despojado o Rei de Napoles, deo Napoleaõ hum golpe mortal á republica de Veneza, reunindo-a ao Reino de Italia.

O Ducado de Berg foi dado ao Principe Joaquim Murat, seu cunhado, e o Ducado de Guastalla á Princeza Paulina, sua irmã, e a seu esposo o Principe Borghese. Ao Marechal Berthier, deo-se-lhe o Principado de Neufchatel. Depois de ter adoptado o Principe Eugenio Beauharnais, filho de Josephina, sua esposa, tinha-o nomeado Vice-Rei de Italia, casando-o com a Princeza Augusta, filha do novo Rei de Baviera. Algum tempo depois, a Princeza Estephania Beauharnais, sobrinha da Imperatriz Josephina, casou com o Principe hereditario de Bade.

A Republica Batava cõvertida em Monarquia.

Houve tambem huma mudança em Hollanda. A Republica Batava, só independente no nome, tinha estado sempre, desde que fôra conquistada, debaixo do dominio da França; e naõ era de facto senaõ huma provincia deste Imperio. Era chegado o momento em que devia effeituar-se huma subversaõ na natureza e na fórma da sua Constituiçaõ. Inimigo declarado dos principios e dos governos republicanos, Napoleaõ resolvido a fazer com que se apagassem até os vestigios da Republica Batava, sujeitou a seu irmaõ Luiz Bonaparte, com o

titulo de Rei, os Hollandezes, que se víraõ obrigados a supportar este novo jugo, como tambem a renunciar a sua Constituiçaõ republicana, cujas vantagens naõ tinhaõ experimentado.

Renuncia Francisco II o seu titulo de Imperador de Allemanha.

Na Allemanha houve tambem mudanças naõ menos notaveis, mas muito mais importantes, relativamente ao systema politico, e ao equilibrio do poder na Europa. Tinha a batalha de Austerlitz quasi aniquilado o poder da Austria, e destruido as bases da Constituiçaõ Germanica, que naõ conservou muito tempo a sua primeira fórma. Naõ querendo Napoleaõ que existisse no continente Potencia alguma capaz de oppôr-se aos seus projectos, lembrou-se de desmembrar o Imperio de Allemanha, dissolver a Confederaçaõ Germanica, e obrigar Francisco II a renunciar o seu titulo de Imperador de Allemanha, que desde o reinado de Carlos Magno se havia conservado em meio das revoluções e das convulsões da Europa inteira.

Dissoluçaõ do Imperio Germanico.

Tendo este objecto em vista, formou-se huma nova uniaõ entre hum grande numero de Principes Allemães, que publicáraõ em Ratisbonna huma Proclamaçaõ, em que se dizia, que naõ offerecendo já a Constituiçaõ Germanica entaõ existente, garantia para a tranquillidade pública, as partes contractantes tinhaõ convindo em que os seus Estados se separassem para sempre do Corpo Germanico, e se unissem por huma Confederaçaõ particular, debaixo do nome de *Estados confederados do Rheno*, da qual o Imperador dos Francezes era declarado Chefe e Protector.

Este Tratado de confederaçaõ, projectado e redigido em París, foi ratificado em Munich a 25 de Julho: entre outros artigos, estipulava-se, que as partes contractantes se reservavaõ a faculdade de admittir ulteriormente nesta nova Confederaçaõ, os outros Principes e Estados de Allemanha, cuja admissaõ se julgasse ser do interesse commum.

Com esta medida achou-se o Corpo Germanico completamente dissolvido. Em consequencia, Francisco II, renunciando a sua Coroa de Imperador de Allemanha, publicou huma proclamaçaõ em que declarava, que vista a impossibilidade em que se achava de desempenhar por mais tempo as funcções annexas á Dignidade Imperial, os seus principios e os seus deveres o constituiaõ na necessidade de demittir-se de huma Corôa, que naõ tinha tido valor aos seus olhos, senaõ em quanto podia corresponder á confiança dos Eleitores, Principes e outros Estados do Imperio Germanico; e que considerando rotos todos os vinculos que até entaõ o uniaõ ao Corpo Germanico, e aniquilado o cargo de Chefe do Imperio pela Confederaçaõ do Rheno, depunha a sua Coroa Imperial, e desligava os Eleitores, Principes e Estados, e todos os magistrados, dos seus deveres para com elle, como Chefe legal do Imperio. Assim acabou o Imperio Germanico, por outra denominaçaõ, em estylo diplomatico, o *Sacro Imperio Romano*, mil e seis annos depois que Carlos Magno recebeo em Roma a Coroa Imperial das mãos do Papa Leaõ III.

CAPITULO III.

Guerra entre a França e a Prussia. — Batalha de Iéna. — Successos dos Francezes. — Batalha de Eylau. — Batalha de Friedland. — Tratado de Tilsitt.

Guerra entre a França e a Prussia.

Tinha o Imperador dos Francezes reforçado o seu exercito, que insensivelmente se hia aproximando das fronteiras da Prussia, cuja invasaõ meditava fazendo protestos de amizade á Corte de Berlin. Huma unica cousa podia tranquillisar o Monarca Prussiano, era a evacuaçaõ da Allemanha pelas tropas Francezas: mandou por tanto hum Ministro extraordinario a Paris, para pedir a Napoleaõ que mandasse retirar o seu exercito para áquem do Rheno. Estas propostas, ainda que justas rigorosamente falando, nada eraõ menos do que conciliadoras; foraõ consideradas como huma declaraçaõ de guerra, visto que o Rei de Prussia fazia ao mesmo tempo grandes preparativos para entrar em campanha.

Batalha de Iéna.

Hiaõ-se por tanto dispondo de huma e outra parte para virem ás maõs. O Rei de Prussia e o Imperador dos Francezes puzéraõ-se á frente dos seus respectivos exercitos. Abrio-se a campanha com vantagem para os Francezes; mas a batalha de Iéna decidio em hum momento a sorte da Prussia. Os resultados desta batalha foraõ a derrota completa dos Prussianos, cuja perda, segundo os

bulletins Francezes, excedeo a vinte mil homens mortos ou feridos, com perto de quarenta mil prisioneiros, além de sessenta bandeiras, trezentas peças de artilheria, e immensos armazens, que cahíraõ em poder do vencedor. As relações dadas pelos Prussianos desta sanguinolenta batalha, ainda que algum tanto diversificaõ dos bulletins Francezes relativamente a algumas circunstancias, concordaõ com elles quanto aos factos principaes. Os desastres do exercito Prussiano eraõ muito consideraveis, para que se pudessem lisonjear de os occultar ou desfigurar. Todavia as relações do Governo Prussiano representaõ o exercito Francez composto de cento e oitenta mil homens, ao mesmo tempo que naõ daõ ao exercito Prussiano senaõ metade desta força; pelo contrario, segundo os bulletins Francezes, este ultimo em Iéna subia a cento e vinte e seis mil homens. Posto que se naõ possa dar inteiro crédito aos bulletins Francezes, os resultados taõ extraordinarios desta batalha naõ podem deixar a minima duvida relativamente aos successos espantosos dos Francezes, e aos revezes inauditos dos Prussianos. Apoderou-se logo Napoleaõ de Postdam e Berlin, onde lançou fortes contribuições. Os differentes corpos do exercito Prussiano, víraõ se huns traz d'outros obrigados a depôr as armas. Desde entaõ os Francezes dilatáraõ as suas conquistas em todos os pontos. A importante fortaleza de Magdebourg abrio as suas portas por capitulaçaõ. Lubeck foi tomada de assalto; e o general Blucher, que primeiro occupava esta praça,

vio-se obrigado a abandona-la; e depois de ter perdido hum grande numero de mortos, teve de capitular com huns dezasseis mil homens, que se rendêraõ prisioneiros de guerra. A grandeza e o poder da Prussia, destruidos no espaço de hum mez, offerecem-nos hum daquelles acontecimentos, que parecem quasi incriveis.

Successos dos Francezes.

Depois da derrota do seu exercito, o Rei de Prussia retirado em Kœnisberg, occupava-se a reunir ali os destroços delle. Neste meio tempo, avançaõ os Francezes com rapidez, passaõ o Oder, apoderaõ-se de todas as fortalezas que encontraõ no seu caminho, e chegaõ em fim ás margens do Vistula, para onde o Imperador da Russia encaminha as suas tropas, para reuni-las com os restos do exercito Prussiano. Depois de as haverem derrotado em differentes acções, apoderaõ-se os Francezes de Varsovia. Houve depois mais alguns combates, que lhes foraõ vantajosos, mas como a estaçaõ estava muito adiantada, tiveraõ os exercitos belligerantes algum repouso.

Batalha de Eylau.

Com tudo, havendo os Russos em fins do mez de Janeiro de 1807 recebido reforços, fizeraõ alguns movimentos, e atacáraõ os postos avançados dos Francezes. Estes abandonando promptamente os seus acantonamentos, marcháraõ sobre o inimigo, que havendo-se retirado sobre Eylau, ali se deo a 8 de Fevereiro huma batalha sanguinolenta, na qual se experimentáraõ de parte a parte perdas consideraveis. Veio a noite pôr termo á carniceria, que foi horrorosa de ambas as partes. Achavaõ-se os dois exercitos, no fim do

combate, quasi no mesmo terreno que occupavaõ no principio da acçaõ; porém esta batalha, ainda que muito sanguinolenta, estava longe de ser decisiva, como o prova a serie dos successos. Depois della, os Russos e os Francezes permanecêraõ durante algum tempo em inacçaõ.

No mez de Abril, hum corpo do exercito Francez fez o sitio de Dantzick, que se rendeo a 28 de Maio por capitulaçaõ, sem que os Russos tivessem feito o minimo esforço para soccorrer esta praça defendida pelos Prussianos.

Batalha de Friedland.

No mez seguinte, depois de differentes combates, que naõ eraõ mais que o preludio de huma acçaõ maior, e que foraõ em vantagem do exercito Francez, ganhou Napoleaõ aos Russos e Prussianos a batalha de Friedland, naõ menos memoravel que as de Marengo, de Austerlitz, e de Iéna. A mortandade foi horrorosa: o exercito Russo na mais completa derrota naõ pôde reunir-se com precipitaçaõ senaõ além do Niémen. Kœnisberg e os seus armazens consideraveis foraõ abandonados aos Francezes. Nesta batalha desastrosa, perdêraõ os Russos huma grande parte da sua artilheria, quasi todas as suas munições e viveres em huma linha de mais de vinte legoas. Sem nos referirmos ás relações contradictorias publicadas em Paris e em Petersbourg, citaremos nesta circunstancia o testemunho de hum homem, que estava ao alcance de ser bem informado. Lord Huchinson, que naquella epoca estava junto do Imperador Alexandre, assegurou, na Camera

dos Pares do Parlamento Britannico, que tornando a passar o Niémen, os Russos se achárao com quarenta mil homens de perda, além de vinte generaes, e mil oitocentos e quarenta e oito officiaes mortos ou feridos.

Tratado de Tilsitt.

Depois de hum armisticio assignado em Tilsitt entre as Potencias belligerantes, o Imperador da Russia e o Rei de Prussia ahi concluírao, cada hum separadamente, hum Tratado de paz com Napoleao. O Tratado com a Prussia continha em substancia: que Frederico Guilherme cedia em toda a propriedade os territorios ou partes de territorio que possuia entre o Rheno e o Elbo; que renunciava a todas as provincias, que tendo pertencido ao Reino de Polonia, tinhao passado em differentes epocas ao dominio Prussiano, e que seriao dadas em toda a soberania ao Rei de Saxonia, debaixo do titulo de Grao-Ducado de Varsovia; que estas Provincias communicariao com a Saxonia, por meio de huma estrada militar, que atravessaria os Estados do Rei de Prussia; que a cidade de Dantzick seria restabelecida no seu estado de independencia, e que a navegaçao do Vistula seria livre. Por cada hum dos seus Tratados, o Imperador da Russia e o Rei de Prussia, reconhecêrao a José, Luiz e Jeronymo Bonaparte, como Reis de Napoles, de Hollanda e de Westphalia; reconhecêrao tambem a Confederaçao do Rheno. Da sua parte acceitou Napoleao a mediaçao do Imperador da Russia, a fim de se concluir hum Tratado de paz definitivo entre a França e a Inglaterra, na supposiçao que esta mediaçao fosse accei-

ta pelo gabinete Britannico, hum mez depois da ratificaçaõ do Tratado de Tilsitt. Por outros artigos secretos os portos da Prussia e o de Dantzick deviaõ ser fechados aos Inglezes: naõ se sabe se pela parte que lhe tocava, o Imperador da Russia naõ contrahio a mesma obrigaçaõ. Parece tambem que por hum antigo secreto, este Soberano tinha convindo em ceder Corfou e as sete Ilhas, onde se apresentou hum Official Russo, que acompanhado de hum Commissario Francez, fez a declaraçaõ de que o Imperador Alexandre renunciava a todos os seus direitos na qualidade de Protector das sete Ilhas, e as cedia a Napoleaõ, Imperador dos Francezes e Rei de Italia.

Em consequencia dos acontecimentos desta guerra, vio-se o Rei de Prussia despojado de quasi metade do seu territorio, e as suas rendas diminuidas na mesma proporçaõ.

Tendo o Rei de Suecia recusado acceder ao Tratado de Tilsitt, intentou defender a Pomerania; foraõ porém baldados os seus esforços. Havendo-se rendido a fortaleza de Stralsund aos Francezes, assim como a Ilha de Rugen, víraõ-se as suas tropas obrigadas a evacuar a Allemanha.

CAPITULO IV.

Expediçaõ dos Inglezes contra Dinamarca. — Sahida da Corte de Portugal para o Brasil. — Reuniaõ da Toscana ao Imperio Francez. — Expediçaõ infructuosa dos Inglezes contra Constantinopla.

Expediçaõ dos Inglezes contra Dinamarca.

Depois da conclusaõ dò Tratado de Tilsitt, visto o estado das cousas no continente, facil era de ver que o Governo Dinamarquez naõ conservaria por muito tempo a sua neutralidade: a actividade com que se empregava no augmento da sua marinha e na reuniaõ de huma grande quantidade de munições nos seus arsenaes, indicava preparativos de guerra, que a Inglaterra julgou dirigidos contra ella. Em consequencia, para evitar que a esquadra Dinamarqueza naõ cahisse em poder de Napoleaõ, a quem se attribuia o projecto de empregar as forças navaes de Dinamarca e de Portugal contra a Graõ-Bretanha, pedio o gabinete de S. James ao governo Dinamarquez que lhe entregasse temporariamente a sua marinha, para ser conduzida a algum dos portos de Inglaterra. Tinha esta proposiçaõ por motivo a posiçaõ respectiva das Potencias neutras e belligerantes da Enropa, e os perigos que corria a Graõ-Bretanha, se a marinha Dinamarqueza se achasse em poder dos Francezes. Para apoiar estas negociações, mandáraõ-se para o Baltico forças Inglezas de mar e terra, com o fim de proteger os

Dinamarquezes contra os Francezes, se pudessem arranjar-se amigavelmente, ou no caso contrario, obrigar a Dinamarca a acceder ás proposições que se lhe fizessem. Tendo-se o gabinete Dinamarquez recusado a todo concerto, desembarcáraõ os Inglezes as suas tropas entre Elseneur e Copenhague, e depois de alcançarem algumas vantagens, investíraõ esta praça. Tendo feito todas as disposições para hum sitio, intimáraõ esta cidade no 1.º de Setembro, renovando as proposições antecedentes. Naõ produzindo as intimações effeito algum, as baterias tanto de terra, como dos vasos, principiáraõ o seu fogo no dia seguinte, e continuáraõ até a tarde do dia 5, em que a guarniçaõ propôz capitular. A 6, tendo se assentado nas bases da capitulaçaõ, estipulou-se que todas as náos e vasos de guerra Dinamarquezes, com todas as munições navaes, seriaõ postos á disposiçaõ dos Inglezes; que os prisioneiros se restituiriaõ de parte a parte, e que as mercadorias assim como as propriedades Inglezas, sequestradas em consequencia do rompimento, seriaõ restituidas a quem pertencessem. Compunha-se a marinha Dinamarqueza de dezoito náos de linha, quinze fragatas, cinco brigues e vinte e cinco canhoneiras. A cidade de Copenhague soffreo muito no bombardeamento. Diz-se que perecêraõ huns mil e cem habitantes; perto de quatrocentas casas foraõ destruidas, além de muitas outras consideravelmente damnificadas. Naõ foi esta capitulaçaõ ratificada pelo governo Dinamarquez, que rejeitando toda proposta de concerto, declarou formalmente a

N 2

guerra a Inglaterra, e fez causa commum com a França.

A expediçaõ de Copenhague servio de pretexto apparente á Russia para declarar a guerra á Graõ-Bretanha. Hum ukase do Imperador da Russia ordenou o sequestro dos navios e propriedades Inglezas. Porém esta guerra limitou-se, por assim dizer, á interrupçaõ das relações de commercio.

Partida da Corte de Portugal para o Brazil.

Este anno fecundo em acontecimentos de todo genero, apresenta hum que he extraordinario na Historia moderna: a partida para a America de huma Corte Europea. Tendo S. A. R. o Principe Regente de Portugal consentido em fechar os seus portos aos navios e ao commercio da Graõ-Bretanha, como Napoleaõ o exigíra, julgou o gabinete Inglez conveniente mandar huma esquadra para a embocadura do Téjo, a fim de obrar segundo as circunstancias. Mas a interdicçaõ dos portos de Portugal ao commercio Inglez, naõ satifez ao Imperador dos Francezes, o qual tendo hum exercito em marcha sobre Portugal, pertendia que S. A. R. o Principe Regente ordenasse que fossem presos todos os Inglezes que se achavaõ nos seus Estados, e sequestradas todas as suas propriedades. Estas medidas dictadas pela força, auctorisáraõ o Enviado Britannico a pedir os seus passaportes; e passou para bordo da esquadra Ingleza fundeada no Téjo. Com tudo a condescendencta da Corte de Lisboa naõ pôde suspender os designios de Napoleaõ, que queria invadir Portugal. A posiçaõ de S. A. R. o Principe Regente era critica: via-

se em guerra com Inglaterra, cuja alliança se víra obrigado a abandonar, e com o Imperador dos Francezes, que tinha declarado que a *Casa de Bragança cessaria de reinar.* Neste meio tempo, em quanto o exercito Francez se adiantava sobre Lisboa, o Enviado Inglez munido de novas Instrucções, voltou para esta capital, onde teve differentes communicações importantes com a Corte. Vendo que S. A. R. o Principe Regente receava a chegada dos Francezes, e contava com o soccorro da esquadra Ingleza, deo-lhe toda a segurança de ser soccorrido della; em consequencia, tendo S. A. R. o Principe Regente tomado o partido de transferir para o Brasil a Sede do seu Governo, partio de Lisboa a 29 de Novembro, em companhia de toda a Familia Real, e de grande numero de pessoas da sua Corte. No dia seguinte as tropas Francezas entráraõ em Lisboa sem opposiçaõ. A esquadra Ingleza acompanhou a Corte de Portugal até o Rio de Janeiro, capital do Brasil, onde entrou em 19 de Janeiro do anno seguinte de 1808. Concluio-se logo hum Tratado de commercio entre a Graõ-Bretanha e os Estados Portuguezes na America, e estabelecêraõ-se novas relações entre as duas Potencias, cessando as Praças de Lisboa e Porto de fazerem o commercio exclusivo do Brasil, como até entaõ tinhaõ feito.

Reuniaõ da Toscana ao Imperio Frãcez.

O anno de 1807 foi tambem assignalado por hum acontecimento notavel, que foi a dissoluçaõ do Reino de Etruria, que se havia formado do Graõ-Ducado de Toscana. Em virtude de huma convençaõ entre Napoleaõ e

o Infante de Hespanha, Carlos Luiz, Rei de Etruria, a Rainha Regente Maria Luiza, em nome deste Principe, abdicou a Coroa; e a Toscana foi encorporada ao Imperio Francez, assim como Parma e Plasencia.

Expediçaõ infructuosa dos Inglezes contra Constantinopla.

No principio deste mesmo anno, as hostilidades principiadas entre a Turquia e a Russia, decidíraõ a Graõ-Bretanha, que entaõ era alliada desta ultima Potencia, a mandar huma esquadra a Constantinopla, a fim de intimidar a Porta Ottomana, e fazer-lhe abraçar vistas pacificas. Mas naõ tendo esta expediçaõ preenchido os fins para que o gabinete Britannico a mandára, que eraõ atacar aquella capital, tomáraõ os Inglezes a resoluçaõ de retirar-se; o que fizeraõ, tornando a passar o Estreito dos Dardanellos debaixo de hum chuveiro de bombas. Entre as bombas de pedra que recebêraõ, algumas pesavaõ mais de oitocentos arrateis. Soffrêraõ grandes destroços, e perdêraõ muita gente. Durante os poucos dias que a esquadra Ingleza esteve diante de Constantinopla, desenvolvêraõ os Turcos tal actividade em estabelecer novas baterias, e construir novas fortificações, que se a esquadra Ingleza se tivesse demorado huma semana sómente mais diante desta cidade, ser-lhe-hia impossivel a retirada.

CAPITULO V.

Supposta conspiraçaõ do Principe das Asturias. — Intrigas occultas de Napoleaõ. — Tumultos em Madrid. — Abdicaçaõ da Familia Real de Hespanha. — Confere-se a Coroa a José Bonaparte. — He proclamado Rei em Madrid. — Batalha do Vimeiro.

Supposta cõspiraçaõ do Principe das Asturias.

Hum acontecimento da maior importancia chamou a attençaõ da Europa, no principio do anno de 1808: foi a invasaõ dos Francezes em Hespnaha, ou antes a usurpaçaõ desta Monarquia por Napoleaõ. O Principe das Asturias, herdeiro presumptivo da Coroa Hespanhola, tinha sido accusado de estar á frente de huma conspiraçaõ, para desthronizar Carlos IV, seu Pai; tendo sido preso, disseraõ que se lhe achára, cosida no seu vestido, a cifra de toda a correspondencia dos conspiradores. Accrescentáraõ que quando o interrogáraõ, o Principe negára formalmente que tivesse o minimo conhecimento, nem da conspiraçaõ, nem do papel achado no seu vestido, que elle segurava ser essa a primeira vez que o vestia. Segundo o dizer de outros, o Principe confessou todo o plano da conspiraçaõ, e seu Pai lhe perdoou. Todavia, as differentes versões ácerca deste mysterioso negocio, devem ser consideradas como obra dos partidos oppostos, que existiaõ em huma Corte entregue á corrupçaõ e á intriga. Além de que, a serie dos acontecimentos induz a crer, que

esta conspiraçaõ naõ era mais que hum estratagema politico, urdido para fomentar a divisaõ na Familia Real.

Intrigas occultas de Napoleaõ.

No meio da perturbaçaõ que agitava a Corte de Madrid, tratava Napoleaõ de dar á execuçaõ o seu perfido projecto. Sob pretexto de apoderar-se de Portugal e de atacar Gibraltar, os Francezes, que se adiantavaõ pela Hespanha como amigos e alliados, hiaõ-se segurando nella das praças fortes e das posições mais importantes. Huma apparente reconciliaçaõ entre o Rei de Héspanha e seu Filho, tinha serenado os animos do Reino: parecia tambem que reinava huma perfeita harmonia entre a Corte de Madrid e Napoleaõ. Em huma palavra, o designio que este affectava manifestar, de marchar contra Portugal e Gibraltar, desvanecia toda suspeita quanto á presença dos exercitos Francezes.

Tumultos em Madrid.

A intriga artificiosamente preparada por Napoleaõ, para derribar a Monarquia Hespanhola, tinha-se desenvolvido inteiramente, quando o Rei de Hespanha concebeo o projecto de transferir para o Mexico a Sede do seu governo, medida que foi approvada pela Rainha e pelo Principe da Paz, ministro desde muito tempo poderosissimo em Hespanha; mas o Principe das Asturias, seus Irmaõs e a maior parte dos Grandes da Corte se oppuzeraõ a ella. Os motivos deste projecto extraordinario estaõ ainda envolvidos nos maiores mysterios, assim como tudo o que se tinha passado na Corte de Madrid, desde a supposta conspiraçaõ do Principe das Asturias. Tendo-se espalhado a voz desta emigraçaõ,

foraõ os habitantes de Madrid em tropel ao palacio de Aranjuez, onde entaõ residia a Corte, na resoluçaõ de oppôr-se á partida da Familia Real. Nada pôde serenar o furor da plebe contra o Principe da Paz, em cujo palacio entráraõ, vendo-se elle obrigado a occultar-se. Seu irmaõ foi preso pelas guardas de corpo, cujo commandante era. Offerecia Aranjuez hum espectaculo horroroso. Iguaes scenas tiveraõ lugar em Madrid. No palacio do Principe da Paz, e nos de alguns Ministros, foraõ os moveis despedaçados e os quartos saqueados. Nesta circunstancia perigosa, para evitar desgraças maiores, determinou-se o Rei a fazer o ultimo sacrificio, abdicando a Coroa a favor do Principe das Asturias, que tomava o nome de Fernando VII, e cujo primeiro acto de Soberania foi o confisco dos bens e propriedades do Principe da Paz, que foi preso n'humas agoas-furtadas, onde havia trinta e seis horas que estava escondido.

Abdicaçaõ da Familia Real de Hespanha.

Esta revoluçaõ, que teve lugar a 19 de Março, foi em breve seguida de outra, ainda mais espantosa pela sua natureza e suas consequencias. Em quanto os Francezes entraõ em Madrid, e se achaõ inteiramente senhores desta capital, Carlos IV, Fernando VII, toda a Familia Real e alguns Grandes do Reino, saõ chamados debaixo de differentes pretextos astuciosos a Bayonna, onde Napoleaõ tinha vindo para mais facilmente executar os seus projectos. Em vez de ahi encontrarem, no Imperador dos Francezes, hum arbitro das suas contendas, hum defensor

dos direitos sagrados do Throno, como lho haviaõ segurado, naõ encontráraõ os dois Reis senaõ hum usurpador, que os obrigou a renunciar o Throno de Hespanha. Entre tanto, tinha rebentado em Madrid huma insurreiçaõ, em que houve muito sangue derramado de parte a parte. A perda experimentada tanto pelos Francezes como pelos Hespanhoes, foi representada taõ diversamente, que he difficil acreditar as respectivas relações, que se publicáraõ deste acontecimento. Assim que a noticia desta insurreiçaõ chegou a Bayonna, julgou Napoleaõ que era inutil usar mais tempo de dissimulaçaõ. Tinha primeiro manifestado a intençaõ de restabelecer Carlos IV no seu Throno; mas tendo em seu poder os dois Reis, obrigou-os a hum e outro, a abdicarem a Coroa de Hespanha; e os Infantes D. Carlos e D. Antonio renunciáraõ ao mesmo tempo aos seus direitos ao Throno. Ha quem pertenda, que elle obrigou a Rainha a declarar illegitimo o Principe das Asturias, sem duvida com o fim de attenuar aos olhos dos Hespanhoes, os seus direitos á Coroa. O que podia ao menos resultar de semelhante declaraçaõ, seria a divisaõ da opiniaõ publica entre este Principe e seu Irmaõ D. Carlos, e excitar dissensões, de que a França tiraria vantagem. A abdicaçaõ dos dois Reis, e a renuncia dos Principes foi representada como voluntaria: mas a Europa naõ o entendeo assim.

Confere-se a Coróa a José Bonaparte.

Em breve tempo hum decreto do Imperador dos Francezes, convoca huma Junta em Bayonna, a fim de dispôr do Throno de Hes-

panha, que se achava vago. Á excepçaõ dos que seguiaõ o partido da França, poucos Hespanhoes assistíraõ a esta Junta, que naõ podia deixar de acceder ás vistas occultas do Imperador dos Francezes. Com effeito, o resultado de toda esta intriga, foi que Napoleaõ conferio a Corôa de Hespanha a seu irmaõ José Bonaparte, Rei de Napoles, que abdicou a favor de Joaquim Murat, Graõ-Duque de Berg. Estes acontecimentos puzeraõ em toda a evidencia a perfida politica de Napoleaõ. Desde entaõ naõ se duvidou mais, que a supposta conspiraçaõ do Principe das Asturias naõ fosse huma maquinaçaõ tramada contra a Hespanha pela influencia de Napoleaõ, que ali tinha grangeado hum partido para apoiar secretamente as suas vistas. A Familia Real de Hespanha foi conduzida para França, onde experimentou hum odioso captiveiro.

Foi entaõ que o patriotismo dos Hespanhoes exasperados contra os Francezes, rompeo subitamente em huma insurreiçaõ geral. Mostráraõ que se naõ obriga huma naçaõ generosa a receber contra sua vontade hum Senhor e Instituições, que naõ saõ da sua approvaçaõ; e o prováraõ pela sua porfiada resistencia aos exercitos Francezes.

He proclamado Rei em Madrid.

Com tudo José Bonaparte foi proclamado em Madrid Rei de Hespanha, com as ceremonias costumadas em taes casos. Todas as Ordens e todas as Auctoridades lhe prestáraõ juramento de fidelidade; mas a sua residencia nesta capital naõ foi de larga duraçaõ. Os desastres que experimentou hum corpo do exercito Francez, da parte dos patrio-

tas Hespanhoes, que se dirigiaõ sobre Madrid, naõ annunciavaõ a José Bonaparte hum reinado muito tranquillo; em consequencia do que sahio de Madrid, onde só tinha ficado poucos dias, e se retirou para Vitoria.

Naõ sendo inferior ao patriotismo dos Hespanhoes o dos Portuguezes, estes, depois de algumas acções assaz renhidas, expulsáraõ os Francezes do Porto, que vendo-se obrigados a abandonar Coimbra e outros pontos importantes, se concentráraõ em Lisboa e nos arredores.

Batalha do Vimeiro.

A Inglaterra, que tinha tomado a resoluçaõ de favorecer os Hespanhoes e os Portuguezes, naõ tinha tardado a enviar-lhes soccorros. Aproximava-se o momento, em que se havia decidir a sorte do exercito Francez em Portugal. A 21 de Agosto empenhou-se huma acçaõ mortifera no Vimeiro. Os Francezes atacáraõ com impetuosidade a linha Ingleza, que os repellio: cedêraõ por fim, e abandonáraõ o campo da batalha depois de haverem feito a mais viva resistencia. Foi seguida esta acçaõ de huma suspensaõ de armas, e pouco depois, os generaes em chefe dos dois exercitos assignáraõ em Cintra huma Convençaõ definitiva, em virtude da qual os Francezes deviaõ evacuar Portugal, com as suas armas, cavallos, munições, artilheria, caixa militar, etc., e serem transportados para França em navios Inglezes, sem nenhuma restricçaõ ou obrigaçaõ ulterior.

CAPITULO VI.

Negociações de Erfurth. — Derrotaõ os Francezes os Hespanhoes, e tornaõ a entrar em Madrid. — Sitio de Saragoça. — Guerra da Austria contra a França. — Batalha de Wagram. — Tratado de Vienna. — Operações militares em Portugal e em Hespanha. — Abdicaçaõ de Gustavo IV, Rei de Suecia. — Invasaõ dos Inglezes na Hollanda.

Negociações de Erfurth.

Em quanto os acontecimentos de Hespanha e Portugal chamavaõ a attençaõ geral, Napoleaõ teve huma conferencia em Erfurth na Allemanha com o Imperador da Russia. O objecto desta conferencia era a pacificaçaõ da Europa; os dois Monarcas convidáraõ de commum acordo o gabinete de São James a que cooperasse para ella, porém este achou que naõ era admissivel a condiçaõ, que tinha por objecto excluir das negociações a Junta Suprema Hespanhola, a qual obrando em nome de Fernando VII, recusava reconhecer como Rei a José Bonaparte. Tendo pois a Inglaterra rejeitado a idéa de abandonar os interesses da Hespanha, rompêraõ-se as negociações.

Derrotaõ os Francezes os Hespanhoes, e tornaõ a ẽtrar em Madrid.

O exercito Inglez, depois de haver estado algum tempo em Lisboa, poz-se em marcha para Hespanha, e encaminhou-se em differentes columnas a Salamanca. Napoleaõ com tudo, persistindo no seu projecto de sujeitar

os Hespanhoes, tomou o partido de os hir combater em pessoa. As forças destes estavaõ entaõ divididas em tres partes, formando hum só grande exercito: a ala direita era commandada pelo general Palafox, o centro pelo general Castanhos, e a ala esquerda pelo general Blake. O general Castanhos tinha o commando em chefe. A ala direita dos Francezes estendia-se até o Oceano, a sua esquerda no Aragaõ, e o seu centro no Ebro.

Chegou Napoleaõ a 5 de Novembro a Vitoria, onde encontrou seu irmaõ José, que para ali se havia retirado. Omittiremos as operações multiplicadas, pelas quaes o Imperador dos Francezes, á frente de hum exercito de veteranos, numeroso, e bem provido, habituado a vencer, e cujas differentes divisões tinhaõ por cabos os mais habeis generaes, derrotou as tropas Hespanholas apenas organisadas, mal armadas, compostas pela maior parte de recrutas, sem disciplina, e disseminadas em huma grande extensaõ de terreno. Bastará dizer, que depois de as haver successivamente derrotado, Napoleaõ forçou a passagem da Somosierra, e se adiantou promptamente sobre Madrid, onde reinava naquella epoca a mais horrorosa confusaõ. As auctoridades constituidas naõ tinhaõ ali influencia nenhuma, e a cidade estava á mercê de huma plebe furiosa. Os habitantes, que pela sua fortuna tinhaõ interesse na conservaçaõ da ordem, viaõ-se expostos ao saque, tanto da parte dos Francezes, como da parte daquella plebe desenfreada, que queria resistir á entrada dos inimigos. O general Morla e o

Principe de Castel-franco, que estavaõ á frente da administraçaõ, foraõ suspeitos de haverem entregado a cidade aos Francezes.

Senhor da capital, Napoleaõ cuidou logo em marchar contra o exercito Inglez, que se vio obrigado a retirar-se para a Corunha, onde, depois de huma acçaõ sanguinolenta, teve de embarcar-se com a maior celeridade.

Sitio de Saragoça. 1809.

Napoleaõ dirigio logo as suas tropas para differentes pontos da Hespanha. Saragoça foi huma das cidades, que logo tratou de sujeitar. As tropas de Castanhos se haviaõ retirado para esta praça, e formavaõ com os habitantes e camponezes dos arredores, hum corpo de cincoenta mil homens, ás ordens de Palafox. Os Francezes, que sitiavaõ esta praça, atacáraõ-na com o maior ardor: em breve tempo a brecha se achou em estado de ser atacada em diversos pontos, e penetráraõ na cidade: muitos dos sitiantes perecêraõ neste assalto: a obstinaçaõ dos valerosos Hespanhoes que disputavaõ o terreno, e que haviaõ feito de todas as casas outras tantas fortalezas, fazia parar a cada passo os Francezes, que se viaõ obrigados a fazer voar pelos ares todos os dias, por meio de minas, algumas casas. Da sua parte, os sitiados recorrêraõ ás contra-minas, e esta guerra subterranea foi summamente destructiva. Em quanto combatiaõ nas entranhas da terra, a sua superficie naõ cessava de ser fulminada pelas baterias. Só a passo e passo, em meio da carnagem, he que os Francezes chegáraõ a senhorear-se de Saragoça; calcula-se em vinte mil homens o numero dos seus bravos defen-

sores, que foraõ sepultados debaixo das ruinas desta praça transformada em hum vasto cemiterio. Poucos exemplos offerece a historia de huma resistencia semelhante, que fez para sempre memoravel o sitio desta cidade.

Guerra da Austria cõtra a Frãça.

Tendo por objecto a sujeiçaõ da Hespanha, tinha Napoleaõ retirado da Allemanha huma grande parte das suas tropas. Julgou o Imperador de Austria, que devia aproveitar esta circunstancia para fazer hum poderoso esforço, com o fim de recobrar a sua independencia e o seu poder. Principiou este Principe as hostilidades sem preceder declaraçaõ de guerra. Todos os ardís da diplomacia, que illudindo os credulos, excitaõ as nações humas contra as outras, sem nunca manifestar os verdadèiros sentimentos das Cortes e dos gabinetes, foraõ postos em prática da parte da Austria e da França, para fazer cargo ao seu adversario do odioso da aggressaõ. As communicações entre as duas Potencias naõ respiravaõ senaõ sentimentos de paz e de boa intelligencia. Sem embargo das protestações amigaveis dos gabinetes de Vienna e das Tuilerias, nenhum delles tinha confiança no outro, e de ambas as partes se faziaõ preparativos de guerra formidaveis. Por fim, a tormenta que desde muito tempo ameaçava o horizonte politico, rebentou subitamente com violencia. Principiáraõ os Austriacos a guerra passando o Inn, e apoderando-se de Munich, que o Rei de Baviera se vio obrigado a abandonar á aproximaçaõ delles. Publicou logo este Principe huma Proclamaçaõ, na qual queixando-se de que o seu territorio houvesse

sido invadido sem preceder declaraçaõ, nem explicaçaõ alguma, appellava para a coragem e lealdade dos seus subditos, e reclamava o soccorro do Imperador dos Francezes; este, prompto já a entrar em campanha, partio de Paris para a Allemanha, onde se pôz á frente do seu exercito e do dos Principes da Confederaçaõ do Rheno, seus alliados.

Batalha de Wagram.

Foi esta campanha summamente desastrosa para os Austriacos, que foraõ completamente derrotados em differentes batalhas campaes, a mais memoravel das quaes foi a de Wagram, dada debaixo dos muros de Vienna. Os numerosos habitantes desta capital, apinhados nas torres, nos telhados e nas alturas, víraõ o espectaculo extraordinario de trezentos para quatrocentos mil homens, combatendo pelos mais importantes interesses. Depois desta derrota, os Austriacos, que já se naõ achavaõ em estado de disputar o terreno, effeituáraõ a sua retirada, abandonando a Moravia e a Hungria.

Tratado de Vienna.

Creo-se por alguns momentos que o Imperador de Austria perderia a sua Corôa, alcançou porém a paz, a qual lhe foi concedida por hum Tratado assignado em Vienna, a 14 de Outubro, pelo qual se obrigava a suspender toda relaçaõ politica e commercial com a Graõ-Bretanha, e a reconhecer todas as mudanças que se tivessem operado ou se operassem em Hespanha, Portugal e Italia. Por este mesmo Tratado, o Imperador de Austria fazia cessaõ, a favor dos Soberanos da Confederaçaõ do Rheno, dos Paizes de Saltzbourg e de Berchtolsgaden com huma parte da Al-

ta Austria; ao Imperador dos Francezes, Rei de Italia, o Condado de Goricia, o territorio de Montefalcone, o Governo e a cidade de Trieste, o Circulo de Villach na Carinthia, e todos os paizes situados á direita do Save até á fronteira da Bosnia, assim como a Carniola, huma parte da Croacia, Fiume e o Littoral Hungaro, a Istria Austriaca, etc. Cedia ao Graõ-Ducado de Varsovia, toda a Galicia occidental com Cracovia, etc., e á Russia a parte a mais oriental da Galicia.

Operações militares em Portugal e em Hespanha.

Por este Tratado de Vienna, a Hespanha, depois da retirada dos Inglezes, vio-se obrigada a combater só contra os Francezes: tendo estes penetrado em Portugal pela Galliza, apoderáraõ-se do Porto; mas trinta para quarenta mil Inglezes, desembarcados em Lisboa, sob o commando dos generaes Wellesley e Beresford, obrigáraõ-nos a abandonar inteiramente Portugal, e entráraõ em Hespanha, onde reunindo-se aos Hespanhoes, tomáraõ juntamente com elles, huma forte posiçaõ em Talavera, onde se deo huma batalha muito sanguinolenta, cuja victoria foi celebrada por ambos os lados. Com tudo, foi nesta occasiaõ que o general Wellesley recebeo o titulo de Lord Wellington, em recompensa dos serviços que ali fez. Houve outras acções em que os Hespanhoes experimentáraõ perdas assaz consideraveis.

Abdicaçaõ de Gustavo IV, Rei de Suecia.

Tinha-se effeituado, no Norte da Europa, no principio do anno de 1809, huma revoluçaõ importante. Gustavo Adolfo IV, Rei de Suecia, tinha-se empenhado em huma guerra, que os seus recursos lhe naõ permittiaõ

sustentar contra a Russia. Logo no principio da campanha, os Suecos deraõ mostras do maior valor: mas a pesar dos subsidios da Inglaterra e da presença do almirante Inglez Saumarez, que com a sua esquadra dominava o Baltico, e tinha em respeito a marinha Russa; nem os Francezes, nem as forças da Suecia permittiaõ fazer os esforços que as circunstancias exigiaõ. Os successos dos Russos na Finlandia, causáraõ hum descontentamento que se communicou ao exercito e a todas as classes da naçaõ Sueca. Formou-se contra o Rei hum partido taõ poderoso, que se vio obrigado a abdicar a Corôa; e tendo-se a Dieta reunido em Stockolmo, declarou que Gustavo IV tinha perdido, para si e seus Successores, todo o direito ao Throno. Seu Tio, o Duque de Sundermania, foi nomeado Regente, e depois proclamado Rei. Esta revoluçaõ foi seguida de huma tregoa, e pouco depois da paz com a Russia, a quem foi cedida huma parte da Finlandia Sueca. Concluio a Suecia ao mesmo tempo a paz com a Dinamarca e a França.

Invasaõ dos Inglezes em Hollanda.

Da sua parte, os Inglezes naõ estavaõ em inacçaõ. Naõ só Portugal e a Hespanha, mas tambem as Indias Occidentaes, as costas da França e da Hollanda; o mar Baltico e o Adriatico eraõ o theatro das suas operaçóes; mas a expediçaõ mais importante que emprehendêraõ, depois da de Portugal e Hespanha, foi a invasaõ da Hollanda. Com tudo, naõ alcançáraõ o fim a que se haviaõ proposto, de destruir a esquadra Franceza do Escalda, apoderar-se da ilha de Walcheren,

e se fosse possivel da cidade de Anvers; finalmente, operar huma diversaõ a favor da Austria, que no momento em que este plano foi concebido, estava empenhada em huma guerra contra a França. Foraõ todavia bem succedidos nos seus ataques contra a ilha de Walcheren, e tomáraõ Flessinga por capitulaçaõ. A isto se limitáraõ os successos da sua expediçaõ, e naõ conserváraõ largo tempo esta conquista, tendo-os as doenças obrigado a retirar-se.

CAPITULO VII.

Successos dos Francezes em Hespanha. — Perde o Papa a sua existencia temporal. — He Bernadotte nomeado Principe Real de Suecia. — Tomada das ilhas de Amboina, de Banda, de França e de Bourbon pelos Inglezes. — O Principe de Galles, Regente de Inglaterra. — Evacuaçaõ de Portugal pelos Francezes. — Batalha de Albuhera. — Campanha de Hespanha. — Tomada de Batavia pelos Inglezes. — Tomada de Valença pelos Francezes. — Tomada de Cidade Rodrigo e de Badajoz, por Lord Wellington. — Batalha de Salamanca. — Constituiçaõ de Hespanha.

Successos dos Francezes em Hespanha.

Muitos acontecimentos importantes assignaláraõ o anno de 1810.

Em Hespanha, os Francezes depois de haverem forçado os desfiladeiros da Serra Morena, tomáraõ posse das Provincias de Granada e de Andaluzia.

Em Italia, despoja Napoleaõ o Papa de toda especie de poder temporal, e reune-á França os Estados da Santa Sé.

Perde o Papa a sua existencia temporal.

Em outro ponto da Europa, a Zelanda, o Brabante Hollandez e todo o territorio comprehendido entre o Mosa e o Wahal, experimentaõ a sorte dos Estados Romanos.

Quasi pelo mesmo tempo, poz Napoleaõ em execuçaõ hum dos seus grandes projectos: depois de haver dissolvido os vinculos que o uniaõ a Josephina, viuva do Marquez de Beauharnais, casou com a Archiduqueza Maria Luiza, filha do Imperador Francisco II. A ceremonia deste novo casamento teve lugar em París com huma magnificencia extraordinaria. A politica e o interesse da França, que exigiaõ que Napoleaõ deixasse hum successor, foraõ, segundo entaõ disseraõ, os motivos de semelhante resoluçaõ. Persuadiaõ-se que esta alliança com a Casa de Austria, contribuiria para consolidar o seu Imperio e os differentes ramos da sua familia; mas falháraõ todos os calculos a este respeito.

Campanha de Portugal.

Achava-se entaõ Napoleaõ no seu mais alto gráo de poder. Á excepçaõ da Hespanha e de Portugal, todos os Estados do continente da Europa eraõ seus alliados, ou estavaõ sujeitos ás suas vontades. Occupavaõ os exercitos Francezes as provincias meridionaes de Hespanha, e dispunhaõ-se a fazer o sitio de Cadiz, ao mesmo tempo que ameaçavaõ Portugal: para cobrir este Reino, Lord Wellington fez tomar ao exercito Inglez que elle commandava, huma posiçaõ quasi inexpugnavel em Celorico. Os Francezes, comman-

dados por Massena, marchando contra elle, fizeraõ successivamente os sitios de Cidade Rodrigo e de Almeida, que depois de huma vigorosa defeza, se entregáraõ por capitulaçaõ. Entaõ principiou a sua entrada em Portugal: á medida que elles se adiantavaõ, os habitantes abandonavaõ os seus lares, levando comsigo o que podiaõ transportar, e destruindo o resto; de modo que o paiz que os Francezes atravessavaõ, era hum verdadeiro deserto. Lord Wellington tinha-se collocado nas alturas do Bussaco, entre Coimbra e o exercito Francez: e havendo-o Massena atacado nesta posiçaõ, foi muito mal succedido na sua tentativa. Foi o combate summamente mortifero, dando os Portuguezes provas de grande valor nesta acçaõ, em que os Francezes foraõ repellidos com perda de dois mil homens mortos, além de hum grande numero de prisioneiros; e o exercito Anglo-Portuguez teve huns mil e duzentos mortos ou feridos. Algum tempo depois, quatro mil Francezes foraõ feitos prisioneiros em Coimbra. Depois daquella acçaõ, Lord Wellington se retirou sobre Lisboa, e tomou huma forte posiçaõ em Torres Vedras, estendendo a sua direita até o Tejo. Massena se adiantou até o Zezere, e estabeleceo o seu quartel general em Santarem.

Bernadotte he nomeado Príncipe Real de Suecia.

Em quanto Napoleaõ se occupava sériamente da campanha de Portugal, outro ponto lhe chamou a attençaõ, em consequencia de hum acontecimento, que pareceo dever firmar e augmentar a influencia do Imperio Francez. A morte repentina, e algum tanto extraordinaria do Principe Carlos de Augustem-

bourg, herdeiro da Corôa de Suecia, tinha produzido algumas perturbações em Stockolmo. Foi a sua morte imputada a hum partido que lhe era opposto. O Conde de Fersen e algumas outras pessoas de distincçaõ, perecêraõ victimas do furor de huma plebe desenfreada, que os accusava de haverem envenenado este Principe. Com tudo, depois de huma devassa que se tirou a este respeito, naõ resultou prova nenhuma contra os accusados, visto naõ terem os medicos descoberto cousa alguma, que confirmasse semelhante suspeita. A morte do Principe Carlos deixava vaga a successaõ ao Throno da Suecia, porque os filhos de Gustavo IV estavaõ excluidos della pelo Acto da Dieta, que havia proclamado a expulsaõ de seu Pai do Throno. Nesta circunstancia, o novo governo entendeo que devia dar estabilidade ao estado vacillante em que se achava, por meio de huma alliança, ou com a França, ou com a Russia. A França exercia entaõ huma preponderancia no continente; a Russia era a alliada da França, a visinha mais poderosa da Suecia. Deviaõ por tanto os dois Imperios ter grande influencia no que dizia respeito á successaõ ao Throno da Suecia. Depois de differenres negociações, e de hum largo intervallo de incertezas, foi a França quem levou a palma neste negocio; e o Marechal Bernadotte, hum dos generaes mais distinctos de Napoleaõ, foi nomeado Principe Real de Suecia, com approvaçaõ do Rei e da Dieta, e consentimento da Russia. Em consequencia do que, a 2 de Novembro, foi solemnemente proclamado em Stockolmo, herdeiro do Throno.

Tomada das ilhas de Amboina, de Banda, de França e de Bourbó, pelos Inglezes.

Entre tanto, os Inglezes eraõ constantemente victoriosos nas partes as mais remotas do globo. Sujeitáraõ a ilha Hollandeza de Amboina, nas Indias Orientaes; esta conquista foi seguida de outra muito mais importante, a da ilha de Banda. De mais disso, apoderáraõ-se das ilhas de França e de Bourbon, excluindo inteiramente os Francezes dos mares da Africa e da India. Esta acquisiçaõ tanto mais importante era para os Inglezes, quanto a ilha de França era muito nociva ao seu commercio nas Indias Orientaes: calculava-se que os seus corsarios lhes tinhaõ feito presas do valor de cinco milhões esterlinos, desde o rompimento do Tratado de Amiens.

O Principe de Galles, Regente de Inglaterra.

Jorge III, que havia meio seculo occupava o Throno da Graõ-Bretanha, foi, no principio do anno de 1811, atacado de huma enfermidade grave, que junta á sua idade avançada, decidio o Parlamento a conferir a Regencia ao Principe de Galles, seu filho primogenito.

Evacuaçaõ de Portugal pelos Francezes.

Em quanto a Hespanha naõ cessava de ser o theatro, em que de parte a parte se combatia com mais ou menos vantagem, o exercito Francez commandado por Massena, achava-se nas margens do Téjo, havia seis mezes, sem soldo e até sem paõ. Era chegado o momento, em que este general, naõ tendo já outro recurso senaõ a retirada, vio-se obrigado por falta de viveres a evacuar o Reino de Portugal. Era este o momento que Lord Wellington tinha previsto desde a abertura da campanha; e cada dia hia augmentando a esperança que tinha concebido de hum feliz re-

sultado. Foi a 5 de Março, que Massena, principiando a evacuaçaõ de Portugal, se retirou de Santarem, depois de huma campanha, em que os seus soldados naõ tinhaõ recebido nem rações, nem fardamento, nem soldo. A estrada que o seu exercito seguio na retirada, ficou juncada de artilheria, de carretas, de carros, de bagagens abandonadas, assim como de cadaveres de homens e de cavallos. A pilhagem a mais horrorosa, o incendio, em huma palavra, todos os generos de excessos se multiplicáraõ: os Templos, os palacios, as choupanas, as aldêas, as villas e as cidades, a tudo se lançou fogo; os tumulos foraõ violados; os anciaõs, as crianças, mutilados, assassinados; as mulheres deshonradas. Perseguidos continuamente, sem ter o minimo descanso, os Francezes naõ pudéraõ fazer-se fortes em nenhuma posiçaõ. Redinha, Guarda, Almeida, Sabugal, os rios Ceira, Alva, e Coa, naõ apresentáraõ obstaculo algum ao exercito que os perseguia. A 9 de Abril evacuáraõ Portugal as ultimas columnas do exercito Francez.

Batalha de Albuhera.

Durante este tempo, tendo o general Beresford atacado os Francezes perto de Campomaior, repellio-os até ás portas de Badajoz; naõ tardou a apoderar-se de Olivença, que se rendeo por capitulaçaõ; depois investio Badajoz, onde perdeo muita gente nas differentes sortidas da guarniçaõ desta praça, cujo sitio teve de levantar. Tendo feito a sua juncçaõ com as tropas alliadas, esperou os Francezes, que naõ tardáraõ a ataca-lo nas margens do rio de Albuhera. Foi muito sangui-

nolenta a acçaõ, e os dois exercitos déraõ provas de muito valor. Finalmente, depois de hum combate porfiado, declarou-se a victoria pelos alliados. A perda de gente foi consideravel de ambos os lados. Os Francezes retiráraõ-se para as partes de Sevilha. O general Beresford tendo investido novamente a praça de Badajoz, Lord Wellington se adiantou para cobrir o sitio, e dirigir as operações delle. Mas o exercito dos alliados vio-se obrigado a levantat o sitio desta praça.

Campanha de Hespanha.

No decurso desta campanha, fez-se a guerra em Hespanha com muito vigor, mas sem resultados decisivos. Os Hespanhoes, igualando os Francezes pelo seu valor, e paciencia em supportar as privações e as fadigas, companheiras inseparaveis do officio das armas, eraõ-lhes inferiores quanto á tactica; víraõ as suas operações mais vezes assignaladas por derrotas que por victorias. Tomáraõ os Francezes de assalto a cidade de Tarragona, e fizeraõ huma horrorosa carniceria na guarniçaõ. Muitos revezes que os Hespanhoes experimentáraõ, foraõ fracamente compensadas pela tomada de Santander, de que se apoderáraõ por surpreza: e ainda esta vantagem passageira foi seguida de novas perdas. Os Francezes, depois de hum bloqueio largo e penoso, tomáraõ a importante fortaleza de Figueras, que domina huma das passagens mais difficeis dos Pyreneos. Alcançáraõ naquelle mesmo tempo huma victoria completa sobre o general Abadia, nos arredores de Astorga. O resto da campanha foi para os Francezes huma serie de successos quasi continuos nas differentes provincias.

Tomada de Batavia pelos Inglezes.

Em quanto a Hespanha era o theatro de huma guerra muito séria, fazia a Graõ-Bretanha a conquista importante de Batavia, capital de todas as possessões Hollandezas nas Indias Orientaes. Esta praça, celebre pelo seu commercio e pela sua opulencia, foi tomada de viva força pelos Inglezes, que fizeraõ nella alguns cinco mil prisioneiros. O general Jensens, governador de Batavia, fugio para o interior do paiz com huns cincoenta homens de cavallo, reliquias de hum exercito de dez mil hômens. Os outros estabelecimentos Hollandezes em Java, naõ se passou muito tempo que naõ cahissem em poder da Graõ-Bretanha.

Tomada de Valença pelos Francezes.

Continuava sempre a guerra em Hespanha: o principio do anno de 1812 foi assignalado pela tomada de Valença, que se rendeo aos Francezes em 9 de Janeiro. A 24, atacáraõ estes os Hespanhoes, que occupavaõ as alturas de Tarragona: depois de hum combate muito porfiado, foraõ os ultimos esmagados pelo numero dos seus adversarios, e obrigados a retirar-se para as montanhas. Com tudo o general Ballesteros, a 19 de Fevereiro, derrotou completamente hum corpo de Francezes perto de Cartama.

Tomada de Cidade-Rodrigo, e de Badajoz por Lord Wellingtõ.

Ao mesmo tempo, nas fronteiras de Portugal, o exercito dos alliados, commandado por Lord Wellington, era empregado em huma serie de operações muito importantes. Em primeiro lugar, depois de hum mez de sitio, tomou de assalto Cidade-Rodrigo, onde experimentou huma perda consideravel: depois, tendo Lord Wellington posto sitio a Badajoz,

apoderou-se desta praça, cuja guarnição composta de huns quatro mil homens, foi feita prisioneira de guerra. Achou nos arsenaes, trinta e tres peças de artilheria de bronze, dezoito morteiros do mesmo metal, vinte obuzes, e cinco mil quatrocentas e vinte e huma espingardas com as suas baionetas, além de huma grande quantidade de polvora, de balas, de bombas, &c. &c. A conquista desta fortaleza custou aos Inglezes e Portuguezes quatro mil oitocentos e vinte e cinco homens, mortos ou feridos durante o sitio e no assalto.

Batalha de Salamanca.

Tendo a tomada de Badajoz deixado a Lord Wellington a faculdade de penetrar na Hespanha, mandou marchar, quasi sem encontrar obstaculos, para Salamanca, as tropas alliadas que commandava. Chegando diante desta praça, atacou a 22 de Julho os Francezes ás ordens do Marechal Marmont; foi muito viva a acção, e terminou com a derrota total dos ultimos, sem embargo da sua vigorosa resistencia: além de hum grande numero de mortos e de feridos que ficárão no campo da batalha, perdêrão muitos officiaes de toda graduação, e perto de sete mil prisioneiros cahírão em poder dos vencedores, com onze peças de artilheria, duas aguias, e alguns carros. A perda, da parte dos Inglezes e Portuguezes, foi de huns cinco mil e duzentos homens mortos, feridos ou extraviados. Os Francezes perseguidos pelo espaço de alguns dias, passárão o Douro, dirigindo a sua retirada sobre Valladolid e Burgos. Neste meio tempo, o Rei José á frente de hum corpo de tropas, tinha sahido de Madrid, e

tomado posiçaõ em Segovia, com o designio de reunir-se a Marmont; porém á chegada de Wellington, abandonou esta cidade, levando comsigo a prata das Igrejas e outros objectos preciosos. Depois de tomarem posse de Madrid, os alliados marcháraõ sobre Burgos, de cuja cidade se apoderáraõ: como porém lhes fizesse muita conta senhorearem-se do seu castello, tentáraõ toma-lo de assalto; mas foraõ mal succedidos nesta empreza, que lhes causou huma perda consideravel.

Sem entrar em particularidades, que pertencem á historia militar, bastará dizer, que Lord Wellington tendo-se visto obrigado a retrogradar, estabeleceo de novo o seu quartel general nas fronteiras de Portugal, e que o exercito Francez tornou a occupar Valladolid, Salamanca, e outros pontos.

Depois de ter referido resumidamente as operações da campanha de Hespanha, naõ nos devemos esquecer de dizer, que neste mesmo anno as Cortes deste Reino publicáraõ em Cadiz a Constituiçaõ, que desde algum tempo era o objecto dos seus trabalhos: foi nomeada huma Commissaõ para apresenta-la á Regencia, que a recebeo com os testemunhos da mais perfeita adhesaõ, e a jurou solemnemente. Constituiçaõ de Hespanha.

LIVRO VI.

Desde a Campanha da Russia em 1812, até á entrada dos Alliados em França, em 1814.

CAPITULO I.

Projecto de Napoleaõ contra a Russia. — Apoderaõ-se os Francezes da Pomerania Sueca. — Declaraõ-se a Prussia e a Austria a favor da França. — Parte Alexandre para Wilna. — Parte Napoleaõ para Dresde. — Negociações infructuosas entre a França e a Russia. — Proclamaçaõ de Napoleaõ. — Proclamaçaõ de Alexandre. — Retiraõ-se os Russos.

Projecto de Napoleaõ contra a Russia.

Vamos lançar a vista sobre o Norte da Europa, para onde huma luta importante, entre a França e a Russia, chamava a attençaõ geral dos politicos. A recusaçaõ de Alexandre I de concorrer para o projecto, que tinha formado Napoleaõ, de excluir os Inglezes do commercio da Europa, servio de pretexto a este ultimo para fazer marchar contra a Russia, naõ só todas as forças do Imperio Francez, mas tambem as dos Estados que elle obrigára a entrar nas suas vistas. Ha todo motivo para crer que elle se propunha outro fim muito differente, e que naõ era hum simples interesse de commercio o motivo de taõ ardua empreza.

A sua primeira operaçaõ, a qual tinha ligaçaõ com os seus planos secretos, foi occupar, logo no mez de Janeiro de 1812, a Pomerania Sueca: o objecto desta invasaõ era sem duvida ter huma garantia da conducta da Corte de Stockolmo, na guerra que meditava. Senhoreáraõ-se depois os Francezes da ilha de Rugen, e apoderáraõ-se, para o séu serviço, de todas as embarcaçóes que encontráraõ ao longo da costa.

Apoderaõ-se os Frãcezes da Pomerania Sueca.

Em tal circunstancia, estavaõ todos impacientes de ver o partido que a Prussia abraçaria: os Francezes lhe occupavaõ as suas praças e o seu territorio; á sua alliança com Napoleaõ era contraria á sua politica, e nociva aos seus interesses. Mas o que causou grande admiraçaõ a todos, foi decidir-se ella a favor da França, assignando hum Tratado de alliança defensiva e offensiva contra as Potencias da Europa, com as quaes alguma das Partes contractantes estivessem em guerra. Ao mesmo tempo, por hum Tratado concluido entre a França e a Austria, cada huma destas duas Potencias forneceria áquella que fosse atacada, hum soccorro de trinta mil homens; e como Napoleaõ se dizia entaõ ameaçado pela Russia, alcançou este numero de tropas, cujo commando foi dado ao Principe de Schwartzemberg.

Declaraõ-se a Austria e a Prussia a favor da França.

Logo no mez de Abril, puzeraõ-se em marcha para as froteiras da Polonia, exercitos de todas as naçóes, commandados por Francezes. A 20 passáraõ o Vistula em numero de oitenta mil homens, e occupáraõ Elbing e Kœnisberg.

Parte Alexandre para Wilna.

O Imperador Alexandre, tendo sahido da sua Capital, chegou a Wilna a 26 com os seus Ministros e com o seu Estado maior. Estava segundo se dizia resolvido a repellir os ataques dos Francezes. Aconselháraõ-lhe porém que naõ arriscasse batalha, pela razaõ que Napoleaõ naõ deixaria de penetrar ávante, em paizes selvagens, que durante a estaçaõ rigorosa seriaõ a sepultura do seu exercito.

Parte Napoleaõ para Dresde.

O Imperador dos Francezes, acompanhado da Imperatriz sua Esposa, tendo sahido de Paris a 9 de Maio, dirigio-se a Dresde. Em todo o caminho pela Saxonia tinhaõ disposto, a pouca distancia huns dos outros, montes de lenha, que accendiaõ assim que elle apparecia. Atravessando deste modo a Saxonia, pareceo que chegava a Dresde em meio de fogos de regozijo. Em quanto se demorou nesta capital (diz o Auctor de huma Historia da Campanha da Russia) occupou a parte principal do palacio. Jámais a Corte de nenhum Potentado apresentou tanto fasto e magnificencia. A sua grandeza tinha adquirido tal gráo de elevaçaõ, que despresando as homenagens vulgares, naõ queria senaõ Reis por cortezãos. Em huma palavra Napoleaõ era o Rei dos Reis, o verdadeiro Imperador da Europa. Tinhaõ todos fitos os olhos nelle; os embaixadores, os generaes, os camaristas, os escudeiros, em fim os correios, cruzando-se em diversas direcções, e sendo portadores dos destinos de tantos povos diversos, formáraõ o quadro mais vasto, mais extraordinario, e tanto mais digno de observaçaõ,

quanto as consequencias provárao quaõ visinhos estaõ da sua quéda os Principes orgulhosos, quando chegados ao alto periodo da sua gloria, querem ainda passar além dos seus limites!

Negociações infructuosas entre a França e a Russia.

Tendo Napoleaõ sahido de Dresde chegou a Dantzick a 27 de Junho. Parece que naquella epoca havia negociações entre os dois Imperadores. Publicou a Corte de França differentes peças, relativamente ás causas da desavença entre estes Soberanos: era a primeira huma Nota com a data de 25 de Abril, dirigida pelo Duque de Bassano (Maret) ao Conde de Romanzoff. Nella se queixava o Ministro Francez de que a Russia tinha faltado ás clausulas do Tratado de Tilsitt, e ao empenho que contrahíra de fazer causa commum com a França contra a Inglaterra: citava, entre os motivos de queixa da França, o Ukase do Imperador Alexandre, pelo qual abria os portos dos seus Estados ás producções das Colonias Britannicas, importadas em bandeira neutra, mas pertencentes a Inglezes, e a opposiçaõ da Russia á reuniaõ do Ducado de Oldembourg á França, reuniaõ que era indispensavel depois que a França possuia as Cidades Anseaticas e o seu territorio. Seguia-se huma Nota do Principe Kourakin, Embaixador da Russia em Paris, dirigida ao Duque de Bassano, na qual a existencia da Prussia e a conservaçaõ da sua independencia, eraõ declaradas como indispensaveis aos interesses do Imperador Alexandre: em consequencia, a base da negociaçaõ devia ser a evacuaçaõ da Prussia e das suas praças

fortes pelos Francezes, e hum concerto satisfactorio entre a França e a Suecia; dizia-se mais, que debaixo destas condições, far-se-hiaõ regulamentos relativos ao commercio, e que a este respeito se adoptaria hum systema semelhante ao da França, com tanto que naõ fosse contrario ao commercio da Russia. Naõ tendo as negociações podido conciliar os dois Imperadores, deo Napoleaõ ordem ao seu exercito de passar o Niémen. A Proclamaçaõ seguinte aos seus soldados, foi a unica declararaçaõ de guerra que sahio a publico.

Proclamaçaõ de Napoleaõ.

« Soldados. A segunda guerra da Polonia está começada; a primeira terminou em Friedland e Tilsitt: em Tilsitt, a Russia jurou eterna alliança á França, e guerra a Inglaterra. Hoje falta aos seus juramentos! Naõ quer dar explicaçaõ alguma da sua estranha conducta, sem que os Francezes se retirem além do Rheno, deixando deste modo os nossos alliados á discriçaõ della. »

« A Russia he arrastada pela fatalidade. Devem cumprir-se os seus destinos. Julga-nos ella a caso degenerados? Naõ seriamos já os soldados de Austerlitz? Colloca-nos entre a deshonra e a guerra. A escolha naõ póde ser duvidosa. Marchemos pois ávante. Passemos o Niémen: levemos a guerra ao seu territorio. A segunda guerra da Polonia será gloriosa aos exercitos Francezes, como o foi a primeira; mas a paz que concluirmos, trará comsigo a sua garantia, e porá hum termo á funesta influencia, que a Russia de cincoenta annos a esta parte, tem tido nos negocios da Europa. »

Os Francezes e os seus alliados formando nove divisões, passárão immediatamente o Niémen sem opposição, e logo se apoderárão de Kowno.

Retirão-se os Russos.

Assim que teve esta noticia, publicou Alexandre huma Proclamação, que pelo tom de nobreza que a caracteriza, fazia hum contraste muito notavel com a de Napoleão, cheia de jactancia e de presumpção: era concebida nestes termos:

Wilna, 25 *de Junho de* 1812.

Proclamação de Alexandre.

" Muito tempo ha que tinhamos observado, da parte do Imperador dos Francezes, procedimentos hostís para com a Russia; mas tinhamo-nos sempre lisonjeado, que os desviariamos por meios conciliatorios e pacificos. Em fim, vendo a renovação contínua de offensas manifestas, sem embargo do desejo que tinhamos de conservar a tranquillidade, vimo-nos obrigados a completar e reunir os nossos exercitos. Lisonjeavamo-nos com tudo de alcançar ainda huma reconciliação, conservando-nos nas fronteiras do nosso Imperio, sem violar o estado de paz, e sómente promptos a defender-nos. Todos estes meios conciliatorios e pacificos não pudérão conservar a paz que desejavamos. O Imperador dos Francezes, atacando subitamente o nosso exercito em Kowno, foi o primeiro que declarou a guerra. Vendo por tanto que cousa nenhuma o póde fazer accessivel ao desejo de conservar a paz, nada mais nos resta, invocando em nosso soccorro o Omnipotente, teste-

munha e defensor da verdade, senaõ oppôr as nossas forças ás forças do inimigo. Naõ he necessario lembrar aos Commandantes, aos Chefes de corpos e aos soldados, o seu dever e seu valor; o sangue dos valerosos Slavonios corre em suas veias. Guerreiros, vós defendeis a Religiaõ, a Patria e a Liberdade! eu estou comvosco. Deos he contra o aggressor.»

Entre tanto, Napolcaõ adianta-se com forças que eraõ superiores ás de Alexandre; por cujo motivo os Russos, naõ podendo cuidar senaõ em fazer huma guerra defensiva, abandonáraõ, á aproximaçaõ dos Francezes, Wilna, capital da Lithuania. Como as particularidades desta campanhã memoravel, que só saõ interessantes para huma Historia militar, naõ podem ter aqui lugar, naõ nos applicaremos senaõ a dar a conhecer os principaes acontecimentos desta guerra.

CAPITULO II.

Tomada de Smolensk. — Batalha do Moskowa. — Incendio de Moskou.

Tomada de Smolensk.

Quanto mais os exercitos Francezes se adiantavaõ no territorio inimigo, maior resistencia encontravaõ: déraõ-se varias acções mortiferas, sem dellas resultar vantagem decisiva. O primeiro combate em que os Russos oppuzéraõ huma resistencia vigorosa, foi em Smolensk, cidade situada na estrada de Moskou. Tendo-se os Francezes apoderado das

alturas, que dominaõ esta praça, atacáraõ os inimigos que se haviaõ encerrado nella. Em consequencia de hum combate sanguinolento, foi entregue ás chammas por estes ultimos, que a abandonáraõ aos seus vencedores. Este acontecimento dá a conhecer os extremos, de que he capaz hum povo resolvido a naõ sujeitar-se a huma dominaçaõ estrangeira. Entráraõ os Francezes nesta cidade, naõ caminhando de todos os lados senaõ sobre ruinas ou cadaveres; os palacios ainda abrazados naõ apresentavaõ á vista senaõ paredes chamuscadas; e nas suas ruinas encontravaõ-se os esqueletos dos habitantes, que o fogo tinha consumido. As poucas casas que restavaõ, estavaõ atulhadas de soldados, e ás portas dellas os proprietarios sem asilo, que com huma parte das suas familias, choravaõ a morte de seus filhos e a perda da sua fortuna. As Igrejas he que unicamente offereciaõ algumas consolações aos infelices, que naõ tinhaõ já abrigo. A Cathedral, célebre na Europa, e muito venerada pelos Russos, foi o refugio dos desgraçados que escapáraõ ao incendio. Nesta Igreja, e junto dos altares, achavaõ-se familias inteiras deitadas sobre miseraveis trapos; de hum lado via-se hum anciaõ expirando, que punha pela ultima vez os olhos no Santo, a quem toda a sua vida invocára; do outro, infelices criânças no berço, a quem a triste mãi abatida pela adversidade, dava de mamar inundando-as de lagrimas. Tal era o triste espectaculo que offerecia a cidade de Smolensk, quando os Francezes ali entráraõ, a 19 de Agosto. Moskou foi entaõ o ponto a que elles se dirigíraõ.

Batalha de Moskowa.

A fim de cobrir esta capital, tomáraõ os Russos huma forte posiçaõ perto do rio Moskowa, onde a 7 de Setembro se deo huma das acções as mais sanguinolentas. Combateo-se de parte a parte com o maior encarniçamento, desde a manhãa até á noite. Esta batalha memoravel conhecida com o nome de Moskowa, foi chamada pelos Russos batalha de Borodina. Ambos os partidos se attribuíraõ a victoria; mas desesperando de poder conservar a sua posiçaõ, estes ultimos, durante a noite, tomáraõ o partido de retirar-se.

Incendio de Moskou.

Partíraõ logo os Francezes em seguimento dos seus inimigos; e em meiados de Setembro entráraõ em Moskou, que acháraõ abandonada. Com tudo, Raptopchin, governador desta antiga capital dos Czares, querendo fazer hum derradeiro esforço, tinha armado tres ou quatro mil malfeitores tirados das prisões, assim como hum grande numero de gente que os seguia. A vanguarda dos Francezes, chegada ao meio de Moskou, foi recebida com descargas de mosquetaria, que partio da fortaleza chamada o Kremlin. Tendo aquella vil gentalha sido dissipada, estabeleceo Napoleaõ o seu quartel general nesta antiga e singular fortaleza, de cuja sorte julgavaõ os Moscovitas que dependia a conservaçaõ do seu Imperio. Entre tanto, tendo-se lançado fogo á cidade, naõ tardáraõ os Francezes a ver se rodeados de ruinas fumegantes, e privados de todos os recursos que Moskou poderia offerecer-lhes, a naõ ser esta desgraçada circunstancia. Como os

bulletins Francezes fazem mençaõ, de huma maneira obscura e contradictoria, do incendio desta cidade, naõ parece fóra de proposito observar, que estas relações naõ só differem das que os Russos publicáraõ officialmente, mas ainda, relativamente a muitos factos, contém particularidades taõ improvaveis, que naõ he possivel possaõ illudir a todo o homem de bom senso, que julga das cousas com imparcialidade. Hum acontecimento tal como este, que pela sua natureza e pelas suas consequencias naõ tem exemplo na Historia, bem merece que se lhe investiguem as suas differentes circunstancias. Os Francezes, segundo o seu *vigesimo bulletim*, acháraõ no arsenal de Moskou, sessenta mil espingardas novas, e cento e vinte peças de artilheria; tinhaõ com fartura paõ, batatas, carnes salgadas, vinho, aguardente, assucar, café, e até pelissas e fórros para o inverno, que se descobríraõ nos subterraneos, onde estes objectos estavaõ ao abrigo do fogo; ao mesmo tempo que, segundo as relações da Russia, tudo quanto se continha nos arsenaes, assim como todos os effeitos preciosos, tinha-se tirado e conduzido para fóra. Com effeito deve admirar, que os Russos decididos a evacuar Moskou, naõ tivesssm tomado medida alguma para transportar a sua artilheria, e sobre tudo, que sessenta mil espingardas fossem abandonadas ao inimigo, n'hum momento em que a Russia tanta maior precisaõ tinha de armas para as suas novas levas, quanto de Inglaterra lhe foraõ expedidas grande quantidade dellas. Diz tambem o *vigesimo*

bulletim dos Francezes, que os Russos naõ quizeraõ evacuar cousa alguma, porque entendiaõ que os Francezes nunca penetrariaõ em Moskou, e porque era suá intençaõ enganar o povo. Quanto aos aprovisionamentos achados nos subterraneos, deve-se observar que o tempo ainda estava quente, e que a estaçaõ em que se fazem as provisões para o inverno, ainda naõ era chegada, quando os Francezes tomáraõ posse de Moskou. Naõ he senaõ em meiados de Outubro, pouco antes da cahida das neves, que os habitantes se occupaõ deste cuidado: antes deste tempo, a cidade naõ tem viveres senaõ para o consumo diario dos habitantes: quanto ao vinho e á aguardente, as classes medias e inferiores naõ fazem provisaõ; e he de crer que as classes superiores tivessem levado tudo quanto possuissem deste genero, visto que os Francezes e os Russos concordaõ em dizer, que os habitantes principaes tinhaõ abandonado a cidade. Além de que, nenhuma certeza ha quanto á causa do incendio de Moskou. Napoleaõ attribuio o unicamente ao governador Raptopchin. Esta opiniaõ foi geralmente adoptada, e este acontecimento foi considerado como hum acto do mais acrisolado patriotismo. Os Russos porém attribuíraõ a destruiçaõ da sua cidade aos Francezes, que segundo dizem, foraõ os que queimáraõ a maior parte della. Com tudo, dir-se-ha, se Raptopchin mandou lançar fogo á cidade, a fim de privar o exercito Francez de recursos, deve parecer estranho, que naõ mandasse tirar logo as armas dos arsenaes, e destruir as pro-

visões de viveres: o que teria podido fazer immediatamente antes da entrada do inimigo. Examinando com imparcialidade este acontecimento, parece que Moskou foi incendiada pelos Russos, e naõ pelos Francezes; mas naõ se póde assegurar que fosse por ordem de Raptopchin. Talvez que depois da partida dos principaes habitantes, as classes baixas do povo, vendo-se abandonadas a si mesmas, se entregassem á pilhagem, e lançassem o fogo sem que para isso tivessem recebido ordem alguma.

CAPITULO III.

Moskou abandonada pelos Francezes. — Retirada desastrosa do exercito Francez. — Paz entre a Russia e a Porta. — Nova Constituiçaõ da Sicilia. — Guerra entre a Inglaterra e os Estados-Unidos.

O incendio de Moskou foi todavia mais desastroso para os Francezes que para os Russos. Tinha-se Napoleaõ persuadido, que estando senhor desta capital, seria o arbitro do Imperio da Russia; mas enganou-se nas suas esperanças. Vendo que naõ estava em segurança nesta cidade, cuja ruina parecia inevitavel, abandonou-a, dando ao mesmo tempo ordem aos seus generaes que sahissem. Entaõ a licença naõ teve já freio algum; naõ sendo as tropas já contidas pelo temor que inspira a presença dos chefes, entregáraõ-se a todos os excessos imaginaveis: nenhum asi-

Moskou abandonada pelos Frãcezes.

lo foi seguro, nenhum lugar por sagrado que fosse pôde escapar ás suas avidas pesquizas. Porém cousa nenhuma devia excitar tanto a cubiça, como a Igreja de Saõ Miguel, destinada á sepultura dos primeiros Imperadores da Russia. Huma falsa tradiçaõ era parte para que se acreditasse, que ali se achavaõ riquezas immensas. Nesta persuasaõ, penetraõ os soldados na Igreja, e com archotes nas mãos, descem aos vastos subterraneos, para perturbar a paz e o descanso das sepulturas. Em vez de thesouros naõ encontraõ mais que tumulos de pedra, cobertos de veludo, e de chapas muito delgadas de prata, nas quaes se liaõ os nomes dos Czares, o dia do seu nascimento e o da sua morte. Descontentes de verem frustradas as suas esperanças, profanáraõ as cinzas dos mortos, e arrebatáraõ as offrendas consagradas á piedade, menos preciosas em si mesmas, que pelos sentimentos de que saõ o penhor.

Com todos os excessos da avareza combináraõ todas as depravações da dissoluçaõ: nem a nobreza do sangue, nem a candura da mocidade, nem as lagrimas da formosura, foraõ respeitadas: licença cruel, mas inevitavel em huma guerra monstruosa, em que dezasseis nações reunidas, differentes em costumes e idioma, julgavaõ ser-lhes tudo permittido, na persuasaõ que as suas desordens naõ seriaõ nunca attribuidas senaõ a huma dellas.

Para terminar o quadro desta scena horrorosa, e para pintar o aspecto que apresentava Moskou no momento da sahida dos Francezes, o melhor que podemos fazer he co-

piarmos as palavras de huma testemunha ocular, que se exprime nestes termos: Naõ se distinguiaõ os lugares, onde tinhaõ existido casas, senaõ por alguns pilares de pedras calcinadas e denegridas. O vento que soprava com violencia, formava hum mugido semelhante ao que produz o mar agitado, e fazia cahir sobre nós, com espantoso fracasso, as enormes laminas de ferro, que cobriaõ os palacios. De qualquer lado que se lançassem os olhos naõ se viaõ mais que ruinas e hum oceano de flammas. Pegava o fogo, como se fosse communicado por maõ invisivel; bairros immensos se incendiavaõ, ardiaõ e desappareciaõ ao mesmo tempo.

A travez de huma densa fumarada, apresentava-se huma fileira comprida de carros, todos carregados de despojos, e que por estarem as ruas entulhadas de destroços e ruinas, viaõ se obrigados a parar a cada passo; ouviaõ-se os gritos dos carreteiros, que receando morrer queimados, davaõ, para avançarem, gritos espantosos; naõ se via por toda a parte senaõ homens armados, que sem embargo de irem em retirada, arrombavaõ as portas, como se receassem deixar alguma casa intacta; e se se lhes apresentavaõ novos objectos preferiveis aos que já tinhaõ em seu poder, abandonavaõ os primeiros, para lançarem maõ dos ultimos; muitos, a pesar de terem carros bem carregados, levavaõ ás costas o resto do que tinhaõ roubado; mas o incendio, obstruindo a passagem das ruas principaes, obrigava-os a voltar para traz. Andavaõ errantes deste modo, buscando em hu-

ma cidade immensa, que naõ conheciaõ, huma sahida favoravel para escapar a este labyrinto de fogo. Viaõ-se muitos que se desviavaõ, em vez de se aproximarem ao pequeno numero de portas por onde se podia sahir, morrendo desta maneira muitos, que foraõ victimas da sua cubiça. A pesar deste grande perigo, a sede das riquezas fazia com que afrontassem todos os perigos; os soldados excitados pelo ardor do saque, precipitavaõ-se em meio de vapores abrazados, por entre as armas reluzentes; caminhavaõ sobre o sangue, calcavaõ aos pés os cadaveres, em quanto as ruinas e os tições em braza lhes cahiaõ sobre os braços homicidas; teriaõ todos perecido talvez, se hum calor insupportavel os naõ obrigasse por fim a recolher-se ao seu campo.

Retirada desastrosa do exercito Francez.

Sahindo de Moskou, tinhaõ-se os Francezes retirado para os arredores de Peterskoe (*), onde ficáraõ quatro dias (17, 18, 19 e 20 de Setembro), depois dos quaes voltáraõ para aquella desgraçada cidade, de que já naõ restava mais de huma decima parte das casas. Com tudo, os Russos tendo-se apresentado em força entre Moskou e Kaluga, para cobrir as Provincias meridionaes, puzeraõ a Napoleaõ em grande aperto, o qual achando-se em huma posiçaõ penosa, vio-se obrigado a reconcentrar as suas forças. Naõ podia marchar sobre Petersbourg, sem attrahir sobre a sua retaguarda o exercito Russo, e correr o risco de ver cortada toda a communicaçaõ com

(*) Palacio Imperial.

a Polonia. Naõ podia tambem adiantar-se para o Volga; pois que novas invasões sobre este ponto naõ podiaõ ter outro resultado, senaõ enfraquece-lo e desvia-lo dos seus recursos. Achava-se o exercito Francez em huma posiçaõ muito crítica, visto que acampado sobre as estradas de Twer, de Jaroslaw, de Wladimir, de Riasan, e de Kaluga, via-se sempre obrigado a permanecer em Moskow, investido de todas as partes, com pouca cavallaria, e tendo de fazer face a huma linha, que formava hum circulo de algumas cem legoas de circunferencia. A penuria e o descontentamento dos soldados augmentavaõ todos os dias: o futuro era medonho. Vendo-se na impossibilidade de permanecer mais tempo em Moskow, tomou Napoleaõ o partido de abandonar esta cidade a 18 de Outubro. Tendo deixado hum corpo de tropas no Kremlin, a fim de proteger a sua retirada, poz em movimento o seu exercito, que foi vivamente acossado por hum inimigo exasperado. Para cumulo de desgraças, teve de supportar os frios de hum inverno rigoroso, que começou por neves abundantes. O thermometro chegou a 16 e 18 gráos abaixo do gelo. Os soffrimentos do exercito foraõ horrorosos; as perdas em todo genero, prodigiosas. Os cavallos morriaõ em taõ grande numero, que a maior parte da artilheria ficou atraz, e a cavallaria quasi toda desmontada. Corpos inteiros de tropas, extenuados do frio e da fome, rendêraõ-se sem resistencia aos Russos, que os perseguiaõ sem deixar-lhes o minimo descanso. Por fim, chegou o exercito Francez a Wilna, donde Na-

poleaõ partio a 5 de Dezembro, dirigindo-se com a maior celeridade possivel para França, por Varsovia, Dresde e Leipsick. Além da sua segurança pessoal, razões politicas exigiaõ a sua volta a París, onde chegou a 18. Vendo que naõ era já possivel illudir os Francezes relativamente aos infelices successos das suas armas, julgou a sua presença necessaria na capital, para suffocar a murmuraçaõ do público, evitar ou atalhar todo movimento de insurreiçaõ, e preparar-se para huma nova campanha. Huma conspiraçaõ contra o seu governo tinha rebentado na sua ausencia, no mez de Outubro. Os generaes Mallet, Lahorie e outros, eraõ os seus principaes chefes; mas foi em breve suffocada.

Naõ tardou o exercito Francez a abandonar Wilna, deixando na sua retirada huma quantidade consideravel de artilheria, carros e bagagens. Segundo as relações dos Russos, a sua perda total, até 26 de Dezembro, era de quarenta e hum generaes, perto de mil e trezentos officiaes, e cento e sessenta e hum mil e quinhentos soldados, e mais de mil e cem peças de artilheria. Se a isto se ajuntar setenta mil homens e quarenta mil cavallos mortos de frio, de fome ou de fadiga, será facil convencer-se, que os desastres desta retirada foraõ inauditos. Verdade he que sempre ha exaggeraçaõ em taes avaliações; mas nesta circunstancia, deve-se crer que as relações dos Russos naõ se apartavaõ muito da verdade; pois naõ ha dúvida que o exercito Francez, o mais formidavel que jámais entrasse em campanha, foi quasi inteiramente aniquilado.

No principio deste anno (em Fevereiro), tinha a guerra principiado de novo entre a Russia e a Turquia; mas as operações naõ foraõ vivas por causa do apuro em que se achavaõ as partes belligerantes; e a Corte de Petersbourg precisava de todas as suas forças para fazer frente ao inimigo, que lhe tinha invadido os seus Estados. Tendo entrado em negociaçaõ, assignáraõ as duas Potencias hum Tratado, cujos principaes artigos eraõ relativos aos limites, que se deviaõ fixar dos respectivos territorios. O Pruth desde a sua entrada na Moldavia, até a sua confluencia com o Danubio, e a margem esquerda do Danubio até á embocadura deste rio em Kilia, foraõ declarados os limites dos dois Imperios na Europa: a Porta cedeo ao mesmo tempo á Russia todas as cidades e districtos á esquerda do Pruth. Paz entre a Russia e a Porta.

Hum acontecimento notavel attrahio a attençaõ pública para outro ponto da Europa. A Sicilia, que desde tempo immemorial estava sujeita a hum governo arbitrario, experimentou em meiados deste anno huma refórma pública. A vassalagem e outros vestigios do feudalismo foraõ abolidos, e estabeleceo-se huma Constituiçaõ, a que servio de modelo a de Inglaterra. Operou-se esta mudança por influencia da Graõ-Bretanha. O Rei Fernando IV vio-se obrigado a abdicar a favor de seu filho; e a Rainha Carolina, que estava á frente de hum partido opposto a esta mudança, foi mandada para hum retiro, com prohibiçaõ de vir a Palermo, onde houve huma sublevaçaõ; o que prova que a nova Cons- Nova Cõstituiçaõ da Sicilia.

tituiçaõ naõ era do gosto de toda a gente, como o dava entaõ a entender o gabinete Britannico.

Guerra entre a Inglaterra e os Estados-Unidos.

Alguns annos havia que a Inglaterra e os Estados-Unidos estavaõ, por assim dizer, em estado de hostilidade. Tinhaõ tido lugar algumas negociações, e para aplanar as vias de huma composiçaõ, offereceo o gabinete de Londres fazer aquellas concessões, que fossem compativeis com os direitos maritimos reconhecidos por todas as nações. Com tudo, foraõ interrompidas as negociações pelo Congresso, que declarou a guerra á Graõ-Bretanha. Tinhaõ os Americanos suas vistas sobre o Canadá, e a sua primeira operaçaõ teve por objecto apoderar-se deste paiz; foraõ porém mal succedidos nesta empreza. O general que commandava as suas tropas depoz as armas, tendo-se visto obrigado a capitular; mas este revez experimentado em terra pelas armas Americanas, foi de alguma sorte compensado pelos seus felices successos no mar.

CAPITULO IV.

Guerra de Hespanha. — Batalha de Vitoria. — Sitio de Tarragona. — Tomada de S. Sebastiaõ. — Entra Lord Wellington em França.

Guerra de Hespanha.

No fim do anno, estava o exercito Francez acantonado nos arredores de Salamanca e de Valhadolid, e occupava differentes postos sobre o Téjo. O Rei José estava em Madrid, e o Marechal Soult em Toledo.

Em Fevereiro de 1813, os Francezes que tinhaõ tomado posiçaõ da parte do alto Tormes, foraõ repellidos com perda pelo general Hill, que marchou sobre Placencia.

De outra parte, Sir John Murray, que estava em Alicante com hum corpo de tropas alliadas, forçou a posiçaõ dos Francezes em Alcoy, e penetrou no paiz. Este movimento obrigou Suchet a sahir de Valença, o qual marchou sobre Villena, de cujo castello se apoderou, assim como da guarniçaõ Hespanhola, e atacou depois a linha dos alliados, que o repellíraõ com perda consideravel, e o obrigáraõ a recolher-se a Villena.

Nos fins de Maio, sahindo Lord Wellington dos seus quarteis de Freineda, marchou sobre Salamanca, e dirigio o seu exercito para Toro, perseguindo os Francèzes, que tinhaõ abandonado o Téjo e Madrid, assim como Valhadolid: a sua ala direita, commandada pelo general Hill, foi reconhecer a sua posiçaõ junto de Burgos, que elles evacuáraõ para retirar-se sobre o Ebro. Depois de ter passado este rio, o exercito dos alliados marchou sobre Vitoria, onde os Francezes commandados pelo Rei José e pelo Marechal Jourdan, tinhaõ tomado posiçaõ.

Ali, os Inglezes tendo-se apoderado de algumas alturas occupadas pelos Francezes, empenhou-se huma acçaõ mui viva, em consequencia da qual estes ultimos se puzeraõ em retirada taõ precipitadamente, que naõ pudéraõ levar nem a sua artilheria nem as suas bagagens. Cento e cincoenta peças de artilhería, e mais de quatrocentos carros cahíraõ em po- Batalha de Vitoria.

der dos vencedores. A perda de homens foi muito consideravel da parte dos vencidos, tanto no campo da batalha como na retirada. Retiráraõ-se os Francezes por Pampelona, seguindo a estrada de Roncesvalhes. Em fim, expulsos de todas as suas posições, passáraõ o Bidassoa pela ponte de Irun, e entráraõ em França.

Sitio de Tarragona.

Na parte oriental de Hespanha, tendo o general Inglez Murray investido Tarragona, vio-se obrigado, ao aproximar-se Suchet, a retirar-se, deixando a sua artilheria nas baterias. Mas tendo este ultimo evacuado depois Valença, onde entráraõ os Hespanhoes commandados por Elio, retiráraõ-se os Francezes. Entaõ principiou novamente o sitio de Tarragona Lord Bentinck, que tinha tomado o commando do exercito Inglez naquelle paiz. Suchet, para soccorrer esta praça, adiantou-se sobre Villafranca. Este movimento fez com que o general Inglez suspendesse as operações do sitio, e obrigou o a retroceder. Os Francezes fizeraõ depois saltar as fortificações de Tarragona, e retiráraõ-se.

De outro lado, tendo o Marechal Soult, nomeado entaõ commandante em chefe das tropas Francezas, reunido as duas alas do seu exercito, e huma parte do seu centro, formando tudo huns quarenta mil homens, atacou hum posto Inglez em Roncesvalhes, e alcançou huma vantagem completa. Tiveraõ successivamente lugar differentes combates, com perda de parte a parte.

Tomada de S. Sebastiaõ.

Naquelle mesmo tempo, os alliados commandados pelo general Graham, tomáraõ

de assalto S. Sebastiaõ, praça importantissima, que se defendeo vigorosamente. Neste assalto tiveraõ huns dois mil e quinhentos homens mortos ou feridos.

Entrou logo Lord Wellington em França (a 7 de Outubro), atravessando o Bidassoa. A praça de Pampelona, que se achava bloqueada desde a batalha de Vitoria, foi obrigada a render-se (a 31 de Outubro) por capitulaçaõ aos Hespanhoes, e a guarniçaõ ficou prisioneira de guerra. Deo entaõ o general Inglez á execuçaõ hum plano, que tinha formado contra as tropas Francezas, que lhe faziaõ frente; o qual era forçar o seu centro, e estabelecer o exercito alliado por detraz da sua direita. Para este effeito, atacou-os em differentes columnas, e depois de differentes combates, que tiveraõ lugar durante todo o dia, ficou victorioso de tarde. Os Francezes aproveitáraõ-se da noite para abandonar as suas fortificaçóes e os seus postos adiante de Sãõ Joaõ da Luz, e dali re retiráraõ para diante de Bayona. O resultado foi, que depois de differentes combates, o exercito de Lord Wellington tinha penetrado, no fim do anno, em o territorio da França.

Entra Lord Wellingtõ em França.

CAPITULO V.

Os Prussianos abandonaõ a França, e fazem alliança com a Russia. — Adiantaõ-se os Russos em Allemanha. — Batalha de Gross Goerschen. — Tratado concluido pela Suecia com a Inglaterra e a Russia.

Os Prussianos abãdonaõ a França, e fazem alliãça com a Russia.

Neste mesmo tempo, tinhaõ lugar no Norte da Europa acontecimentos extraordinarios. Os Prussianos, como alliados dos Francezes, tinhaõ obrado particularmente nas costas do Baltico; tinhaõ-se empregado no sitio de Riga. Quando os Francezes se retiráraõ de diante desta praça, o general Russo Witgenstein, que se adiantava ao longo do Niémen, alcançou separar delles hum corpo de quinze mil Prussianos, commandados pelo general York, que assignou huma Convençaõ, em virtude da qual devia ficar neutro com as tropas que commandava. O Rei de Prussia, que se achava em Postdam, em poder da guarniçaõ Franceza de Berlin, vio-se na necessidade de fingir que desapprovava a conducta do seu general, com o qual estava sem dúvida de intelligencia. Witgenstein, perseguindo os Francezes, entrou (a 6 de Janeiro), sem encontrar obstaculo, em Kœnisberg. Elbing, Marienbourg e outras cidades do Reino de Prussia, foraõ successivamente abandonadas pelos Francezes, e occupadas pelos Russos, que tiveraõ ao mesmo tempo differentes combates com os Saxonios e os Austriacos. Hu-

ma Regencia estabelecida em Kœnisberg, em nome do Rei de Prussia, publicou huma Proclamaçaõ, que convidava o povo em soccorro do seu Principe e da sua patria, para livra-los dos Francezes. Grande numero de moços foraõ juntar-se ás tropas do general York. Nos fins de Janeiro, o Rei de Prussia sahio de Postdam para retirar-se a Breslau, onde publicou diversas Proclamações, que chamavaõ os Prussianos ás armas, mas sem designar o inimigo que tinhaõ de combater.

Adiantaõ-se os Russos em Alemanha.

Com tudo, os Russos continuavaõ a adiantar-se com o seu Imperador, que estava á frente do principal corpo de exercito. A 8 de Fevereiro entráraõ em Varsovia; investíraõ Dantzick e Thorn, e Alexandre entrou em Polotzk. Por este mesmo tempo, os Austriacos concluíraõ huma tregoa illimitada, e se retiráraõ para a Galicia. Da sua parte, os Saxonios recolhêraõ-se ao seu paiz; mas foraõ perseguidos, e grande numero delles ficou prisioneiro. O Rei de Prussia, fazendo entaõ o papel de Medianeiro entre as Potencias belligerantes, propoz (a 15 de Fevereiro) huma tregoa, que naõ teve lugar; oito dias depois, concluio com Alexandre hum Tratado de alliança offensiva e defensiva; e no mez de Março, tiveraõ os dois Soberanos huma conferencia em Breslau, donde o Rei de Prussia dirigio hum Manifesto aos seus subditos, no qual expondo os motivos da sua alliança com a Russia, lhes diz: » Nós tivemos de ceder » á superioridade do poder da França; a paz » que me privou de metade dos meus Esta- » dos, naõ nos foi de vantagem alguma;

„ antes pelo contrario, foi-nos mais funesta „ que a guerra. „ Houve em París, entre o Ministro Prussiano e o Governo Francez, discussões particulares relativas a esta mudança de conducta do Rei de Prussia. Naõ foi difficil provar, que de huma parte tinha havido abuso de poder, e da outra, falta ao ajustado. Mas deve ter-se presente, que huma Potencia vencida aproveita sempre a occasiaõ favoravel de tornar ao seu antigo estado, e de anullar aquellas concessões, que lhe foraõ arrancadas pela força das armas. Tendo os Francezes evacuado Berlin, entráraõ ali os Russos. O Rei de Saxonia tinha abandonado Dresde ao aproximarem-se estes ultimos, que tomáraõ posse da parte desta capital situada na margem direita do Elbo. Hum exercito Sueco marchava ao mesmo tempo sobre Stralsund, e a 18 de Abril rendeo-se Thorn aos Russos.

Batalha de Gross-Goerschẽ. Entre tanto, Napoleaõ, que se havia occupado em París a reunir todas as forças da França, partio desta capital a 15 de Abril, para pôr-se á frente do seu exercito, formidavel tanto pelo numero como pela coragem dos soldados. Os diversos corpos eraõ commandados por generaes desde muito tempo conhecidos pelos seus talentos militares. A marcha das divisões deste exercito foi regulada de maneira a poderem-se reunir perto de Iéna, e sobre o Saale. Os exercitos alliados dos Russos e dos Prussianos, concentrados perto de Leipsick, estavaõ ás ordens do general Witgenstein. Tendo os Francezes passado o Saale, effeituáraõ os inimigos a sua juncçaõ entre Leip-

sick e Altenbourg. O Imperador da Russia e o Rei de Prussia estavaõ á frente das suas respectivas tropas, assim como Napoleaõ estava á frente do seu exercito. A 2 de Maio vieraõ ás maõs em Gross-Goerschen, perto da planicie de Lutzen. Depois de huma carniceria horrorosa de parte a parte, ficáraõ os alliados senhores do campo da batalha, e retiráraõ se os Francezes. Com tudo avançáraõ estes depois sobre o Elbo, que atravessáraõ em Dresde e em Meissen: Napoleaõ assentou o seu quartel general na primeira destas cidades, e as suas tropas occupáraõ Leipsick. Reunio-se entaõ o Rei de Saxonia aos Francezes, que se adiantáraõ, naõ sem dar alguns combates mortiferos para ambos os partidos, que publicáraõ, cada qual da sua parte, relações que muito diversificavaõ quanto ás circunstancias delles. Porém como quer que seja, o certo he que os Francezes se adiantáraõ sobre o Oder sem encontrar opposiçaõ alguma, e no 1.º de Junho entráraõ em Breslau.

Tinha-se ajuntado huma nova Potencia aos alliados contra Napoleaõ. A Suecia, que se tinha podido livrar da influencia do Imperador dos Francezes, e conservar-se em hum estado de neutralidade, abraçou abertamente a causa dos alliados. Já no mez de Março se tinha assignado hum Tratado de subsidios e de alliança entre as Cortes de Stockolmo e de Londres: obrigava-se a primeira a aprومptar hum exercito de trinta mil homens pelo menos, para obrar ás ordens do Principe Real de Suecia, de concerto com os Russos; e a Inglaterra dava hum subsidio de hum milhaõ

Tratado concluido pela Suecia, cõ a Inglaterra e a Russia.

esterlino. Fazia este Tratado mençaõ de outro empenho, que subsistia já entre a Russia e a Suecia, sendo hum dos seus artigos a reuniaõ para sempre do Reino de Noruega á Suecia. A Graõ-Bretanha promettia ajudar a ultima a effeituar esta reuniaõ, no caso que o Rei de Dinamarca recusasse ajuntar-se aos alliados. Desde aquelle momento, a Corte de Stockolmo empregou muita actividade para pôr-se em estado de preencher a parte daquella obrigaçaõ, que lhe dizia respeito; mas a juncçaõ das suas forças ás dos alliados, naõ foi muito sensivel no principio da campanha. O perigo urgente de Hamburgo, que os Russos tinhaõ abandonado, e que estava ameaçado pelos Francezes commandados por Davoust, decidio a Suecia a metter hum corpo de tropas nesta cidade para defende-la; mas o estado de hostilidade declarada da Dinamarca, fez com que as mandassem retirar, e Hamburgo foi retomado, a 30 de Maio, pelos Francezes ajudados dos Dinamarquezes.

CAPITULO VI.

Armisticio e negociações para a paz. — Declara a Austria guerra á França. — Renovaçaõ das hostilidades. — Derrota dos alliados. — Retiraõ-se os Francezes sobre Leipsick. — Junta-se a Baviera aos alliados. — Batalha de Leipsick. — Volta de Napoleaõ para França. — A Allemanha livre do jugo de Napoleaõ.

Armisticio, e negociações para a paz.

Vendo Napoleaõ quantos obstaculos tinha a vencer, desejava a paz. Alcançou da Austria, que fizesse ao Imperador da Russia proposições de hum armisticio, que deviaõ preparar a convocaçaõ de hum Congresso em Praga, a fim de effeituar-se huma pacificaçaõ geral. Tendo sido o armisticio ratificado a 4 de Junho de huma e outra parte, seguíraõ-se-lhe as negociações em Praga, mas muito demoradas. Neste meio tempo, faziaõ-se grandes preparativos de guerra em Allemanha, principalmente nos Estados da Austria, onde eraõ taõ consideraveis, que patenteavaõ, da parte desta Potencia, a intençaõ em que estava de tomar huma parte muito activa nos acontecimentos que deviaõ ter lugar.

Declara a Austria guerra á França.

Cessando o armisticio a 10 de Agosto, o Ministro Austriaco ao Congresso de Praga, entregou logo no dia seguinte ao Ministro Francez huma declaraçaõ de guerra contra a França. A Austria, para justificar a sua conducta, allegava entre outras razões, as inva-

sões de territorios no Norte da Allemanha, da parte de Napoleaõ, e a impossibilidade de gozar de huma paz duravel, em quanto elle persistisse no seu systema politico; mas o motivo real da Corte de Vienna, era a esperança lisonjeira que concebia, de reduzir huma Potencia ambiciosa, que se oppunha á independencia e á tranquillidade dos Estados da Europa. Esta declaraçaõ foi seguida de hum Tratado de alliança defensiva entre a Austria e a Russia: esta ultima Potencia e a Prussia tinhaõ já concluido Tratados com a Inglaterra, que se obrigava a pagar subsidios a cada huma das outras Potencias, á proporçaõ dos exercitos, que ellas deviaõ pôr em campo,

Renovaçaõ das hostilidades.

Os alliados, renovando as hostilidades, fizeraõ diligencia por expulsar os Francezes das suas posições avançadas na margem direita do Elbo, assim como na Lusacia e na Silesia. Foraõ bem succedidos no seu projecto, tendo alcançado (a 16 de Agosto) fazer occupar pela sua vanguarda as alturas acima de Dresde. Tinhaõ-se os Francezes occupado, durante alguns mezes, a fortificar esta praça, onde Napoleaõ se achava com hum exercito de cento e trinta mil homens.

Derrota dos alliados.

Quizeraõ os alliados com huma tentativa temeraria apoderar-se desta praça; déraõ (a 27) hum assalto; foraõ porém repellidos, soffrendo huma perda muito consideravel. No dia seguinte, mandou Napoleaõ sahir as suas tropas para atacar os alliados, e foi muito sanguinolenta esta acçaõ. O general Moreau, que tinha vindo da America para visitar o

Principe Real de Suecia (Bernadotte), seu companheiro de armas, que tinha abraçado o partido, cuja causa considerava como a da liberdade pública, recebeo nesta batalha huma bala, que poz termo á sua existencia. Os alliados, tendo ficado mal nesta acçaõ, retiráraõ-se atravessando a cadea de montanhas que separaõ a Saxonia da Bohemia: foraõ perseguidos por huma forte divisaõ do exercito Francez, que depois de alcançar algumas vantagens, experimentou hum revez em huma acçaõ, em que o general Vandamme cahio em poder do inimigo com dez mil homens, artilheria e bagagens.

Retiraõ-se os Francezes sobre Leipsick.

Apressáraõ-se os alliados a reparar a sua derrota. Tomou entaõ o Principe Real de Suecia huma parte activa nas suas operações; e o Marechal Blucher, á frente dos Prussianos, que elle commandava, apresentou-se com distincçaõ no theatro da guerra. Desforráraõ-se em breve tempo os alliados das perdas que tinhaõ soffrido diante de Dresde, com as vantagens que alcançáraõ em differentes acções. Foi a Silesia evacuada pelos Francezes; e os Russos e Prussianos tornáraõ a entrar na Saxonia. Sahíraõ os Austriacos da Bohemia, e o exercito Francez, depois de haver soffrido perdas consideraveis, retirou-se sobre o Elbo. Napoleaõ, havendo sahido de Dresde com o Rei de Saxonia, dirigio todas as suas forças para Leipsick.

Ajunta-se a Baviera aos alliados.

Neste momento recebêraõ os alliados hum reforço importante, em consequencia de hum Tratado concluido entre a Austria e a Baviera, em virtude do qual, cincoenta e cin-

co mil Bavaros deviaõ obrar de concerto com os Austriacos.

Batalha de Leipsick.

Achavaõ-se os dois grandes exercitos belligerantes em presença hum do outro, debaixo dos muros de Leipsick, e era impossivel que passasse muito tempo sem virem ás maõs. O primeiro ataque geral teve lugar a 16 de Outubro, ao sul desta cidade: depois de huma carniceria horrorosa, conservaraõ das duas partes quasi as mesmas posições, que occupavaõ no principio da acçaõ. O dia 17 foi empregado em fazer os preparativos para a grande batalha, que devia dar-se no dia seguinte; a qual realmente se deo, e os alliados alcançáraõ a mais completa victoria. A 19, o Rei de Saxonia mandou hum parlamentario ao Imperador Alexandre, para lhe rogar que poupasse a cidade de Leipsick. Naõ tendo resultado fructo algum deste passo, ordenou-se o assalto, e foi a praça tomada depois de huma fraca resistencia, entrando nella os alliados pouco tempo depois de Napoleaõ haver sahido della. O Rei de Saxonia e toda a sua familia cahíraõ em poder dos vencedores. A perda dos Francezes foi muito consideravel: além de vinte mil homens mortos no campo da batalha, perdêraõ os seus armazens, as suas bagagens e a sua artilheria. Em huma palavra, retiráraõ-se na maior desordem.

Volta de Napoleaõ para Frãça.

O exercito Austriaco e Bavaro combinado, debaixo das ordens do general Wrede, havendo-se encaminhado a Hanau para interceptar a retirada de Napoleaõ sobre Francfort, deo esta tentativa lugar a hum combate terrivel, onde os alliados perdêraõ muita

gente. Foraõ com tudo os Francezes vivamente perseguidos até Francfort. A 2 de Novembro chegou Napoleaõ a Metz, annunciando que tinha trazido comsigo cem mil homens dos exercitos, que tinha conduzido ao Elbo e ao Oder, numero que sem dúvida era exaggerado.

A Allemanha livre do jugo de Napoleaõ.

Algumas guarnições Francezas tinhaõ todavia ficado em Allemanha para suspender os alliados, cujo objecto era livra-la do jugo de Napoleaõ. Já a 6 de Outubro tinha o Principe Real de Suecia marchado sobre o Hannover; e antes de entrar, tinha mandado publicar huma Proclamaçaõ dirigida aos Hanoverianos em nome dos Conselheiros privados do Rei de Inglaterra, nomeados para tomarem de novo conta da administraçaõ do Eleitorado. Dali encaminhou-se a Bremen, onde entrou a 17; e depois de haver restituido a Lubeck as suas antigas liberdades e privilegios, chegou ás fronteiras de Dinamarca, para seguir os seus planos de politica particular. No principio de Novembro, os dois Imperadores alliados e os Reis de Prussia e de Baviera, reuníraõ-se em Francfort, que foi declarada cidade livre. Naquelle mesmo tempo concluio o Rei de Wurtemberg com a Inglaterra hum Tratado, em virtude do qual abandonou a Confederaçaõ do Rheno, e consentio em ajuntar as suas tropas ás dos alliados.

CAPITULO VII.

Revoluçaõ das Provincias-Unidas dos Paizes Baixos. — Restauraçaõ do Principe de Orange. — Guerra entre a Dinamarca e a Suecia. — Entrega de Dresde e de Stettin. — Negocios da Italia.

Revoluçaõ das Provincias-Unidas dos Paizes Baixos.

Hum dos resultados os mais importantes, operados pelos successos dos alliados, foi huma revoluçaõ, que livrando as Provincias-Unidas dos Paizes Baixos do jugo tyrannico da França, lhes restituio a sua antiga independencia. Desde o principio do anno de 1813, tinha-se formado em Amsterdam hum plano de insurreiçaõ a favor da Casa de Orange: projecto este, que havendo sido descoberto, os que estavaõ implicados nelle foraõ presos e castigados. Mas quando os alliados avançáraõ para as fronteiras da Hollanda, os espiritos, tanto tempo comprimidos, reanimáraõ-se ali; e a 15 de Novembro, sem que nada se presentisse, que désse annuncio de hum designio premeditado, o povo de Amsterdam, tendo-se levantado em massa, proclamou a Soberania da Casa de Orange, expellio as auctoridades Francezas, e organisou hum Governo provisorio. As principaes cidades das Provincias de Hollanda e de Utrecht seguíraõ o exemplo de Amsterdam.

Restauraçaõ do Prîcipe de Orange.

Tendo chegado sem demora alguma a noticia deste acontecimento a Londres, por via de huma deputaçaõ encarregada de convi-

dar o Principe de Orange a encarregar-se das redeas do governo, annuio este Principe a este convite, e o gabinete de S. James resolveo ajudar, com todos os meios que tivesse á sua disposiçaõ, as Provincias-Unidas, onde os Francezes se achavaõ em pequeno numero. Neste meio tempo, os Russos ás ordens do general Witgenstein, tinhaõ entrado no paiz; e reforços sufficientes chegáraõ de Inglaterra. Tendo os Francezes sido expulsos, naõ encontrou já a revoluçaõ obstaculo algum, e fez-se geral. No 1.º de Dezembro fez o Principe de Orange a sua entrada em Amsterdam, e logo depois publicou huma Proclamaçaõ, na qual annunciava a sua elevaçaõ a huma dignidade eminente, a que, na conformidade do voto da naçaõ, era chamado; e em vez do titulo de Stathouder, tomou o de Principe Soberano dos Paizes Baixos Unidos.

Saõ dignos de mencionar-se outros acontecimentos, que tiveraõ lugar no continente, por terem relaçaõ com os negocios deste anno memoravel.

Guerra entre a Dinamarca e a Suecia.

O Rei de Dinamarca, que tinha recusado entrar na liga formada contra a França, via com inquietaçaõ o Tratado concluido entre a Russia e a Suecia, pelo qual a Noruega era concedida a esta ultima Potencia. Tendo declarado a 5 de Setembro guerra á Suecia, achava-se só contra huma confederaçaõ inimiga, sem meios sufficientes para resistir-lhe. Por isso aproveitando a primeira occasiaõ de marchar contra Dinamarca, naõ tardou o Principe Real de Suecia a invadir o Holstein. O Principe de Hesse, que comman-

dava as tropas Dinamarquezas, vendo-se cercado, pedio hum armisticio, que lhe foi concedido, debaixo da condiçaõ que todo o Holstein, e huma parte do Schleswig ficariaõ em poder dos alliados. Tal era a posiçaõ critica em que se achava a Dinarmarca no fim do anno.

Entrega de Dresde e de Stettin.

Quando Napoleaõ effeituou a sua retirada de Leipsick, tinha deixado em Dresde, debaixo das ordens do Marechal Gouvion St. Cyr, hum corpo de tropas, que foi reforçado pelos fugitivos do exercito de Vandamme. Naõ tardou muito tempo esta guarniçaõ a ver-se reduzida a miseravel estado, tanto pela penuria como pelas molestias. Deo na verdade o seu commandante algumas demonstrações de querer resistir, quando os Russos se apresentáraõ para bloquea-la; mas a 12 de Novembro, vio-se obrigado a render-se prisioneiro de guerra com toda a guarniçaõ, que era de mais de quarenta mil homens. No mesmo mez Stettin, onde se achavaõ huns oito mil homens, tambem capitulou debaixo das mesmas condições.

Negocios da Italia.

No Norte da Italia, estava a Austria occupada em libertar, ou antes em recobrar os seus Estados. O Baraõ Hiller, tendo passado os Alpes no mez de Outubro, com hum exercito de sessenta mil homens, obrava contra os Francezes: houve na Carniola e na Istria algumas acções, cujo resultado foi a retirada dos ultimos para a Italia. Trieste e toda a costa da Dalmacia cahíraõ em poder da Austria, ajudada pela Inglaterra.

O governo da Suis-

De outro lado, a Confederaçaõ Helve-

tica, de que Napoleaõ se havia declarado Mediador, parecia disposta a persistir no systema de neutralidade que tinha adoptado. Em consequencia, publicou a Dieta dos Cantões, no mez de Novembro, huma Notificaçaõ, que annunciava esta resoluçaõ, e decretou huma leva de tropas para sustentar-se no seu plano de conducta. Mas em breve víraõ os Suissos, que hum pequeno Estado naõ póde, ainda quando o queira, permanecer neutro em meio das contestaçóes de grandes Potencias. Entrou pois na Suissa hum exercito Austriaco, declarando que os alliados naõ podiaõ consentir na neutralidade do Corpo Helvetico, porque estavaõ determinados a subtrahi-lo á influencia estrangeira, e a ve-lo entrar novamente na sua independencia, antes de o reconhecer como neutro. Tendo os Austriacos entrado em Berne, foi o antigo governo restabelecido, e tendo depois passado o Rheno em Schaffouse e em Basiléa, adiantáraõ-se para a França, onde entráraõ tomando diversas direcções.

sa restabelecido.

LIVRO VII.

Desde a entrada dos Alliados em França, em 1814, até ao Tratado definitivo entre a França, e os Alliados em 1815.

CAPITULO I.

Entrada dos Alliados em França.—Sahe Napoleaõ de Paris para pôr-se á frente das Tropas. — Progressos dos Alliados. — Concentra Napoleaõ as suas tropas, e repelle Blucher. — Marcha contra os Austriacos.

Entrada dos alliados em França.

Os annos de 1812 e 1813 tinhaõ sido assignalados por acontecimentos da maior importancia: os seis primeiros mezes de 1814 naõ saõ menos memoraveis, por terem sido o termo da sanguinolenta guerra e das horrorosas convulsões, que atormentavaõ os mais formosos paizes da Europa. Estava a attençaõ geral fixa na França, cujas fronteiras estavaõ invadidas pelos numerosos exercitos daquelles mesmos Estados, que ella obrigára a alcançar a paz sujeitando-se ao seu dominio, ou a cooperar á execuçaõ dos seus projectos de invasaõ. De todas as Potencias ligadas contra Napoleaõ, todas, á excepçaõ da Graõ-Bretanha, tinhaõ sido suas alliadas; achava-se elle na situaçaõ mais penosa e mais critica: a sorte da França estava a ponto de decidir-se. Tinha elle já dado demonstrações dos seus

sustos, passando no fim do anno precedente hum decreto, pelo qual enviava para as divisões militares do Imperio, commissarios investidos de poderes extraordinarios para organizar os meios de defeza. Parecia ter perdido as suas faculdades activas, e estar abatido pelas circunstancias: falava muito do que era preciso fazer, para salvar a França do abysmo de perigos em que ella estava mettida; mas nada fazia. Por isso, no momento em que os alliados se apresentárão, virão que os seus meios de defeza não estavão mais adiantados, que quando passára o Rheno, depois da sua retirada de Allemanha.

Já os exercitos dos alliados tinhão atravessado este rio em differentes pontos desde Basiléa até Coblentz; e os seus corpos avançados, occupando todo o Palatinado, tinhão encetado o territorio Francez. Em meiados de Janeiro de 1814, os Prussianos, debaixo das ordens do Marechal Blucher, tinhão-se apoderado de Nancy, e o general Austriaco Ghiulay estava em Langres.

A 25 do mesmo mez sahio Napoleão de París para pôr-se á frente das suas tropas. Tendo chegado a Saint-Dizier sobre o Marne, mandou atacar os differentes corpos de tropas alliadas, que todas marchavão contra elle. Houve differentes acções em que a vantagem foi da sua parte; mas em huma acção que se empenhou no 1.º de Fevereiro, em la Rhotiere, e á qual se achou presente, experimentou hum revez, que o obrigou a retirar-se depois de ter perdido muita gente, e sessenta e oito peças de artilheria.

Sahe Napoleão de Paris para pôr-se á frente das suas tropas.

Progressos dos alliados. Em consequencia desta vantagem, adiantáraõ-se os alliados sobre Troyes, onde o Principe Real de Wurtemberg entrou a 7; e o Marechal Macdonald evacuou Chalons sobre o Marne: em outro ponto, apoderáraõ-se os Austriacos de Chalons sobre o Saona.

Concentra Napoleaõ as suas tropas, e repelle Blucher. Os progressos rapidos dos alliados, que annunciavaõ a prompta destruiçaõ do poder de Napoleaõ, naõ fizeraõ mais que augmentar os esforços deste: vendo que naõ estava em estado de oppôr, em todos os pontos, huma resistencia sufficiente aos exercitos dos alliados, tomou o partido de concentrar as suas forças, e de tentar os meios de cortar as communicações de hum corpo inimigo com o outro. O exercito Prussiano, ás ordens de Blucher, foi o primeiro contra o qual dirigio o seu plano. Em consequencia de differentes acções, vio-se Blucher obrigado a retirar-se até Chalons sobre o Marne, e as suas communicações directas com os Austriacos foraõ interceptadas. Neste meio tempo, hum corpo de alliados commandado por Winzingerode, tinha tomado Soissons de assalto, e se havia adiantado até Rheims, para reunir-se a Blucher.

Marcha contra os Austriacos. Neste intervallo, o Principe de Schwartzenberg, á frente dos Austriacos, aproximava-se a París, seguindo o curso do Sena. Foi Sens tomada a 11 de Fevereiro; e a 16, tinha-se hum corpo de tropas do seu exercito apoderado de Fontainebleau. Para este lado he que Napoleaõ se dirigio, e depois de alguns combates, obrigou Schwartzenberg a abandonar as suas posições ao longo do Se-

na, e a transferir o seu quartel general para Troyes. A 23, evacuárão os alliados esta cidade, onde Napoleaõ tornou a entrar; mas a 24 de Março, foi retomada pelo general Wrede, em quanto o Imperador dos Francezes estava occupado em marchar contra Blucher.

CAPITULO II.

Negociações em Chatillon. — Decidem-se os Alliados a marchar sobre París. — Progressos de Lord Wellington; declara-se Burdeos pelos Bourbons. — Chegada dos Alliados diante de París. — Proclamaçaõ de José Bonaparte. — Batalha debaixo dos muros de Paris, que capitula. — Os Maires de París apresentaõ se no quartel general dos Alliados.

Desde a entrada dos Alliados em França, tinhaõ-se principiado em Chatillon negociações para a paz, tendo-se ali reunido os Plenipotenciarios das differentes Potencias. Propoz o Plenipotenciario Francez hum armisticio, e a entrega immediata de algumas praças fortes da fronteira, como em penhor da execuçaõ dos differentes artigos do Tratado. Em vez de accederem a esta proposiçaõ, que tinha por objecto evidente suspender a marcha dos exercitos, que se encaminhavaõ a París, propuzéraõ os Alliados a assignatura immediata dos Preliminares da paz. Os successos momentaneos dos Francezes fizeraõ com que as confe- Negociações em Chatillon.

rencias tomassem outro caracter. Ficou o Plenipotenciario de Napoleaõ sem receber instrucções, e por conseguinte impossibilitado de responder ás proposições das Cortes alliadas. Encarregáraõ estas os seus Plenipotenciarios de entregar, hum projecto de Tratado preliminar, em que se continhaõ todas as bases, que ellas julgavaõ necessarias para o restabelecimento do equilibrio politico na Europa; e o dia 10 de Março foi o termo aprazado, de commum acordo, para a resposta definitiva. Foi este termo prolongado depois até 15, dia em que o Plenipotenciario Francez entregou hum contra-projecto, pelo qual o Governo Francez, desviando se do que havia proposto no principio, exigia que povos inteiramente estranhos ao espirito dos Francezes, continuassem a fazer parte da França; que este Imperio conservasse dimensões incompativeis com o restabelecimento de hum systema de equilibrio, e guardasse as posições, assim como os pontos essenciaes, que tinhaõ servido de motivo a tantos transtornos. Foi portanto rejeitado o contra-projecto, e declarou-se que estavaõ rotas as negociações de Chatillon.

Decidem-se os alliados a marchar sobre Paris.

Tinha-se Napoleaõ avançado contra Blucher, que atacado a 3 de Março em Craon, se retirou sobre Laon, onde foi novamente atacado por todas as forças do Imperador dos Francezes: depois de huma acçaõ mortifera, que durou dois dias, Napoleaõ effeituou a sua retirada em todos os pontos, perdendo quarenta e oito peças de artilheria e huns seis mil prisioneiros. A noticia desta victoria al-

cançada por Blucher, decidio Schwartzenberg a marchar ávante; e a 21, o seu exercito tomou posiçaõ adiante de Arcis-sur-Aube. Ainda que os Francezes ahi se achassem em força, foraõ atacados pelo Principe de Wurtemberg, e obrigados a evacuar esta praça depois de haverem soffrido grandes perdas. Os Francezes se retiráraõ depois sóbre Vitry, onde Napoleaõ esperava que se lhe reunissem os corpos de Ney e de Macdonald. Com tudo, o Imperador dos Francezes tomou a estrada de Saint-Dizier, com o fim de collocar-se entre os dois exercitos alliados, cortar as suas communicações, e cahir sobre a retaguarda dos Austriacos. Este projecto decidio immediatamente os generaes alliados a unir as suas forças, e a marchar em direitura sobre París, deixando Winzingerode e Czernicheff com hum grande corpo de cavallaria e de artilheria para inquietar a retaguarda de Napoleaõ.

Progressos de Lord Wellington; declara-se Burdeos a favor dos Bourbons.

Entre tanto Lord Wellington pelos movimentos que fazia, servia utilmente a causa commum. Tendo de atravessar, em frente de hum inimigo muito activo, hum paiz fortificado pela natureza, e cortado de pequenos rios, encontrou muitos obstaculos na sua marcha, sendo obrigado a combater a cada momento. A 12 de Março, depois de haver atravessado o Adour, occupou hum destacamento das suas tropas a cidade de Burdeos, onde se effeituou hum movimento contra-revolucionario, favorecido pelo Maire e pelos principaes habitantes, que puzeraõ o laço branco, e se declaráraõ pelos Bourbons, reclamando a protecçaõ do exercito combinado. O Duque de

Angouleme, Sobrinho de Luiz XVIII, tendo entrado na cidade com as tropas Inglezas, foi recebido no meio de acclamações universaes. Continuando Lord Wellington a marchar contra os Francezes commandados por Soult, effeituou este ultimo a sua retirada sobre Tarbes.

Chegada dos Alliados diante de París.

O grande exercito dos alliados, adiantando-se sobre París, estabelceeo a 27 de Março o seu quartel general em Coulomiers, e no dia seguinte passou o general Blucher o rio Marne em Meaux. Deraõ-se sem interrupçaõ muitos combates por todo o caminho, mas os Francezes esmagados pelo numero dos inimigos, viaõ-se sempre reduzidos a recuar; e na noite de 29, o exercito dos alliados tomou posiçaõ nas visinhanças de París. Foi entaõ que o Principe de Schwartzenberg dirigio aos habitantes desta capital huma Proclamaçaõ, em que dizia, « que o objecto da marcha dos exercitos alliados sobre París, era fundado na » esperança de huma reconciliaçaõ sincera e » duravel com a França; que vinte annos ha- » via, que a Europa era inundada de sangue » e de lagrimas; que as tentativas, que se ha- » viaõ feito para pôr hum termo a tantas » desgraças, tinhaõ sido inuteis, porque exis- » tia no poder do Governo Francez, hum » obstaculo invencivel á paz; que os Sobera- » nos alliados buscavaõ de boa fé huma Auc- » toridade salutar em França, que pudesse » cimentar a uniaõ de todas as Nações e de » todos os Governos com ella; em fim, que » a conservaçaõ e a tranquillidade da cida- » de de París seriaõ o objecto das sollicitu-

„ des e das medidas, que os Alliados se offe-
„ reciaõ a tomar com as Auctoridades e os
„ Notaveis, que mais gozassem da estima pú-
„ blica. „

Foi esta Proclamaçaõ acompanhada de proposições aos chefes militares Francezes, nas quaes lhes faziaõ observar a impossibilidade de defender París. Naõ podendo os Soberanos alliados alcançar cousa alguma por via das negociações, resolvêraõ recorrer á das armas, para alcançarem o fim a que se propunhaõ.

Da sua parte, José Bonaparte, que acabava de perder o Throno da Hespanha, tendo sido nomeado por seu irmaõ Napoleaõ, Tenente General do Imperio Francez, dirigio aos habitantes de París huma Proclamaçaõ, em que se liaõ estas palavras: Proclamaçaõ de José Bonaparte.

“ Eu fico comvosco. Armemo-nos para
„ defender esta cidade, os seus monumentos,
„ as suas riquezas, nossas mulheres, nossos
„ filhos, tudo quanto prezamos. Converta-se
„ esta vasta cidade em hum campo por al-
„ guns instantes, e encontre o inimigo a sua
„ vergonha debaixo destes muros, que elle
„ espera franquear em triunfo. O Imperador
„ marcha em vosso soccorro; ajudai-o por
„ meio de huma resistencia viva e curta, e
„ conservemos a honra Franceza. „

A 30 de Março, o exercito Francez commandado por José Bonaparte, ajudado dos Marechaes Marmont e Mortier, tomou posiçaõ nas alturas proximas a París, onde formava huma extensa linha defendida por cento e cincoenta peças de artilheria. Os Alliados, determinados a atacar sem demora, deraõ ba- Batalha debaixo dos muros de París, que capitula.

talha, e senhoreáraõ-se das alturas depois de huma resistencia porfiada da parte dos Francezes. Vendo que naõ havia meio de resistir aos Alliados, mandou-lhes Marmont hum parlamentario para pedir huma suspensaõ de armas, na qual consentíraõ. Cessou entaõ o fogo em toda a parte, e assignou-se huma Capitulaçaõ no mesmo dia, cuja substancia era, « que os Corpos de Marmont e de Mortier » evacuariaõ París, a 31 de Março, com as » suas bagagens; que as hostilidades naõ poderiaõ tornar a principiar senaõ duas horas depois da evacuaçaõ; que os arsenaes, » officinas, estabelecimentos e armazens militares ficariaõ no mesmo estado, em que se » achavaõ antes da capitulaçaõ; que a Guarda nacional ou urbana era absolutamente separada das tropas de linha; e que seria » conservada, desarmada ou licenciada, segundo o dispuzessem os Alliados; em fim, » que se recommendava a cidade de París á » generosidade das Potencias alliadas. »

Os Maires de París apresétaõ-se no quartel general dos Alliados.

Durante a noite de 30 para 31, antes que a capitulaçaõ se assignasse, apresentáraõ-se os Maires de París no quartel general do Imperador da Russia e do Rei de Prussia, a fim de se concertarem com estes Soberanos para a execuçaõ do Tratado, que acabava de assignar-se. A resposta que o Imperador da Russia lhes deo, he digna de referir-se: « A » sorte da guerra conduzio-me até aqui. O » vosso Imperador, que era meu alliado, enganou-me tres vezes. Penetrou no centro » dos meus Estados, onde derramou males, » cujos vestigios duraraõ largo tempo. Con-

„ duzio-me huma justa defeza até aqui, e
„ estou longe de querer restituir á França os
„ males que della recebi. Sou justo; sei que
„ a culpa naõ foi dos Francezes. Saõ meus
„ amigos os Francezes, e quero provar-lhes
„ que venho dar-lhes o bem pelo mal. Napo-
„ leaõ he o meu unico inimigo. Prometto hu-
„ ma especial protecçaõ á cidade de París;
„ protegerei e conservarei todos os seus esta-
„ belecimentos; naõ consentirei que ahi en-
„ trem senaõ tropas de linha. Conservarei a
„ vossa guarda nacional, que se compõe de
„ cidadaõs escolhidos; a vós pertence segu-
„ rar a vossa felicidade futura. He preciso
„ hum Governo que vos dê descanso a vós,
„ e que o dê á Europa. A vós toca dardes
„ o vosso voto. Achar-me-heis prompto a a-
„ poiar os vossos esforços. „

Entre tanto, a Imperatriz Maria Luiza, com seu Filho e os principaes Dignitarios, tinhaõ sahido de París. José Bonaparte, e seus ministros, que tinhaõ segurado que queriaõ viver e morrer com os habitantes de París, fugíraõ logo que víraõ principiar o ataque da capital.

CAPITULO III.

Entrada dos Alliados em París. — Proclamaçaõ do Imperador da Russia. — Napoleaõ privado do Throno pelo Senado. — Napoleaõ retirado em Fontainebleau, propõe a sua abdicaçaõ. — Parte para a ilha de Elba. — Batalha de Tolosa. — Sortida de Bayonna.

Entrada dos Alliados em París.

A 31 de Março, o Imperador da Russia e o Rei de Prussia, á frente dos exercitos alliados, fizeraõ a sua entrada em París, cujos habitantes todos pareciaõ ter-se reunido na sua passagem: resoavaõ os ares com as acclamações de *Viva o Imperador Alexandre! viva o Rei de Prussia! vivaõ os Bourbons! viva Luiz XVIII! abaixo Napoleaõ!* Com estes gritos de alegria misturavaõ-se os repetidos applausos, que partiaõ de todas as janelas das casas situadas ao longo da linha, que formavaõ as tropas victoriosas. Homens a cavallo hiaõ distribuindo laços brancos, de que já estavaõ ornados grande numero de chapéos. Seria difficil pintar o enthusiasmo, que se patenteou nesta circunstancia. Nas ceremonias solemnes, tinhaõ-se prodigalisado na capital testemunhos de alegria a Napoleaõ, quando se achava no maior auge do seu poder e gloria; mas todos sabem geralmente o caso que se deve fazer destas demonstrações populares, dictadas pela força ou pelo dinheiro. Todavia, por pouco que se reflicta na situaçaõ crítica, em que

naquella epoca se achava a França, assim como no despotismo militar sob que ella gemêra, conceber-se-ha facilmente, que a alegria dos Parisienses ou dos Francezes era sincera, á vista dos seus votos ardentes pela paz, votos que naõ podiaõ ver cumpridos senaõ pela desthronisaçaõ de Napoleaõ, e pela restauraçaõ da antiga Dynastia dos seus Reis. A França inteira naõ aspirava senaõ a ver chegar o momento, em que se visse livre dos males da guerra exterior, e do jugo horroroso da tyrannia interior.

De mais disso, a conducta dos alliados dava annuncios naõ de conquistadores e de inimigos, mas sim de amigos e de libertadores. O que mais socegou os Francezes, foi a seguinte Declaraçaõ, que o Imperador da Russia publicou no mesmo dia (31 de Março), tanto em seu nome, como no dos outros Soberanos alliados:

Proclamaçaõ do Imperador da Russia.

« Os exercitos das Potencias alliadas occupáraõ a capital da França. Os Soberanos alliados acceitaõ o voto da Naçaõ Franceza. Declaraõ, que se as condições da paz deviaõ encerrar garantias mais fortes, quando se tratava de agrilhoar a ambiçaõ de Bonaparte, devem ser mais favoraveis, quando voltando as suas vistas para hum Governo sábio, a mesma França offerece huma segurança da paz.

» Proclamaõ os Soberanos alliados em consequencia:

» Que naõ trataraõ mais com Napoleaõ Bonaparte, nem com pessoa alguma da sua familia;

„ Que respeitaõ a integridade da anti„ ga França, tal qual ella existio sob os seus „ Reis legitimos; ainda pódem fazer mais, „ porque professaõ sempre o principio, que „ para a felicidade da Europa, he preciso „ que a França seja grande e forte;

„ Que reconheceraõ e garantiraõ a Cons„ tituiçaõ que a Naçaõ Franceza se der. Con„ vidaõ em consequencia o Senado a designar „ immediatamente hum Governo provisorio, „ que possa prover ás bases da administraçaõ, „ e preparar a Constituiçaõ que convier ao „ povo Francez.

„ As intenções que acabo de exprimir, „ me saõ communs com todas as Potencias „ alliadas. „

Napoleaõ privado do Throno pelo Senado.

Em consequencia deste convite, o Senado reunio-se no dia seguinte, 1.º de Abril, sob a presidencia do Principe de Benevento (Taleyrand), e nomeou por hum Decreto hum Governo provisorio composto de cinco membros, a saber: o mesmo Taleyrand, Beurnonville, Jaucourt, Dalberg e Montesquiou. No dia seguinte publicou outro Decreto, cujo preambulo dizia, « que em huma „ Monarquia constitucional, o Monarca naõ „ existe senaõ em virtude da Constituiçaõ ou „ do Pacto social: „ expondo depois todas as violações commettidas por Bonaparte contra o Pacto concluido com o povo Francez, declarava, por este mesmo Decreto, que o Imperador dos Francezes se achava privado do Throno, e que o direito de herança estabelecido na sua familia, estava abolido; finalmente, que a naçaõ e o exercito estavaõ

desligados do seu juramento de fidelidade. Na vespera (1.º de Abril) tinhaõ-se publicado duas Proclamações (*) dirigidas aos Francezes; a primeira era do Conde de Artois, Irmaõ do Rei; e a ultima de Luiz XVIII: foraõ immediatamente seguidas de outra Proclamaçaõ do Conselho-geral do Departamento do Sena (**).

Em quanto estes grandes acontecimentos tinhaõ lugar, Napoleaõ que se tinha dirigido para a retaguarda dos Alliados, mandou marchar rapidamente o seu exercito de Troyes para Fontainebleau, e teria chegado a 30 de Março a París, se esta cidade naõ estivesse em poder dos Alliados. Mas sendo informado da capitulaçaõ, ajuntou em Fontainebleau as suas tropas, e os corpos que se retiravaõ de París. He difficil de conceber, que sendo taõ experiente e taõ habil na arte da guerra, como pudesse commetter a grande falta de lançar-se sobre a grande communicaçaõ que os Alliados tinhaõ com o Rheno, naõ tendo mais de quarenta mil homens para lutar contra a massa das suas forças realmente formidaveis. Mas se se considerar a resistencia porfiada que os Francezes fizeraõ diante de París, a hum exercito muito mais numeroso que elles, naõ se póde antever qual fosse o resultado, se Napoleaõ tivesse chegado a tempo diante da capital. Foi com tudo felicidade para esta cidade e para os Allia-

Napoleaõ retirado é Fontainebleau, propõe a sua abdicaçaõ.

(*) Vede no fim deste volume, *Peças Justificativas*, N.cs I e II.

(**) Vede N.º III.

dos, que naõ acontecesse assim. Com effeito, se os Alliados se vissem reduzidos á necessidade de retirar-se, ter-se-hia prolongado a guerra: se tivessem dado huma batalha, naõ poderia deixar de ser mui sanguinolenta: em caso de revez dos Alliados, a sua derrota naõ teria contribuido senaõ a perpetuar as desgraças da França; se pelo contrario fossem victoriosos, Napoleaõ retirando-se sem dúvida para París com os restos do seu exercito, ahi se teria defendido até á ultima extremidade. O que nisto ha de singular, he, que contra as regras da tactica, deixasse a estrada de París aberta aos seus inimigos. Vendo-se deposto pelo Senado, naõ lhe restava outro recurso, senaõ entrar em negociaçaõ, ou tentar a sorte das armas. O segundo partido teria sido imprudente; por tanto adoptou o primeiro, dirigindo de Fontainebleau huma messagem ao Senado, a quem fazia o offerecimento de sujeitar-se á decisaõ deste Corpo e ao voto do povo Francez, abdicando a favor de seu Filho, o Rei de Roma, debaixo da condiçaõ que a Imperatriz Maria Luiza conservaria a Regencia até á maioridade deste menino. Sendo rejeitada esta proposiçaõ, renunciou Napoleaõ por si e seus herdeiros ao Throno de França e de Italia. Esta renúncia foi o motivo determinante de hum Tratado (*) concluido a 11 de Abril, entre elle e os Soberanos Alliados, pelo qual foi decidida a sua abdicaçaõ sem restricçaõ, assim como a sua sorte, e a de sua familia: a ilha de Elba foi

(*) Vede N.º IV.

o lugar designado para ahi residir, e possui-la em toda propriedade, conservando tanto elle como sua esposa, o seu Titulo por toda a vida. Continha este Tratado de mais disso, algumas clausulas favoraveis a Napoleaõ, as quaes manifestavaõ, ou a importancia que as Potencias alliadas ainda davaõ a este homem extraordinario, ou hum interesse muito efficaz que obrava poderosamente a favor delle.

Parte para a ilha de Elba.

Partio de Fontainebleau a 20 de Abril, acompanhado de quatro Officiaes generaes de cada huma das Potencias alliadas, Russia, Austria, Prussia e Inglaterra, e embarcou em huma fragata Ingleza, para a ilha de Elba, no porto de Saint-Rapheau, onde desembarcára á sua volta do Egypto para França. Chegado ao seu destino, deo-se-lhe posse da ilha, ficando ali estacionada huma esquadra Ingleza de observaçaõ.

Batalha de Tolosa.

Em quanto París se entregava aos regozijos pelos acontecimentos que acabavaõ de passar-se, era Tolosa testemunha de huma sanguinolenta batalha. Tinha-se Soult retirado sobre esta cidade, onde foi seguido por Lord Wellington. Como as aguas do Garonna estavaõ muito elevadas, o exercito commandado por este general, naõ pôde atravessar este rio antes de 8 de Abril, época em que nenhum dos chefes dos dois exercitos inimigos tinha ainda recebido noticia dos acontecimentos, que haviaõ tido lugar em París. Tinha-se Soult aproveitado dos meios de defeza, que lhe offerecia a sua posiçaõ junto de Tolosa. Da sua parte Lord Wellington, propondo-se ataca-lo, executou o seu designio, dan-

do-lhe huma batalha summamente mortifera, depois da qual as suas tropas se estabelecêraõ em tres lados da cidade, a qual foi evacuada pelos Francezes. Custou esta victoria aos Alliados mais de quatro mil homens, e aos Francezes mais de tres mil. Lord Wellington continuou a sua marcha para diante, até ao momento, em que chegando as noticias officiaes de París, se suspendêraõ as hostilidades.

Sortida de Bayonna.

Produzio a mesma causa em outro ponto huma effusaõ inutil de sangue. A guarniçaõ de Bayonna, onde ainda se ignorava o que se havia passado em París, tendo feito huma sortida, atacou as posições dos alliados, que foraõ tomadas; tornáraõ elles com tudo a tomar os seus postos, mas naõ sem perda de muita gente. Este acontecimento foi o ultimo da campanha da parte do meio dia da França.

CAPITULO IV.

Entrada de Luiz XVIII em França. — Pacificaçaõ geral, e Tratados entre a França e as Potencias alliadas. — Reuniaõ da Belgica ás Provincias-Unidas. — O Hanover erigido em Reino. — A Noruega cedida á Suecia. — Resistencia dos Norvegianos. — Volta Fernando VII para Hespanha. — Dissolve as Cortes. — Restabelece o Papa os Jesuitas. — Recobra o Rei de Sardenha os seus Estados, a que se ajunta Genova. — Murat, Rei de Napoles, naõ he inquietado. — Pacto federal da Suissa. — Paz entre a Graõ Bretanha e os Estados-Unidos da America.

Entrada de Luiz XVIII em França.

Em quanto Napoleaõ deixava a França, abandonava Luiz XVIII o retiro campestre onde residia em Inglaterra. Tendo chegado a Douvres, embarcou para Calais, donde se encaminhou a París. A 3 de Maio fez a sua entrada solemne nesta capital, onde foi recebido com todas as demonstrações de huma alegria sincera, que taõ lisonjeiras saõ para o coraçaõ de hum Principe amante da sua patria; e a França recebeo huma Carta ou Constituiçaõ fundada nos principios de huma liberdade sabia e moderada.

Pacificaçaõ geral e Tratados entre a França e as Po-

Assim que Luiz XVIII tomou posse das redeas do governo, e quando já naõ existia obstaculo algum ao restabelecimento da tranquillidade na Europa, assignou-se a

tencias alliadas. Paz geral em París, a 30 de Maio, entre a França e as Potencias alliadas, a saber: á Russia, a Graõ-Bretanha, a Austria e a Prussia. Em consequencia, segundo os Tratados que se concluíraõ, conservou a França a integridade do seu territorio, tal qual existia antes do 1.° de Janeiro de 1792, com hum augmento comprehendido em huma linha de demarcaçaõ descripta do lado da Belgica, da Allemanha e da Italia. A fronteira do lado da Hespanha ficou no seu antigo estado. As Provincias-Unidas recebêraõ hum grande accrescimo de territorio, pela uniaõ da Belgica, e a Soberania della foi dada á Casa de Orange, sem poder, em caso algum, recahir em hum Principe, que possuisse huma Coroa estrangeira, ou fosse chamado a ella. Os Estados de Allemanha saõ declarados independentes e unidos por huma Confederaçaõ. A Suissa conservando a sua independencia, continua a governar-se a si mesma. A Italia, á excepçaõ dos paizes cedidos á Austria, deve compôr-se de Estados Soberanos. Malta e as suas dependencias foraõ cedidas á Graõ-Bretanha, que se obrigou a restituir as Colonias, Pescarias e Feitorias, que a França possuia antes do 1.° de Janeiro de 1792, á excepçaõ com tudo de Tabago e de Santa Luzia nas Antilhas, da Ilha de França e suas dependencias, das Ilhas de Rodrigo e de Sechelles, nos mares da India, que foraõ cedidas á Inglaterra, e da parte oriental de S. Domingos, que foi restituida á Hespanha. O Rei de Suecia consentio em restituir á França os seus direitos á Guadelupa, que tivesse

podido adquirir por hum Tratado com a Graõ-Bretanha. El-Rei de Portugal restituio a Guyana Franceza. A França ficou gozando, relativamente ao commercio da India Ingleza, das mesmas vantagens que as Nações mais favorecidas, debaixo da condiçaõ que naõ faria obra alguma de fortificaçaõ nos Estabelecimentos que lhe fossem restituidos: restituio se-lhe o seu antigo direito de pesca no Banco de Terra Nova e no Golfo de S. Lourenço. Anvers naõ deve ser para o futuro senaõ hum porto de commercio. Finalmente as Potencias, que tomáraõ parte na ultima guerra, deviaõ mandar Plenipotenciarios a hum Congresso, que se devia reunir em Vienna, para completar as disposições dos differentes Tratados, cada hum dos quaes continha Artigos addicionaes.

Depois de haverem posto fim a huma guerra desastrosa, os Soberanos alliados mandáraõ sahir de França as suas tropas.

Para terminar a Historia desta guerra geral, nada mais nos resta, que expôr successivamente os acontecimentos, que foraõ o resultado da pacificaçaõ.

Reuniaõ da Belgica ás Provincias-Unidas.

Sendo a Belgica reunida ás Provincias-Unidas debaixo da Soberania da Casa de Orange, segundo o plano adoptado pelas Potencias alliadas, foi logo evacuada pelas tropas Russas e Prussianas, que foraõ substituidas por Inglezas e Allemãas a soldo da Graõ-Bretanha. Logo depois concluio-se entre a Corte de Londres e o Soberano dos Paizes-Baixos, hum ajuste, pelo qual a Inglaterra restituia aos Hollandezes todas

as conquistas que lhes fizera, á excepçaõ do Cabo da Boa Esperança, Ceylaõ, Demerari, Essequibo e Berbice.

O Hannover erigido em Reino.

O Eleitorado de Hannover, elevado por differentes aggregações de territorio á graduaçaõ de Estado da Allemanha, alcançou o titulo de Reino debaixo do governo do Rei de Inglaterra. Em hum Manifesto que publicou o Principe Regente, attribuio o motivo desta innovaçaõ ao convite, que lhe fizeraõ algumas das Potencias, que tiveraõ parte no tratado de Paris. Este novo Reino teve huma Constituiçaõ fundada nas bases do governo representativo.

A Noruega cedida á Suecia.

A posiçaõ critica em que a Dinamarca se tinha achado nos fins do anno anterior, naõ lhe deixava outro partido senaõ o de sujeitar-se ás condições de paz, que a Suecia e as outras Potencias quizessem impôr-lhe. Tinha-se concluido a 14 de Janeiro de 1814, entre os Reis de Dinamarca, de Suecia e da Graõ-Bretanha, hum Tratado, pelo qual o primeiro se obrigava a unir-se ás Potencias alliadas contra a França, e a Inglaterra consentia em restituir tudo quanto tivesse tomado á Dinamarca, á excepçaõ de Heligoland: mas o artigo mais importante do Tratado foi aquelle, pelo qual a Dinamarca cedia para sempre o seu Reino da Noruega á Suecia, que da sua parte fazia cessaõ da Pomerania e da Ilha de Rugen.

Resistencia dos Norvegianos.

Com tudo, os Norvegianos, que tinhaõ naquella época por governador a Christiano Frederico, Duque de Schleswig-Holstein, e Principe Hereditario de Dinamarca, víraõ com

desgosto huma mudança, que contrariava os seus interesses moraes e politicos. Tendo pois concebido o designio de sustentar a independencia da sua patria, foraõ apoiados na sua resoluçaõ pelo Principe Hereditario. A sua declaraçaõ de independencia annunciava, que elles estavaõ em paz com todas as Potencias, excepto aquellas que obrassem hostilmente contra o seu paiz. Como se lisonjeavaõ com a esperança da amizade da Inglaterra, mandáraõ hum Deputado a Londres para fazer diligencias por alcançar o apoio do Governo Inglez; mas o gabinete de S. James respondeo, que os empenhos contractados pela Graõ-Bretanha, lhe naõ permittiaõ dar passo algum favoravel á independencia dos Norvegianos; e logo depois annunciou ao Deputado, da parte do Principe Regente, que se haviaõ tomado medidas para bloquear os portos da Noruega por huma esquadra Ingleza. O Rei de Dinamarca receando que a conducta dos Norvegianos se naõ considerasse como effeito de suggestões suas secretas, escreveo-lhes huma Carta, na qual desapprovava o passo que haviaõ dado, e as operações do Principe Christiano, que os apoiava.

Debalde o Rei de Suecia tentou conciliar o amor desta naçaõ. Levados mais do amor da patria que das considerações politicas, decidíraõ-se a reconhecer por seu Rei o Principe Christiano. Naõ tardou o Principe Real de Suecia a marchar contra elles para sujeita-los. Depois de alguns ligeiros combates, vendo o seu novo Rei, que huma resistencia mais larga seria baldada, abdicou a

sua auctoridade; e na Dieta geral da naçaõ, foi decidida a uniaõ da Noruega á Suecia por huma grande maioria de votos.

Volta Fernando VII para Hespanha.

Naõ permittindo já o novo estado das cousas, que permanecesse por mais tempo em cativeiro Fernando VII, Rei de Hespanha, a quem Napoleaõ tinha privado da Coroa e da liberdade, partio este Monarca de França e chegou a Valença. Os Hespanhoes estavaõ divididos em dois partidos. As Cortes e os seus adherentes naõ víraõ sem inquietaçaõ a repugnancia do seu Rei em acceitar a Constituiçaõ, que tinhaõ feito na sua ausencia, a qual era toda fundada em principios de liberdade; de outra parte, todos aquelles que eraõ oppostos a estes principios declaráraõ-se pela fórma antiga do Governo, querendo conservar todas as prerogativas do poder absoluto. A demora do Rei em Valença, onde se lhe foraõ ajuntar a maior parte dos Grandes e muitos Prelados, tornou se cada vez mais suspeita ás Cortes, que debalde o sollicitáraõ para que se apresentasse em Madrid a tomar conta das redeas do Governo, na conformidade da Constituiçaõ.

Dissolve as Cortes.

Cessáraõ todas as duvidas, quando por hum decreto, que appareceo a 4 de Maio, Fernando annunciou, que a sua intençaõ era naõ só naõ jurar nem reconhecer a Constituiçaõ, ou outro qualquer decreto das Cortes, contrarios ás prerogativas da sua Soberania, mas tambem anullar essa Constituiçaõ; ordenava de mais disso ás Cortes, que se naõ juntassem mais, e que entregassem todos os seus papeis e documentos relativos ás suas

operações; em fim declarava culpado do crime de lesa-Magestade, a todo aquelle que se oppuzesse á execuçaõ das suas ordens. A 14 de Maio chegou Fernando a Madrid, onde se tomáraõ as medidas necessarias ao restabelecimento de todas as Instituições Civís e Ecclesiasticas, taes como dantes existiaõ, sem omittir o Tribunal da Inquisiçaõ. As prisões e as perseguições foraõ muito numerosas.

Restabelece o Papa os Jesuitas

O restabelecimento dos principios do antigo systema se manifestou igualmente no Estado da Igreja, onde Pio VII, que tinha voltado para Roma, restabeleceo a Ordem dos Jesuitas, cuja suppressaõ tinha tido lugar em 1773, em consequencia das sollicitações dos Soberanos da Casa de Bourbon, por causas legitimas conhecidas de toda a Europa. Naõ se limitou o zelo do Papa aos Jesuitas; estendeo-se a todas as Communidades Religiosas. Deplorando a destruiçaõ quasi total destas Sociedades, como huma horrorosa calamidade do tempo, nomeou huma Congregaçaõ, encarregada de restabelecer as Ordens Regulares, e assignar-lhes os Conventos disponiveis, para que o maior numero de Frades possivel nelles se pudesse reunir. As Festas, que se haviaõ supprimido, quando Roma foi encorporada no Imperio Francez, foraõ restabelecidas, e todas as Sociedades secretas, sobre tudo a dos Franc-Maçőes, foraõ prohibidas debaixo das penas as mais severas.

Recobra o Rei de Sardenha os seus Esta-

Segundo a Convençaõ das Potencias alliadas, tornou o Rei de Sardenha a tomar posse da Saboya e do Piemonte, a que se

dos, a que se ajunta Genova.

reunio Genova com o seu territorio. Desta maneira foi sacrificada esta antiga Republica a arranjos politicos, e o mesmo succedeo a Veneza, que foi encorporada nos estados da Casa de Austria.

Murat, Rei de Napoles, naõ he inquietado.

Dos Soberanos, que em consequencia das conquistas dos Francezes tinhaõ alcançado huma Coroa, Joaquim Murat, Rei de Napoles, era o unico que tinha conservado o seu Throno. Tendo obrado de concerto com os Austriacos, antes do fim da guerra, tinha concluido hum Tratado com a Corte de Vienna, em cuja amizade tinha a maior confiança. Em huma palavra, julgava-se ao abrigo de toda inquietaçaõ.

Pacto federal da Suissa.

Na Suissa, os differentes Cantões reuníraõ-se por hum Pacto federal, cuja base era a igualdade de direitos entre as Republicas que compunhaõ o Corpo Helvetico; e reconheceo-se o principio de que entre ellas naõ existiria sujeiçaõ de huma a outra. Genebra, restabelecida na sua antiga independencia, recebeo hum accrescimo de territorio: teve huma nova constituiçaõ e ficou fazendo parte da Confederaçaõ Helvetica.

Paz entre a Graõ-Bretanha e os Estados Unidos da America.

A guerra que se tinha declarado, em 1812, entre a Graõ-Bretanha e os Estados Unidos da America, continuou este anno com o maior vigor, tanto no norte como no sul dessa parte do Mundo. Finalmente assignou-se hum Tratado de paz entre as duas Potencias. Os artigos deste Tratado diziaõ principalmente respeito ás disputas ácerca dos limites, que era preciso estabelecer: obrigava-se cada Governo a pôr termo ás hostilidades com

as Tribus Indias, e a restituir-lhes as possessões e privilegios de que gozavaõ antes de terem principiado as hostilidades.

CAPITULO V.

Estado da França. — Parte Napoleaõ da Ilha d'Elba. — Entra em Lyaõ. — Chega a París.

A luta porfiada e sanguinolenta, que tanto tempo tinha durado entre a França e o resto da Europa, estava terminada. O restabelecimento da Familia dos Bourbons no Throno dos seus antepassados, e a tranquillidade geral, de que gozavaõ todos os povos, presagiavaõ huma paz de larga duraçaõ; mas o curso das cousas, no principio de 1815, provou que esta presumpçaõ era erronea. Ainda que Luiz XVIII naõ tivesse encontrado obstaculo algum aos seus direitos hereditarios á Coroa de França, e os Francezes tivessem recebido huma Constituiçaõ, que devia contentar os seus desejos; todavia manifestáraõ-se logo symptomas, que annunciavaõ naõ existir huma harmonia perfeita entre todas as classes da naçaõ. Derramáraõ-se inquietações relativamente á venda dos bens dos Emigrados, que haviaõ sido confiscados e vendidos por conta do Estado. Deraõ algumas pessoas a conhecer a intençaõ de fazer restabelecer, a certos respeitos, a antiga ordem de cousas. De outro lado, os militares naõ davaõ á Dynastia dos Bourbons aquellas demonstra- Estado da França.

ções de amor e respeito, que tinhaõ dado a Napoleaõ, que muitas vezes os havia conduzido á victoria, e debaixo de cujas bandeiras se compraziaõ a considerar-se, como destinados a tomarem ainda novamente as armas para defender a sua Patria.

Parte Napoleaõ da Ilha d'Elba.

Com tudo, o Soberano da Ilha d'Elba, Napoleaõ, para desvanecer toda a suspeita ácerca das suas vistas, tinha meditado muito bem o papel que devia representar. Annunciava por meio de huma apparencia de sinceridade, que estava curado de todo o projecto ambicioso; parecia occupar-se unicamente dos negocios do seu pequeno Estado. Os vasos Inglezes, que cruzavaõ á roda da Ilha, vigiavaõ-no continuamente. Mas huma correspondencia muito activa tinha lugar entre a Ilha de Elba e Napoles, por via da Princeza Paulina, sua Irmãa. As ordens precisas que elle havia dado nos ultimos tempos, para naõ deixar chegar á sua pessoa os estrangeiros, e o desgosto de que dava mostras, quando o Commandante do cruzeiro Inglez fazia a sua visita costumada, deviaõ fazer desconfiar de algum projecto mysterioso da sua parte. Com tudo naõ se tomou medida alguma de precauçaõ. Na noite de 26 de Fevereiro, sem encontrar obstaculo algum, partio de Porto-Ferraio em hum dos seus brigues de guerra, acompanhado de quatro navios pequenos, levando entre todos mil homens pouco mais ou menos, Francezes, Corsos, Napolitanos e naturaes da Ilha.

'He recebido em Grenoble.

Desembarcou no 1.º de Março no porto de Cannes, nas costas de França. Os ha-

bitantes do paiz naõ deraõ demonstraçaõ alguma de se acharem dispostos a declarar-se a seu favor. Antibes até fechou as suas portas a hum destacamento, que elle mandou para occupar esta praça. Tomou entaõ o caminho de Grenoble com a sua tropa mal municionada. Quando se aproximou desta cidade, Labédoyere, com o regimento que elle commandava, sahio ao seu encontro e se lhe reunio: a 8 de Março, o resto da guarniçaõ lhe abrio as portas, entregou-lhe os armazens e o arsenal, e o poz deste modo á frente de hum corpo de tropas regulares, com hum trem de artilheria. Naõ se podia suppôr que Napoleaõ se houvesse confiado ao acaso de huma simples tentativa; seria da sua parte huma imprudencia, que de modo nenhum dizia com a sua conducta precedente, que fôra sempre astuciosa. Naõ se deve duvidar de que naõ estivesse instruido das disposições dos militares a seu favor; e arranjos feitos de antemaõ lhe seguravaõ provavelmente a cooperaçaõ das tropas para o bom exito do seu projecto.

Assim que a nova do seu desembarque chegou a París, Luiz XVIII declarou-o traidor e rebelde por hum Decreto, que pronunciava a pena de morte contra elle e seus adherentes. Tendo-se Napoleaõ apresentado diante de Lyaõ, entrou nella sem resistencia em meio das acclamações dos soldados e do povo. Já entaõ tinha tomado o seu antigo titulo, *Napoleaõ, pela Graça de Deos, e pelas Constituições do Imperio, Imperador dos Francezes.* **Entra em Lyaõ.**

Até aqui as tropas que se lhe tinhaõ **Chega a París.**

juntado, naõ passavaõ ainda de hum fraco soccorro, para marchar sobre París, e apoderar-se do Throno, como era sua tençaõ. Além das provas que já tinha recebido do amor dos soldados á sua pessoa, he de crer que tivesse recebido dos principaes chefes militares e civís, seguranças secretas de o favorecerem nos seus designios. A Corte, tendo tomado medidas para suspender a sua marcha, reunio hum grande corpo de tropas em Melun, a fim de proteger a capital, e enviou outro corpo para Montargis, sobre a estrada de Fontainebleau, de modo a metter Napoleaõ entre dois fogos. Confiava ella muito no Marechal Ney, hum dos generaes Francezes mais distinctos, a quem se deo o commando de huns quinze mil homens, que tinhaõ marchado para Lons-le-Saunier. Mas tanto que Napoleaõ chegou a Auxerre, o Marechal se lhe reunio com a sua divisaõ, que tinha posto o laço tricolor. Esta deserçaõ foi seguida da de outros corpos de tropas. Vendo entaõ que naõ podia ter confiança alguma no exercito, o Rei deixou París na noite de 19 para 20, para transferir-se a Lilla, donde partio para Gand; e na noite do dia 20 entrou Napoleaõ em París. Assim, sem precisaõ de dar hum tiro de espingarda, tornou Napoleaõ a tomar, com o titulo de Imperador, posse da Coroa de França.

CAPITULO VI.

Declaraçaõ e Tratado das Potencias alliadas. — Exercitos Inglez e Prussiano na Belgica. — Parte Napoleaõ para o exercito. — Batalha de Waterloo. — Segunda abdicaçaõ de Napoleaõ. — Chegaõ os Alliados aos arredores de Paris. — Convençaõ militar. — Embarca-se Napoleaõ para ser conduzido a Inglaterra, e depois á Ilha de Santa Helena. — Torna Luiz XVIII a entrar em París. — Murat, ex-Rei de Napoles, executado. — Faz o Rei de Saxonia cessaõ de huma parte dos seus Estados ao Rei de Prussia. — O Imperador da Russia declarado Rei da Polonia. — Confederaçaõ Germanica.

Declaraçaõ e Tratado das Potencias alliadas.

Tanto que as differentes Potencias da Europa foraõ instruidas da chegada de Napoleaõ a França, os Plenipotenciarios das Potencias alliadas, reunidos em Congresso em Vienna, publicáraõ hum Manifesto, pelo qual os seus Soberanos lhe declaravaõ huma guerra de morte, como havendo-se collocado fóra das relações civís e sociaes, e entregado elle mesmo á vindicta pública, como inimigo e perturbador da paz do mundo. Na circunstancia crítica em que elle se achava, dirigio cartas amigaveis aos Soberanos alliados, que lhas recambiáraõ sem resposta, e mandáraõ marchar os seus respectivos exercitos para as fronteiras da França. A 25 de Março concluio-se en-

tre a Austria, a Russia, a Graõ-Bretanha e á Prussia hum Tratado em Vienna, pelo qual estas Potencias se obrigáraõ a sustentar na sua integridade as condições do Tratado, que haviaõ assignado no anno antecedente em París; a pôr cada huma em campo para este fim hum exercito de cento e cincoenta mil homens, e a naõ depôr as armas, senaõ de commum acordo, depois de haverem privado Napoleaõ de todos os meios de excitar novas perturbações e de renovar as suas tentativas para apoderarse da Coroa de França.

Exercitos Inglez e Prussiano na Belgica.

Já no anno antecedente, todas as praças fortes da Belgica do lado da França, haviaõ sido occupadas por guarnições compostas principalmente de tropas Inglezas, ou a soldo da Graõ-Bretanha. Assim que se soube a empreza de Napoleaõ, foraõ mandados reforços da Inglaterra para este paiz, e ali tinha chegado Lord Wellington, para tomar nelle o commando das tropas, tanto Inglezas como estrangeiras. O exercito Prussiano commandado por Blucher, tendo chegado ás visinhanças de Namur, os dois generaes tiveraõ conferencias hum com o outro relativamente ás suas futuras operações.

Parte Napoleaõ para o exercito.

O exercito Francez estava entaõ postado em Avesne, e tinhaõ-se feito em Laon e no Castello de Guise preparativos de defeza contra huma invasaõ. Sahio Napoleaõ a 12 de Junho de París para Laon, na resoluçaõ de atacar os Inglezes e Prussianos, antes que os Russos e Austriacos, que ainda estavaõ longe, pudessem chegar para dar-lhes adjutorio. Achava-se á frente de tropas numerosas, commanda-

das por generaes habeis, e compostas de soldados feitos.

Principiou o ataque a 15, e durante quatro dias consecutivos, houve grande numero de combates successivos, onde de parte a parte soffrêraõ perdas consideraveis. Finalmente, no dia 18 vieraõ ás maõs de huma maneira absolutamente decisiva em Waterloo. Foi terrivel o ataque; de ambos os lados, a cavallaria fez repetidas cargas muito mortiferas; e a infantaria, que differentes vezes, em todos os pontos do campo, atacou á baioneta, augmentou ainda a carniceria. Combateo-se com encarniçamento até á noite; e durante algum tempo se esteve em duvida se os Inglezes poderiaõ continuar a sua resistencia, visto que todo o dia tinhaõ supportado a fadiga, e combatido com tropas, que lhes eraõ superiores em numero. Mas os Prussianos, que tambem tinhaõ sido atacados, e que tinhaõ experimentado muitas difficuldades em passar hum desfiladeiro entre a sua posiçaõ e os Inglezes, annunciáraõ em fim a sua chegada pelo fogo da sua artilheria. Vendo-se em riscos de serem cortados, os Francezes recuáraõ. Aproveitando-se da occasiaõ favoravel que se lhe offerecia, mandou Lord Wellington avançar toda a linha da sua infantaria, sustentada pela cavallaria e artilheria. Expulsos de todas as suas posições, foraõ perseguidos os Francezes na maior desordem, até muito pela noite adiante, depois de haverem deixado no campo da batalha humas cento e cincoenta peças de artilheria com as suas munições, carros e bagagens. O mesmo Napoleaõ por pouco

Batalha de Waterloo.

naõ ficou prisioneiro na fuga. Os Inglezes extenuados de cansaço, tendo feito alto, deixáraõ aos Prussianos o cuidado de perseguir até mais longe os Francezes, que fizeraõ a sua retirada por Charleroi. Esta batalha memoravel custou mui cara aos vencedores, que perdêraõ huns treze mil homens mortos, feridos ou extraviados. A perda dos Francezes foi taõ consideravel, que se naõ atrevêraõ a informar della o público; contentáraõ-se de mandar annunciar nos diarios da capital, *que hum momento de terror panico tinha privado o exercito Francez de huma vantagem certa, e tinha occasionado a sua perda.*

Segunda abdicaçaõ de Napoleaõ.

Depois desta batalha, naõ encontráraõ já os Alliados obstaculo que lhes tolhesse a sua marcha sobre París, para onde Napoleaõ se apressára a voltar por huma fuga muito precipitada, como já o tinha feito no Egypto, em Hespanha e na Saxonia, para pôr a sua pessoa em segurança; e com tudo tinha dito em huma Proclamaçaõ do dia 16, que *para todo Francez que tivesse valor, era chegado o momento de vencer ou morrer.* Chegando á capital no dia 20 á noite, convocou no dia seguinte huma Junta dos ministros e dos membros do Conselho de Estado, a quem expoz a derrota que acabava de experimentar, e deo a conhecer a necessidade que tinha de trezentos mil homens e de trezentos milhões de francos. Representáraõ-lhe que era impossivel que a naçaõ accedesse ao seu pedido, e que o unico partido que podia tomar era abdicar a Corôa. Vendo que naõ tinha já a confiança pública, assignou a 22 hum Acto de

abdiçaçaõ; e *offerecendo-se*, dizia elle neste Acto, *em sacrificio ao odio de seus inimigos*, *annunciava nelle*, *que a sua vida politica estava terminada, e proclamava seu Filho, debaixo do nome de Napoleaõ II, Imperador dos Francezes.* Acceitáraõ as duas Camaras a sua abdicaçaõ, mas esquiváraõ-se a reconhecer positivamente seu Filho por seu Successor, e nomeáraõ huma Deputaçaõ, para levar proposições de paz aos exercitos alliados: chegando ao quartel-general dos Soberanos alliados, naõ foi admittida á presença destes Principes, que lhe mandáraõ responder pelos seus Ministros, que naõ entendiaõ reconhecer os delegados de hum Governo emanado de huma Constituiçaõ dada por Napoleaõ, a quem toda a Europa tinha declarado, no Congresso de Vienna, rebelde, aventureiro, fóra da lei; e déraõ ordens ao mesmo tempo para que os Plenipotenciarios Francezes fossem conduzidos aos postos avançados.

Chegaõ os Alliados aos arredores de París.

Entre tanto, os dois generaes em chefe dos exercitos alliados, Lord Wellington e Blucher, tinhaõ entrado a 21 no territorio da França. Dirigio o primeiro, de Malplaquet, aos Francezes huma Proclamaçaõ, em que lhes annunciava que entrava no seu paiz, naõ como inimigo, mas sim como amigo; para os ajudar a sacudir o jugo de ferro que os esmagava. A 23 mandou hum destacamento contra Cambray, que foi tomada de escalada. Luiz XVIII chegou em breve tempo de Gand a esta cidade. As tropas alliadas, sem suspenderem hum momento a sua marcha, apresentáraõ-se a 28 nos arredores de París. A 29

passou Lord Wellington o Oise, e a 30 passou Blucher o Sena em Saint-Germain; o seu plano era investir, por dois lados a hum tempo, esta capital, que offerecia o aspecto de huma praça ameaçada de hum sitio. As alturas que rodeaõ a cidade, estavaõ bem fortificadas; tinha para a sua defeza huns cincoenta mil homens de tropas de linha, além da guarda nacional, com os atiradores e federados, que se tinhaõ armado com toda a promptidaõ.

Convéçaõ militar.

Mas as vantagens que os Alliados alcançavaõ todos os dias, e os reforços que successivamente lhes chegavaõ com a maior celeridade, determináraõ as Auctoridades civís e militares, a convocar hum Conselho para decidir se a capital era susceptivel de defender-se. Segundo o parecer deste Conselho, que demostrou a impossibilidade que havia para resistir, assentou-se que se mandasse huma deputaçaõ aos dois Chefes dos exercitos dos Soberanos alliados, a fim de negociar huma Convençaõ, que puzesse termo ás hostilidades; e a 3 de Julho assignou-se entre Lord Wellington e Blucher de huma parte, e Davoust da outra, huma Convençaõ puramente militar, que se reduzia a « Que haveria huma suspensaõ de armas; que no dia seguinte o exercito Francez principiaria a pôr-se em marcha para além do rio Loire, e effeituaria a evacuaçaõ de París em tres dias; que levaria comsigo todo o material do exercito, artilheria de campanha, caixa militar, cavallos e quanto pertencesse aos regimentos, sem restricçaõ alguma; que os doentes e

„ feridos, assim como os medicos e cirur-
„ giões que ficassem com elles, estariaõ de-
„ baixo da protecçaõ dos Commandantes em
„ chefe dos exercitos Inglez e Prussiano; que
„ poderiaõ, depois de restabelecidos, hir jun-
„ tar-se aos seus respectivos corpos; que as
„ mulheres e filhos dos individuos, que faziaõ
„ parte do exercito Francez, teriaõ a liber-
„ dade de ficar em París, e poderiaõ deixar
„ esta cidade para hir reunir-se ao exercito,
„ levando comsigo o que lhes pertencesse a
„ ellas ou a seus maridos; que os officiaes
„ de linha empregados com os federados ou
„ com os atiradores da guarda nacional, po-
„ deriaõ, ou reunir-se ao exercito, ou voltar
„ para os seus domicilios, ou para o lugar
„ do seu nascimento; que todos os postos for-
„ tificados á roda de París, e os das barrei-
„ ras deveriaõ ser successivamente entregues;
„ que o serviço interior da capital seria feito
„ pela guarda nacional e pela gendarmeria
„ municipal; que as Auctoridades actuaes,
„ em quanto existissem, seriaõ respeitadas,
„ assim como as propriedades públicas, á
„ excepçaõ daquellas que tinhaõ relaçaõ com
„ a guerra; que as pessoas e as propriedades
„ particulares seriaõ igualmente respeitadas;
„ que de mais disso os habitantes e em ge-
„ ral os individuos que se achavaõ na capi-
„ tal, continuariaõ a gozar dos seus direitos
„ e liberdades, sem poderem ser inquietados
„ em cousa alguma relativamente aos empre-
„ gos que occupavaõ, ou tinhaõ occupado, á
„ sua conducta, e ás suas opiniões publi-
„ cas. „

Embarca-se Napoleaõ para ser conduzido á Inglaterra, e depois á Ilha de Santa Helena.

Com tudo Napoleaõ, que depois do dia 20 de Junho naõ tinha sahido de París, sahio effectivamente a 23, para transferir-se a Malmaison, na visinhança da capital, onde se deixou ficar socegadamente até 28, naõ fazendo diligencia por esquivar-se, por meio de huma fuga secreta e precipitada, á perseguiçaõ dos seus inimigos. Esta segurança da sua parte tanto mais era para admirar, quanto além da Ordenança, pela qual Luiz XVIII tinha pronunciado contra elle a pena de morte, como traidor e rebelde, o Congresso de Vienna o tinha declarado fóra da lei, como inimigo e perturbador do mundo. Como quer que fosse, o certo he que elle partio com hum sequito assaz numeroso para Rochefort, onde chegou a 3 de Julho. Depois de diversas tentativas, segundo entaõ se disse, para escapar á vigilancia dos vasos Inglezes, que cruzavaõ defronte deste porto, acabou tomando o partido de pôr-se debaixo da sua protecçaõ. Mandou a 15 hum parlamentario ao capitaõ Maitland, que commandava o *Bellerophonte*, e fez-se á vela com elle para Inglaterra, acompanhado de todo o seu sequito. Os Soberanos Alliados, informados deste acontecimento, decidíraõ que fosse conduzido, como prisioneiro, á Ilha de Santa Helena (*), e ahi ficasse guardado com a mais rigorosa vigilancia.

Torna Luiz XVIII a entrar em París.

Entre tanto, tinha Luiz XVIII tornado a entrar em París a 8 de Julho: todas as posições militares continuáraõ a ser occupadas

(*) No Oceano Atlantico Meridional.

pelas tropas alliadas; debaixo da sua salvaguarda, foi o Governo Real restabelecido, e o laço branco substituio o tricolor. Por huma Ordenança do Rei, em data de 24, dezanove dos mais notaveis daquelles que eraõ suspeitos de ter favorecido a volta de Napoleaõ, foraõ declarados em estado de accusaçaõ e presos, para serem sentenciados, e outros, em maior numero, foraõ postos debaixo da vigilancia da policia, até que se decidisse da sua sorte. Á frente dos primeiros figuravaõ o Marechal Ney e o coronel Labédoyere, considerados como os principaes fautorés da usurpaçaõ de Napoleaõ. Foraõ ambos executados logo depois de pronunciada a sua sentença, que os condemnava á morte.

Murat, ex-Rei de Napoles, executado.

Depois da primeira abdicaçaõ de Napoleaõ, e da sua partida para a ilha de Elba, seu cunhado Joaquim Murat, Rei de Napoles, naõ se julgando seguro no Throno de hum descendente dos Bourbons, tinha conservado correspondencias com elle. Tinha com tudo manifestado a sua intençaõ de permanecer fiel á sua Alliança com a Austria, e de adherir ao systema dos Alliados. Mas quando soube que Napoleaõ tinha tornado a entrar em França, declarou que considerava a causa de seu cunhado como sua propria, e poz-se á frente das suas tropas para marchar em seu soccorro; porém oppoz-se-lhe hum exercito Austriaco, que naõ lhe deixou pôr em execuçaõ o seu projecto; e depois de haver sido completamente derrotado, vio-se obrigado a abandonar a Fernando IV o Throno que elle occupava, e a buscar a sua salvaçaõ na fuga. Pas-

sou primeiro para o meio-dia da França; e naõ se julgando ali em segurança, tomou o partido de retirar-se para a Corsega. Reduzido nesta ilha á desesperaçaõ, resolveo fazer huma tentativa no Reino de Napoles. Chegou a 8 de Outubro com dois navios ás costas da Calabria Ulterior, e adiantou-se até huma aldêa, onde tentou sublevar os habitantes a seu favor, falando-lhes como Rei; mas foraõ baldadas as suas diligencias. Marcháraõ contra elle, fizeraõ-no prisioneiro, e conduzíraõ-no diante de huma Commissaõ militar, que o condemnou a ser arcabuzado com os seus companheiros: foi a sua sentença executada a 15. Deste modo terminou a sua carreira hum homem elevado de huma condiçaõ obscura a huma dignidade, para a qual naõ tinha outras qualidades, senaõ os talentos de hum bravo soldado.

O Principe de Orange proclamado Rei dos Paizes-Baixos.

Neste mesmo anno, o Principe de Orange, por consentimento das Potencias alliadas, foi condecorado com o titulo de Rei dos Paizes-Baixos, titulo que lhe dava hum dos primeiros lugares entre as Potencias da segunda ordem da Europa. Por meio desta medida importante no systema politico, as sete Provincias designadas ordinariamente debaixo do nome de Hollanda, e as outras Provincias, que haviaõ estado largo tempo debaixo do dominio da Austria, formáraõ hum novo Reino governado por huma Constituiçaõ, que offerecia o plano de huma Monarquia hereditaria e limitada, com todas as garantias para a liberdade pública e particular.

Tratado definitivo

Se lançamos novamente os olhos para

o theatro politico o mais interessante, para a França, vemos huma naçaõ agitada pela inquietaçaõ, que lhe causavaõ a presença das tropas estrangeiras, e pela incerteza de qual seria a sua sorte. Finalmente, depois de muitos receios, conheceo quaes eraõ as condições com que lhe era permittido conservar o seu lugar entre os Estados da Europa. Hum Tratado concluido, entre a França e as Potencias alliadas, em París, á 20 de Novembro, impunha a este Reino indemnisações para com os Soberanos, as quaes consistiaõ, parte em cessões de territorios, parte em pagamentos de sommas de dinheiro.

entre a França e os Alliados.

Estas cessões causáraõ algumas mudanças nas fronteiras da França, do lado da Belgica, do Rheno e do territorio de Genébra; sem serem consideraveis em extensaõ, naõ deixavaõ de ser importantes por causa das localidades. Quanto ás indemnisações em dinheiro, a França obrigava-se a pagar aos Alliados setecentos milhões de francos, que deviaõ ser repartidos entre elles, e pagos dentro de cinco annos. Até o inteiro pagamento desta somma, cento e cincoenta mil homens de tropas alliadas deviaõ ficar em França á custa desta Potencia, e occupar as praças fortes de Condé, Valenciennes, Bouchain, Cambray, le Quesnoy, Maubeuge, Landrecies, Avesnes, Rocroy, Givet com Charlemont, Mézières, Sédan, Montmédie, Thionville, Longwi, Bitche, e a cabeça de ponte do Forte-Luiz. Tal foi o estado de humilhaçaõ a que a França se vio reduzida, depois de haver alcançado contra as diversas Potencias da Eu-

ropa tantas victorias, de que ella havia gozado com taõ pouca moderaçaõ. O primeiro momento destes sacrificios foi doloroso; mas por huma imperiosa necessidade, a França vio-se obrigada a sujeitar-se a elles: ella precisava da paz, e entendeo que a devia comprar, qualquer que fosse o preço que devesse custar-lhe.

Faz cessaõ o Rei de Saxonia de huma parte dos seus Estados ao Rei de Prussia.

Taes foraõ as disposições do Congresso das Potencias alliadas, a que se póde ajuntar o Tratado, pelo qual o Rei de Saxonia se vio reduzido á dura necessidade de ver-se privado de huma parte do territorio dos seus Estados, que lhe tiráraõ, para com elles darem huma indemnisaçaõ ao Rei de Prussia. Os novos titulos tomados por este ultimo Principe, assaz daõ a conhecer as cessões que se vio obrigado a fazer o Rei de Saxonia; estes titulos saõ os de Duque de Saxonia, Landgrave de Thuringe, Marcgrave das duas Lusacias e Conde de Henneberg. O Monarca despojado despedio-se dos seus antigos subditos, de quem se separava, em huma Fala dirigida a elles, em que se desculpava destas cessões, como sendo a unica condiçaõ com que lhe fôra possivel alcançar a conservaçaõ dos seus Estados hereditarios; a passagem seguinte commoverá sem duvida a todo o homem dotado de sensibilidade: « Todos os » meus esforços, diz elle, para evitar hum » taõ penoso sacrificio, foraõ baldados! te» nho de separar-me de vós! E aquelles vin» culos, que a vossa fidelidade, e o amor » que tinheis á minha Pessoa, me haviaõ fei» to taõ caros, aquelles vinculos, que pelo

„ decurso de seculos, fizeraõ a felicidade da „ minha Casa e dos vossos antepassados, tem „ de ser quebrados! „ Tal foi a sorte de hum Soberano, que teve a desgraça de ser o ultimo dos que sustentáraõ a causa de Napoleaõ.

O Imperador da Russia declarado Rei de Polonia.

De outro lado, o Imperador Alexandre annunciou; que em virtude de huma resoluçaõ do Congresso das Potencias alliadas, elle tomava o titulo de Rei de Polonia; mais de metade do Ducado de Varsovia foi entregue ao Imperador da Russia, mas conservando a sua Constituiçaõ particular.

Confederaçaõ Germanica.

Em Allemanha assignou-se hum Acto solemne de confederaçaõ entre os Principes Soberanos e as Cidades livres: no numero dos primeiros estava comprehendido o Imperador de Austria e o Rei de Prussia, por aquellas das suas possessões, que precedentemente pertenciaõ ao Imperio Germanico, assim como o Rei de Dinamarca pelo Holstein, e o Rei dos Paizes-Baixos pelo Ducado de Luxembourg. Segundo este Acto, os negocios da Confederaçaõ saõ tratados em huma Assembléa geral ou Dieta, composta dos Plenipotenciarios de todos os Estados, a qual se ajunta em Francfort sobre o Meno. Os membros desta Confederaçaõ devem naõ só prestar a sua assistencia para a defeza da Allemanha, mas ainda para a de cada Estado em particular contra todo ataque; e garantir-se reciprocamente a integridade do seu territorio comprehendido na Confederaçaõ; naõ acceder a tratado algum hostil contra esta mesma Confederaçaõ, e naõ fazerem guerra hum a ou-

tro, sem sujeitarem as suas desavenças á decisaõ da Dieta geral. Segundo o teor dos artigos deste Acto, a paz da Allemanha está segura, se a Confederaçaõ permanecer firmemente unida, e entaõ naõ veremos já renovarem-se as guerras, de que ella tantas vezes foi o sanguinolento theatro.

Taes saõ as mudanças politicas, operadas em consequencia de huma guerra memoravel, na qual tomáraõ huma parte activa todas as Potencias da Europa, e que felizmente terminou com o Tratado, que ellas assignáraõ em París a 20 de Novembro de 1815. Oxalá que a Paz geral, produzida por este Tratado, seja de larga duraçaõ! Muitas razões devem talvez dar esperanças de huma tranquillidade permanente: saõ primeiramente a impossibilidade a que foi reduzida a França, de renovar os seus projectos ambiciosos, e de perturbar novamente os Estados, para os sujeitar á mais humilhadora dependencia: em segundo lugar, a uniaõ dos Soberanos, ligados para comprimir aquelle dos Potentados, que quizesse engrandecer-se por meio da violencia e da injustiça: e por ultimo, o peso de huma guerra aturada e desastrosa, que enfraqueceo consideravelmente as Potencias belligerantes, para quem o repouso he de absoluta necessidade, a fim de recobrarem o seu primeiro vigor, e a sua antiga prosperidade.

PEÇAS JUSTIFICATIVAS.

(N.° I, pag. 271.)

Nós Carlos Philippe de França, *Filho de França,* Monsieur, *Conde de Artois, Tenente General do Reino, etc., etc., a todos os Francezes.*

» Francezes? he chegado o dia do vosso livramento. O Irmaõ de vosso Rei he chegado, está comvosco. No meio da antiga França he que quer levantar novamente o antigo estandarte dos Lizes, e annunciar-vos a volta da felicidade e da paz, sob hum Reinado protector das leis e da liberdade publica.

» Acabou o tyranno, e com elle a guerra, a conscripçaõ, e os direitos reunidos. Apaguem-se, á voz de vosso Soberano, de vosso Pai, as vossas desgraças pela esperança, os vossos erros pelo esquecimento, as vossas dissensões pela uniaõ, de que elle quer ser o penhor.

» As promessas que hoje solemnemente vos renova, abraza-se em desejos de as cumprir, e de assignalar pelo seu amor e beneficios o momento afortunado, que encaminhando a elle os seus subditos, o restitue a seus filhos.

» *Assignado,* Carlos Philippe. »

(N.° II, pag. 271.)

Luiz XVIII *aos Francezes.*

» He finalmente chegado o momento, em que a Divina Providencia parece querer despedaçar o instru-

mento da sua colera. O usurpador do Throno de S. Luiz, o devastador da Europa, experimenta revezes por sèu turno. Naõ faraõ elles mais que aggravar os males da França, e naõ ousará ella derrubar hum poder odioso, que já naõ protegem os prestigios da Victoria? Que prevenções ou que receios poderiaõ hoje impedi-la de lançar-se nos braços do seu Rei, e de reconhecer no restabelecimento da sua legitima Auctoridade, o unico penhor da uniaõ, da paz e da felicidade, que as suas promessas tem tantas vezes garantido aos seus subditos opprimidos?

» Naõ querendo, nem podendo dever senaõ aos esforços dos Francezes o Throno, que os seus direitos e o amor dos mesmos Francezes pódem unicamente firmar, quaes votos seriaõ contrarios áquelles que naõ cessa de fazer? Que duvida poderia levantar-se ácerca das suas intenções paternaes?

» Disse o Rei nas suas Declarações precedentes, e reitera a segurança de que os Corpos Administrativos e Judiciarios seraõ conservados na plenitude de suas attribuições; de que conservará os seus empregos áquelles que nelles se achaõ providos, e que lhe prestarem juramento de fidelidade; de que os Tribunaes depositarios das leis, naõ faraõ diligencias nem pesquisas algumas relativamente áquelles tempos desgraçados, cujo esquecimento a sua volta terá confirmado para sempre; de que finalmente, o Codigo manchado com o nome de Napoleaõ, mas que naõ encerra pela maior parte senaõ as antigas Ordenanças e Costumes do Reino, ficará em vigor, á excepçaõ de algumas disposições, que sejaõ contrarias aos Dogmas Religiosos, sujeitos desde largo tempo, assim como a liberdade do povo, aos caprichos do tyranno.

» O Senado, onde se achaõ sentados homens, que os seus talentos distinguem a taõ justo titulo, e que tantos serviços pódem illustrar aos olhos da França e da posteridade, aquelle Corpo cuja utilidade e importancia naõ seraõ bem conhecidas senaõ depois da restauraçaõ, poderá deixar de ver o destino glorioso, que o chama a ser o primeiro instrumento do grande beneficio, que será a mais solida, como tambem a

mais honrosa garantia da sua existencia e das suas prerogativas?

» Quanto ás propriedades, o Rei, que já annunciou a intençaõ de empregar os meios mais proprios para conciliar os direitos e os interesses de todos, vè que as numerosas transacções, que tiveraõ lugar entre os antigos e novos proprietarios, fazem este cuidado quasi superfluo. Promette actualmente prohibir aos Tribunaes todo procedimento contrario ás ditas transacções, promover as composições voluntarias, e dar em pessoa, assim como a sua Familia, o exemplo de todos os sacrificios, que puderem contribuir para o repouso da França, e para a uniaõ sincera dos Francezes.

» O Rei garantio ao exercito a conservaçaõ dos postos, empregos, soldo e ordenados de que presentemente goza; promette tambem aos generaes, officiaes, e soldados, que se distinguirem a favor da sua causa, inseparavel dos interesses do povo Francez, recompensas mais reaes, distincções mais honrosas, que as que pudéraõ receber de hum usurpador, sempre prompto a desconhecer, ou ainda a temer os seus serviços. O Rei promette novamente abolir aquella conscripçaõ funesta, que destroe a felicidade das familias, e a esperança da patria.

» Taes foraõ sempre, e taes saõ ainda as intenções do Rei. O seu restabelecimento no Throno dos seus Antepassados naõ será para a França, senaõ a feliz passagem das calamidades de huma guerra que a tyrannia perpetua, para os beneficios de huma paz solida, cuja garantia naõ pódem as Potencias estrangeiras encontrar senaõ na palavra do legitimo Soberano.

» *Assignado* LUIZ. »

Hartwel, Condado de Buckingham, 1.° de Janeiro de 1814.

(N.º III, pag. 271.)

HABITANTES DE PARIS,

» Os vossos Magistrados seriaõ traidores a vós e á patria, se por vís considerações pessoaes, suffocassem mais largo tempo a voz da sua consciencia.

» Brada-lhes ella, que vós deveis todos os males, que vos opprimem, a hum unico homem.

» Elle he, que todos os annos, por meio da conscripçaõ, dizimava as vossas familias. Qual de nós naõ perdeo hum filho, hum irmaõ, parentes, e amigos? Por quem morrêraõ tantos bravos? Por elle só, e naõ pela patria. Por que causa? Foraõ immolados, unicamente immolados á loucura de deixar apoz de si a lembrança do mais espantoso oppressor, sob que tenha gemido a especie humana.

» Elle he, que em vez dos quatrocentos milhões (de francos), que a França pagava sob nossos bons e antigos Reis, nos sobrecarregou de mais de mil e quinhentos milhões de impostos, os quaes ainda nos ameaçava de augmentar.

» Elle he, que nos fechou os mares de ambos os Mundos, que esgotou todos os recursos da industria nacional, arrebatou aos nossos campos os cultivadores, os artistas ás nossas fabricas.

A elle devemos o odio de todos os povos, sem o haver merecido, visto que, como elles, fomos antes as desgraçadas victimas, que os instrumentos da sua raiva.

Naõ foi elle tambem, que violando o que os homens tem de mais sagrado, reteve em captiveiro o Veneravel Chefe da Igreja, despojou dos seus Estados, por meio de huma perfidia detestavel, hum Rei seu alliado, e entregou á devastaçaõ a naçaõ Hespanhola, nossa antiga e sempre fiel amiga?

» Naõ foi elle igualmente, que inimigo dos seus proprios subditos, largo tempo enganados por elle, depois de haver ainda ha pouco recusado huma paz honrosa, com a qual o nosso desgraçado paiz teria

podido ao menos respirar, acabou por dar a ordem parricida de expôr inutilmente a guarda nacional para a defeza impossivel da capital, sobre a qual chamava deste modo todas as vinganças do inimigo?

„ Naõ foi por ultimo elle, que receando mais que tudo a verdade, expulsou de hum modo injurioso, á face da Europa, os nossos legisladores, porque tentáraõ huma vez dizer-lha com tanto comedimento como dignidade?

„ Que importa que naõ tenha sacrificado senaõ hum pequeno numero de individuos aos seus odios ou antes ás suas vinganças particulares, se sacrificou a França, (que dizemos nós?) toda a Europa á sua desmesurada ambiçaõ?

„ Ambiçaõ ou vingança, a causa nada he. Qualquer que seja a causa, vede o effeito; vede esse vasto continente da Europa coberto em toda a parte dos ossos confundidos dos Francezes e dos Povos, que nada tinhaõ que exigir huns dos outros, que se naõ aborreciaõ, que as distancias livravaõ de contendas, e que elle naõ precipitou na guerra senaõ para encher a terra com a fama do seu nome.

„ Que importaõ as suas victorias passadas? Que bem nos resultou destas funestas victorias? O odio dos Povos, as lagrimas das familias, o celibato forçado das nossas filhas, a ruina de todas as fortunas; a viuvez prematura de nossas mulheres, a desesperaçaõ dos pais e das mãis, a quem, de huma numerosa posteridade, naõ lhes resta a maõ de hum filho que lhes cerre os olhos; eis o que devemos ás suas victorias! Saõ ellas as que hoje nos conduzem, até dentro de nossos muros, sempre virgens sob a paternal administraçaõ de nossos Reis, os estrangeiros, cuja generosa protecçaõ nos recommenda o reconhecimento, quando taõ lisonjeiro seria para nós offerecer-lhes huma alliança desinteressada.

„ Naõ ha hum unico de nós, que no intimo do seu coraçaõ, o naõ deteste como hum inimigo publico; hum unico, que nas suas mais intimas communicações, naõ fizesse voto por ver chegar o termo de taõ inuteis crueldades.

» Este voto de nossos corações e dos vossos, seriamos desertores da causa publica, se tardassemos a exprimi-lo.

» *A Europa em armas* no-lo pede. Ella o implora como hum beneficio para a humanidade, como o garante de huma paz eterna e duradoura.

» Parisienses, *a Europa em armas* naõ o alcançaria dos vossos Magistrados, se naõ fosse conforme aos seus deveres.

» Mas em nome destes mesmos deveres, e dos mais sagrados de todos, he que abjuramos toda obediencia ao usurpador, para voltarmos aos nossos legitimos Principes.

» Se póde haver perigo em seguir este movimento do coraçaõ e da consciencia, de bom grado nos sujeitamos a elle. A Historia e o reconhecimento dos Francezes faraõ mençaõ dos nossos nomes, e os deixaraõ em legado á estima da posteridade.

» Em consequencia,

» O Conselho Geral do Departamento do Sena, Conselho Municipal de Paris, espontaneamente reunido,

» Declara á unanimidade dos seus membros presentes:

» Que renuncia formalmente a toda obediencia a Napoleaõ Bonaparte;

» Exprime o mais ardente voto para que o Governo Monarquico seja restabelecido na Pessoa de Luiz XVIII e de seus legitimos Successores:

» Ordena que a presente Declaraçaõ, e a Proclamaçaõ que a explica, sejaõ impressas, distribuidas e affixadas em Paris, notificadas a todas as Auctoridades que ficáraõ em Paris e no Departamento, e enviadas a todos os Conselhos Geraes de Departamento.

» Feito em Conselho Geral em Paris, no Palacio da Camara, a 1 de Abril de 1814.

» Assignado, *Badenier*, *Barthelemy*, *Bellart*, *Bonhomet*, *Boscheron*, *Delaître*, *Gauthier*, *d'Harcour*, *de Lamoignon*, *Lebeau*, Presidente; *Montamant*, Secretario; *Pérignon e Vial*.

(N.° IV, pag. 272.)

Tratado entre o Imperador Napoleaõ Bonaparte e SS. MM. II. e RR. os Imperadores da Russia e de Austria, e o Rei de Prussia.

„ Art. 1. S. M. o Imperador Napoleaõ renuncia por si e seus Successores e Descendentes, assim como por cada hum dos Membros da sua Familia, a todo direito de Soberania e dominaçaõ, tanto sobre o Imrio Francez e o Reino de Italia, como sobre outro qualquer paiz.

„ 2. SS. MM. o Imperador Napoleaõ e a Imperatriz Maria Luiza conservaõ estes titulos e qualidades, para delles gozarem durante a sua vida; a Mãi, Irmaõs, Irmãas, Sobrinhos e Sobrinhas do Imperador conservaraõ igualmente, em toda parte onde se acharem; o titulo de Principes da sua Familia.

„ 3. A ilha de Elba, adoptada pelo Imperador Napoleaõ para lugar da sua residencia, formará, durante a sua vida, hum Principado separado, que elle possuirá em toda Soberania e propriedade. Dar-se-ha, de mais disso, em toda propriedade, ao Imperador Napoleaõ, hum rendimento annual de dois milhões de francos, em renda sobre o grande Livro de França, de que hum milhaõ reverterá para a Imperatriz.

„ 4. Todas as Potencias se obrigaõ a empregar os seus bons officios para fazer respeitar pelos Barbarescos a bandeira e o territorio da ilha de Elba, e para que nas suas relações com os Barbarescos, seja tratada como a França.

„ 5. Os Ducados de Parma, Plasencia e Guastalla seraõ dados em toda propriedade e Soberania, a S. M. a Imperatriz Maria Luiza; passaraõ a seu Filho e á sua descendencia em linha directa. O Principe seu Filho tomará desde já o nome de Principe de Parma, Plasencia e Guastalla.

„ 6. Reservar-se-haõ nos paizes, a que o Imperador Napoleaõ renuncia por si e sua Familia, proprie-

dades, ou dar-se-haõ rendas sobre o grande Livro de França, produzindo hum rendimento annual liquido, feita a deducçaõ de todo encargo, de 2,500:000 francos. Estas propriedades ou rendas perteneceraõ em toda propriedade, e para dellas disporem como bem lhes aprouver, aos Principes e Princezas da sua Familia, e seraõ repartidas entre elles na proporçaõ seguinte, a saber: A Madama Mãi, 300:000 francos. — Ao Rei José e á Rainha, 500:000 fr. — Ao Rei Luiz, 200:000 fr. — A' Rainha Hortensia e a seu filho, 400:000 fr. — Ao Rei Jeronymo e á Rainha, 500:000 fr. — A' Princeza Elisa, 300:000 fr. — A' Princeza Paulina, 300:000 fr. Os Principes e as Princezas da Familia do Imperador conservaraõ de mais disso todos os bens, moveis e immoveis, de qualquer natureza que sejaõ, que possuem por titulo particular, e especialmente as rendas de que gozaõ igualmente como particulares sobre o grande Livro de França, ou sobre o Monte Napoleaõ de Milaõ.

„ 7. O rendimento annual da Imperatriz Josephina reduzir-se-ha a hum milhaõ em propriedades ou em inscripções sobre o grande Livro de França. Continuará a gozar em toda propriedade dos seus bens moveis e immoveis particulares, e poderá gozar delles na conformidade das leis Francezas.

„ 8. Dar-se-ha ao Principe Eugenio, Vice-Rei de Italia, hum estabelecimento consideravel fóra de França.

„ 9. As propriedades que S. M. o Imperador Napoleaõ possue em França, seja como dominio extraordinario, seja como dominio particular, ficaraõ á Coroa. Sobre os fundos collocados pelo Imperador, quer sobre o grande-Livro de França, quer na Banca de França, em acções das Matas, ou de outra qualquer maneira, e que S. M. cede á Coroa, seraõ reservados como hum capital que naõ exceda dois milhões, para serem empregados em gratificações ás pessoas, cujos nomes seraõ lançados em huma lista assignada pelo Imperador Napoleaõ, e que será transmittida ao Governo Francez.

„ 10. Todos os diamantes da Coroa ficaraõ em França.

» 11. S. M. o Imperador Napoleaõ entregará no Thesouro publico ou nas outras Caixas, todas as sommas que se recebèraõ por ordens suas, á excepçaõ do que foi apropriado á Lista civil.

» 12. As dividas da Casa de S. M. o Imperador Napoleaõ, taes como existiaõ no dia da assignatura do presente Tratado, seraõ pagas pelo atrazado devido pelo Thesouro publico á Lista civil, segundo a Conta que será assignada por huma Commissaõ nomeada para este objecto.

» 13. As obrigações do Monte Napoleaõ (Monte de Piedade) de Milaõ, para com os credores Francezes ou estrangeiros, seraõ pagas, menos que se naõ convenha de outra cousa para o futuro.

» 14. Todos os passaportes necessarios seraõ dados para deixar passar livremente S. M. o Imperador Napoleaõ, a Imperatriz, os Principes, as Princezas, e todas as pessoas do seu sequito, que quizessem acompanha-los ou estabelecer-se fóra de França, assim como as equipagens, cavallos e effeitos que lhes pertencem: as Potencias daraõ em consequencia os Officiaes e soldados para a escolta.

» 15. A guarda Imperial Franceza dará hum destacamento de mil e duzentos a mil e quinhentos homens de todas as armas, para servir de escolta até Saint-Tropez, lugar do embarque.

» 16. Fornecer-se-ha huma corveta armada, e os navios necessarios para conduzir ao lugar do seu destino, S. M. o Imperador Napoleaõ, assim como a sua Casa; a corveta ficará em toda propriedade a S. M.

» 17. S. M. o Imperador levará comsigo e conservará para a sua guarda, quatrocentos homens voluntarios, tanto Officiaes como officiaes inferiores e soldados.

» 18. Todos os Francezes que seguirem S. M. o Imperador Napoleaõ ou a sũa Familia, seraõ obrigados, se naõ quizerem perder a sua qualidade de Francezes, a voltar para França no prazo de tres annos, menos que naõ sejaõ comprehendidos nos empregos, que o Governo Francez se reserva dar depois de expirar este prazo.

„ 19. As tropas Polacas de todas as armas, que estaõ ao serviço da França, teraõ a liberdade de voltar para a sua patria, conservando as suas armas e bagagens, como hum testemunho dos seus serviços honrosos; os Officiaes, officiaes inferiores e soldados, conservaraõ as condecorações que lhes tenhaõ sido concedidas, e as pensões correspondentes a estas condecorações.

„ 20. As Altas Potencias alliadas garantem a execuçaõ do presente Tratado, e se obrigaõ a alcançar que seja acceito e garantido pela França.

„ 21. O presente Acto será ratificado, e as ratificações trocadas em Paris, dentro de dois dias.

„ Feito em Paris, a 11 de Abril de 1814.

Assignado, *Metternich*, *Stadion*, *Rasoumouski*, *Nesselrode*, *Castlereagh*, *A. Hardemberg*, *Ney* e *Caulaincourt*. „

INDICE CHRONOLOGICO

De alguns Factos principaes da Historia Moderna, desde o 15.° Seculo até ao Tratado de Paris de 20 de Novembro de 1815.

João Hus, discipulo de Wiclef, erige-se em reformador na Bohemia. 1400

Concilio de Pisa; tres Papas: Benedicto XIII e Gregorio XII saõ depostos. 1409

Concilio de Constança, convocado para a extincçaõ do grande Scisma do Occidente, e para a limitaçaõ do poder Sacerdotal. 1414

Batalha de Azincourt ganhada contra os Francezes, por Henrique V, Rei de Inglaterra. Quantos perecêraõ da Nobreza Franceza he incalculavel; só de Principes de sangue contaõ-se seis. 1415

Joaõ Hus he queimado em Constança.

O Concilio de Constança põe termo ao grande Scisma do Occidente, que tinha principiado em 1378. Condemna as heresias de Wiclef, de Joaõ Hus e de Jeronymo de Praga. 1417

Tratado de paz assignado em Troyes na Champanha, no qual se assentou que Catharina de Medicis casaria com Henrique V, Rei de Inglaterra, para quem passaria a Coroa depois da morte de Carlos VI, que a possuia. 1420

Sitio de Orleans pelos Inglezes; apresenta-se Joanna d'Arc, e levanta-se o sitio. He o primeiro revez que os Inglezes experimentaõ em França. 1429

Data-se deste anno a invençaõ dos caracteres moveis de impressaõ, em Estrasbourg, por Joaõ Guttenberg de Moguncia. 1436

Saõ os Inglezes expulsos de toda a França á excepçaõ de Calais. 1453

A tomada de Constantinopla por Mahomet III, Imperador Ottomano, põe fim ao Imperio Grego ou do Oriente, que tinha durado mil cento e vinte e tres annos.

Primeiro estabelecimento das postas e correios, por Luiz XI, Rei de França. 1464

1476 Batalha de Granson e de Morat, onde Carlos, Duque de Borgonha, he derrotado pelos Suissos.

1477 He morto no sitio de Nancy; Maria, sua filha e herdeira, casa com Maximiliano de Austria, origem da rivalidade entre a França e a Austria.

1478 A Inquisiçaõ he introduzida em Hespanha por Fernando o Catholico.

1492 Christovaõ Colombo, Genovez ao serviço de Hespanha, descobre a Terra Firme da America.

1508 Liga de Cambray contra os Venezianos.

1513 Forma-se a Suissa em treze Cantões; consolida-se o Systema federativo Helvetico.

1517 Erige-se Martinho Luthero em reformador por occasiaõ das Indulgencias, que o Papa Leaõ X mandou prégar em Allemanha para oppòr-se a Selim I, Imperador Ottomano, cujas conquistas no Egypto davaõ motivos de receio, que naõ invadisse a Christandade.

1519 Magalhães, Portuguez ao serviço da Hespanha, descobre o Estreito do seu nome na America Meridional.

1525 Batalha de Pavia, em que Francisco I, Rei de França, he feito prisioneiro, e transferido para Hespanha.

1527 Introduz-se o Lutheranismo na Suecia e na Dinamarca.

1529 O nome de Protestante he dado aos Lutheranos, porque protestáraõ contra a Igreja de Roma, na Dieta de Spira.

1534 Tem lugar a Reforma em Inglaterra, por causa do divorcio de Henrique VIII com Catherina de Aragaõ, para casar com Anna de Boulen.

1540 A Ordem dos Jesuitas he confirmada pelo Papa Paulo III.

1545 Abertura do Concilio de Trento, que dura dezoito annos.

1558 Tomada de Calais aos Inglezes pelo Duque de Guisa.

1560 Conspiraçaõ de Amboise contra os Guisas; principio das perturbações de Religiaõ em França.

1566 Principio das perturbações nos Paizes Baixos.

Mortandade dos Protestantes no dia de S. Bartholomeu, a 24 de Agosto, reinando Carlos IX. 1572

Origem da Liga em França. 1576

Tratado de Uniaõ de Utrecht. Base do Systema federativo das Provincias Unidas dos Paizes Baixos. 1579

Guilherme I, Principe de Orange, Stathouder das Provincias Unidas, he assassinado. 1584

Maria Stuart, Rainha de Escossia, he decapitada por ordem de Elisabeth, Rainha de Inglaterra, depois de dezoito annos de prisaõ. 1587

Henrique III, Rei de França, he assassinado por Jaques Clemente. Extingue-se nelle o ramo dos Valois. 1589

Edicto de Nantes, pelo qual os Protestantes alcançaõ o livre exercicio do seu culto. 1593

Expulsaõ dos Mouros de Hespanha. 1610

Henrique IV he assassinado por Ravaillac.

Perturbações da Bohemia; principio da guerra de trinta annos. 1618

Guerra de Religiaõ em França; dura nove annos. 1621

Tomada da Rochella pelo Cardeal de Richelieu. 1628

Batalha de Lutzen, em que Gustavo Adolfo, Rei de Suecia, he morto. 1631

Fundaçaõ da Academia Franceza. 1640

Revoluçaõ de Portugal, que sacode a dominaçaõ Hespanhola; D. Joaõ IV, da Casa de Bragança, he proclamado Rei.

Paz particular assignada a 30 de Janeiro em Munster, entre os Confederados dos Paizes Baixos e os Hespanhoes; a Soberania das Provincias Unidas he reconhecida. 1648

Paz de Westphalia, assignada a 24 de Outubro em Munster e em Osnabruck; consolidaçaõ da liberdade Germanica e do systema de equilibrio constitucional; a independencia dos Suissos he reconhecida pelo Imperio; cessaõ da Alsacia e da Soberania dos tres Bispados de Lorena á França; cessaõ de huma parte da Pomerania, da ilha de Rugen, de Weimar, Bremen e Verden á Suecia.

Carlos I, Rei da Graõ Bretanha, he decapitado: aboliçaõ da Realeza em Inglaterra. 1649

1653 Protectorato de Olivier Cromwell.

1659 Tratado da Haya entre a França, a Inglaterra e a Hollanda, para a manutençaõ do equilibrio do Norte.

Paz dos Pyreneos entre a França e a Hespanha: cessaõ do Artois e do Roussillon, de huma parte da Flandres, do Hainaut e do Luxembourg á França.

1660 Saõ os Stuarts chamados novamente para Inglaterra: Carlos II proclamado Rei em Londres.

Revoluçaõ de Dinamarca: a successaõ hereditaria e o poder absoluto concedidos ao Rei Frederico II.

1663 Fundaçaõ da Academia das Inscripções e Bellas Letras de Paris.

1666 Fundaçaõ da Academia das Sciencias de Paris.

1667 Paz de Bréda, entre a Inglaterra e a Hollanda.

Perde o Throno D. Affonso VI, Rei de Portugal: D. Pedro II, seu Irmaõ, nomeado Regente.

Suppressaõ do Stathouderato, pelo partido republicano em Hollanda.

1668 Tratado de Aix-la Chapelle: cessaõ de Lilla, Douai, &c. á França.

1672 O Stathouderato he restabelecido a favor de Guilherme III, Principe de Orange.

1678 Paz de Nimegue.

1685 Revogaçaõ do Edicto de Nantes, dado por Henrique IV, e confirmado por Luiz XIII.

1686 Liga de Augsburgo opposta a Luiz XIV; era entre o Imperador, o Rei de Hespanha, a Republica das Provincias Unidas, a Suecia, o Eleitor Palatino, a Baviera e o Duque de Saboya.

1688 Revoluçaõ de Inglaterra; fuga de Jaques II; expulsaõ dos Stuarts.

1689 Guilherme III, Principe de Orange, e Maria, sua Esposa, filha de Jaques II, saõ proclamados Rei e Rainha da Graõ Bretanha.

1697 Paz de Ryswick.

Philippe V de Anjou he proclamado Rei de Hespanha: exaltaçaõ da Casa de Bourbon ao Throno de Hespanha.

1700 Frederico, Eleitor de Brandebourg, toma o ti-

tulo de Rei de Prussia, debaixo do nome de Frederico I.

Guerra da successaõ de Hespanha. 1701

Morte de Guilherme III, Rei da Graõ Bretanha, e Stathouder das Provincias Unidas. 1702

Fundaçaõ da Cidade de S. Petersbourg. O Baltico aberto aos Russos. 1703

Tomada de Gibraltar pelos Inglezes. 1704

Batalha de Hochstett. Malborough e o Principe Eugenio.

Batalha de Turin. 1706

Uniaõ da Inglaterra e da Escossia em hum unico e mesmo Parlamento. 1707

Mudança de Ministerio em Inglaterra: saõ os Wighs substituidos pelos Torys. 1710

11 *de Abril.* Paz de Utrecht entre a França, a Hespanha e a maior parte dos Alliados: a Hespanha e a França naõ se reuniraõ nunca. Os Paizes Baixos saõ erigidos em Barreira, e conferidos ao Imperador com os Reinos de Napoles e de Sardenha, o Ducado de Milaõ e os portos da Toscana; a Sicilia he cedida a Victor-Amedeo II, Duque de Saboya; Gibraltar e Porto Mahon saõ reservados para a Inglaterra. 1713

19 *de Abril.* Pragmatica Sancçaõ do Imperador Carlos VI, relativamente á Successaõ da Casa de Austria.

12 *de Maio.* Nova ordem de Successaõ estabelecida nas Cortes de Hespanha.

13 *de Julho.* Paz de Utrecht entre a Hespanha e a Inglaterra.

13 *de Agosto.* Paz de Utrecht entre a Hespanha e a Saboya.

26 *de Junho.* Paz de Utrecht entre a Hespanha e as Provincias Unidas. 1714

Morte de Anna, Rainha de Inglaterra. Jorge I, Eleitor de Hannover, sobe ao Throno da Graõ Bretanha: exaltaçaõ ao Throno da Casa de Hannover.

6 *de Fevereiro.* Paz de Utrecht entre a Hespanha e Portugal. 1715

Morte de Luiz XIV: succede-lhe Luiz XV.

Tratado de Barreira entre o Imperador e as Provincias Unidas.

1717 Triple alliança da Haya entre a França, a Inglaterra e as Provincias Unidas contra a Hespanha.

1718 Quadrupla alliança de Londres para a paz entre o Imperador, o Rei de Hespanha e o Duque de Saboya: a Sicilia he dada ao Imperador, e a Sardenha ao Duque de Saboya; a expectativa do Graõ-Ducado de Toscana e dos Ducados de Parma e de Plasencia he assegurada a D. Carlos, Infante de Hespanha.

1719 Carlos XII, Rei de Suecia, morto no sitio de Fredrichshall.

Ulrica Eleonor, Irmã de Carlos XII, eleita Rainha de Suecia. Revoluçaõ no Governo Sueco; nova limitaçaõ do Poder Real.

1721 Pedro, chamado o Grande, toma o titulo de Imperador da Russia.

1725 Catherina I succede a Pedro-o-Grande, seu Esposo.

1730 Carlos Manoel III he Rei de Sardenha, depois da abdicaçaõ de Victor Amedeo II.

1733 Morte de Augusto II, Rei de Polonia.

Estanisláo Lecszinski he eleito seu Successor.

Alliança entre a França, a Hespanha e o Rei de Sardenha a favor de Estanisláo, Sogro de Luiz XV.

Augusto III, Eleitor de Saxonia, he eleito Rei de Polonia por protecçaõ da Russia.

1738 Paz de Vienna entre a França e o Imperador: cessaõ da Lorena á França; do Reino das Duas-Sicilias a D. Carlos; do Graõ-Ducado de Toscana ao Duque de Lorena; de Parma e de Plasencia ao Imperador, etc.

1739 Paz de Belgrado entre o Imperador, a Russia e a Turquia.

Declaraçaõ de guerra entre a Graõ-Bretanha e a Hespanha.

1740 Frederico II, Rei de Prussia.

Morte do Imperador Carlos VI, que dá occasiaõ a huma guerra de alguns annos em Allemanha.

Iwan VI, Imperador da Russia.

Alliança da França e da Hespanha com o Eleitor de Baviera contra Maria-Thereza. 1741

Revoluçaõ de S. Petersbourg: o Imperador Iwan VI he desthronado; Elisabeth Petrowna he Imperatriz da Russia.

O Eleitor de Baviera he eleito Imperador de Allemanha, debaixo do nome de Carlos VII. 1742

Batalha de Fontenoy. 1745

Expediçaõ do Principe Eduardo para a Escossia.

Francisco I eleito Imperador de Allemanha: exaltaçaõ da Casa de Lorena-Austria ao Throno do Imperio.

Restabelecimento do Stathouderato, abolido desde a morte de Guilherme III. 1747

Paz geral e definitiva de Aix-la-Chapelle. 1748

Guerra entre a França e a Inglaterra. 1755

Batalha de Rosbach ganhada pelo Rei de Prussia. 1757

Pacto de Familia entre os differentes ramos da Casa de Bourbon. 1761

Paz de París e de Londres entre a França, Hespanha, Portugal e Inglaterra; cessaõ a esta ultima Potencia, do Canadá pela França, e da Florida pela Hespanha. 1763

Paz de Hubertsbourg entre Maria Thereza, o Rei de Prussia e o Eleitor de Saxonia.

Perturbações dos Dissidentes da Polonia. 1766

Tratado de Varsovia, entre a Russia e a Polonia, sobre o negocio dos Dissidentes e a Constituiçaõ; Confederaçaõ de Bar. 1768

Cessaõ da Ilha de Corsega á França.

Guerra entre a Russia e a Turquia.

Primeiro Tratado de partilha da Polonia, entre a Russia, a Prussia e a Austria. 1772

Revoluçaõ em Suecia, onde huma nova fórma de Governo he estabelecida com extensaõ do Poder Real.

Congresso de Foksany e de Bucharest entre os Russos e os Turcos.

Suppressaõ da Ordem dos Jesuitas, pelo Papa Clemente XIV. 1773

Paz de Kaynardgi entre os Russos e os Turcos: 1774

os Tartaros da Criméa e do Cuban saõ declarados independentes da Porta Ottomana; Azof, Kertsch, Jenikalé, Kinburn, e o Paiz entre a embocadura do Bog e do Dniéper, saõ cedidos á Russia.
1775 Morte de Luiz XV.
Principio das hostilidades entre a Graõ-Bretanha e as Colonias Inglezas da America Septentrional.
Destruiçaõ da republica dos Cosacos Zaporogues.
1776 Codigo de Leis publicado por Catherina II, Imperatriz da Russia.
Declaraõ as Colonias Inglezas da America Septentrional a sua independencia.
1778 Guerra pela Successaõ da Baviera, entre a Austria e a Prussia.
Tratado de alliança e de commercio entre a França e os Estados-Unidos da America.
1779 Paz de Teschen entre a Austria e a Prussia.
1780 Morte de Maria Thereza: José II, seu Filho, Rei de Hungria e de Bohemia.
1783 Os Tratados de paz de París e de Versalhes, põem fim á guerra da America.
1784 Tratado assignado em Constantinopla entre a Russia e a Turquia, o qual confirma á primeira destas Potencias a cessaõ da Criméa.
1785 Confederaçaõ Germanica, assignada em Berlin, contra o projecto de troca da Baviera.
Perturbações da Hollanda.
Paz de Fontainebleau, que termina as desavenças suscitadas entre José II e as Provincias-Unidas, relativamente á livre navegaçaõ do Escalda.
1786 Morte de Frederico II.
1787 Declara a Turquia guerra á Russia.
Entrada dos Prussianos em Hollanda; restabelecimento do Stathouder.
Alliança defensiva entre as Provincias-Unidas, a Inglaterra e a Prussia.
1789 Abertura dos Estados Geraes da França em Versalhes, a 5 de Maio, e formaçaõ da Assembléa nacional, a 17 de Junho.
Tumultos em París; tomada da Bastilha.
Insurreiçaõ dos Paizes-Baixos Austriacos.

Morte do Imperador José II. 1790
Fim das perturbações da Belgica.
Nova Constituiçaõ da Polonia. 1791
Fugida de Luiz XVI.
Acceita Luiz XVI a Constituiçaõ.
Paz de Jassy entre a Russia e a Porta. 1792
Assassinio de Gustavo III, Rei de Suecia.
Declara a França guerra á Austria.
Confederaçaõ de Targowice, opposta á nova Constituiçaõ dos Polacos, debaixo da protecçaõ da Russia.
Abertura da Convençaõ nacional de França; aboliçaõ da Realeza; he proclamada a Republica Franceza.
Execuçaõ de Luiz XVI. 1793
Liga contra a França.
Segunda desmembraçaõ da Polonia, da parte da Russia e da Prussia.
Execuçaõ de Maria Antoinette, Rainha de França.
Guerra da Vendée.
Insurreiçaõ da Polonia: saõ derrotados os insurgentes, e Kosciusko, seu general, cahe em poder dos Russos. 1794
Terceira e ultima desmembraçaõ da Polonia entre a Russia, a Austria e a Prussia. 1795
Tratado de paz de Basilea entre a Republica Franceza e o Rei de Prussia.
Apoderaõ-se os Francezes das Provincias-Unidas dos Paizes-Baixos.
Nova Constituiçaõ Franceza. *Directorio Executivo.*
Estanisláo, ultimo Rei de Polonia, resigna a Corôa. 1796
Napoleaõ Bonaparte he encarregado do commando em chefe do exercito de Italia.
Derrotaõ os Francezes os Austriacos em Lodi.
O exercito Francez commandado pelo general Jourdan, he completamente derrotado pelo Archiduque Carlos: em consequencia desta derrota, o general Moreau vê-se obrigado a effeituar a sua retirada.
Declara a Hespanha guerra a Inglaterra.

Lord Malmesbury, encarregado pelo Gabinete de Londres de conferenciar com o Governo Francez, naõ alcança resultado nenhum das suas negociações.

Batalha de Arcole.

Morte de Catherina II, Imperatriz da Russia. Succede-lhe Paulo I.

Tenta o Governo Francez infructuosamente huma expediçaõ contra a Irlanda.

1797 O Papa vendo os seus Estados invadidos, assigna com a Republica Franceza hum Tratado de paz, pelo qual cede Avinhaõ e outras porções de territorio.

Preliminares de paz assignados em Léoben.

Apoderaõ-se os Francezes de Veneza.

Tratado de paz de Campo-Formio, entre a França e a Austria.

1798 Hum exercito Francez, commandado por Berthier, entra em Roma, onde se opéra huma revoluçaõ. He despojado o Papa do seu poder temporal, e proclamada a Republica Romana.

Huma esquadra Franceza, ás ordens de Bonaparte, sahe de Toulon para huma expediçaõ para o Egypto.

Rende-se Maltha á esquadra de Bonaparte.

Tomada de Alexandria, de Rosetta e do Cairo, no Egypto.

Combate de Aboukir.

Insurreiçaõ dos *Irlandezes-Unidos;* desembarque dos Francezes em Irlanda.

1799 Apoderaõ-se os Francezes de Napoles, effeituaõ ali huma revoluçaõ, e proclamaõ a Republica Parthenopea.

Marcha Bonaparte para a Syria.

Repellem os Austriacos da Allemanha as tropas Francezas.

Em Italia, os Russos, commandados por Suwarow, juntaõ-se aos Austriacos.

Saõ os Francezes derrotados em Cassano pelos alliados, que retomaõ Milaõ, Turin, Mantua, &c.

Os Plenipotenciarios Francezes no Congresso de Rastadt saõ assassinados á sua partida desta cidade.

Abandona o Imperador da Russia a Austria, e

chama as suas tropas, no momento em que os exercitos Russos e Austriacos ameaçavaõ a França com huma invasaõ.

Desembarque dos Inglezes em Hollanda.

Apoderaõ-se os Inglezes de Seringapatnam, capital do Mysore, e destroem o poder do Tipoo-Saib na India.

Levanta Bonaparte o sitio de S. Joaõ de Acre.

Abandona o Egypto, e volta para França.

Revoluçaõ no Governo Francez.

O exercito Francez passa novamente o Rheno, 1800
debaixo das ordens do general Moreau.

Batalha de Marengo.

O General Kléber he assassinado no Egypto.

Os Preliminares da paz assignados em Paris, entre a França e a Austria, naõ saõ ratificados por esta ultima Potencia.

Cahe a Ilha de Maltha em poder dos Inglezes.

Pela Convençaõ de Hohenlinden, conclue-se hum armisticio entre os exercitos Francez e Austriaco.

Tomaõ os Francezes posse da Toscana.

Tendo-se roto o armisticio, principiaõ de novo as hostilidades, e saõ os Austriacos completamente derrotados em Hohenlinden.

Tratado de Paz assignado em Luneville, entre 1801
a França, a Austria e o Imperio.

Morte tragica de Paulo I, Imperador da Russia. Succede-lhe Alexandre.

Destroem os Inglezes a esquadra Dinamarqueza em frente de Copenhague.

Concordata entre a França e o Papa.

Evacuaõ os Francezes o Egypto.

Assignaõ-se os Preliminares da paz em Londres entre a França e a Inglaterra.

Revoltaõ-se os Negros em S. Domingos sob as ordens de Toussaint-Louverture.

Bonaparte, Primeiro Consul, he nomeado Pre- 1802
sidente da Republica *Italiana*, precedentemente Cisalpina.

Tratado de paz assignado em Amiens, entre a

França, a Hespanha, a Republica Batava e a Graõ-Bretanha.

Organiza Bonaparte os Cultos em França.

He proclamado Primeiro Consul vitalicio.

1803 Rompe-se a paz entre a França e a Inglaterra.

Entraõ os Francezes no Paiz de Hannover.

1804 Conspiraçaõ contra Bonaparte.

Execuçaõ do Duque de Enghien.

Bonaparte he proclamado Imperador dos Francezes debaixo do nome de *Napoleaõ*.

Transfere-se Pio VII a París, para ahi sagrar e coroar Napoleaõ.

1805 Forma-se huma nova Liga contra a França.

Passaõ os Francezes o Danubio, rodeaõ o exercito Austriaco, e saõ victoriosos em Wartingen, em Gunzbourg, em Elchingen. Tomaõ Ulm por capitulaçaõ, e entraõ vencedores em Vienna.

Derrota da esquadra combinada Franceza e Hespanhola em Trafalgar.

O exercito dos Austriacos e dos Russos he inteiramente derrotado em Austerlitz pelo Imperador Napoleaõ.

Tratado de paz entre a França e a Austria.

1806 Os Eleitores de Baviera e de Wurtemberg saõ proclamados Reis.

Apoderaõ-se os Inglezes do Cabo de Boa Esperança.

Joaquim Murat he declarado Graõ-Duque de Berg.

Jozé Bonaparte he declarado Rei de Napoles e de Sicilia, por si a seus descendentes masculinos.

Declara-se a guerra entre a Prussia e a Inglaterra.

A Republica Batava he mudada em Monarquia, e Luiz Bonaparte he declarado Rei de Hollanda por si e seus descendentes masculinos.

Assigna-se em París hum Tratado de alliança perpetua entre a França e alguns Membros do Corpo Germanico, debaixo da denominaçaõ de *Estados confederados do Rheno*, de que o Imperador dos Francezes he declarado Protector. Em consequencia deste

Tratado, renuncia Francisco II o seu titulo de Imperador de Allemanha, e o Corpo Germanico se acha dissolvido.

Tem lugar a guerra entre a Prussia e a França: saõ os Prussianos derrotados completamente em Iéna, onde experimentaõ huma perda espantosa. Dali os Francezes estendem as suas conquistas a todos os pontos, e se apoderaõ de todas as fortalezas, á excepçaõ de Kœnisberg, para onde o Rei de Prussia se retira com os destroços do seu exercito.

Batalha sanguinolenta de Eylau, onde os Russos e os Francézes experimentaõ perdas consideraveis. 1807

Fórça huma esquadra Ingleza os Dardanellos, e se apresenta diante de Constantinopla, donde se vê na necessidade de retirar-se.

Batalha decisiva de Friedland, ganhada pelo Imperador Napoleaõ contra os Russos e Prussianos.

O Imperador da Russia e o Rei de Prussia, concluem, cada hum separadamente, hum Tratado de paz com o Imperador dos Francezes.

Fórmaõ os Inglezes o sitio de Copenhague, que capitula depois de soffrer hum terrivel bombardeamento, e a esquadra Dinamarqueza he entregue á sua disposiçaõ.

O Principe das Asturias he accusado de ter formado huma conspiraçaõ contra seu Pai, Carlos IV, Rei de Hespanha.

Declara a Russia guerra á Inglaterra.

Embarca S. A. R. o Principe Regente de Portugal com a sua Corte para o Brazil.

Toma Jeronymo Bonaparte as redeas do governo do Reino de Westphalia.

O Reino de Etruria, formado da Toscana, he encorporado no Imperio Francez, com Parma e Plasencia.

Sublevaõ-se os habitantes de Madrid e de Aranjuez contra Carlos IV e o Principe da Paz, seu Ministro: o Rei de Hespanha vê-se obrigado a abdicar a Coroa a favor de seu Filho, o Principe das Asturias, que toma o nome de Fernando VII. 1808

Carlos IV, Fernando VII e a Familia Real saõ attrahidos a Bayonna, para onde Napoleaõ tinha vindo. Obriga-os a ambos a abdicar.

Jozé Napoleaõ, Rei de Napoles, he proclamado Rei de Hespanha.

He obrigado a retirar-se de Madrid, depois de ahi se haver demorado alguns dias.

Os Inglezes, que soccorrem os Portuguezes contra os Francezes, derrotaõ no Vimeiro a estes ultimos, que em virtude de huma Convençaõ assignada em Cintra, evacuaõ Portugal.

O Imperador da Russia e Napoleaõ tem huma Conferencia em Erfurth, na Allemanha, para tratarem dos meios de pacificaçaõ.

Parte Napoleaõ para Hespanha para pôr-se á frente dos Francezes, que tornaõ a entrar em Madrid.

1809 Sitio de Saragoça pelos Francezes, que se apoderaõ della depois da mais tenaz resistencia da parte dos sitiados.

Gustavo IV, Rei de Suecia, abdica a Coroa, e Carlos, Duque de Sundermania, seu Tio, toma as redeas do Governo.

Renova-se a guerra entre a França e a Austria. A campanha he desastrosa para esta ultima Potencia.

Desembarcaõ os Inglezes na Ilha de Walcheren.

Tratado de paz entre a Austria e a França.

Batalha de Talavera, entre os Francezes e o exercito alliado dos Hespanhoes e dos Inglezes, commandados por Sir Arthur Wellesley, depois Lord Wellington.

1810 Forçaõ os Francezes a passagem da Serra-Morena, e se apoderaõ das Provincias de Granada e de Andaluzia.

O Papa he despojado do seu Poder temporal, e os Estados de Roma saõ reunidos ao Imperio Francez.

Casamento de Napoleaõ com a Archiduqueza Maria Luiza de Austria.

A morte repentina do Principe Real de Suecia,

imputada ao Conde de Fersen, causa huma sublevaçaõ em Stockolmo.

Apoderaõ-se os Inglezes da Ilha de Bourbon.

A praça de Cidade-Rodrigo entrega-se á discriçaõ ao exercito Francez depois de hum largo assedio.

Invasaõ de Portugal pelo exercito de Massena.

O Principe de Ponte-Corvo (Bernadote) he nomeado Principe Real de Suecia.

A ilha de França he atacada por huma esquadra Ingleza, e rende-se por capitulaçaõ.

Hum Acto do Parlamento de Inglaterra defere 1811
ao Principe de Galles a Regencia durante a enfermidade do Rei Jorge III.

Evacuaõ os Francezes Portugal.

Tomaõ de assalto a cidade de Tarragona, e a campanha de Hespanha he huma serie de felizes sucessos nas differentes provincias.

Apoderaõ-se os Inglezes de Batavia, capital das Possessões Hollandezas nas Indias Orientaes.

Rende-se a cidade de Valença por capitulaçaõ 1812
aos Francezes.

Abdica o Rei de Sicilia a favor de seu Filho.

Apoderaõ-se os Inglezes de Cidade Rodrigo.

Tratados de alliança assignados em París entre a França, a Austria e a Prussia, que reciprocamente se garantem a integridade das suas possessões actuaes.

Tratado de paz entre a Russia e a Turquia, no qual se estabelece o Pruth como limite entre os dois Imperios.

O Congresso dos Estados-Unidos da America declara a guerra á Graõ-Bretanha.

Nova Constituiçaõ da Sicilia: hum Parlamento composto de duas Camaras he estabelecido, e o feudalismo abolido.

Parte o Imperador da Russia para Wilna, e Napoleaõ para Dresde.

As negociações entaboladas entre os dois Soberanos, saõ infructuosas.

Annuncia o Imperador dos Francezes, por huma Proclamaçaõ, a guerra á Russia.

O exercito Francez commandado por Napoleaõ,

passa o Niémen em differentes pontos para marchar contra a Russia.

Dirige o Imperador da Russia huma Proclamaçaõ ás suas tropas.

Entraõ os Inglezes em Madrid.

Os Francezes, depois de haverem experimentado muita resistencia adiantando-se contra os Russos, apoderaõ-se de Smolensk, e marchaõ sobre Moscou. He incendiada esta cidade: Abandonaõ-na os Francezes, cuja retirada he desastrosa.

Parte Napoleaõ a toda pressa para París, onde chega a 18 de Dezembro, tendo partido de Wilna a 5 do mesmo mez.

1813 Adiantaõ-se os Russos na Allemanha ajudados dos Prussianos. Concentraõ-se os seus respectivos exercitos perto de Leipsick. Entre tanto parte Napoleaõ de París para pôr-se á frente das suas tropas.

A 2 de Maio, os Alliados, tendo á sua frente o Imperador da Russia e o Rei de Prussia, vem ás maõs com os Francezes em Gross-Goerschen, perto de Lutzen, onde estes ultimos abandonaõ o campo da batalha.

Declara a Austria guerra á França.

Saõ os Alliados derrotados em Dresde, e se retiraõ para traz da cadea de montanhas, que separaõ a Saxonia da Bohemia; mas tornando a entrar na Saxonia, obrigaõ Napoleaõ a retirar-se sobre Leipsick, onde alcançaõ huma victoria completa: d'ali adiantaõ-se para o Rheno.

Em Hespanha, vêm-se os Francezes obrigados a recuar para as suas fronteiras; e Wellington pisa o territorio Francez.

As Provincias-Unidas dos Paizes-Baixos recobraõ a sua antiga independencia, e o Principe de Orange toma as redeas do Governo.

1814 No mez de Janeiro, os Prussianos e Austriacos estaõ em França, os primeiros em Nancy, os segundos em Langres.

Abrem-se negociações para a paz em Chatillon, porém saõ infructuosas.

Hum destacamento de tropas de Wellington,

tendo passado o Adour, entra em Burdeos, que se declara pelos Bourbons.

O exercito dos Alliados, depois de huma serie continuada de acções, obriga os Francezes a recuar; e a 29 de Março toma posiçaõ nas visinhanças de París, que capitula no dia seguinte, depois de haver feito huma viva resistencia.

A 31 entraõ os Alliados em París.

Napoleaõ, retirado em Fontainebleau, renuncía ao Throno de França por si e seus herdeiros, e parte para a ilha de Elba.

A 3 de Maio, Luiz XVIII faz a sua entrada solemne em París, onde he recebido com todas as demonstrações da maior alegria.

A 30 de Maio, assigna-se a Paz geral entre a França e as Potencias alliadas.

A Belgica he reunida ás Provincias-Unidas debaixo da Soberania da Casa de Orange.

O Eleitorado de Hannover he erigido em Reino.

A Noruega he cedida á Suecia.

Fernando VII, Rei de Hespanha, que se achava preso em França com a sua Familia, torna a entrar no seu Reino.

O Papa, restituido a Roma, restabelece os Jesuitas.

O Rei de Sardenha toma de novo posse dos seus Estados, aos quaes se reune Genova.

Hum Tratado de paz entre a Graõ-Bretanha e os Estados-Unidos da America, põe fim á guerra que existia entre estas duas Potencias desde 1812.

Parte Napoleaõ da ilha de Elba para França, 1815
onde hum partido poderoso o espera. As medidas tomadas para suspender a sua marcha sendo insufficientes, Luiz XVIII e a sua Corte partem para Lilla, e d'ali para Gand. No dia seguinte ao da sua partida, entra Napoleaõ em París, e torna a tomar o titulo de Imperador. Informadas da sua chegada a França, obrigaõ-se as Potencias alliadas a mandar marchar contra elle os seus respectivos exercitos. Depois de differentes combates, em que de parte a parte experimentaõ perdas consideraveis, vieraõ ás maõs

a 18 de Junho em Waterloo, onde os Alliados ficáraõ vencedores: depois desta batalha, adiantaõ-se sobre París sem encontrar obstaculos. Napoleaõ que se achava de volta nesta capital no dia 20, assigna pela segunda vez hum Acto de abdicaçaõ, e embarca para a ilha de Santa Helena.

Entraõ os Alliados em París, onde Luiz XVIII naõ tarda a chegar, e a restabelecer as cousas no pé em que estavaõ antes da sua partida.

Em Italia, o ex-Rei de Napoles Murat, he aprisionado na Calabria, onde queria excitar huma sublevaçaõ, e arcabuzado com os seus companheiros.

O Principe de Orange hé proclamado Rei dos Paizes-Baixos.

Tratado definitivo de París entre a França os Alliados.

FIM DO INDICE CHRONOLOGICO.

SUMMARIO

DAS MATERIAS DESTE TOMO DECIMO.

DECIMA-QUINTA EPOCA.

LIVRO I.

Desde os Tratados de Paris e de Hubertsbourg, em 1763, até á Paz concluida em 1783, entre a Graã-Bretanha, a França, a Hespanha e os Estados Unidos da America.

CAPITULO I.

CAPITULO II.

CAPITULO III.

CAPITULO II.

CAPITULO III.

CAPITULO IV.

CAPITULO V.

LIVRO III.

Desde as perturbações da França em 1789 até ao estabelecimento do Directorio em 1795.

CAPITULO I.

CAPITULO II.

CAPITULO III.

CAPITULO IV.

CAPITULO V.

CAPITULO VI.

LIVRO IV.

Desde a Campanha de Bonaparte em Italia, em 1796, *até á sua Coroaçaõ como Imperador dos Francezes, em* 1804.

CAPITULO I.

CAPITULO II.

CAPITULO III.

CAPITULO IV.

CAPITULO V.

CAPITULO VI.

CAPITULO VII.

CAPITULO VIII.

LIVRO V.

Desde a Liga formada contra a França, em 1805, *até á publicaçaõ da Constituiçaõ de Hespanha pelas Cortes, em* 1812.

CAPITULO I.

CAPITULO II.

CAPITULO III.

CAPITULO IV.

CAPITULO V.

CAPITULO VI.

CAPITULO VII.

LIVRO VI.

Desde a Campanha da Russia em 1812, *até á entrada dos Alliados em França, em* 1814.

CAPITULO I.

CAPITULO II.

CAPITULO III.

CAPITULO IV.

CAPITULO V.

CAPITULO VI.

CAPITULO VII.

LIVRO VII.

Desde a entrada dos Alliados em França, em 1814, até ao Tratado definitivo entre a França e os Alliados, em 1815.

CAPITULO I.

CAPITULO II.

CAPITULO III.

CAPITULO IV.

Livros Portuguezes que se vendem em Casa de Rolland, Rua Nova dos Martyres, N. 10.

Atlas Moderno, para uso da Mocidade Portugueza, ou Principios claros para se aprender facilmente, e em muito pouco tempo a Geografia, em 8.

Aventuras de Telemaco, Filho de Ulysses, por M. Fenelon, traduzidas do Francez em Portuguez, em 8.

Arte Poetica de Horacio, traduzida, e illustrada por Candido Lusitano, em 8.

Adagios, e Proverbios da Lingua Portugueza, em 8.

Amigo do Principe, e da Patria, ou o Bom Cidadaõ: traduzido do Francez, em 8.

Anno Christaõ, ou Exercicios de Piedade para todos os dias do anno; pelo Padre Croiset, em 4. 4 Vol.

Arte da Guerra, Poema do Grande Frederico, Rei de Prussia, traduzida em Verso, em 8.

Arte de Furtar, pelo P. Antonio Vieira, em 8.

Compendio das Sciencias, e Artes, em Portuguez, e em Francez, por perguntas, e respostas, para instrucçaõ da Mocidade, em 8.

Compendio de Arithmetica para uso da Mocidade, em 8.

Ciceronis Epistolæ ad usum Lusitanæ juventutis, em 8.

Catecismos de Montpellier, em 8.

Catecismo Romano abbreviado, ou novo Compendio da Doutrina Christã, traduzido, e accommodado para o uso da Mocidade Portugueza, em 8.

Collecçaõ de Historias, Anecdotas, por *Berquin*, em 8. 3 Vol.

Compendio das Metamorphoses de Ovidio, com huma succinta, e methodica explicaçaõ a cada Fabula, em 8.

Christaõ do tempo presente, confundido pelos primeiros Christãos, por Caraccioli, em 8.

Caracteres da Amizade, por Caraccioli, em 8.

Compendio historico, e universal, de todas as Artes, e Sciencias, traduzido pelo Padre Jozé Amaro da Silva, em 8. com estampas.

Compendio da Grammatica Portugueza para instrucçaõ da Mocidade, em 8.

Collecçaõ de Peças importantes, relativas á Hiſtoria politica, eccleſiaſtica, e litteraria de noſſos tempos, em 8. 2 Vol.

Coroa Serafica meditada, em 8.

Cartas a huma illustre Defunta, falecida em Polonia de pouco tempo: por Caraccioli, em 8.
Costumes dos Israelitas por M. Fleury, em 8.
Costumes dos Christãos por M. Fleury, em 8. 2 Vol.
Diccionario (Novo) da Lingua Portugueza, em 4.
Diccionario abbreviado da Biblia, em 8.
Diccionario Inglez-Portuguez, e Portuguez-Inglez, 2 Vol.
Diccionario Filosofico da Religiaõ pelo Abbade Nonnotte, em 8. 4 Vol. 1820.
Despedidas (as ultimas) da Marechal de *** a seus filhos, divididas em 12 serões. em 8.
Dialogos Francezes, e Portuguezes, em 8.
Dialogos dos Mórtos para desabusar a Mocidade de muitas preoccupações, em 8.
Desvarios da razaõ, em 8. 3 Vol.
Diario do Christaõ, santificado pela oraçaõ, e meditaçaõ; nova ediçaõ augmentada, em 12.
Directorio Christaõ, em 12.
Dissertaçaõ sobre a Educaçaõ, e Estudos dos Militares, em 8.
Discurso ácerca do Modo de fomentar a Industria do Povo, em 8
Exposiçaõ dos Symptomas da Enfermidade Venerea, e seu Curativo, por Lagneau, em 8. 2 Vol. 1822.
Eneida de Virgilio, traduzida em verso por Joaõ Franco Barreto, em 8. 2 Vol.
Escóla Fundamental, ou Methodo facil para aprender a ler, escrever, e contar, com os primeiros Elementos da Doutrina Christã, util á Mocidade, que deseja plenamente instruir-se: por hum Professor. Nova ediçaõ augmentada, em 8.
Elogios Historicos dos Senhores Reis de Portugal, escritos por Fr. Bernardo de Brito, e addicionados pelo P. D. José Barbosa; Obra utilissima para instrucçaõ da Mocidade, tanto por lhe dar em resumo huma noticia geral da historia da sua Patria, como pela pureza da linguagem, em 8.
Escola dos Bons Costumes, em 8. 4 Vol.
Elementos da Poetica, tirados de Aristoteles, de Horacio, e dos mais celebres Modernos, em 8.
Elementos da Civilidade, e da Decencia, em 8.
Epistolas e Evangelhos, para todos os Domingos, e Festas do anno, nova ediçaõ, em 12. 2 Vol.
Escolha de Anecdotas Antigas, e Modernas, em 8.
Evangelho em triunfo, em 8. 8 Vol.

Fabulas de Esopo, traduzidas da Lingua Grega, com applicações moraes a cada Fabula, em 8.
Grandeza d'Alma por Caraccioli, em 8.
Gozo de Si Mesmo, por Caraccioli, em 8.
Grammatica (nova) para aprender a traduzir, falar, e escrever a Lingua Franceza com perfeiçaõ, e brevidade, por hum methodo inteiramente distincto dos demais, por Abbadie, em 8.
Grammatica Portugueza, e Ingleza de Antonio Vieira, em 8.
Historia Sagrada, por Royaumont, traduzida do Francez, nova ediçaõ, em 8. 2 Vol.
Historia de Theodosio o Grande, escrita em Francez para instrucçaõ do Delphim por Mr. Flechier, em 8.
Historia Geral de Portugal, e suas Conquistas, des do seu principio até agora: composta por Damiaõ Antonio de Lemos Faria e Castro, em 8. 20 Vol.
Historia Romana, desde a fundaçaõ de Roma até á decadencia do Imperio do Occidente, traduzida do Inglez do Dr. Goldsmith, em 8. 4 Vol.
Historia Geral de Portugal, escrita em Francez por M. La Clede, e traduzida em Vulgar, com notas historicas, criticas, e geograficas, em 8. 16 Vol.
Historia das Imaginações extravagantes de Mr. Oufle, em 8.
Historia Ecclesiastica, pelo Abbade Ducreux, continuada até ao Pontificado de Pio VII. em 8. 11 Vol.
Historia das Revoluções de Portugal, escrita em Francez pelo Abbade Vertot, traduzida em Portuguez por Fr. Mattheus da Assumpçaõ, em 8. 2 Vol.
Historia dos Naufragios, ou Resumo das Relações as mais interessantes sobre os Naufragios, em 8. 2 Vol.
Horas Portuguezas de Carlos do Valle Carneiro, em 12.
Historia da Virtuosa Portugueza, ou o Exemplar das mulheres Christãs; dedicada ás Senhoras Portuguezas, em 8.
Heroismo da Amizade, David e Jonathas, Poema do Abbade Bruté, traduzido em Portuguez, nova ediçaõ, em 8. 1819.
Historia de Carlos XII., Rei de Suecia, escrita em Francez por Voltaire, e traduzida em Vulgar, em 8. 2 Vol.
Historia da virtuosa e infeliz Clara Harlowe, em 8. 15 Vol.

Historia da Vida, Conquistas, e Religiaõ de Mafoma, em 8.
Imitaçaõ de Christo por Kempis. Nova Ediçaõ, em 12.
Lyma de Diogo Bernardes, nova ediçaõ, em 12.
Laura de Anfriso, nova ediçaõ, em 8.
Livro dos Meninos, ou Idéas geraes, e Definições das cousas, que os Meninos devem saber; Segunda Ediçaõ, augmentada com as *Sentenças Moraes* de Milor Kint, em 8.
Martyres, ou a Religiaõ Christã em Triunfo, por Chateaubriand, traduzida por Manoel Nunes da Fonseca, em 8. 6 Vol. 1817.
Morte de Abel, Poema de Gessner, em 8.
Noticia da Mythologia, onde se contém em fórma de Dialogo a Historia do Paganismo, para a intelligencia dos Antigos Poetas, Pinturas, e Esculturas, em 8.
Numa Pompilio, segundo Rei de Roma, pelo estilo das *Aventuras de Telemaco*, por Florian, em 12 2 Vol.
Obras de Francisco de Sá de Miranda, nova ediçaõ, em 8. 2 Vol.
Perfeito Pedagogo na Arte de educar a Mocidade, em que se daõ as Regras da Policia, e Urbanidade Christã, conforme os usos, e costumes de Portugual, por Joaõ Rosado de Villalobos, nova ediçaõ, em 12.
Rhetorica, ou Regras da Eloquencia por Gibert, traduzida do Francez, em 8. 2 Vol.
Serões do Palacio, ou Curso de Moral para uso dos Meninos de ambos os sexos, em 8. 3 Vol.
Secretario Portuguez, ou Methodo de escrever Cartas, por Francisco José Freire, em 8.
Sciencia dos Costumes, ou Filosofia Moral, dirigida pela luz da Razaõ, pela Escritura, e Tradiçaõ da Igreja; Ethica Christã, regulada pela Doutrina de Jesu Christo; para liçaõ da Mocidade, e dos que naõ tem maiores estudos, em 8.
Syntaxe Latina, explicada segundo o moderno systema Filosofico, em 8.
Vida de D. Joaõ de Castro, quarto Viso-Rei da India, por Jacinto Freire de Andrada; nova ediçaõ, em 8. 1822.
Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, por Fr. Luiz de Sousa. Nova Ediçaõ, em 8. 2 Vol. 1818.
Viagens de Cyro, Historia Moral, e Politica, pelo Cavalheiro Ramsay. Nova ediçaõ, em 12. 2 Vol. 1817.
Vida, e Aventuras admiraveis de Robinson Crusoé, nova ediçaõ, em 12. 2 Vol. 1816.
Viagens de Gulliver, em 8. 3 Vol



